

TEATROOPERÁRIO
NACIDADEDESÃO PAULO
PESQUISA7

l' Maggio



BOZZETTO DRAMMATICO

IN UN ATTO

CON PROLOGO IN VERSI ED INNO CORALE

DI

PIETRO GORI

São Paulo (município) Departamento de Informação e Documentação Artísticas.
Centro de Pesquisa de Arte Brasileira.

S241t Teatro operário na cidade de São Paulo. Coordenação de Maria Thereza Vargas. /
São Paulo; Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e
Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980.

1. Teatro operário Brasil - São Paulo (município) I. Vargas, Maria Thereza,
coord. II. Título

CDU 792(816.11)
CDD 79209816

TEATRO OPERÁRIO
NACIDADE DE SÃO PAULO
PESQUISA 7

Prefeitura do Município de São Paulo
Prefeito/REYNALDO EMYGDIO DE BARROS

Secretaria Municipal de Cultura
Secretário/MÁRIO CHAMIE

IDART/Departamento de Informação e Documentação Artísticas
Diretores/MARIA EUGENIA FRANCO/1975-80
LUIZ NAGIS AMARY

Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea
Diretores/DÉCIO PIGNATARI/1975-77
PAULO EMÍLIO SALLES GOMES/1977
MARIA EUGENIA FRANCO/1977

Área de Pesquisa/ARTES CÊNICAS
Pesquisa/TEATRO OPERÁRIO NA CIDADE DE SÃO PAULO/1977
Supervisora/MARIA THEREZA VARGAS

Pesquisadoras/MARIÂNGELA ALVES DE LIMA
MARIA THEREZA VARGAS

Fotografias/BERENICE RAULINO
DJALMA LIMONGI BATISTA

Revisão/MARY AMAZONAS LEITE DE BARROS
FERNANDA LEITE DE BARROS
LUZIA BONIFÁCIO

Programação Gráfico-Visual/FERNANDO LEMOS

Coordenação gráfica/ARLENICE JULIANI DE OLIVEIRA

Composição/ARTESTILO COMPOSITORA GRÁFICA LTDA.

Fotolitos, montagem e gravação de chapas/INTERCOLOR FOTOLITO LTDA.

Impressão e acabamento/LABORATÓRIO GRÁFICO DO IDART

Tiragem/1.500 exemplares

Papel/offset 150 gramas

Edição 1980

O Centro de Pesquisa de Arte Brasileira do IDART foi criado a partir de um princípio da história, a para -história no qual o pensamento de uma época se revela como a contribuição mais legítima e mais viva para o estudo da evolução de uma comunidade. Os trabalhos que realizamos têm a função de investigar e preservar a memória artística nacional do presente e do passado, um dos elementos e fundamentos comprovadores da dinâmica cultural do país.

Nossa filosofia do agir e atuar apóia-se numa noção de 'arte' fundamentalmente estética. Em consequência, multidisciplinar e interdisciplinar.

Abrangemos as várias disciplinas artísticas e as que estas se relacionam: arquitetura e urbanismo, artes cênicas, artes gráficas artes plásticas, cinema, comunicação de massa (imprensa, rádio, televisão, publicidade), desenho industrial, literatura e música.

Vemos a arte como objeto/fato- criação- intuição e como teoria - conceito- pensamento. Acolhemos todos os códigos e linguagens de produções artísticas. Admitimos as diversas correntes teóricas que as analisam e interpretam, porque todas enriquecem o conhecimento crítico e fenomenológico de suas raízes mais profundas.

A partir de 1976, iniciamos o estudo sistemático e programado das artes nacionais, a pesquisa da invenção, da criatividade brasileira, sob ângulos vários de suas muitas faces e interfaces. Em todos os campos e subcampos procuramos investigar as expressões criativas eruditas, indígenas e populares.

Tomando como **corpus** geral das pesquisas as manifestações de arte que surgem no Brasil, o IDART as estuda a partir de uma coletividade- São Paulo e do eixo cultural São Paulo-Rio, quando se verificam cruzamentos de influências entre os dois centros. É esta uma opção de natureza econômico- prática e, ao mesmo tempo, uma experiência consciente de estética sociológica

Toda grande cidade é fonte e lago. Gera, produz, mas também recebe várias forças culturais vindas de outras nascentes comunitárias.

São Paulo revela particular interesse e riqueza, quando utilizada como base de investigações sobre arte contemporânea brasileira, porque é uma cidade pólo, de onde emergem e por onde passam alguns dos principais acontecimentos artísticos de origem nacional/ estadual e internacional. Sofre também influências étnicas diversas, por intermédios de suas grandes colônias estrangeiras.

Neste "laboratório" estético, os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores das Áreas e Sub/ Áreas do Centro de Pesquisa do IDART dividem-se em dois setores paralelos: documentação de eventos e pesquisas temáticas. Desses trabalhos resultam atividades editoriais e o Arquivo Multimeios.

Destinado ao uso interno e à consulta pública, o arquivo é o reservatório do produto global das pesquisas e doações recebidas. "Memória Latente" para estudiosos de hoje e do futuro, concentra vários mídias de registros documentais: processos cinéticos, fotos, fitas magnéticas gravadas e transcritas, informe inéditos, folhetos, catálogos, programas, cartazes, etc.

INTRODUÇÃO/ ÁREA DE ARTES CÊNICAS

PESQUISA 1: CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO TEATRAL EM SÃO PAULO: NO CENTRO E NA PERIFERIA

Dada a proposição geral da pesquisa- sistema e contra-sistema- optamos, tendo em vista a realidade do campo em observação por analisar o fenômeno cênico em duas manifestações distintas: o circo e o teatro. A essa distinção correspondem duas diferenças básicas: o circo - especialmente o circo-teatro, modalidade em que se fixou a pesquisa - constitui um tipo de espetáculo que atende às faixas periléricas e mais pobres da população urbana, enquanto o teatro - especialmente sob o ângulo enfocado no trabalho - é uma manifestação cênica endereçada às classes mais abastadas e tem seu núcleo principal situado nas zonas centrais da cidade.

Considerando o amplo espectro de assuntos propostos, a equipe selecionou voluntariamente os que diziam respeito ao espetáculo e a seu processamento a nível de produção. A produção e tomada aqui, no sentido global, incluindo desde a feitura material do espetáculo, passando por sua elaboração artística, até a colocação do produto final junto ao público.

Dentro da mesma perspectiva de seleção, foram excluídas determinadas manifestações teatrais que circulam entre o centro e a periferia; teatro operário, teatro estudantil (secundário e universitário) e grupos experimentais. No que se refere ao circo, foram deixadas de lado as grandes empresas, apoiadas numa sólida organização, e que se dirigem a um público de maior poder aquisitivo.

Selecionamos sete espetáculos em cartaz no período de novembro/75 a março/76. Esta seleção visou as varias tendências existentes no teatro paulista ("Muro de Arrimo", "Rocky Horror Show", "Ai de ti, Mata Hari", "Roda Cor de Roda", "Lição de Anatomia" "Simbad, o Marujo", "Absurda Pessoa"). No que se refere à delimitação de tempo, foram abordados diferentes momentos da criação cênica: peças que vieram de estrear, peças em meio de carreira e peças em vias de sair de cartaz. Sendo a programação do circo mais flexível (um circo poderia levar, em uma semana, sete peças), nosso interesse ficou mais centrado no esquema de produção do espetáculo circense. Foram selecionados seis circos em níveis diferentes de produção - dos mais ricos aos mais pobres.

A pesquisa foi realizada pela totalidade da equipe, sem distribuição de funções. Seu principal instrumento foi a entrevista gravada, da qual foram extraídos os seguintes itens:

Relações sociais no circo: o grupo familiar (a moradia, a criança e a escolaridade), o trabalho (contatos, divisão, folga semanal), as relações com a televisão e com o Estado;

Estrutura empresarial do circo: proprietário, assalariado, capacidade de vlotação, preço dos ingressos, manutenção do espetáculo, equipamento, ivulgação, subvenção, direitos autorais, assentamehto do circo e duração da temporada;

O espetáculo no circo: picadeiro, show, apresentação da peça, repertório, ensaios, interpretação, cenários e figurinos;

Relações sociais no teatro: relações de trabalho, econômicas, com a crítica, censura, sindicato. O lazer;

Organização material do espetáculo teatral: empresário, assalariado, produção executiva, direitos autorais, manutenção de espetáculo e manutenção da casa;

O espetáculo no teatro: criação do texto, concepção do espetáculo, interpretação, cenografia e música.

Uma vez terminada a primeira pesquisa, sugerimos à equipe, numa segunda etapa de trabalho (agosto de 1976) que cada um assumisse a responsabilidade da próxima escolha, apresentando seu próprio projeto (sem esquecer contudo seu caráter coletivo) e a partir dos temas surgidos fossem se constituindo pequenos grupos de trabalho, caso algum dos planos interessasse aos outros participantes Assim foi que apareceram os temas - mais tarde aprovados pela direção do Centro: **Encenando Qorpo Santo: um processo de criação marginal; Dança em São Paulo**, logo limitada a um item desse tema mais amplo: Formação, **funcionamento e perspectivas do Corpo de Baile Municipal.**

PESQUISA 2: CORPO DE BAILE MUNICIPAL

O objetivo da pesquisa foi estudar como funciona o Corpo de Baile Municipal, entidade artística dedicada à realização de espetáculos de dança, dentro da estrutura da Prefeitura do Município de São Paulo, à qual pertence. Foi feita a história da entidade, desde sua fundação, em 1968, de sua fase inicial que durou até 1973 e da fase corrente, discutindo-se as orientações e propostas de ambas as fases, distinguidas pelas direções artísticas de, respectivamente, Johnny Franklin e Antônio Carlos Cardoso, e finalizando com uma análise das dificuldades enfren tadas pela companhia devido à sua vinculação burocrática, às quais correspondem vantagens de outra ordem. Ajuntou-se ao trabalho a realização de um filme em 16 mm e a cores, registrando um dos trabalhos do grupo, o balé "Apocalipsis", e coligiu se material fotográfico e **slides** de espetáculos antigos e correntes da companhia.

PESQUISA 3: ENCENANDO QORPO SANTO: UM PROCESSO DE CRIAÇÃO MARGINAL

Em torno da dramaturgia de Qorpo Santo, o grupo Lanterna de Fogo uniu-se na tentativa de procurar, por caminhos menos convencionais, elaborar uma pesquisa que, partindo da análise dos textos do autor, resultasse numa encenação esclarecedora.

Arquitetos, psicólogos, atores e cineastas, durante cinco meses, levantaram todos os textos 'dramáticos de Qorpo Santo (inclusive os que constaram unicamente da primeira edição de 1877), a tese de Flávio Aguiar, estudos surgidos na imprensa gaúcha, paulista e carioca, as críticas a encenações profissionais e amadoras. A esta busca, como observadores-participantes integraram-se os pesquisadores do Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, vindos dos setores de Artes Cênicas, Arquitetura e Literatura, numa tentativa de pesquisa multidisciplinar, feita com o sentido de abordar Qorpo Santo e a criatividade de um grupo, com características próprias, a partir de suas áreas de especialização.

O registro de todo o processo se fez através de procedimentos diversos: diário de pesquisa, entrevista, gravações e filmagem em Super-8, dos laboratórios de criatividade e da encenação [espetáculo tríplice) que Lanterna de Fogo elaborou na etapa final da investigação.

Em poder da área, encontra-se um dossier dos trabalhos, contendo a descrição das reuniões, debates, estudos sobre o autor, bem como a análise do processo de criação do grupo, etapas de organização, exercícios, apresentação final.

PESQUISA 4: TEATRO OPERÁRIO NA CIDADE DE SÃO PAULO

A partir do noticiário de uma imprensa dirigida à classe trabalhadora, e contactos mantidos com participantes do movimento, foi-nos possível reunir dados para a elaboração do trabalho, no qual se procura mostrar a existência de um teatro ignorado pelos especialistas, mas de profunda identidade própria, dirigido a uma parte muito grande da população, cujo projeto de vida se opunha frontalmente a todas as classes dominantes.

Estritamente vinculado ao movimento operário, esse teatro acompanhou muitos de seus estágios: esboçou-se no final do século, atingiu seu apogeu em seu primeiro decênio dando início, a partir de 1930, a sua trajetória final até descaracterizar-se quase completamente durante os anos 60.

Qual o significado dessa manifestação? Qual a temática apresentada por sua dramaturgia? Quem o fazia? E para quem?

O rumo atemporal assumido pelo movimento no Brasil, a universalidade pregada pelos anarquistas, levou-os a utilizarem-se, em grande parte, de uma dramaturgia importada (na maioria das vezes, escrita em italiano), já de êxito comprovado, onde ficasse claro e patente: "uma alta e

serena filosofia social de justiça, liberdade, igualdade e, paralelamente, uma acerba crítica do mundo atual”.

Por outro lado, sendo a arte considerada uma função natural, comum a todo indivíduo, não é estranho que a dramaturgia surgida no teatro anarquista tenha sido feita não apenas por escritores da pequena burguesia, mas também por tipógrafos, garçons, alfaiates e sapateiros, cujo mérito era aproximar o que se dizia em cena de um testemunho de vida pessoal, que concedia aos ouvintes a plena certeza do que estava sendo dito.

Perfeitamente integrado na **festa operária**, esse movimento teatral extraia sua força de existir como **celebração de caráter coletivo**, onde além de destruir o que deveria ser destruído, possibilitava a antevisão de uma sociedade perfeita, ideal, harmônica, subsistindo através da absoluta liberdade individual.

Cópias dos noticiários, crônicas e críticas acham-se anexadas ao texto de análise. Foi possível também levantar cerca de quarenta e quatro textos dramáticos, desconhecidos em sua maioria pelos historiadores de teatro.

PESQUISA 5; GRUPOS ATUANDO À MARGEM DO SISTEMA CONVENCIONAL DE PRODUÇÃO

Com o intuito de complementar a pesquisa 1 (espetáculos nas zonas centrais e espetáculos em bairros periféricos), iniciamos em 1977 uma análise de projetos teatrais marginais, grupos amadores, semiprofissionais ou mesmo profissionais, cujos programas de atuação se afastem daqueles mantidos pelos chamados grupos convencionais. Dispondo já de um material bastante bom, finalizamos no momento o texto de análise.

CATÁLOGO DO ARQUIVO FOTOGRÁFICO FREDI KLEEMAN - elaborado pela pesquisadora Maria Lúcia Pereira, apenas como finalidade de divulgação do material.

BIBLIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA SOBRE TEATRO BRASILEIRO

Foram arroladas quatro mil fichas, referentes a fontes contemporâneas, secundárias e impressas a partir do teatro jesuítico até 1976, surgidas em forma de artigos, ensaios, monografias e publicações periódicas.

São Paulo, maio de 1978
MARIA THEREZA VARGAS
Pesquisadora - IDART

l' Maggio



BOZZETTO DRAMMATICO

IN UN ATTO

CON PROLOGO IN VERSI ED INNO CORALE

DI

PIETRO GORI

Nas primeiras décadas do século XX a cidade de São Paulo recebeu um imenso contingente de imigrantes europeus que se enraizariam definitivamente na vida da cidade*.

Os europeus foram recebidos como homens que traziam para cá sua força de trabalho. O país ignorou durante muito tempo que, além dessa força, esses homens traziam uma cultura própria e, conseqüentemente, sua própria arte. Sem obter nenhum reconhecimento da sua especificidade, os europeus criaram o seu espaço cultural dentro da cidade. Durante pelo menos três décadas cantaram as suas canções na língua do país de origem construíram bairros com uma fisionomia mediterrânea, escreveram e publicaram os seus jornais e encenaram, todos os sábados, as peças que representavam as suas aspirações de trabalhadores oprimidos confinados na indiferença da sociedade brasileira.

O objetivo deste trabalho é registrar a fisionomia de uma dessas múltiplas atividades culturais. Entretanto, enquanto falamos do teatro realizado pelos trabalhadores imigrantes é importante observar antes que a organização e a constância desse teatro só poderiam ter nascido de uma comunidade muito rica de múltiplas referências culturais. O caráter nitidamente político desse teatro deixa entrever que o contingente de trabalhadores que aportou ao Brasil partilhava as inquietações e teorias do movimento social europeu. Alguns desses homens saíam da militância libertária para repetir no continente americano a tarefa de propagar seus ideais.

Pela sua possibilidade de sintetizar diferentes meios de comunicação e pelo encontro social que proporciona, o teatro torna-se o veículo ideal para dinamizar a convivência e expressar as aspirações coletivas desses trabalhadores ~

* Entre 1887 e 1902 São Paulo recebeu cerca de oitocentos mil imigrantes italianos, noventa mil espanhóis, oitenta mil portugueses, dezoito mil austríacos e vinte e cinco mil outros de nacionalidade variada. Para se ter uma idéia de como era grande a influência italiana, basta dizer que, por volta de 1895, os italianos constituíam um terço da população da capital, calculada em quase cento e cinquenta mil habitantes.

** Resolução aprovada no II Congresso Estadual Operário de São Paulo, realizado em 1908: "O II Congresso aconselha aos sindicatos a fundação de centros dramáticos sociais e de sessões onde se entretenham os sócios em palestras amigáveis".

É ainda um teatro europeu, tão vivo e atuante quanto as necessidades humanas e sociais do trabalhador imigrado. No palco pode-se satisfazer a necessidade de lazer, assim como erigir a tribuna e reivindicar as mudanças das condições de vida. O ator e o espectador partilham a mesma experiência anterior, assim como o cotidiano nada fácil de um novo continente. O teatro é uma reafirmação dessa sociedade. Essas características, esboçadas sumariamente, servem para marcar a profunda diferença entre o teatro do trabalhador europeu e o teatro paulista da mesma época. São dois mundos diametralmente opostos como ideologia e como modo de produção da arte. Essa especificidade deveria ser suficiente para garantir ao teatro dos trabalhadores um lugar especial na historiografia da cultura brasileira.

Mas o Tamanduatei funciona, na geografia social da cidade, como fosso intransponível. A comunicação entre o mundo do imigrante e a totalidade da cidade se faz, durante três décadas, apenas nos conflituados locais de trabalho. E quase sempre com diálogos pouco amistosos. Os historiadores pertencem ao aquém Tamanduatei. Não são convidados para os teatrinhos do Brás. E colaboram para omitir dos registros essa experiência cultural a que negam um valor artístico.

Não há influência nem intercâmbio entre esses dois teatros. Quando o teatro dos trabalhadores precisa revitalizar-se recorre a textos importados. Ou então procura criar trabalhos que se assemelhem tanto quanto possível aos moldes já convencionais do teatro libertário. Fica claro também que, se esse teatro é mantido no esquecimento, não é apenas por descuido ou ignorância. Os homens no poder conheciam o seu conteúdo político e agiram no sentido de reprimir essa forma de atuação cultural. No caso de perseguição política havia uma preocupação especial em destruir as bibliotecas dos centros culturais ou mesmo de particulares. Uma tarefa que, realizada com eficiência, tornou quase impossível a reconstituição atual do teatro de inspiração libertária.

A destruição total só não se efetivou por obra de uma resistência em surdina. Com a mesma energia com que lutaram pelos seus direitos os trabalhadores imigrantes defenderam cada fragmento de papel que registrasse a vasta obra realizada. Guardaram nos porões e na memória a lembrança de um teatro que desapareceu durante o Estado Novo. Agora que a história da classe operária começa a ser vasculhada intensivamente, no momento em que a Universidade admite a importância dessa história para compreender o país, pode-se admirar integralmente a persistência e amor dos trabalhadores e dos seus descendentes pela história e pela cultura. Enquanto os homens do poder registraram a arte como uma realização formal, os habitantes do Brás entenderam-na como um dos instrumentos que uma sociedade dispõe para melhorar a vida do homem. Com essa consciência guardaram o que foi possível como testemunho de uma época, como testemunho do outro lado da cidade.

Parte da documentação consultada para este trabalho encontra-se hoje no Arquivo Edgard Leuenroth, na Universidade de Campinas. Além disso o trabalho foi realizado com os depoimentos das seguintes pessoas: Germinal Leuenroth, **Sônia Oiticica**, **Edgar Rodrigues**, Francisco Cuberos Neto, Jayme Cuberos, Lélia Abramo, Fúlvio Abramo, Radha Abramo, Maria Valverde e Cecílio Valverde. Transmitiram-nos a herança da convivência e das informações dos que já não podem testemunhar: Bortolomeo Scarmagnan, José Oiticica, Edgard Leuenroth.

TEATRO OPERÁRIO EM SÃO PAULO

Em São Paulo o teatro teito por operários desde o início do século XX mantém um ciclo evolutivo paralelo aos movimentos de participação da classe na história política do país. Há uma progressão do movimento teatral até 1930, momento em que os trabalhadores são obrigados a revisar suas posições diante de uma nova realidade do país. Até 1937 esse teatro continua existindo com menos regularidade, minimizado pelas cisões ideológicas no seio da própria classe. De 1937 a 1945 a predominância do sindicato corporativista na regulamentação da atividade operária e a repressão concreta desencadeada sobre as Organizações independentes aniquilam, junto com a movimentação política, o movimento cultural da classe.

O corte provocado pelo Estado Novo é brusco, concreto e, até certo ponto, irreversível. Sem analisar os motivos que levaram ao enfraquecimento das lideranças espontâneas (quase sempre preenchidas por militantes libertários), interessa aqui observar que a polícia política impediu o funcionamento do espetáculo semanal, e fez desaparecer a maior parte dos documentos que tornariam possível o conhecimento da atividade teatral. Além das bibliotecas sindicais e dos centros de cultura, desapareceram incontáveis bibliotecas particulares, de militantes anarquistas. Após 1945, o movimento cultural que procura se reorganizar retomando o fio rompido em 1937 não dispõe mais de condições para recuperar o tempo e o esforço perdidos. Há praticamente um único grupo funcionando nos moldes e com objetivos idênticos aos grupos anteriores ao Estado Novo. É evidente que as mesmas táticas terão um raio de ação muito menor em vista das modificações ocorridas nessa década de “trabalhismo”. Os melhores tempos já ficaram para trás e terminaram, mais precisamente, em 1930.

Os primeiros registros desse teatro operário referem-se a um espetáculo realizado em 1902, onde a presença da polícia é simultânea à do público:

Sábado, dia 17 do corrente, realizava-se no Cassino Penteadado 1 um espetáculo em favor da propaganda pelo opúsculo em português. Ouvia-se atentamente e pacifica-

1. O Cassino Penteadado estava situado na Rua Rodrigues dos Santos, no bairro do Brás, junto à Fábrica Penteadado.

mente o “Primo Maggio” de Gori, quando os mantenedores da ordem burguesa vieram perturbar o sossego. Disseram-lhes que o espetáculo era particular. Os homenzinhos teimaram em entrar e como houvesse protestos, irromperam furiosamente, chamaram tropas até cavalariaria assustando mulheres e crianças, revistaram os espectadores, declararam suspenso o espetáculo, prenderam três camaradas; Torti, Marconi e Oerchiai. Um dos enfurecidos mantenedores da desordem puxou um facalhão, como se alguém o atacasse e no posto mostrou-se pesaroso por não ter feito das suas. **Poverino**. Não estava satisfeito por não ter exercido com a desejada perfeição o acabamento do seu desonroso ofício de desordeiro. Registremos. . . e passemos adiante. (O Amigo do Povo, 21.6.1902.)

Não é difícil supor que esse espetáculo tenha atrás de si uma gestação relativamente longa e que seja a confirmação de um hábito teatral pouco posterior ao estabelecimento de imigrantes europeus em São Paulo. Há um grupo de amadores representando um texto que o policiamento (preventivo?) acredita capaz de exaltar o ânimo dos espectadores. O comentarista de **O Amigo do Povo** refere-se à presença de mulheres e crianças na platéia. Uma sala repleta e um público constituído por famílias deixam entrever um conhecimento prévio do conteúdo do texto e da forma de encenação adotada pelo elenco.

Sobre o desenvolvimento anterior desse teatro e pouco o que se pode saber efetivamente. Os registros sobreviventes datam do aparecimento da imprensa operária.² São as oficinas gráficas, transformadas em redações autônomas, que permitem uma aproximação documental desse teatro.

Entretanto, o estabelecimento de uma imprensa operária na cidade de São Paulo, quase ininterrupta de 1901 a 1930, reflete um processo de pelo menos alguns anos de associação e autoconhecimento da classe. Quando surge a imprensa, há simultaneamente a divulgação de uma atividade teatral solidificada.

A notícia reproduzida (1902) permite concluir que já há grupos formados para a representação, um repertório próprio e um público para os sábados -

Antes da expressão gráfica a classe operária já se vincula socialmente através do encontro teatral.

Segundo um depoimento de Radha Abramo os primeiros espetáculos teatrais são simultâneos à chegada dos primeiros contingentes

2. O movimento social em São Paulo foi iniciado pelos anarquistas que fundaram entre outros jornais, em 1892 ou 1893, um periódico denominado **Gil Schiavi Bianchi** (Benjamir Motta, citado por Edgar Rodrigues em **Nacionalismo e cultura social**, p. 201).

3 “Era uma espécie de teatro **repentista**”, conta Radha Abramo “Uma dramatização de um acontecimento que era importante na ocasião. Sua finalidade era fazer com que os operários compreendessem uma situação e fossem obrigados, diante dela, a tomar uma atitude. Uma improvisação dessas não levava mais de três minutos Radha nos transmitiu o que ouviu de um dos mais antigos participantes de uma dessas dramatizações. Segundo o **Sr. Romero** reuniam-se alguns operários em

de imigração ti876) Ainda no período imperial esses estrangeiros criam rapidamente esquemas de autoproteção destinados a compensar as condições insatisfatórias de trabalho do país.



Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. Fachada original. Arquivo da Sociedade. (s/d)



Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. Sala da Diretoria. (1977)

Os organismos iniciais de proteção são sociedades de ajuda mútua, preparando comitês de recepção para amparar e esclarecer os trabalhadores recém chegados.

Uma vez que as razões da imigração variam (há exilados políticos entre os imigrantes italianos), os membros dessas sociedades intelectualmente privilegiados seencarregam de dar assistência cultural aos recém-chegados. Além do auxílio material, preocupam-se em alfabetizar e instruir sobre as condições de trabalho que encontrarão no novo país. E nesse momento que, segundo o depoimento, o teatro entraria como meio didático para preparar os trabalhadores.

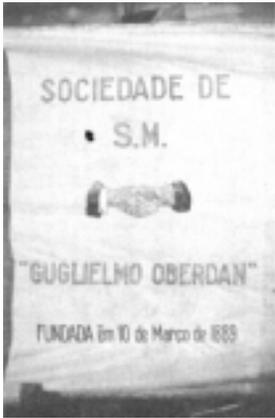
A origem dessa concepção didática e doutrinária do teatro está ligada certamente à composição étnica da classe operária. São os italianos, como parcela numericamente mais significativa da composição da classe nesse início de industrialização, que assumem e impõem continuidade à atividade teatral.

O teatro é aqui o seguimento de uma experiência anterior, em solo italiano, largamente esenvolvida durante as lutas sociais do período de unificação.

De forma muito particular, a divulgação das teorias sociais libertá associações ou

residências e durante a reunião o tema era dado. Uma das cenas. por exemplo: patrão e esposa (ambos caracterizados pelo uso do chapéu) estão numa feira. Começam a comprar de tudo. uma família operária observa-os. O menino, vendo aquele esbanjamento, encaminha-se em direção aos ricos e tenta tirar deles alguma coisa. O patrão se irrita; a esposa depois de um momento de hesitação agride o menino. O operário intervém travando-se imediatamente uma luta. Segundo o **Sr. Romero** quando as cenas eram por demais reconhecidas havia muito choro e atémesmo (conforme o caso) muita pancadaria. Os assuntos desses improvisos erma geralmente: greve, delação, condenação de um estado de apatia.'

rias se processa idealmente através da arte. Vale a pena mencionar aqui **uma observação** do crítico anarquista Herbert Read a esse respeito:



Bandeira da Sociedade.

ideals are admittedly vague, and that is perhaps why a scientist finds it difficult to tolerate them. But they need not be unreal or ineffective. Even if we regard them as mirages, we must remember that the mirage gives energy and direction to a man sojourning in the desert. But ideals do not need to remain mirage-like. They can be rendered both concrete and vital

This concretization and vitalization of ideals is one of the main tasks of the aesthetic activity in man. It is only in so far as an ideal becomes concrete that it becomes comprehensible to the reason and subject to rational criticism. An ideal has to be realized in artistic or poetic form before it can become actual enough for discussion and application. Herbert Read (Anarchy and order.)

Por um lado a arte é o veículo certo para projetar a imagem de uma sociedade ideal, cuja característica básica é a harmonia coletiva subsistindo através da absoluta liberdade individual. Por outro lado os princípios filosóficos do anarquismo pensam a arte como uma função natural, comum a todos os



Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. Reunião festiva. arquivo da Sociedade. (s/d)

indivíduos e vinculada à necessidade expressiva. Está intimamente ligada ao cotidiano e, portanto, à prática política necessária para a transformação social. É ao mesmo tempo um instrumento de crítica e de projeção, com o valor das miragens citadas por Peard.

Se considerarmos que tanto na Itália quanto no Brasil o pensamento libertário informa as reivindicações das classes trabalhadoras, é fácil verificar que essa tendência para a realização poética de um mundo imaginário vai tomar um caráter acentuadamente proselitista e didático. As linhas gerais são definidas com muita simplicidade num texto de Luigi Molinari, editado em 1905 Juntamente com unia coletânea de dramas libertários'

Não resta a menor dúvida de que o teatro é um meio eticieiitisiino para educar as massas. A história da arte dramática nos ensina que em todos os tempos, em todos os povos, pessoas com real capacidade serviram-se do palco para infundir no povo, sentimentos de amor ao bem, à liberdade, ao sacrifício, ao altruísmo.

Ora, não nos admiremos com os que procuram difundir novos princípios de uma moral verdadeiramente socialista e libertária usando as recitações, as dramatizações, obtendo prosélitos para idéias que custam tanto a vingar. Impedidas pelos que vêem na sua implantação, o ocaso da exploração desumana.

A nossa finalidade, sem reticências e sem jesuíticas restrições é utilizar o **Teatro Popular** para demonstrar quanto são incíveis e desumanas as bases da sociedade atual; quanto é nefasto ao destino da espécie humana o sistema atual da família, vinculado à religião e à lei; quanto sangue custa a idéia selvagem do patriotismo; quanto são tirânicas (apesar das aparências) as formas políticas que nos encantam. (Luigi Molinari, **Il teatro popolare**, Mantova, Tip. della università Popolare, 1905 página de apresentação.)

Esse texto é particularmente conhecido pelos grupos que aqui fazem teatro. Está vinculado a uma antologia de teatro popular que serviu durante anos como única fonte para os elencos operários. Mas representa também uma segunda etapa de trabalho, momento em que os grupos já conseguem acesso às peças de teatro escritas por militantes libertários.

Não é preciso remontar às origens da dramaturgia italiana para identificar os primeiros trabalhos do teatro operário em São Paulo. As primeiras encenações são obras conhecidas de autores italianos ou franceses representadas sempre em língua italiana.

É de se supor, naturalmente, que os espetáculos reproduzam, dentro dos limites dos meios de expressão disponíveis, o espetáculo dos palcos italianos. Não há outra informação cênica disponível. Quando eventualmente freqüentam o teatro profissional, é para assistir alguma companhia italiana que em nada contribui na renovação da prática teatral.

Nesses primeiros atos, mesmo quando a imprensa operária já existe em português (**O Amigo do Povo**, por exemplo), o teatro programado e divulgado pelos jornais é quase sempre em italiano (raramente em espanhol).

Entre outras coisas o teatro é aqui uma continuidade do esforço desenvolvido pelo imigrante para, através da unidade do grupo étnico, organizar uma defesa como classe.

Há dois tipos de apelo envolvendo a representação cênica: um de caráter evocativo, que preserva o espírito de italianidade, e outro de natureza ideológica, procurando criar uma consciência de classe.

Essa dualidade presente na atividade teatral (e até certo ponto conflitante) influi sobre o modo de associação e, conseqüentemente, sobre o resultado final do espetáculo.

Enquanto a atividade dos primeiros grupos de ajuda mútua lança mão de um teatro exclusivamente didático, acompanhando o fluxo da chegada dos navios, o teatro do começo do século se endereça a uma população fixa, empenhada em diversas atividades industriais e urbanas.

Nos primeiros cinco anos do século calcula-se que noventa por cento do proletariado urbano é constituído por imigrantes de várias nacionalidades, predominando os italianos e, em segundo lugar, espa



Sociedade de Benificência Guglielmo Oberdan. Sala da diretoria. Arquivo da Sociedade.. (s/d)



Bandeira da Sociedade Guglielmo Oberdan.. (1977)

nhóis. Em 1901, cinqüenta mil trabalhadores do Estado de São Paulo são imigrantes⁴.

Até 1914 o Estado havia recebido 845816 imigrantes italianos. Dos trabalhadores que se destinavam originalmente ao campo, grande parte deslocava-se para a capital assim que tomava contato com as verdadeiras condições do trabalho rural. Procuravam a solidariedade possível no meio urbano, difícil de ser atingida na amplidão das propriedades rurais⁵.

Os modos de relacionamento da classe operária tornam-se portanto mais complexos, atendendo ao progressivo aumento dessa população de imigrantes de origem e formação políticas diversas. Um sintoma de que esse relacionamento tende a tornar-se complexo está no aparecimento de uma imprensa como veículo de comunicação entre trabalhadores de um único grupo étnico. Há jornais em italiano (**La Battaglia**), espanhol (**Grito dei Pueblo**) e alemão (**Volksfreund**).

O teatro torna-se também, além de meramente didático, uma forma de facilitar o agrupamento. Engloba a aprendizagem, o lazer e a aspiração artística dos operários. Começa a ser motivado por outros grupos étnicos, como os espanhóis e os portugueses (esses bem mais numerosos no Rio de Janeiro).

A tendência ideológica predominante na segunda metade do século XX entre o proletariado europeu vai permanecer em São Paulo até 1930. Não só o teatro como toda a atividade cultural da classe será inspirada nos diversos teóricos do movimento libertário.

Nos primeiros espetáculos a inclinação para o anarquismo faz-se notar através das conferências e dos comentaristas que fornecem um qLlador da festa operária.

O repertório é ainda adaptado. Escolhem-se textos do último período romântico, folhetins teatrais com alguma reivindicação interessante do ponto de vista libertário. (É o caso da peça “Gaspar, o Serralheiro”, de Baptista Machado ou mesmo do texto brasileiro **Deus e a natureza**, de Arthur Rocha). Em geral são criticados a **posteriori** pelos espectadores pelo seu conteúdo “aristocrático”. Isso é evidentemente uma contingência que não reflete postura ideológica dos elencos. Assim que os textos especificamente libertários se tornam acessíveis, desaparece o dramalhão romântico dos círculos operários. Aparentemente sem deixar saudade.

Entre os documentos disponíveis quase não há um material iconográfico que permita visualizar a disposição espacial do espetáculo e a elaboração dos elementos de cena. Os homens que fazem o teatro têm uma tradição desenvolvida de trabalho artesanal que lhes permite do-

4. Edgard Carone, **A República Velha**, p. 191.

5. Franco Cenni, **Italianos no Brasil**, p. 170.

minar a carpintaria e a confecção de telas, assim como dominam as técnicas disponíveis da composição gráfica. Já a fotografia ou mesmo o desenho documental são raros inclusive na imprensa. Ouase todo o material iconográfico se resume nas antigas matrizes muitas vezes herdadas de penódicos europeus. As ilustrações se repetem com freqüência para marcar datas significativas do movimento operário ou para reforçar idéias semelhantes.

Da mestra forma o teatro é registrado através da preservação dos textos e dos comentários críticos da representação. O trabalho de reconstituir a sua forma visual é em grande parte especulativo

Há informações sobre os locais de espetáculo, que permitem avaliar as dimensões do espaço assim como a relação entre palco e platéia. Duas dessas casas de espetáculo sobreviveram às devastadoras transformações urbanas: o Salão Celso Garcia, pertencente à Associação das Classes Laboriosas (Rua do Carmo, o) 39) e o Salão da Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan (Rua Brigadeiro Machado, n.º 5) ~ Não são propriamente teatros, mas sim auditórios com um palco raso, sem profundidade suficiente para abrigar um complicado material de cena. Não há bastidores, coxias ou mesmo camarins para alojamento dos atores. O Oberdan dispõe ainda de resquícios de treliça

Associação das Classes Laboriosas. Salão(1977)



* Atualmente esse trecho denomina-se Rua Roberto Simonsen, e o número passou a 22

** Hoje, rua Brigadeiro Machado, nº. 71

com poucas vigas e altura reduzida. Não poderia sustentar nada mais pesado do que um telão.

Os salões são espaços destinados prior tariamente a conterências ou a números musicais em dias testivos. O teatro aloja-se aí por uma contingência. Aliás, o aluguel do teatro é uma das despesas mais pesadas da produção de cada espetáculo. E a primeira coisa que movimenta as comissões de festa.



Sociedade de Beneficência Guglielmo. Palco(1977)

As prestações de contas arrolam também as despesas com cenário, mas não é possível saber se esses números se reterem à confecção ou ao aluguel do material de cena. Sabe-se apenas que cada salão possuía um número fixo de telões para cenas de interior, rua ou campestres. Embora a qualidade e a dimensão dos telões seja provavelmente diferente, o número fixo de telões como propriedade da casa de espetáculos é uma norma de todos os teatros particulares da época '. E provável que os objetos tridimensionais, como o mobiliário, seja variável. Mas é pouco provável, pelas precárias condições materiais da produção, que alguém tenha condições para construir especialmente os objetos de cada espetáculo.

Também no campo das caracterizações não se menciona a confecção de figurinos especiais para cada peça. Pela leitura dos textos

*No relatório das atividades da Associação das Classes Laboriosas, publicado em 1912, pode-se ler; desejando que sejam conservados em bom estado os cenários pertencentes à nossa Associação, a diretoria nomeou o Consócio Sr Fernando da Silva Santos, para o cargo de fiscal do palco”.

pode-se deduzir que a representação do nobre ou do patrão é sempre semelhante assim como a construção da personagem do trabalhador. As diferenças de época não alteram a visão do conflito fundamental entre as classes sociais. O teatro Úebe reproduz essa visão binária, que não exige uma caracterização complexa. Se considerarmos o horário de trabalho e a pouca remuneração dos elencos na sua vida profissional, podemos concluir que não havia disponibilidade de tempo e dinheiro para confeccionar figurinos especiais para cada representação. Aparentemente essa uniformidade cênica não constitui motivo de reocupação nem para os participantes nem para os espectadores. Todos os comentários dirigidos a espetáculos determinados referem-se exclusivamente à propriedade do texto ou à eficiência dos atores na transmissão desse texto



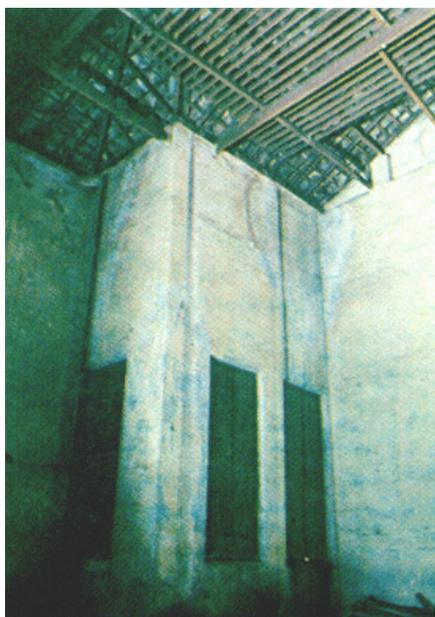
Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. Teatro. (1977)

O detalhamento da cena só interessa a um teatro que tem como proposta criar uma ilusão de realidade. Não se conhece ainda, mesmo fora do campo de ação do teatro operário, uma proposta de atribuir à visualização do espetáculo um campo de significação próprio.

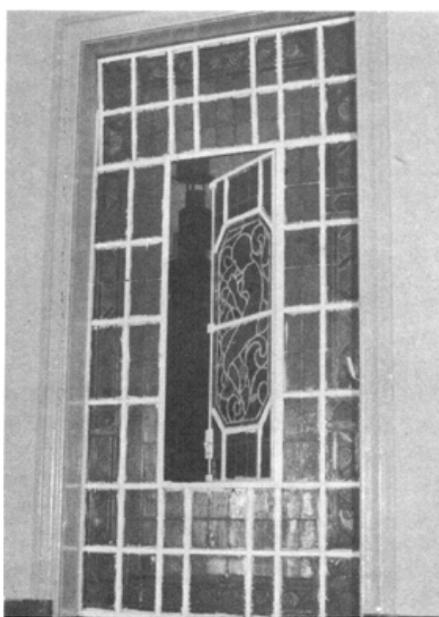
Antes de mais nada interessa a esse teatro a clareza na transmissão de uma idéia já formulada no discurso verbal. E é sobre a palavra que se apóia o espetáculo, ignorando o poder de sedução da imagem. Operando sobre a consciência do espectador o teatro deve comover através da identificação de problemas. O aspecto sensorial é ainda uma característica marginal não só do espetáculo operário como de todo o teatro que aqui se faz no mesmo período.

Essa característica se faz notar através dos depoimentos de espectadores. Com a distância de quarenta anos a memória dos espectadores registrou acuradamente o processo de elaboração do espetáculo, a mensagem dos textos e a impressão de intensa troca de experiências humanas. Mas ninguém lembra como eram os cenários ou sabe descrever mesmo superficialmente a caracterização das personagens. O que permanece a memória, fundamentalmente é a mensagem global do teatro e a convivência humana que proporcionou.

O apelo ao teatro é feito a toda a classe operária divulgado oralmente nas fábricas ou através da imprensa. Os atores pertencem a ofícios vários e são muitas vezes recrutados a partir da vontade de representação, sem uma consulta prévia ao seu comprometimento ideológico. Ao que parece, a vinculação ativa ao teatro é também uma forma de atração para a militância ideológica. Na prática do teatro as lideranças formam novos adeptos das teorias libertárias



Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. Palco. Urdimento. (1977)



Associação das Classes Laboriosas.(1977)

Em princípio, os primeiros convites divulgados pela imprensa para a formação de grupos dirigem-se a operários interessados em fazer teatro. Mas a liderança desses agrupamentos parte sempre de anarquistas mais experientes.

Mesmo quando o grupo que se forma trabalha na sede de uma associação de ofício (chapeleiros, gráficos ou sapateiros) não há indicações de que o grupo seja composto



Associação das Classes Laboriosas. (1977)

apenas por membros de uma determinada profissão. Os compromissos artísticos independem também da associação que os acolhe. No que diz respeito à arte, o grupo de teatro não consulta e nem aceita interferência das diretorias das associações de classe.

Os espetáculos são apresentados em diferentes ligas associativas. É a forma de organização e a função atribuída ao espetáculo que caracterizam o seu comprometimento com a emancipação da classe operária, sem observar formas particulares de associação ou de luta. A relativa independência do movimento teatral (e também sua estratificação) nas mudanças que ocorrem na história da classe operária estão ligadas a esses postulados gerais assumidos inicialmente:

Os intelectuais que ajudam o movimento revolucionário e que guiados pelo ideal querem apressar o advento de um sistema social menos bárbaro, menos selvagem do que o presente, aproveitam-se do teatro para destruir no **Povo** as seculares superstições que impuseram terríveis obstáculos à sua evolução ulterior. (Luigi Molinari, **Teatro popolare**, v. II, Milano, Tip. della Università Popolare, 1907)

Nesses objetivos, divulgados em italiano, existem poucas probabilidades de atrair ou interessar operários de nacionalidade brasileira. É preciso ter ao menos uma familiaridade vaga com a discussão do que seja um sistema social. Discussão iniciada na Europa e trazida para cá a meio do caminho.

Posteriormente (a partir de 1908, pelo menos) os novos grupos estimulados ao trabalho saem do interior das associações operárias mais preparados para funcionarem como ponta de lança em um trabalho de propaganda. Tudo isso é

resultado de um desenvolvimento das práticas associativas, aceleradas pela formação da Federação Operária do Estado de São Paulo, em 1905.

O teor dos convites muda significativamente de tom;

Realizou-se na quarta-feira passada a reunião dos aderentes do Grupo Filodramático Social. Ficou deliberado aceitar como sócios aqueles que tenham disposição para este meio de propaganda, basta que sejam sócios das Ligas de Resistência ou que sejam operários de dignidade e consciência. Deliberou-se que para as despesas do grupo: papel, tinta, penas, etc., cada sócio contribuirá com a quantia de 500 réis mensais. Uma nova reunião do grupo será quarta-feira, dia 11 deste mês. Já aderiram ao grupo dez companheiros. (**Luta Proletária**, 22.2.1908)

Espera-se que o operário vinculado ao teatro já tenha passado pela experiência prévia do treinamento oferecido pelas associações operárias. Também a mensalidade dos quinhentos réis reduz a possibilidade do prazer descomprometido e mostra o grupo teatral como uma forma de trabalho doutrinário. Entre as formas de propaganda libertária o



Pano de boca do palco da Federação Operária do Estado de São Paulo. (1977)



teatro já é uma espécie de **métier** com suas atribuições definidas e contando especificamente com militantes que “tenham disposição para este meio de propaganda”. Os objetivos do teatro não se transformam, mas o recrutamento para esse trabalho se torna menos aberto e mais **especializado**.

Acontecendo geralmente nas noites de sábado, o espetáculo é um desfile de manifestações de gêneros diversos, que procuram abarcar o máximo de variáveis numa única noite. Um exemplo da programação:

PRÓ ESCOLA MODERNA

O grupo Pensamento e Ação. No salão Celso Carda

Programa:

- 1.^o-"Giordano Bruno" de Moro Mor
- 2.^o-"Conferencia em português por um acadêmico desta capital
- 3.^o-"Primeiro de Maio" comédia em um ato de Demetrio Alati
- 4.^o-"Conferência em italiano
- 5.^o-"Coro da ópera Nabuco, de Verdi
- 6.^o-"Poesia - declamação por uma criança
- 7.^o-"Ouermesse

Uma parte do espetáculo, coerentemente com sua origem imigrante, dedica-se a poesias e canções evocativas de diferentes lugares da Itália ou da Espanha, quando o espetáculo abriga algum grupo espanhol.

Entre a canção e a representação dramática instala-se o conferencista abordando temas tão complexos e variados quanto os previstos pelas teorias libertárias. Nas conferências é evidente o objetivo de atuar sobre a consciência proletária num plano que transcende a particularidade do grupo étnico. Há conferências sobre a questão operária, sobre economia, a situação da mulher, condições de trabalho ou sobre comportamento

O ângulo de visão é sempre o da classe operária.

Depois disso um "drama de fôlego", às vezes de cinco atos, une o útil ao agradável, estabelecendo a síntese entre o lazer da música e a utilidade da conferência. É freqüente o uso do ato cômico depois de draitia excessivamente trágico. Finalizando a noite, o baile é o resumo das oportunidades de lazer que esses trabalhadores criam para si mesmos.

A festa começa às vinte horas de sábado e termina às quatro ou cinco da manhã de domingo. É quase todo tempo material que um operário reserva para o lazer e a instrução durante a semana. Se lembrarmos que, até 1918, a jornada de trabalho pode durar catorze horas em algumas fábricas, não sobra muito tempo ao trabalhador para dispersar-se fora do círculo dos companheiros de classe ou ideologia.

Essa **velada** operária permanece significativa e muito freqüentada durante, no mínimo, trinta anos. No decorrer desses anos não há alterações importantes no movimento artístico. Nem o objetivo e nem a organização da festa se modificam essencialmente.

Há muito mais unidade na arte do que nos outros movimentos políticos e culturais que acontecem no seio da classe. As repercussões da Revolução Russa introduzem, a partir de 1917, novas posições ideológicas e novos problemas de organização. Instaura-se a amarga discussão entre os libertários e o “maximalismo”. Há cisões e atualizações das próprias posições libertárias. Enquanto isso o teatro permanece intocado. Ao que parece os espectadores são imunes aos atrativos da originalidade. Algumas peças permanecem no repertório dos grupos libertários durante quatro décadas. Não são apenas mero entretenimento ou pregação ideológica. Transformam-se num ato coletivo, de reforço da unidade da classe. É o ritual que remete à função inicial de agrupamento desse teatro (“O Primeiro de Maio era a nossa Paixão de Cristo”, informa-nos o Sr. Jayme Cuberos, antigo participante do Centro de Cultura).

É bem verdade que 110 decorrer dos anos algumas vezes se levantam contra a “monotonia” do repertório e pedem a criação de novas obras, mais adequadas para expressar a mudança dos tempos:

Formou-se no Rio um grupo de amadores dramáticos com o duplo fim de emancipar recreando e de auxiliar a propaganda pecuniariamente. O grupo pôs-se a ensaiar uma coisa. . . de arrepiar os cabelos da alma e do corpo, e que tem percorrido todos os teatros amadores: o “Gaspar, o Serralheiro” - e o Motta “teve talvez a imprudência (~ ele que o conta) de desaconselhar aquilo: vocês não sabem sair desse carrancismo. . . Vocês estão ainda dominados pela velha concepção cênica de Deus e do Diabo, e não compreendem nada fora desses dois tipos opostos”. (Neno Vasco, prefácio de “O Infanticídio”, de Motta Assunção. São Paulo, fevereiro de 1907)

Isso é entretanto uma raridade. A atitude crítica predominante preocupa-se pouco com a inovação ou a qualidade estética das obras. Limita-se a questioná-las do ponto de vista doutrinário, considerando as peças formativas de uma consciência operária. E assim que entendem também a natureza da arte. Vejamos uma crítica de 1904, de

O Amigo do Povo:

As sociedades de Resistência corresponderão aos seus fins quando destes forem conscientes seus associados e o mostrarem nos seus atos: conferências, testas e



Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. Concerto. Arquivo da Sociedade. (s/d)

lutas. . . [scolha obras modernas, emancipadoras, com cujas responsabilidades ama-dores inteligentes possam honestamente arcar. E não nos ponha o cabelo em pé com a fereza das suas estocadas e a fúria descabelada dos seus brados... (**O Amigo do Povo**, 9.7.1904)

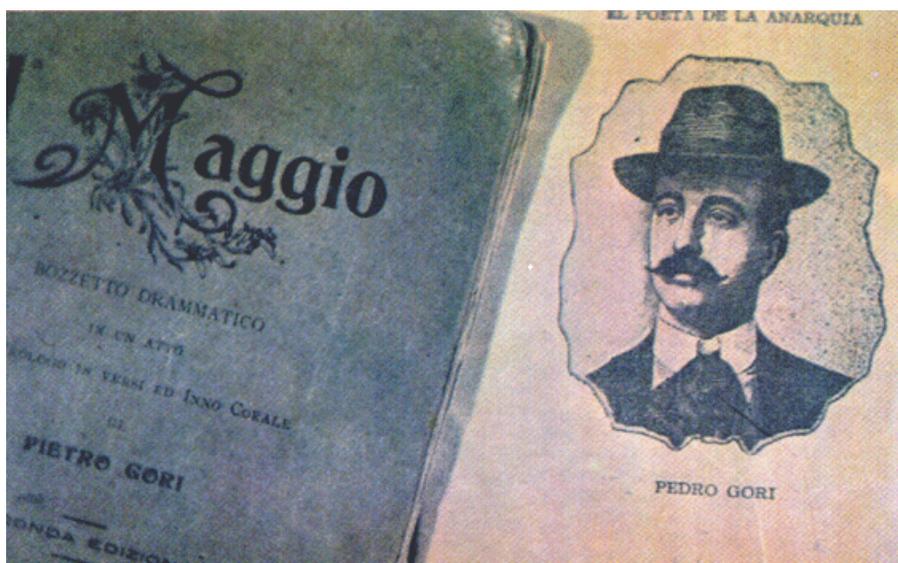
Há certamente uma idéia de que a atividade cultural deve corresponder aos tempos modernos. Entretanto essa correspondência deve ser entendida como um pressuposto da teoria anarquista, que vincula a modernidade ao protagonismo da classe operária nas transformações sociais.

O que se exige portanto é um deslocamento das atenções da arte para a classe operária. Uma vez atingido esse ponto, não importa a incontável repetição de uma mesma obra ou o seu acabamento formal:

Conspiradores não é certamente um trabalho literário, mas contém uma crítica dilacerante e verdadeira contra as autoridades policiais e governamentais pelo modo infame e criminal de que se servem no preparo de falsos complots, disseminando nas massas o ódio contra inocentes trabalhadores braçais e intelectuais, justificando diante da ignorância popular suas infames repressões, deportações e martírios. (**La Battaglia**, 30 9.1905)

A essa imperturbável uniformidade da festa corresponde também uma concepção amplamente humanista da manifestação artística. Embora estreitamente vinculada ao cotidiano quanto às possibilidades de produção (todos os homens são artistas e o movimento vital é em si artístico), a arte se refere a uma natureza humana que não pode exercer-se livremente. O estágio atual da sociedade impede o homem de ser plenamente artista.

A arte libertária se concentra, portanto, nas pressões que a impedem de realizar-se livremente. Há alguma coisa anistórica, inerente



ao humano para ser recuperada. As análises e críticas batem sempre nessa tecla única da repressão. E~ essa talvez a característica significativa do **social** no sistema capitalista.

Parece desnecessário operar grandes modificações na festa operária, uma vez que, do ponto de vista libertário, a relação opressores/oprimidos permanece fundamentalmente imutável.

Numericamente é insignificante a quantidade de obras de ficção (teatro e literatura) produzida por anarquistas brasileiros durante os anos em que o movimento foi mais atuante. Para expressar um ângulo de visão idêntico da sociedade, as obras traduzidas de línguas européias eram perfeitamente adequadas. A inexistência de fronteiras, o mundo como um todo, a universalidade de problemas e de objetivos a serem atingidos, invalidam as etiquetas, “francesa” “italiana” ou “espanhola”.

Evidentemente nesse mesmo período de tempo há um processo acelerado de adaptação dos imigrantes às novas condições de vida. Isso parece não afetar nem o teatro nem o público. Antigos militantes anarquistas deixam de ser operários, mas continuam freqüentando a festa. Nesse sentido a arte dos grupos operários tem um desenvolvimento linear, e mais duradouro do que as mobilizações políticas da classe, no mesmo período.

Indiretamente o teatro reflete uma resistência às alterações culturais que devem processar-se no contato entre os imigrantes e os trabalhadores autóctones. As festas têm a função simbólica de preservar a unidade étnica e ideológica ameaçadas pelas alterações concretas das condições de vida.

Outro ponto a considerar é que, descrevendo condições gerais da existência, no decorrer de quarenta anos, nem por isso o teatro representa inverdades históricas.

Todas as conquistas da classe operária consolidadas através de lutas no decorrer desse tempo referem-se apenas à melhoria das condições de trabalho.

Permanecem

sempre muito aquém das reivindicações de caráter económico e político. As relações de poder e a organização da sociedade brasileira, do ponto de vista da crítica operária, continuam inalteradas. Em nada é sensível a proximidade dos ideais anárquicos. O tema binário opressores/oprimidos que constitui o núcleo dramático do espetáculo subsiste integralmente na realidade’;

Assim, quando um texto de origem italiana ou francesa introduz uma cena em que há carestia, desemprego, exploração erótica das mu-

6. Nos movimentos pela emancipação da classe, vate a pena observar, as reivindicações anarquistas são tão ou mais concretas e organizadas do que as posições “trabalhistas” dentro do movimento. Além de manter posições firmes sobre as oito horas de trabalho, limitação de trabalho para mulheres e crianças, descanso semanal, melhoria de condições de higiene, os anarquistas se propõem a discutir os objetivos da mobilização operária e os instrumentos para atingi-los. <ver Bóris Fausto. **Trabalho urbano e conflito social**, pp. 54-60)

Iheres operárias, arbítrio legalizado do patronato, não se pode dizer que a temática tenha se tornado anacrônica ou seja aproximada para descrever as condições de vida e trabalho do operário brasileiro. Por que transformar uma arte que serve ainda para exprimir a sociedade brasileira? Nenhuma dessas testas se encerra idealmente em si mesma. Devem marcar bem o seu momento de solidariedade. Quanto a isso, todos os anúncios são explícitos.

Para cada acontecimento teatral, acrescido de música, baile e conferência, há sempre uma finalidade social que transcende o momento particular daquele agrupamento.

Com freqüência maior destina-se a renda aos penódicos libertários. Mas há também “benefícios” em nome de companheiros doentes, presos ou exilados. Entre 1~08 e i~io duas escolas são construídas em São Paulo para filhos de operários (Escolas Modernas - ensino racionalista) * com fundos levantados entre o operariado, recolhidos pouco a pouco entre testas e donativos voluntários. Os exemplos nem sempre são tão acomodados:

Teve, como se vê, bom êxito a festa de sábado. E não poderia se desejar outro resultado tendo em vista o seu simpático tím. Fssa velada foi organizada por um grupo de libertários em homenagem ao soldado Caetano Masetti que, ainda há pouco, num gesto de suprema rebeldia, fazendo-se intérprete de todas as vítimas da guerra lançou contra esse horrível flagelo da humanidade seu vigoroso protesto, atirando contra um oficial. O produto líquido da testa será enviado à família desse extraordinário moço, que sacrificou a sua vida em holocausto ao grande ideal da paz universal. (A **Lanterna**, 30.12.1911)

Também os movimentos internacionais liderados por anarquistas recebem apoio das veladas de sábado. Os movimentos pacifistas que antecederam a guerra de 1g14 1918, o julgamento de Sacco e Vanzetti, a Guerra Civil Espanhola, a resistência antifascista, receberam um pequeno apoio financeiro dos grupos libertários paulistas.

Onde quer que a repressão à mobilização operária se torne conhecida desencadeia se imediatamente um contato internacional e uma correspondente mobilização dos grupos culturais.

Se considerarmos o pequeno rendimento habitual dessas festas minúsculo, inclusive em proporção às necessidades locais, não é difícil concluir sobre a solidariedade simbólica desses espetáculos. Nos balancetes é comum a proximidade ou quase coincidência entre a receita e a despesa das testas:

* O modelo dessas escolas é extraído da **Escuela moderna** de Francisco Ferrer, miiitante e educador libertário fuzilado em 13 de outubro de 1909 em Barcelona.

BALANCETE DA FESTA REALIZADA EM SÃO PAULO EM 16.3.1907

Bilhetes vendidos; **La Battaglia, 26; A Terra Livre, 10; A. Disperati, 17; L. Morseili, 14; J. Soreili, 12.**

Total - 185, a
1\$000.....185\$000

Produto da
rifa.....32\$700
Total.....217\$700

Despesas da festa

Aluguel do
salão.....70\$000
Música.....55\$000
Impressão dos bilhetes de entrada.....18\$000
Para a atriz.....20\$000
Bonde.....4\$000
Despesas para a cena.....5\$800

Idem para a
rifa.....11 \$400

Total.....184\$200

Resumo do balancete

entradas.....217\$700
Saídas.....184\$200
Saldo.....35\$500

(**Terra Livre**, nº 35, 1.º.6.1907)

Uma peroração, anterior à abertura artística, instala os espectadores na finalidade da noite. É lembrado aos presentes que o espetáculo se refere a uma causa maior; o comparecimento do espectador já tem a gratificante representatividade de um compromisso e de um apoio à causa referida. Estar no teatro quer dizer muita coisa.

Nesse tipo de atividade teatral o público é formado pela classe operária, da mesma forma que os organizadores da festa. Os textos que representam e assistem são quase todos escritos por intelectuais pequeno-burgueses (Pietro Gori, Malatesta, Ferrer, Jean Grave) convertidos ao anarquismo.

Aqui as figuras mais proeminentes do movimento cultural são egressas ou permanecem no seio da classe operária. Alguns imigrantes vieram já como profissionais liberais, mas o número é reduzido demais para ser significativo (Neno Vasco é advogado, Benjamin Motta também). Se há um setor da classe culturalmente mais ativo, atua como setor profissional e não isoladamente. E' o caso dos operários gráficos que, comandando a imprensa, estão em posição favorável para orientar o movimento cultural.

Um ramo numericamente restrito, onde os anarquistas nem sempre predominam - dos gráficos surge como dominante. A profissão desenvolve a capacidade organizatória e o domínio do jornal como instrumento. É à volta da imprensa que se formam várias figuras definidas como pertencentes à classe média intelectual: Leuenroth, Astrojildo, Palmeira. No grupo dos trabalhadores gráficos se encontra um

líder da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, Ulisses Martins; o diretor do **Novo Rumo** é um dos organizadores do Primeiro Congresso Operário, Luiz Magrassi; o secretário da COB, Rosendo dos Santos; Motta Assunção, Manuel Moscoso, Carlos Dias, Everardo Dias, Antônio Bernardo Canelas. João da Costa Pimenta, Florentino de Carvalho, **(Trabalho urbano e conflito social**, pp. 95 e 96)

Não é, entretanto, o corpo redatorial que constitui o núcleo mais atuante do movimento teatral. Em geral colaboram como críticos e divulgadores. Quando podem tornam-se os dramaturgos locais (Gigi Damiani, Motta Assunção, Neno Vasco).

Raramente os nomes dos autores coincidem com o dos redatores ou diretores de jornais. Há alfaiates, sapateiros, chapeleiros, empregados em cafés, têxteis, metalúrgicos e canteiros. São atividades que, de uma maneira geral, não facilitam a aquisição de uma cultura literária.

O que os elencos amadores aprendem vem em geral divulgado através de sua imprensa, que cuida também da distribuição de obras de propaganda.

Sem dúvida essa aprendizagem essencialmente prática da encenação e da dramaturgia não constitui embasamento suficiente para animar o surgimento de novos autores.

A raridade e o tardio aparecimento dos textos brasileiros permitem concluir que o que mais interessa na atividade teatral é o espetáculo.

As necessidades da propaganda não são suficientes para fazer aparecer o texto nacional. Nem mesmo as improvisações mencionadas por Radha Abramo, correspondentes aos primeiros anos de imigração, serviram para definir as bases de textos reencenáveis.

Entre os militantes que se dedicam ao teatro é sensível o desinteresse pela teoria ou pela crítica. Aceitam os textos europeus sem muita discussão e tratam de empenhar-se no trabalho exaustivo de preparação do espetáculo e organização da festa. Quem escreve e discute o teatro feito é geralmente o militante vinculado à imprensa e não ao teatro.

Os múltiplos significados coletivos que embasam esse teatro, que dispensa a renovação para completar-se, permitem supor uma comunicação peculiar entre o palco e a platéia sedimentada por anos de convívio. Um diálogo que transcende a comunicação explícita do texto encenado. Não se trata de repetir “mais uma vez estória conhecida”, mas sim de um ato coletivo de reconhecimento de personagens e situações exemplares a fim de que atuem no comportamento de cada um. Uma vez que a criação literária não é tão importante quanto a realidade do espetáculo, todas as possíveis atualizações de conteúdo ficam por conta da interpretação dos atores. Não há registros que possam documentar a resistência de um texto a décadas e décadas de reencenação. Mas o mais provável é que não tenha se alterado como texto, e sim (quando necessário) na ênfase atribuída pelos atores a este ou aquele problema.

Quando a imprensa comenta a reação do público, mostra que o comportamento durante o espetáculo é francamente ativo. Nada indica

um respeitoso silêncio diante da manifestação artística. Pelo contrário e estabelece-se um diálogo sonoro com o espetáculo deixando evidente a aprovação ou a repulsa do público.

Fica evidente que a manifestação do público nada tem a ver com a qualidade do espetáculo, mas com a **identificação** da platéia aos problemas ou personagens presentes no palco.

O espetáculo é o porta-voz das convicções e sentimentos da platéia. Para isso é preciso que seja despido de mistérios, reforçando um conhecimento prévio e proporcionando um estímulo à expressão do espectador.

Um artigo publicado pelo jornal carioca **Novo Rumo**, deixa clara a teoria que fundamenta o espetáculo:

A literatura dramática hoje democratiza-se. Não se compreende o esforço dum dramaturgo no interesse exclusivo de nos dar, através de um desdobramento de peripécias, a existência mais ou menos complicada de um tipo de exceção. A observação chamada imparcial nada quer dizer. Se o artista cria tipos, inventa, descreve, analisa sentimentos, e chega à síntese, ao conhecimento da alma coletiva, fá-lo no Interesse da demonstração. No teatro não representa para descrever, mas sim para provar.

Desenvolver uma alta e serena filosofia social de justiça, de liberdade, de igualdade e, paralelamente, fazer uma acerba crítica do mundo atual, eis o que há a esperar do teatro do povo, ativando pelo imediato efeito da vivisseccção dramática o fogo instintivo da submissão, a curiosidade civil redentora do Desconhecido(...) Se as obras-primas do gênio artístico são uma idealização do sentimento e da inteligência popular e a alma do povo chamada vida livre pelo cérebro, há de fatalmente reconhecer se nos heróis que faz criar. (...) Popularizar este sentimento comum, num sentido favorável a sua exaltação deve ser o objeto principal do teatro do povo. (**Novo Rumo**, 19.9.1906)

Realmente, a exaltação a que se refere o articulista está longe, no caso das platéias paulistas, de ser uma metáfora. Embora o artigo se refira à criação literária para o teatro, esses requisitos compõem a vida íntima do próprio espetáculo. Vejamos uma descrição oferecida por A Lanterna, em 20.1.1901:

A Electra de Pérez Galdós foi representada em São Paulo. Na noite de Sábado de Aleluia, em que pela primeira vez subiu o já célebre drama à cena, o público que enchia o Sant'Anna, dando provas de seu ódio ao jesuitismo que se implanta no Brasil, com a proteção criminal de um governo republicano, aplaudiu entusiasticamente a obra anticlerical e antijesuítica, e sempre que apareciam em cena Pantoja e as freiras, personificação do jesuitismo, os espectadores irrompiam em assobios, manifestando assim, o seu terror pela seita maldita, e contra a canalha clerical.

É bem verdade que esse espetáculo comentado pela Lanterna não é propriamente o tipo de teatro a que este trabalho se refere. É uma companhia profissional, tratando basicamente de anticlericalismo e muito sutilmente da emancipação da mulher. Reunidos entretanto por essa bandeira já se encontram algumas figuras que posteriormente se destacarão junto aos operários anarquistas: Benjamin Motta e Edgard Leuenroth, que aproveitam o espetáculo para uma manifestação de solidariedade ideológica pelas ruas da cidade. Esse público, reagindo ardemente, tem já as mesmas características dos espectadores tra-

balhadores, que sobrevive como um traço distintivo desse público até depois de 1945:

JAYME CUBEROS: Na peça “Nossos Filhos” que se dá o caso de uma moça que é seduzida e justamente o sedutor representa um tipo da sociedade.

MARIA VALVERDE: Um ordinário...

JAYME CUBEROS: ... um burguês, um doidivanas, um rico que não tinha... O pai aconselha a filha a não se casar, porque é um absurdo. E o irmão, dentro daqueles preconceitos, briga com o pai e quer obrigá-lo a casar para salvar a honra da família. O problema era a honra da família. Eu me lembro perfeitamente que na ocasião que o pai consegue convencer a filha e a filha recusa o casamento, e aquela coisa toda, o público chegava a aplaudir de pé, em cena aberta, aprovando aquilo que seria uma contradição para os cânones da época. Puxa! Afinal ela foi seduzida, estava esperando um filho, era natural que quisesse casar para reparar o mal. Mas ali era o contrário porque ele era um sem-vergonha, um sujeito... quer dizer que havia uma mensagem que também era entendida pelo público. Como não? E havia uma reação muito positiva mesmo.

(Depoimento dos antigos integrantes do grupo de teatro do Centro de Cultura Social.)

As cenas apresentadas no palco foram escolhidas pela sua correspondência as aspirações de um público de trabalhadores liberto. Dirigem-se aos operários consideravelmente mobilizados que construíram durante as primeiras décadas do século uma imprensa própria, sedes associativas livres da interferência patronal e até suas próprias escolas de ensino graduado ou de cursos livres.

O teatro é o resumo artístico de uma série de atividades culturais que empenham um esforço coletivo. O espetáculo mobiliza equipes com antecedência aproximada de um mês, preparando a divulgação, a venda de ingressos, o local do espetáculo, os aparatos materiais necessários para a produção.

Esse barulhento diálogo entre a platéia e o palco durante o espetáculo é sustentado também pela familiaridade que o público tem com os atores. Frequentemente esses espectadores contribuem concretamente para uma parcela do espetáculo. São companheiros de trabalho, vizinhos, amigos familiares. Às vezes há uma família inteira participando de um elenco. Há também a família do ator no meio da platéia. Considerando-se que a classe trabalhadora concentra-se em determinados bairros (Brás, Mooca, Bom Retiro e Barra Funda) é previsível que atores e público convivam diariamente no mesmo espaço geográfico da cidade. Outras formas de convívio entre trabalhadores liberto são estimuladas pelos núcleos militantes organizando bibliotecas, conferências, piqueniques gigantescos em que trens lotados de operários se deslocam para um fim-de-semana campestre. Tudo isso contribui para imprimir uma elasticidade e uma certa falta de cerimônia ao espetáculo. A arte que acontece no palco é permeável às relações da platéia.

É comum que a programação de uma festa se modifique durante o espetáculo, incluindo um ou outro número musical e poético por soli-

citação da platéia. Qualquer pessoa pode ter acesso ao palco e contribuir com o número que desejar.

Da mesma forma que a propaganda doutrinária se dirige à **família operária**, o teatro é feito e freqüentado por todos os membros da **família operária**. Isso exige, naturalmente um espaço artístico para as crianças. Na parte de variedades há a presença constante de números infantis:

Além do programa anunciado a menina Giovanna Ruisse declamou uma bela poesia corítra a tirania russa. (La Baltaglia, 27.8.1905)

Considerando-se que uma das reivindicações básicas dos movimentos operários refere-se à regulamentação do trabalho infantil e feminino, **não é estranho que a mobilização cultural envolva em igual medida crianças e mulheres**. Além disso a teoria libertária atribui às mulheres e crianças iguais direitos e igual responsabilidade na construção de uma nova sociedade.

O trabalho teatral procura divertir, instruir e atrair para a luta efetiva a totalidade dos contingentes trabalhadores. Todos devem participar da emancipação da classe. Evidentemente, há também o lado gracioso da representação infantil. De qualquer forma são dotes artísticos precoces exibidos publicamente para júbilo dos pais e encantamento da platéia.

Nesse tipo de teatro o utilitarismo da arte não exclui o pressuposto anárquico de que se trata de uma manifestação respeitável do espírito **humano**.

A partir de 1909, no momento em que se inicia a campanha para a fundação da primeira Escola Moderna (segundo os moldes do ensino racionalista de Francisco Ferrer em Barcelona), o número infantil torna-se uma constante do espetáculo. Não envolve necessariamente a participação na peça encenada, mas constitui os entreatos líricos ou musicais. As crianças declamando lembram ao público que o benefício do espetáculo reverterá primeiramente para a educação infantil.

Em 1910 A **Plebe** anuncia um espetáculo representado integralmente por "crianças de doze anos". O horário é o mesmo dos espetáculos realizados por adultos (vinte horas), Q a parte doutrinária da festa é quase toda executada por mulheres. Há apenas um conferencista do sexo masculino, o Sr. Ricardo Figueiredo que fala sobre "A mulher e o livre pensamento

Essas representações lideradas por mulheres e crianças concentram-se em trabalhos artísticos e de propaganda relacionados com a pedagogia ou com a situação da mulher na sociedade. Tornam-se constantes depois de 1910 até 1918, promovendo e sustentando as duas Escolas Modernas que se instalam na cidade. A temática em nada foge aos princípios da teoria libértária, apenas concentrando-se no que diz respeito diretamente ao comportamento social.

Desde 1903, entretanto, há pelo menos um grupo de atores infantis **Gil Attori Intantili**) representando em língua italiana o texto de Pietro Gori, “Proximus Tuus”. O drama é representado em uma festa em que se apresenta também um elenco adulto, Os Libertários. (Nota de **O Amigo do Povo**, 25.7.1903)

Como público, a participação das crianças não difere muito da dos adultos. Pelo menos até o momento do baile podem assistir todos espetáculos encenados. É inclusive norma trazê-las ao teatro.

Em 1922, quando o militante Ricardo Cippola é assassinado durante uma festa operária, a imprensa refere-se à presença da mulher do assassinado “que estava sentada com sua filhinha ao colo a poucos passos do lugar onde se tratava a discussão”.

Os bebês podem constituir eventualmente uma excessão. Mas não há nada que os adultos considerem especialmente proibitivo nestas festas. As crianças são admitidas durante a parte teatral e em seguida voltam pra casa. O baile não atrai a totalidade da platéia que vem para assistir à parte teatral.

No caso do assassinato de Cippola os meios operários sofrem um impacto visível: habitualmente a festa operária tem a tranquilidade de uma reunião entre amigos. onde é possível a presença de crianças a colo. Nem mesmo a presença da polícia é temida como um real perigo físico. Só se perpetram violências verbais nos dramas e nas palestras contra os capitalistas e o clero, que nunca foram convidados.

Depois da morte de Cippola os jornais operários apressam-se em esclarecer o caráter absolutamente fortuito dessa violência.

A linguagem da imprensa operária é bastante minuciosa no relato das violências policiais ou patronais feitas à classe operária. Desenvolveu a esse respeito recursos de inflamado teor emociocional. Entretanto os grupos operários não estão absolutamente preparados para enfrentar a violência entre eles

Em todos os seus empreendimentos, políticos ou culturais, os grupos libertários procuram enfatizar a sua própria respeitabilidade, contrastando com a corrupção das classes dominantes. Temem inclusive que a violência política possa, em determinadas ocasiões, contaminar a classe operária com a reputação de desordeira ou irresponsável. A figura do assassino de Cippola é descrita como um homem de comportamento absolutamente irregular dentro da classe operária.

Em parte essa preocupação com a polidez dos costumes na festa operária é uma transposição de vários costumes rurais europeus que passam a funcionar aqui entre os operários.

Está claro que a preocupação com a imagem de probidade familiar, com o comportamento social, faz parte também de uma imagem que a classe operária deseja manter junto à classe patronal e ao aparelho repressivo. Quando brigam, brigam por justa causa e não por hábito.

Mesmo entre as pessoas mais proeminentes do movimento percebe-se constantemente a vontade de afastar por completo a idéia culti

vada pela reação de atribuir ao anarquista uma espécie de disponibilidade para cometer todo e qualquer crime.

V. Excia. quer “moralizar a pátria” Faz muito bem. Mas para “moralizar a pátria”, V. Excia. denuncia e ataca os anarquistas. Ouso discordar desse processo. Desafio a que me aponte V. Excia., ou quem quer que seja; um assassino, um só entre os anarquistas do Brasil um ladrão, um incendiário, um desordeiro, um adulator, um vagabundo, um mendigo, um delator, um vigarista... Desafio! E desafio porque tenho a certeza, e os fatos o tem provado, de que, se algum trabalhador, tido por anarquista, cair na malandragem ou se apegar à bajulação eleitoral, será eliteralmente arredado dos meios libertários.

(...) Esses homens (anarquistas presos por V. Excia. no ano passado) são homens de uma energia moral a toda prova, de modelar honestidade, cuja dedicação proclamo altamente como título de honra. Para eles abrem-se as portas de minha casa, que eu fecho terminantemente aos subordinados de V. Excia.. a vasa nacional que V. Excia. cria e paga nesse antro de patifes, assassinos, bêbedos e ladrões, nesse valhaoito oficial da capangagem vil, que é a polícia secreta de V. Excia. (José Oiticica - Carta aberta ao chefe de polícia Or.' Aurelino Leal, publicada em **A rua**, 19.4.1918 e repro duzido em **Ação direta**. Editora Germinal, 1970, p. 53)

No teatro e na propaganda admira-se abertamente a figura do bandido “revolucionário”, que faz da transgressão um justo meio de compensar a injustiça social. Na prática, nos movimentos coletivos reivindicatórios, salienta-se a serenidade olímpica de um operariado fortalecido pelo senso de justiça.

Essa imagem criada e mantida de bom comportamento, na festa e no relacionamento social mais amplo, produz não poucos conflitos com os princípios anárquicos, conflitos resolvidos caoticamente, conforme a conveniência.

É frequente o comentário azedo de articulistas em relação aos costumes deste ou daquele companheiro (não mencionado), deste ou daquele aspecto da festa. São julgamentos baseados numa ética convencional, em completo desacordo com a saudável abertura das atividades doutrinárias.

Muitos dramas e todos os textos teóricos que se referem ao comportamento defendem unanimemente a livre escolha do parceiro sexual, apoiada na legitimidade do afeto. Entretanto, os elogios públicos a companheiros em nada se destacam dos panegíricos burgueses: louvam o pai de família exemplar e insinuem como virtude extra a fidelidade irrestrita à companheira. Prevajece, portanto, o respeito à família monogâmica, com o devido equilíbrio das figuras materna e paterna.

Ao mesmo tempo é esse conceito da unidade e do respeito familiar que a classe usa para diferenciar-se da corrupção de costumes atribuída à burguesia e, por extensão, ao clero.

Os convites para as atividades sociais são endereçados à “Família Operária”. Existe evidentemente uma extensão do conceito de núcleo familiar para o coletivo. Os trabalhadores formam uma grande família no sentido de estarem indissolavelmente ligados e responsabilizarem-se uns pela conduta e pelos direitos dos outros.

essa noção que prevalece no momento de organizar e promover o lazer e a instrução da classe. Determina a forma de participação e a organização final da festa, em que muitos divertimentos são organizados especialmente para mulheres e crianças

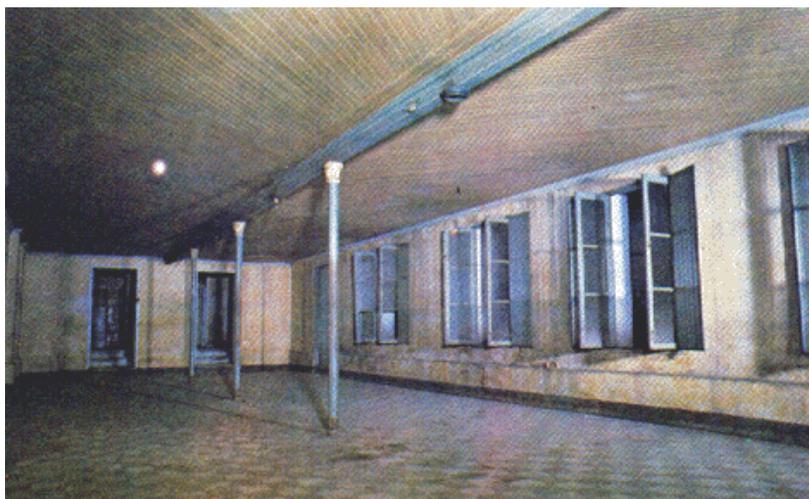


Piquenique promovido pelo centro de Cultura Social. Arquivo Maria Valverde. (s/d)

A preocupação com os costumes e, mais convencionalmente, com a integridade da família, expressa-se claramente na polêmica em torno do baile.

Desde as primeiras festas a programação dos grupos libertários inclui o baile como prato forte de lazer. Quando a festa agradou, os comentaristas medem o sucesso pela animação e duração do baile. Um baile que vai até as cinco horas da manhã é considerado um verdadeiro sucesso.

Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. Salão. (1977)



Com exceção dos músicos, geralmente contratados para animar as festas, a participação no baile envolve atores e espectadores da representação anterior. Provavelmente as crianças menores saem antes do baile.

Da mesma forma que nos bailes btrgueses, os coitienraristas assinalam a presença de pais e mães vigiando os pares mais jovens O que aliás os críticos do baile consideram como um execrável hábito burguês de oferecer os filhos “como a um mercado”

A primeira invectiva teórica contra o baile aparece em 1904. Mencionando o



Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan.
Salão de Dança. (1977)



Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. Teatro. (1977)

inevitável baile” e confrontando-o com as atribuições de uma associação de resistência, o autor afirma pretender: “Contribuir com um grão de areia para que a energia dos operários conscientes não se desperdice em trabalhos e iniciativas que estão muge de favorecer o desenvolvimento da consciência proletária **O Amigo do Povo**, 9.7.1904)

Outro artigo, bastante feroz, e concentrando-se no baile resume as objeções aos seguintes tónicos:

a)É instrutivo? Cremos que não 1º. porque não é ginástico, 2º porque só serve para manter os sentidos excitados.

b)É higiênico? Optamos pela negativa, por motivos óbvios.

É moral? Lemos a este respeito exemplos de bailes públicos, nas frequentes questões que se dão nos bailes dos clubes recreativos E depois para não ir mais longe, lia muitos pais que levam ali suas tubas como a um mercado E não existe lugar ou ensenjo mais favorável à corrupção. As moças. convidadas pelos “cavalheiros”, vão beber (uma noite inteira sem isso não se passa) um calice deste, outro daquele. e assim acabam por embriagar-se, como fazem os qenitores, engodados pelos pretendentes das filhas

7. **Nem sampre os musicos são militantes libertários.** Nos balancetes de festas as despesas com os músicos são pesadas. em relação ao orçamento. Custam quase tanto grianto o aluguel do salão, que é a coisa mais cara da testa. Raras vezes os músicos aparecem como amadores. Nesse caso o balancete indica apenas a despesa de bonde e a cervela para os mtisícos) Apeiras nas récitas lítero-músicais pode-se perceber que há também entre os libertários músicos amadores, em geral empenhados na execução de alguma peça clássica

E isto basta para provar, cremos, que o baile facilita a degeneração e a imoralidade e que não é nem instrutivo nem moral, se é moral tudo o que aperfeiçoa e regenera a massa proletária. ('Lucífero'. A **Terra Livre**, 5.2.1907)

Há também o caso de elencos teatrais que consideram a noitada artística mais adequada aos propósitos de propaganda do que o baile. O **Estatuto do Grupo de Teatro Social**, do Rio de Janeiro, manifesta-se em seu artigo 3.º: "Não trabalhar em certa mes nos quais se realizem bailes" (publicado em **A Plebe**, 5.11.1921).

Essas críticas a uma atividade puramente recreativa apenas manifestam as contradições existentes dentro do movimento libertário, no que diz respeito à "moral". Na verdade não prevalecem na organização da festa operária. Janto que o baile sobrevive até no período pós-45, nas programações do Centro de Cultura Social (último grupo conhecido filiado ao movimento libertário).

De qualquer forma a polêmica elucida diferentes tendências no modo de pensar a atividade artística e cultural do proletariado.

A idéia da dedicação exclusiva aos ideais e à propaganda, inclusive como tática para economizar forças, procura criar um militante disciplinado ao ponto de renunciar aos prazeres vitais. Ao lado disso convive a atraente imagem anárquica da liberdade individual, da beleza original e sensível da vida "natural".

Nesse debate também está ausente a noção de história, ou pelo menos de uma progressão que permita encarar a disciplina abnegada como um estágio necessário para se atingir a sociedade livre. Pelo contrário, as duas atitudes existem lado a lado, não propriamente em conflito aberto, mas como uma contradição difícilmente solucionável.

É interessante observar nos defensores da consciência proletária uma posição extremamente franca, que associa o desbaratamento da energia sexual a uma perda para a luta pela emancipação. Por contraponto defende-se uma postura quase sacerdotal, em que o instinto é canalizado para a luta social. O mesmo postulado, entretanto, aplicado ao clero, é considerado a fonte de incríveis crueldades e perversões⁸.

Há outros motivos, alegados como secundários que parecem fundamentar com maior justeza a oposição ao baile. Teme-se que o poder de atração do lazer, nas festas, sobreponha-se à lorruação ideológica que se deve proporcionar principalmente aos jovens.

8. Quanto à preservação dos valores familiares, há um adendo ao noticiário de festas a partir de 1922, que parece ilustrar esse cuidado. Esse adendo confere o direito à comissão organizadora de impedir a entrada a quem julgar conveniente. É provável que a família operária esteja sendo ameaçada de destruição, através de modificações na constituição do operariado. Se a festa é de propaganda, parece contraditório impedir a entrada de elementos estranhos aos grupos habituais. Deveriam ser convidados para a conversão. Essa desconfiança é entretanto mais um sintoma da crescente complexidade de variáveis que alteram a composição e a atuação da classe, inclusive as novas tendências ideológicas posteriores a 1917. Em 1922 vai acesa a discussão entre anarquismo e maximalismo, assim como aumenta a participação do elemento nacional no trabalho industrial.

Um teste realizado em São Paulo, uma festa sem baile, mostra que o receio não é infundado:

Pela primeira vez quisemos realizar uma festa de propaganda sem o eterno baile, para conhecer bem o ambiente em que nos achamos aqui em São Paulo. Imaginamos calculado que, em vista da bela iniciativa, cujo escopo era auxiliar a nascente Escola Moderna, a nossa festa, mesmo sem baile, haveria de dar magnífico resultado pecuniário. mas a gente chamada livre. . - preferiu poupar os 15000 réis por cabeça só porque lhes era vedado saltitarem á lana de fantoches. - . ("Lucífero", **A Terra Livre, 17.2.1910**)

A permanência do baile, sem uma defesa teórica correspondente, atesta o conhecimento que as comissões organizadoras têm da função social da festa, no seu sentido mais amplo.

Proporcionando lazer e instrução, a festa mantém o operário ligado à sua própria classe. Não precisa abandonar os companheiros na procura de divertimento.

É de se supor também (e o depoimento do Sr. Jayme Cuberos confirma) que dessa dança inconsequente depois do teatro surjam os casamentos. Sempre dentro da classe operária, com um companheiro ou companheira devidamente sensíveis aos ideais libertários.

Mas não é só o baile que preocupa esses vigilantes do comportamento proletário. Também o **foot-ball**, no momento em que começam a surgir os primeiros times de várzea, é considerado um desvio de forças prejudicial;

Lastimamos profundamente o estado em que se encontra a juventude contemporânea, em relação ao seu valor físico, moral e intelectual. Afigura-se-nos oportuno algumas considerações a respeito. Presentemente, a juventude está corrompida pelos divertimentos riais prejudiciais ao organismo e á educação. Uma infinidade de rapazes atira se inconscientemente á dança e ao foot-ball, duas calamidades modernas que dizem milhares de seres humanos.

A dança. hoje em dia, bate o record da imoralidade, atinge o apogeu da loucura e do crime.

As sociedades dançantes e os **clubs de foot-ball** pululam nos bairros suburbanos, onde é grande a população proletária (.....) O **foot-ball** atrai igualmente milhares de rapazes -que se exercitam no funesto jogo com um selvagismo atroz. (....) O **foot-ball** é uma diversão violenta, além de produzir o mal físico. produz também o mal moral (. Mais úteis á humanidade e a si próprios seriam esses rapazes se em lugar de se ocuparem com semelhantes passatempos. ingressassem antes nos Sindicatos e nas Ligas Operárias a fim de poderem enfrentar o vilíssimo patronato. "A dança e o foot-ball", Sejo Costa, **A Plebe, 30.10.1917**)⁹

9. Essa discussão, que se tornará uma constante da esquerda marxista dos anos posteriores. já é levantada por Lima Barreto em 1922: Não é possível deixar de falar no tal esporte que dizem ser bretão. Todo dia e toda hora ele enche os noticiários dos jornais com notas de malefícios, e mais do que isto, de assassinatos. Não é possível que as autoridades policiais não vejam semelhante coisa O Rio de Janeiro é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que se querem intitular **sportsmen**(....)

Embora o problema seja complexo (uma vez que dificilmente o anarquismo ofereça argumentos para justificar a supressão do prazer), a preservação do caráter do trabalhador orienta as campanhas contra a dança, o **foot-ball**, o álcool e o fumo.

Até esse momento apenas o álcool é considerado uma sedução que o patronato coloca à disposição do operário com o objetivo de enfraquecê-lo para a rebelião. Outros instrumentos de prazer são combatidos como criações da própria classe, produtos da inconsciência.

O “Catecismo Anarquista” publicado em *A Vida*, 1914, é incisivo em seu **IV Ponto**:

.....mas o vício de beber tem duas causas: a deficiência da alimentação e a ganância do capitalista. O álcool dá calor. por isso o proletário o bebe, vicia-se e pelo exemplo vicia os outros. também dele necessitados. C porém uma grande vergonha humana não se puder impedir a venda do álcool como bebida.

- Por que não se pode impedir?

.....Porque os fabricantes do álcool são os capitalistas que encontram no meio do operariado um farto mercado. Se alguém propuser uma proibição dessa venda, os fabricantes do álcool se oporão, como se têm oposto, alegando os seus prejuízos. Ora os capitalistas é que fazem a lei, logo não legislarão contra eles próprios

- Só o álcool produz esses maus efeitos sobre a inteligência?

- Não. Há dois ou dois principais: o fumo e o café.

- Há causas mais gerais do desperdício da inteligência?

- A causa mais geral é o é o próprio regime de trabalho forçado, a metade dele seguramente improdutivo por ser trabalho de reclamo, de luxo, ou inteiramente superfluo: comércio, pirâmides, monumentos comemorativos, Torre Eiffel, etc.

Apenas nesses momentos, em que há grupos batalhando por um moralidade operária, nota-se com clareza a atuação de uma liderança conduzindo uma “massa” ainda despreparada. Nos grupos mais liberais e descuidados do comportamento os textos são geralmente endereçados a companheiros igualmente conscientes.

Na maior parte das vezes os jornais estampam duas éticas diferentes a respeito do comportamento proletário. A liberal repousa sobre a teoria. Outra, mais reticente e impositiva, chamando a atenção para deslizos, faz a revisão do cotidiano da classe.

Na festa, a civilidade das relações humanas e a abertura intelectual dos temas abordados nos dramas e conferências devem consolidar padrões de atitudes operárias no seio da própria classe. Antes da construção de uma nova sociedade, supõe-se que o operário já seja um homem preparado para viver nela. Por enquanto é um homem de valores e atitudes já definidas, exercendo-os numa sociedade que ainda não lhe corresponde. Daí o direito, de que alguns se sentem imbuídos, de interferir nos comportamentos presentes, como fiscais do futuro.

“Tudo tem um limite, e o **foot-ball não goza** do privilégio de coisa inteligente”. (**A Careta**, Rio’ de Janeiro, 1,0.7.1922)

A grande diferença entre Lima Barreto e os anarquistas está em que estes jamais fazem apelo à policia.

Os atores, particularmente, permanecem alheios a esse debate. O que fazem e dizem no palco seria suficiente para esvaziar e cerrar as portas a muitos teatros prouzonais das décadas de 10, 20 ou 30.

A respeito dessa dualidade da ética anarquista, Bóris Fausto extrai conclusões importantes para a compreensão dos mais destacados militantes: referindo-se ao detalhismo com que a imprensa libertária descreve a corrupção moral do clero:

O mecanismo de projeção de impulsos inconscientes se torna mais claro, quando se tem em conta em conta que o código moral libertário promove um comportamento ascético rno plano da vida afetiva, das formas de evasão do cotidiana. Sob o primeiro aspecto não se trata aspectos de condenar genericamente a riqueza, mas de regular toda conduta, como se evidencia por exemplo nas normas alimentares, com o incentivo o aálcool, condenado nos congressos operários, em folhetos em cartazes expostos nas sedes sindicais(...)

As formas de evasão do cotidiano tidas como legítimas negam um campo da vida lúdica, associando-se à noção de divertimento instrumental e moralmente sadio(.....)

Ate que ponto o código puritano foi seguido polo pequeno circulo de expoentes anaquiistas e pela camada mais ampla de seus seguidores ao simpatizantes? Em regra o dirigente libertário era um homem sóbrio, na vida material e na vida afetiva e na vida material, obediente aos preceitos da família monogâmica não obstante o discurso em favor do amor livre. Os impulsos refeedos encontravam aliás uma forma de expressão desviado ruas legítima aos olhos da doutrina, na descrição das diversões pervertidas da sociedade burguesa, dos atos conoupiscentes do clero (**Trabalho urbano e conflito social**. pp. 86/89)

Em meio a essa vigilância controvertida e talvez necessária para a definição de uma classe na sociedade, a festa permanece insensível ao debate

Cine- teatro Oberdan. Arquivo da Sociedade. (s/d)



Cine- teatro Oberdan. (Hoje, Fábrica Zelo). (1977)



Funciona sempre como um lugar em que o teatro discute as questões mais ousadas e livres, enquanto a dança e o encontro cumprem a sua função de divertir e consolidar laços humanos.

Embora o teatro funcione como força de aglutinação entre o proletariado, o centro cultural libertário é anterior à formação de um grupo teatral dedicado exclusivamente à propaganda.

Nas primeiras festas registradas a partir de 1902, há uma alternância de elencos libertários e grupos italianos de tílodramáticos desvinculados de uma tendência ideológica. A paixão pelo teatro, especialmente pelas companhias teatrais italianas que aqui excursionavam, fazia proliterar grupos de interesse puramente artístico. S considerável a diferença de atuação e repertório entre os tílodramáticos “artísticos” e os grupos de propaganda¹⁰, Evidentemente os primeiros estarão ainda longe de corresponder aos ideais ou propósitos de uma arte libertária.

Nas primeiras festas, enquanto não há grupos libertários para satisfazer uma platéia semanal, recorre-se aos filodramáticos para abrilhantar festas cujo objetivo é claramente definido como propaganda anárquica independentemente da inclinação política desses filodramáticos, há sempre um forte elo de solidariedade entre imigrantes de uma mesma nacionalidade.

O próprio nome dos grupos ‘artísticos’ atesta o seu nao-comprometimento. Eleonora Dose, Belo Sexo, Gabrielle O’Annorizio, L’Amore all’Arte, Princesa dei Doltari.

Desde o início a solução não parece agradar aos comentaristas da testa. Um espetáculo apresentado em 1902 na Liga dos Chapeleiros é duramente criticado pela sua inoportunidade ideológica. O grupo que gentilmente oferece o trabalho é o Andrea Maggi, altamente considerado pelas platéias de imigrantes. **O Amigo do Povo**, entretanto, não deixa de fazer notar que o drama “Una Notte a Firenze” estava ali um pouco deslocado “uma vez que em nada contribuiu para a instrução ou propaganda”. Realmente uma festa que inclui na programação a discussão de duas greves em curso (Fábrica Matano Serichio e uma outra em Sorocaba) requer provavelmente um drama mais apropriado.

O contorno geral da festa, portanto, define-se muito antes da existência de um teatro adequado. Até 1904 é constante a presença de grupos filodramáticos desvinculados dos libertários, mas atuando em festas totalmente organizadas para a mobilização anarquista.

Durante esse período há notícia de apenas um grupo formado por anarquistas, o Grupo Filodramático Libertário. Inclui no repertório o “Primo Maggio” de Pietro Gori, que seria até o fim o carro-chefe do teatro libertário.

Aos filodramáticos interessa especialmente uma revivescência da cultura italiana, tangendo a cópia dos grandes acontecimentos do teatro italiano da época. É comum o melodrama nas variáveis capa e espada ou trajetória sentimental do herói burguês, muito embora, dentro do gênero, fossem escolhidos por alguns aqueles dramas onde fossem perceptíveis a contestação, a injustiça (é o caso do repertório do

Cine- Teatro Oberdan. Detalhe da entrada lateral. Florão com a imagem de Guglielmo Oberdan. (1977)





Cine- Teatro Oberdan. Detalhe da Arquitetura (1977)

Teatro Popolare, localizado na Sua do Gasômetro, dirigido por Enrico Cuneo, cujo repertório era “Galileo Galilei”, “A Inquisição na Espanha”, “Os Miseráveis”). Há também pequenas comédias dialetais e gestas nacionalistas como “A Morte de Cesare Locateili”. Es evidente, no entanto que, a longo prazo mesmo oferecidos gentilmente, esses trabalhos acabam entrando em choque com os organizadores libertários da festa. A franqueza é exemplar:

Como anunciamos, realizou-se na noite de 2 do corrente uma lesta organizada pela União dos Trabalhadores Gráficos. testa cuja programação constava dum drama, uma pequena comédia, uma conferência, com trechos de música e o inevitável baile. Se quiséssemos, como qtualquer reórter de jornal burguês, fazer a crônica da festa avaliando-a pela execução do programa e pela concorrência, com um “bravo”! e um parabéns ans organizadores teríamos dito tudo.

Mas isso importa-nos pouquíssimo. Tratando-se de uma sociedade operária de resistência aprez-nos examinar se os seus atos correspondam ao fim para que foi criada, e contribuir com o nosso grão de areia para que a energia dos operários conscientes iião se desperdice em trabathcs e iniciativas qu estão bane da faqortuer o desenvolvimento da consciência proletária (. . .) O drama “Amor e Desventura” (que título!) arcaico dramalhão de capa e espada, com duelos e grandes frases grotescamente heróicas, borracheira idiota, capaz de fazer evacuar uma sala cheia de gente de boi-i gosto mais depressa do que uma carga de cavalaria com o “salve-se quem puder” dos momentos de pânico, pode servir para muita coisa, inclusive para comover as pedras, mas para educar os assistentes, nem por sombras! (. . .> As sociedades de

resistência corresponderão aos seus fins quando destes forem conscientes os associados e o mostrarem nos seus atos: conferências, escolas, testas, lutas. E não é imitando pessimamente os burgueses nas exterioridades que se ganha a força que lhes dá o dinheiro e que os operários obtêm com a consciência que fortifica uniões.

Não nos levem a mal os sócios da União estas observações e não desistam de aumentar sua força enveredando pelo caminho seguido pelo proletariado. O mesmo dizemos ao grupo filodramático Ermete Novelli, se, como mostrou, pretende colaborar no esforço do proletariado, escolha obras modernas, emancipadoras, com cujas responsabilidades amadores inteligentes e de boa vontade possam honestamente arcar. E não nos ponha o cabelo em pé com a fereza das suas estocadas e a fúria descabelada dos seus brados ... ("Crônica Paulista", **O Amigo do Povo**, 9.7.1904)

O problema a ser solucionado não está propriamente na seleção do repertório, mas na formação de grupos integrados com o movimento libertário. Em todo o teatro anarquista a qualidade do espetáculo será bem menos importante do que a sua finalidade aos ideais proletários, expressos nos termos apontados por Luigi Molinari (também ele um operário voltado para o teatro) no prefácio para o segundo volume da coletânea **Teatro popolare**.

.....a pátria, velha superstição que serve tão bem para manter os exércitos sanguinários e as polpudas negociatas; a religião, secular mentira que faz do homem um instrumento servil dos padres e dos ricos; a propriedade, **institticân baseada na vhalência, na astúcia e que se faz passar por originariamente divina e eterna, enquanto nao passa de mero fruto do roubo; a justiça. que administrada pelos homens não passa de um ímpio e confuso msrcado exercido diariamente; todas estas instituições e superstições devem ser minadas pela propaganda dos libertár:os e o teatro se presta admiravelmente a isto tudo.** Ao apresentar pois ao público italiano este segundo volume do nosso **Teatro popular**, recomendamos vivamente aos leitores conscientes e que ainda sentem o vinculo da solidariedade humana que lhes prende ao povo oprimido, recomendamos que sugiram aos conhecidas e homens de boa vontade a leitura ou a representação destas obras dramáticas. Continuaremos dessa forma a obra revolucionária que é o objetivo primeiro de toda nossa ação; arrancar o homem do embrutecimento servil, no qual vem se debatendo.

E os grupos começam a aparecer, a partir de 1904, revelando nos nomes escolhidos a filiação ao movimento anarquista. Não há entre eles diferenças consideráveis de treinamento ou repertório. Há uma necessidade de vários grupos para atender à constância da festa e à quantidade sempre grande de espectadores.

É sensível a necessidade de caracterizar-se através do nome, distinguindo-se os anarquistas dos grupos diletantes. **Aos poucos a denominação "filodramático" desaparece dos grupos, restando apenas o título que identifica a filiação ideológica: Os Libertários, Pensamento e Ação, Germinal, etc.**

O primeiro regulamento noticiado é de 1906, e refere-se a um grupo do Rio de Janeiro.

Realizou-se no dia 16 do corrente, na sede do Sindicato dos Tipógrafos, a Assembléia Geral deste grupo. sendo discutidas e aprovadas as suas bases fundamentais, que são as seguintes;

1.º - O GDTS será composto de operários e operárias que pertençam às suas associações de classe e estejam quites com as mesmas;

2.º- ficarão isentos da exigência da cláusula anterior os mestres e contramestres que por lei dos sindicatos de suas classes a eles não possam pertencer;

3.º- os seus fins são; promover, logo que se tenha capital bastante, a criação da Casa do Povo e propagar por meio de espetáculos as modernas doutrinas sociais;

4.º- este grupo será administrado por um secretário que terá a seu cargo a direção de todo o expediente e por um tesoureiro que terá em boa ordem a parte financeira;

5.º- haverá um diretor de cena , que igualmente com o secretário e o tesoureiro será aclamado em assembléia geral e a quem compete a distribuição das partes e escolha das obras que deverão representar- se;

6.º- serão consideradas desligados do grupo os companheiros que, sem causa justificada , se recusarem ao desempenho dos papéis que foram distribuídos ou comissões de que forem encarregados para o bom andamento do espetáculo;

7.º- os espetáculos em benefício de operários serão concedidos mediante solicitação das comissões administrativas dos sindicatos a que pertencerem , só sendo atendidos os sindicatos que tenham prestado o seu apoio ao Grupo Dramático Teatro Social.

Depois de aprovado o estatuto acima, foi aclamado o seguinte diretório: Secretário: M.C. Nogueira ; tesoureiro: Antônio S. Monteiro e diretor de cena : M. Ferrer(Novo Rumo, nº 14, 19.9.1906)

Para os anarquistas a definição de modos de agrupamento dos setores específicos da mobilização operária é sempre uma tarefa complicada. Os regulamentos aparecem lentamente, cuidando para não confundir organização com autoritarismo. Isto vale tanto para o teatro quanto para as sociedades de resistência, definidas sobre princípios genéricos de luta de classe.

A julgar por esse regulamento, entretanto a disciplina em teatro é um assunto sério. Percebe-se a intenção de expurgar todo diletantismo possível da atividade artística. A ninguém é permitido fazer teatro apenas por fazer, e muito menos para realização pessoal. O estatuto incide claramente sobre a vaidade do ator quanto disserta sobre a escolha das "partes

Outro ponto curioso é o processo decisório no que diz respeito à escolha do texto. Ao fim e ao cabo compete ao diretor, aclamado em assembléia geral, a tradicional tarefa de determinar o espetáculo. O método é calcado na divisão de trabalho do teatro profissional, beirando à consolidação de hierarquias.

Essa divisão de trabalho não chega ao ponto de permitir a formação de líderes de grupo. como acontece nos grupos filodramáticos diletantes. Não se nota na evolução do teatro libertário a individualidade do ator. Mesmo os mais atuantes. que a ficha técnica dos espetáculos indica como constantes protagonistas, não são comentados especialmente pela imprensa. Além disso podem aparecer fazendo um papel secundário em espetáculos alternados.

Sobriamente os críticos colaboram para consolidar essa visão do espetáculo como um trabalho de grupo. Quando incluem uma apreciação estética os comentários das festas referem-se globalmente ao desempenho do grupo. E notável, nesse comentário de desempenho, a com-

preensão da atividade artística como **trabalho**. Enquanto todo profissionalismo se baseia nos conceitos de talento ou aptidão, os críticos libertários apreciam o esforço humano empenhado na arte. Se todos os homens são artistas, o melhor resultado é muito simplesmente resultado de mais trabalho.

É compreensível que os participantes desse teatro social não se interessem pelo teatro burguês. Nem como espectadores, nem como aspirantes a ator.

Há no profissionalismo das primeiras décadas do século uma timidez muito maior em relação às idéias veiculadas pelo teatro. Além disso a organização do trabalho é relativamente primitiva, uma vez que o ator participa apenas como instrumento necessário à confecção da obra. Qualquer especulação sobre a função da arte ou sobre a responsabilidade do ator é completamente inviável nesse período de "boulevardismo".

Em nada e por nada esse teatro corresponde às necessidades sociais ou à experiência cultural dos setores mais conscientes do proletariado.

Que interesse poderiam ter as adaptações de Arthur Azevedo, as revistas **genuinamente** paulistas de Danton Vampré, ou mesmo um regionalismo água-com-açúcar louvando encantos de caipirinhas? Assim que aparecem os grupos amadores libertários, o teatro profissional deixa de interessar definitivamente como lazer ou material para discussão.

Desaparece da imprensa a referência ao mundo cultural do país fora dos círculos operários, principalmente no que diz respeito à arte.

E, a partir de 1915-1916, as críticas feitas à cultura burguesa, como parâmetro medindo a evolução da cultura proletária mostram um desconhecimento cada vez maior do objeto criticado.

A impermeabilidade é mútua. Sem tomar conhecimento do teatro profissional, os grupos operários não se interessam pela captação de outro tipo de público. (Ao que se sabe o único profissional de teatro que chegou a freqüentar o teatro operário foi Oduvaldo Vianna, em períodos mais recentes. Assim mesmo, o texto representado no dia era uma obra de Afonso Schmidt.) E, natural portanto, que o teatro profissional em nada se tenha beneficiado desse tipo de amadorismo (mesmo no Rio de Janeiro, os únicos nomes que mais tarde se tornarão conhecidos do público foram os de Augusto Aníbal e Davina Fraga).

Além do desprezo programático pela cultura burguesa, o isolamento tem também uma causalidade imediata nas condições de vida do proletariado.

Como um trabalho de propaganda, exige-se do participante, mais do que gosto ou inspiração, uma total dedicação.

Em geral a boa qualidade é resultado da repetição e dos múltiplos ensaios. Os espetáculos mal sucedidos são comentados como um produto da falta de ensaio, do não comparecimento, etc.

Assim, os participantes dos grupos dedicam todo o tempo livre à realização dos próprios espetáculos. Não dispõem sequer de tempo material para acompanhar o movimento cultural da cidade. Isso sem mencionar o fator econômico, traduzido no preço de ingressos.

Dada a regularidade das apresentações, é possível supor que os grupos estejam ensaiando permanentemente. Ou seja, todos os grupos têm um repertório fixo, mas há ainda o problema de cuidar da “produção” de cada espetáculo, uma vez que a mudança de palco é quase semanal¹¹



Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. Palco. Urdimento (1977)



Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan. (1977)

Se considerarmos a arbitrariedade da jornada de trabalho até 1930, pode-se calcular o custo desse teatro em termos de esforço pessoal do trabalhador. Um depoimento da fase pós-45, quando as condições de trabalho já se haviam alterado, serve para dar uma idéia de como funcionava o ensaio nas primeiras décadas do século:

CECILIO Dias Começávamos os ensaios no Centro de Cultura. Depois íamos nos espalhando nos bairros. Na casa de quem participava. Por exemplo, aqui em casa. Aqui era um barracão. Aqui (onde estamos sentados) é que fazíamos os ensaios. Íamos nas casas dos participantes. Íamos na Mooca, Brooklin Paulista, na casa do Gumerçindo. E fazíamos três meses de ensaio. Três meses para dar um espetáculo. (...) Pois é, o espetáculo servia de propaganda para os nossos ideais. Por isso é que a gente, às vezes sem dinheiro, ficava sem jantar. Eu me lembro que eu trabalhava na cidade, o ensaio era no Brás e eu não podia vir em casa jantar. Ou ela, (minha companheira) me levava um sanduíche no próprio ensaio ou eu comia uma salsicha, ou às vezes não comia nada. O aspecto mais brilhante dos espetáculos eram os **ENSAIOS**.

11. Dois salões destacam-se no noticiário teatral: o pertencente à Sociedade de Beneficência Guglielmo Oberdan (1889), na Rua Brig. Machado n. 5, com teatro e salão de baile separados e o das Classes Laboriosas (1891), na Rua do Carmo n. 25, de tão grata memória aos operários. Neste último, ainda hoje se pode ver em seu salão de honra o estandarte “bordado a ouro tino e seda sobre damasco grená de primeira qualidade” e onde estão simbolizadas “como derivados da Ciência e do Trabalho, a Agricultura, a Indústria, o Comércio, a Música, a Pintura, a Escultura, a Eletricidade, a Química, a locomoção terrestre e marítima, enfim, tudo que de útil e belo preocupa a atividade humana”. Esse estandarte representava a Associação, movendo-se à parte de qualquer comprometimento político, mas em cujo salão os libertários inúmeras vezes.

GERMINAL LEUENROTH. Esse pessoal trabalhava. Combinava-se, aliás eles combinavam o horário do último que poderia chegar numa determinada hora e aí então marcavam o horário para começar os ensaios. Em lugares distantes da residência deles.. Fazendo isso durante todo o tempo, para uma só vez de representação. CECILIO DIAS. Agora. ..

Nós não ensaiávamos todos os dias.. . Ensiávamos duas vezes por semana.

MARIA VALVERDE. No final até três dias.

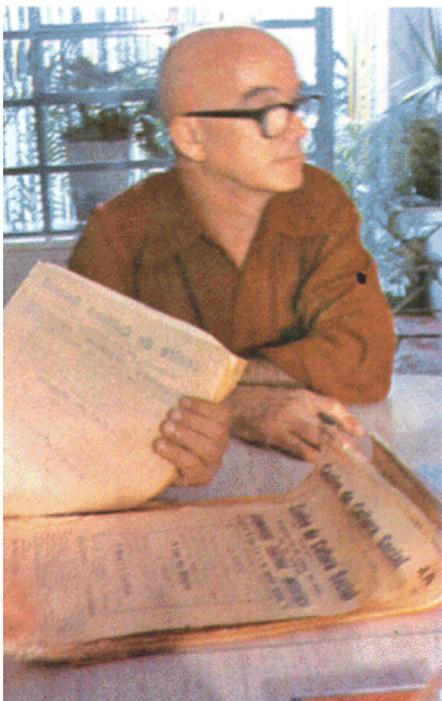


Espectáculo do Grupo Teatral do Centro de Cultura Social. Arquivo Maria Valverde. (s/d)

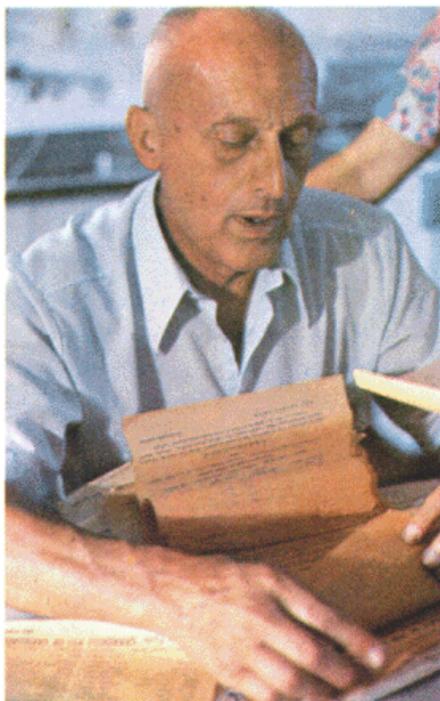
Naturalmente o depoimento se refere aos anos em que o transporte na cidade é relativamente mais fácil e a jornada de trabalho já se havia fixado nas oito horas. O modo de agrupamento e a motivação do repertório são os mesmos do teatro dos primeiros grupos libertários. Entretanto as dificuldades já não são tão imensas como nos anos anteriores a 1930, principalmente em termos de horas disponíveis para o trabalho teatral.

Durante os anos de vigência, o processo de arreqimentação e atuação dos grupos não sofre alterações sensíveis. Nem mesmo os regulamentos disponíveis (1906 e 1917) registram grandes mudanças com o passar dos anos.

Basicamente é o grupo familiar que sustenta os núcleos mais permanentes de um elenco. Ainda em 1945, no Centro de Cultura Social as famílias Valverde Dias e Cuberos constituem elementos fundamentais das atividades teatrais do Centro.



Jaime Cuberos

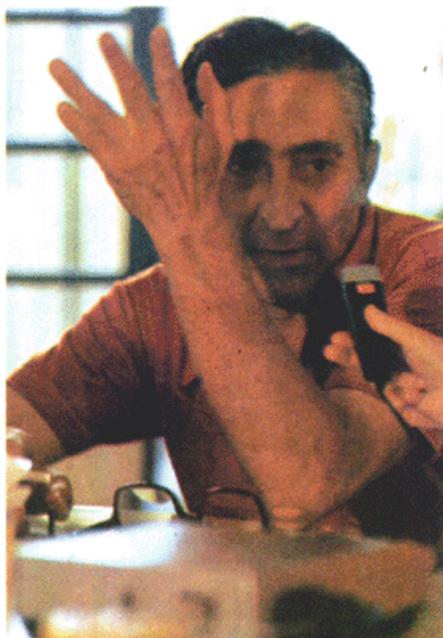


Germinal Leuenroth

Maria Valverde



Cecilio Dias



Também os meios de aquisição de um repertório continuam sintonizados com a Europa.

Novos autores inspiram-se em antigos textos libertários. O espetáculo permanece imune a modificações, sempre apto para lidar com os mesmos temas anarquistas.

Conseqüentemente não há necessidade de se alterar o processo de arregimentação, apoiado sempre no compromisso ideológico anterior ao teatro.

Para os militantes libertários, que se encarregam da doutrinação, a literatura de propaganda vem sempre acompanhada de obras de ficção.

Dentro das teses libertárias, a pregação ideológica é indissolúvelmente ligada a um conceito muito amplo de formação cultural.

O anarquista deve ser um homem treinado para usufruir e produzir obras que, além de úteis, tenham um sentido estético próprio. Além de conscientizar, a arte é uma experiência que realiza uma potencialidade humana.

Todos os centros culturais se esforçam, portanto, para oferecer não só uma literatura teórica e informativa, como também obras de ficção que possam atuar na formação cultural do proletariado muito a longo prazo.

Em cada remessa de textos que os centros culturais brasileiros recebem do exterior, há, pelo menos, uma proporção de um terço de textos de ficção. Algumas dessas obras são divulgadas pela imprensa operária como folhetins. Outras são reproduzidas em papel de jornal e vendidas a preço de custo, com as mesmas facilidades da propaganda teórica.

Nem todos os autores divulgados são adeptos de princípios anarquistas. É suficiente que essas obras tenham como ponto de vista básico uma crítica da sociedade capitalista. Interessa tanto a crítica aos costumes burgueses quanto a descrição das condições de vida do trabalhador.

Dentro desse espectro bastante amplo os grandes prediletos são Zola e o Tolstói doutrinário.

Essas preferências editoriais, como as demais questões de veiculação de idéias, obedecem aos métodos e às tendências predominantes na Europa. Zola é divulgado aqui no momento em que é o modelo cultural do proletariado europeu. Quando Górkí integra a constelação, passa a ser divulgado pelos libertários brasileiros ao mesmo tempo que os europeus começam a identificá-lo. A simultaneidade é progressivamente maior. Da Europa vem não só os textos como, até certo ponto, a maneira de abordá-los. Os jornais operários publicam, junto com a notícia da obra, comentários de críticos europeus auxiliando a interpretação.

Em escala muito menor as peças de teatro aparecem nessas listas de remessa. A proporção, entre os textos de ficção, é de aproximadamente uma peça de teatro para vinte obras.

Mesmo durante o período de ascensão do movimento libertário essa escassez relativa permanece. Decide sobre o caráter da festa operária

que dispõe de um reduzido repertório no decorrer de quatro décadas. Os poucos textos, originalmente italianos, franceses ou espanhóis, chegam quase sempre via Itália, já encenados e aprovados por grupos italianos.

Não é fácil explicar o desinteresse pela importação de textos para uma atividade tão intensa como a que existe aqui. Ao que parece os militantes mais ativos estão satisfeitos com a repetição incontável de um mesmo texto em diferentes encenações. Pelo menos fazem um esforço muito maior para ditar e importar romances e trabalhos doutrinários.

Outro ponto interessante é a esfera própria do drama libertário, muito mais rígida do que a ficção ou teoria divulgadas. Através do conhecimento de alguns textos é evidente a semelhança entre eles tanto ao nível formal quanto no aspecto pedagógico.

Embora os libertários se interessem muito por teorias do comportamento, recusam a encenação de obras de um realismo mais estrito, preocupadas inclusive com a dimensão psicológica acarretada pelo social. O tema pode ser interessante, mas a complexidade da linguagem ou o trabalho exigido para a encenação dessas obras prescrevem-nas dos palcos operários de São Paulo.

Entre as obras que aqui chegam há “Os Pequenos Burgueses”, de Górkí, “Os Tecelões”, de Hauptmann, “Os Espectros”, de Ibsen. Dentre essas só “Os Espectros” chegou ao palco e, assim mesmo, uma única vez. Ou o público não gostou muito, ou os atores encontraram muita dificuldade em interpretá-la. De qualquer forma a encenação única permite compreender que os militantes estão em contacto com obras mais avançadas do teatro burguês. Se não as encenam é porque não as consideram adequadas para os recursos locais, tanto de elenco quanto de público.

Os trabalhos bem-sucedidos junto ao proletariado paulista são mais simples e mais próximos da identificação imediata entre personagem e espectador. Não é difícil encontrar entre eles um vínculo que indica o número reduzido de tendências estéticas.

Entre as peças que nos foi possível encontrar, “Il Primo Maggio” é um exemplo significativo de uma tendência da dramaturgia libertária, ainda muito próxima da prosa poética.

Especialmente ilustrativo, o poema dramático de Gori despe as personagens de marcas individualizantes. Representam forças sociais que lutam pela sociedade anarquista ou a ela se opõem. Cada personagem pronuncia o discurso que revela a sua posição no meio, assim como a postura ideológica que assumiu. Não há propriamente um diálogo. As oposições ocorrem, assim como os conflitos mais sérios, ao nível do conteúdo do discurso de diferentes personagens. Na verdade não há um choque direto entre duas falas. Há exposições de conceitos opostos.

Há o proprietário de terras, o velho camponês solidário com a sociedade capitalista e as personagens em vias de iniciar uma transformação

social como o estrangeiro, o marinheiro, o operário e a jovem camponesa. O anarquismo penetra através de uma personagem denominada significativamente de “O estrangeiro”. A idéia do internacionalismo do país libertário transparece na universalidade das personagens.

Sem se deter na análise lógica das transformações sociais, esse tipo de drama procura envolver o espectador através da colocação poética e atraente do mundo anárquico.

Essencialmente é a sensação e a premonição de beleza permanente que desperta o interesse e a adesão da jovem camponesa e do marinheiro. Caminham em direção ao “país’ onde o sol se levanta”.

Lo straniero

É lá, verso ia parte donde si leva ii sole...

ii paese felice. La terra é di tutti... como

l’aria, ia luce. Gil uomini vi sono frateili..

li lavoro é biasone di nobiltá per que!

popolo. . . Unica legge ia libertá... unico vincolo l’amore.

Per tutti ii benessere.. .

per tutti la Scienza.

La donna non achiava, ma compagna, consolatrice deii’uomo. La miseria ignota...

L’uguaiianza garantíta dall’armonja dei diritti. . Non parassiti, non armati, non

guerra... Le madri beate!... E vecchi, maestri deii’infanzia. . . I fanciulli educati ai

lavoro, all’amore dei propri simili... La giovinezza benedetta, como la pacifica

avanguardia dell’ avvenire. . . Camminiamo.. . camminiamo!

É lá, ii paese felice... iaggiu verso ia parte donde si leva il sole.

Considerados parte de uma programação doutrinária, os textos poéticos como esse ou como **L’ideale** são de extensão reduzida, próprios para encaixar-se nos interstícios da testa libertária, entre cantos, loterias e declamações.

Entre os disponíveis, “Il Primo Maggio” é seguramente o que denota um melhor acabamento literário, empenhado em seduzir por meio de uma qualidade artística. No mais, quanto aos assuntos mencionados ou às idéias, em nada difere dos postulados gerais da teoria anárquica. Naturalmente esse tipo de trabalho, pelo próprio conteúdo idílico, aproxima-se mais do **humanismo de Kropotkine**.

Nesse trabalho o “velho mundo” dos senhores da terra e da burguesia industrial não precisa ser combatido frontalmente. Basta um movimento no sentido de inaugurar uma nova sociedade. Há no velho mundo uma podridão natural que torna próxima a sua extinção. Seus representantes (o senhor da terra e o velho camponês) estão decrépitos demais para opor-se à nova ordem ou ameaçar a sua vigência. São marginalizados naturalmente, quase sem dor.

As personagens alegóricas que representam a idéia libertária são geralmente poderosas em estatura e força magnética, ao contrário do aspecto doentio e fisicamente amesquinhado da burguesia. A imagem é a mesma das representações gráficas da luta do proletariado divulgadas pela imprensa anarquista. Nessas, os trabalhadores são representados numa escala quatro ou cinco vezes maior do que a dos seus opositores (estado, clero, Patronato, etc.). rodeando o gigantismo sau-

dável dessa figura alegórica, tanto no grafismo como na literatura, há uma aurora luminosa. São nomes e imagens de esperança, eixo fundamental dos hinos e poemas dramáticos.

Assim a arte que se refere a esse devenir próximo é essencialmente otimista. Representa o mundo como deveria ser, acreditando firmemente na sua inevitável proximidade. Permite-se, portanto, o devaneio e a beleza.

Mas a tendência numericamente mais significativa dos textos encenados em São Paulo representa a demolição atual do “edifício” social. Interessa-se antes de mais nada pela crítica ao princípio filosófico do capitalismo.

Toda a progressão dramática dessas peças baseia-se no combate entre duas forças sociais antagônicas. A pregação ideológica é introduzida como artifício, mas raramente motiva o ato.

É visível nesses trabalhos o parentesco com o melodrama. Pouco se preocupam os autores com o desenvolvimento coerente da trama, com a verossimilhança ou mesmo com a originalidade. Todos os velhos golpes do teatro romântico e do folhetim entram em cena despudoradamente. Cartas reveladoras, conversações ouvidas casualmente, conspirações de personagens com dupla identidade moral. A personagem é detalhada para explicar resumidamente as características fundamentais de uma determinada classe ou setor social. Nos textos típicos, o operário e o patrão são sempre condutores de dois grupos sociais antagônicos.

Conscientizados ou não, os operários desses textos estão sempre num estado-limite prestes a explodirem para investir contra o patronato. Assemelha-se funcionalmente ao herói romântico na desproporção do combate.

Por outro lado, o patrão não se contenta em extrair a última gota de sangue dos seus assalariados. Inventa estratégias, como um autêntico vilão, para piorar um pouco mais a situação deste ou daquele trabalhador. Há uma intencionalidade que supera a impessoalidade de um sistema econômico injusto.

Quanto ao desenvolvimento dramático, apóia-se no esquema do patrão. O final mostra a derrota física da classe operária, anunciando-se a vitória moral e uma breve derrota do capitalismo.



Nessas histórias a exploração é apenas nominalmente o resultado de uma ordem social. Na realidade o texto focaliza o empenho consciente de uma classe (o patronato) na destruição de outra. Dessa forma a análise dos problemas sociais é sempre filtrada pela óptica maniqueísta da vítima e do opressor. São raros os trechos em que o texto explica com didatismo maior as bases econômicas da exploração. O capitalismo aparece como um ato de vontade.

Como objetivo imediato os dramas pretendem algo mais do que aliciamento ideológico. Influem sobre o estado anímico da platéia e incitam a tomar partido contra ou a favor de determinada situação. Se possível devem funcionar como um estímulo para uma ação próxima.

Extraindo sua força da dicotomia sempre equilibrada entre dominador e dominado, não há muita **chance** para a particularidade estética entre os diferentes dramas. Nesse sentido cumprem a mesma função ritualística dos textos poéticos, que evocam a perfeição do futuro. Dizem sempre a mesma coisa, reforçando um conhecimento prévio e uma necessidade de estimular a resistência. A idéia do estímulo fica mais clara se observarmos que esses dramas quase nunca levam ao apaziguamento. Esse é o traço distintivo mais nítido entre o melodrama e o drama libertário.

Quando o pano desce, as catástrofes que se abateram sobre o operário não constituem um ponto final. São claramente indicadas como episódios de uma cadeia muito tensa, prestes a romper-se pelo esforço do proletariado. É verdade que o operário protagonista é invariavelmente aniquilado pela exploração. Mas a sua condenação social é rodeada por ameaçadoras advertências aos responsáveis pelo poder.

Vale citar aqui como exemplo um drama dos mais representad~s nos centros paulistas. "Responsabilitá" de Jean Grave: um operário não consegue empregar-se por ser conhecido entre o patronato por suas idéias anarquistas, embora seja um bom trabalhador. Além disso é acusado de um atentado que evidentemente não cometeu. Enquanto cumpre pena a mulher suicida-se e mata os dois filhos. Não suporta mais a fome.

As perseguições atingem aqui criaturas inocentes que em nada ameaçam a ordem social. O operário não concorda. e é tudo.

O drama se encerra no julgamento do operário por tentativa de assassinato. Apunhalou e feriu sem gravidade o juiz que o condenou por um crime que não havia cometido. É no julgamento a grande **chance** para a projeção futura, situando o protagonista como i;ma das últimas vítimas da ordem social vigente. A partir desse momento, anuncia o drama, tudo está em transformação. Na última cena o operário Renaud é condenado à guilhotina por uma tentativa de assassinato. O pano desce sobre uma pena incrivelmente desproporcional, última e máxima injustiça.

Há ainda uma outra tendência da dramaturgia libertária, mais ligada ao eleito didático do teatro. São pequenos diálogos em que a argumenta-

ção é mais importante do que a qualidade cônica. Pouca coisa acontece nesse diálogo, essencialmente uma troca de idéias.

Essas pequenas peças têm, em geral, duas personagens atuantes que resumem duas filosofias divergentes. Podem ter uma duração máxima de meia hora, dependendo do ritmo dos atores,

A imprensa menciona com Irequência esses pequenos atos dramáticos, mas poucos foram localizados durante este trabalho. “O Mestre”, “Os Dois Ladrões” e “Uma Comédia Social” constituem, entretanto três bons exemplos desse tipo de texto.

Enquanto os dramas de crítica social se debruçam sobre uma série de problemas, as pequenas peças didáticas argumentam em torno de um único tema do repertório libertário.

Em “O Mestre”, uma sala de aula de uma pequena aldeia é invadida por um fiscal do governo. O objetivo é expulsar o velho mestre acusado de transmitir estranhas lições. O representante do governo inquire os alunos sobre as relações entre a França e outros países. As respostas são modelos da teoria anárquica do internacionalismo. Instrui-se o espectador através dos argumentos dos alunos.

INSPETOR: Mas continuemos examinando os alunos. Quais são na Europa, as nações amigas da França?

JORGE (imediatamente): A Bélgica, a Espanha, a Suíça, a Inglaterra, a Alemanha, a Aus...

I

INSPETOR: Devagar, devagar. . . Está me parecendo, meu filho, que você vai enumerar todas as potências!

JORGE: Sim, senhor!

INSPETOR: No entanto, entre as que você enumerou algumas se odeiam e nós devemos nos preparar para combatê-las.

JORGE: Por quê?

Não há propriamente um conflito importante a ser resolvido no final. Apenas o representante sai indignado enquanto o professor retoma o cargo com a aprovação da comunidade.

“Os Dois Ladrões” desenvolve o argumento do antimilitarismo, ao mesmo tempo que estabelece uma **igualdade** imposta pelas ações criminosas. Alexandre Magno recebe em sua tenda um ladrão perigosíssimo, acusado de chetiar um bando de facínoras. O macedônio quer conhecer o homem antes de condená-lo à morte.

Na tenda, o ladrão comprova a identidade entre suas ações e as de Alexandre.

LADRÃO: Alexandre, sou vosso prisioneiro. Tenho pois que ouvir o que vos apraz dizer-me e sofrer o castigo que vos aprouver infligir-me. Mas o meu espírito é livre; e se quiser responder às vossas censuras responderei como homem livre.

ALEXANDRE: Fala livremente.

LADRÃO: Quere responder a vossa pergunta com outra pergunta. Gomo é que tendes passado a vida?

ALEXANDRE: Como um herói. Pergunta a Fama, e ela t'ó dirá. Tenho sido o mais bravo entre os bravos, o mais nobre dos soberanos e o mais poderoso dos conquistadores.

LADRÃO: Não vos falou a Fama também de mim? Houve jamais um capitão tão ousado à frente de mais valente tropa? . . . Mas não gostou de me gabar. Demais, vós sabeis que não foi fácil prender-me.

ALEXANDRE: Mas afinal quem és tu senão um ladrão, um ladrão desprezível e sem probidade?

LADRÃO: E que é então um conquistador? Não tendes vós percorrido a terra como um gênio mau, destruidor dos belos frutos do trabalho e da paz. . . saqueando, assolando e matando, se:fl lei, nem justiça, só para satisfazer uma sede insaciável de domínio? Tudo o que fiz numa só comarca com uma centena de homens, vós o tendes feito com centenas de milhares de regiões inteiras. Se espoliei simples particulares vós arruinastes reis e príncipes; se queimei algtimas aldeias, vós levastes a desgraça ao seio dos mais florescentes remos e às mais ricas cidades. Onde está, pois, a diferença? Nisto: o nascimento vos fez rei, e a mim um simples particular; deu-vos o poder; e se diferimos um do outro é só porque sois um ladrão mais poderoso do que eu.

O próprio Alexandre acaba concordando com o seu prisioneiro. Nesse caso também não há alteração da situação particular das personagens. Alexandre solta o prisioneiro rapidamente e a cena está encerrada.

“Uma Comédia Social” é uma peça pequena, de duas ou três páginas. Passa se numa rua de Londres. Um desempregado é obrigado a pedir esmolas e interpela um austero burguês, que o insulta com palavras duras. Um anarquista intervém, chamando-o parasita (não sem antes lamentar a impropriedade do gesto humilhante do mendigo). O **senhor** ao ser insultado chama imediatamente a polícia.

ANARQUISTA: Sim, esta é justamente uma constante da burguesia: a policia, o Exército, a magistratura **NÃO** foram criados a fim de que os direitos sejam respeitados. mas para defender esta canalha. vou indicar um bom remédio (ao policial). Não temos nada com você, não te conhecemos e se insistir em nos prender aqui na rua, sem nenhum motivo, então seremos dois contra um. Vamos te dar uma surra e duvido muito que este senhor aqui vá te socorrer.

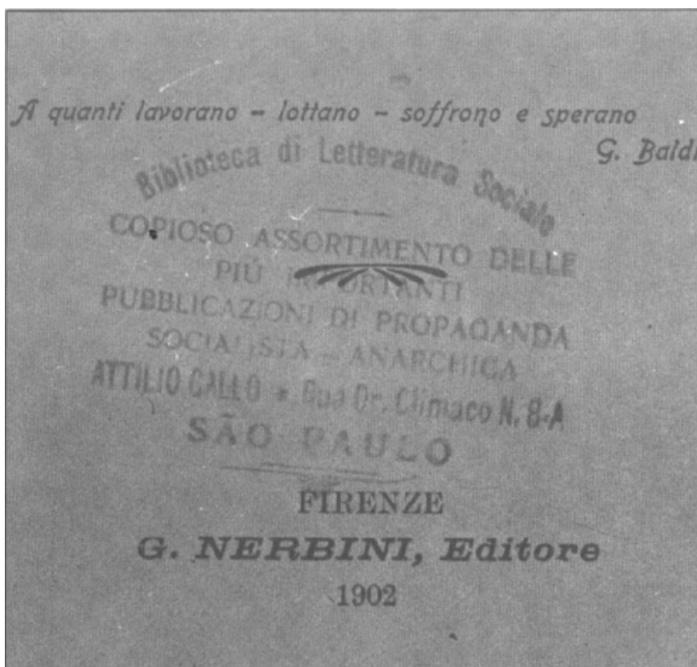
POLICIAL (retirando-se): Acho que ele tem razão.

ANARQUISTA: Veja você, meu amigo, te resta apenas um meio para não ser explorado, nem oprimido: demonstrar coragem. Se os trabalhadores que são tão numerosos se opuserem com todas as suas forças aos patrões e governos como eu agora fiz com esse policia, estaríamos bem próximos dos homens verdadeiramente livres.

Na testa operária o texto didático tem a mesma função das canções ou declamações: é programado para antes ou depois de uma conferência. Está sempre a uma distância razoável do grande acontecimento artístico da noite que é o drama extenso

Cenicamente esses trabalhos nada exigem do ator, ou do espetáculo. Podem ser pronunciados na boca de cena enquanto os outros atores se preparam para o grande drama da noite.

A sua clareza e eficiência faz refletir sobre a evolução do movimento, em termos de pedagogia. O teatro é um dos múltiplos recursos que os anarquistas estudam para aperfeiçoar os instrumentos de ensino. A arte e o aprendizado formam um único bloco de conhecimento.



“ Miséria” Texto teatral de G. Baldi. Dedicatória

Evidentemente o didatismo não está ausente dos grandes dramas melo dramáticos. É freqüente a interrupção de uma ação, ou a intersecção de uma cena em que se introduzem longas explanações dos ideais libertários. Os pequenos diálogos dramáticos são, ou poderiam ser, fatias do drama extenso. Nos dois casos a argumentação não difere muito. Há apenas ligeiras mudanças de fatores externos, como profissão da personagem, por exemplo, ou lugar de ação.

Nos dramas mais extensos é freqüente a figura do **raisonfleur**, como porta voz e intérprete dos temas de ordem. Funciona da mesma forma que no drama burguês, relativamente isento de compromissos com a ação do drama. Em “Responsabilitá” (o drama é francês, mas aqui foi sempre representado em italiano) essa personagem é um jornalista que acompanha todas as etapas da peça, desde o desespero inicial da personagem procurando emprego até o julgamento.

Se considerarmos a limitada utilização de estruturas dramáticas (apenas três modos predominantes e facilmente identificáveis) pelo teatro libertário, só podemos concluir pela prioridade das idéias sobre a construção de um novo texto dramático. Não falta ousadia aos libertários para provocar rompimentos em qualquer nível. Os assuntos que os interessam são, principalmente nos países americanos, muito avançados em

relação ao pensamento dominante. A relativa estagnação dos meios expressivos corresponde a um estágio de mobilização em que a luta política é ainda (queiram ou não os militantes) mais importante do que a criação de novos padrões culturais.

A predominância da imigração nas atividades operárias não facilitou o aparecimento de uma dramaturgia brasileira. Por outro lado, o rumo atemporal que o movimento libertário assumiu no Brasil é um desestímulo à criação de novos textos. Os antigos, importados da Itália ou da Espanha, servem muito bem para expressar a sociedade brasileira tal como é visualizada pelos libertários.

Também no Brasil esse operário situa-se frontalmente contra a totalidade (a sociedade capitalista) sem captar as particularidades de uma evolução histórica típica do cenário brasileiro.

Isso aparece com nitidez nas críticas feitas aos sucessivos governantes da República Velha. Os fatos peculiares a cada governo são amalçamados no corpo maior do regime, limitando a compreensão de sua importância própria.

Na crítica operária a dualidade (ou conflito) indivíduo **versus** organização social capitalista constitui o módulo que governa a discussão e resiste a diferentes processos sucessórios. É natural que os militantes não incorporem as mudanças ocorridas no seio da sua própria classe, nem mesmo o progressivo processo de adaptação dos imigrantes ao novo país.

Dessa forma a dramaturgia de origem européia é suficiente para expressar e divulgar aqui ideologia idêntica. Parece remota a necessidade de adaptar-se à história de um outro país. Junto aos padrões culturais, conservam as mesmas formas de luta dos primeiros anos do movimento.

Quando os militantes brasileiros começam a produzir alguns textos, estão procurando suprir a dificuldade de importação. Em nenhum momento se coloca a necessidade de adaptar-se a uma realidade diferente.

É possível que a existência de uma dramaturgia progressista tenha chegado ao conhecimento dos operários que organizam a festa, ou dos homens da imprensa. **A Lanterna** menciona, em 1903, a existência de uma peça de Joaquim Alvas Torres (1853-1890) denominada "O Dever".

O autor é do Rio Grande do Sul, escreveu muito para teatro, mas não há notícia de que o texto em questão tenha sido representado. Interessa à imprensa operária pelo anticlericalismo, mais do que pelas questões sociais.

Há muitos casos semelhantes, em que a imprensa operária se interessa por trabalhos que possam remotamente assemelhar-se aos temas libertários. Isso não quer dizer, entretanto, que se responsabilizem pela divulgação e distribuição desses trabalhos. Entretanto, obras de interesse social européias são divulgadas e reimpressas nas gráficas anarquistas.

No caso de “O Dever”, o articulista de A **Lanterna** chega a compará-la favoravelmente à “Electra”, de Pérez Galdós, o acontecimento teatral mais eletrizante dos meios operários, no começo do século.

Mas o entusiasmo não é suficiente. Nos anos subsequentes nem a peça, nem o nome do autor voltam a ser mencionados pela imprensa operária. Trata-se, ao que parece, de um esforço isolado, que em nada altera o panorama das encenações, dominado em primeiro plano por autores italianos, e em segundo. por espanhóis e franceses.

Um outro trabalho, de 1904, também não foi encenado e, ao que se saiba, não há registro de rendições. O autor é Nathanael Pereira, segundo o articulista de **O Livre Pensador** um “fervoroso companheiro” das batalhas anticlericais. O comentarista apesar do companheirismo, coordena asperamente o drama pelo insuficiente rigor aplicado ao clero.

Aqui não se trata ainda, especificamente de teatro libertário e nem mesmo da imprensa operária. São setores iiiais esclarecidos da pequena burguesia, identificatido livre-pensamento com anticlericalismo, que ensaiam os primeiros passos em direção a um movimento de caráter cultural. De qualquer fona são esses setores que niantém a porta aberta para um eventual contato com os círculos operários. Do anticlericalismo o anarquismo a distância não é muito grande para esses intelectuais. O rumo de A **Lanterna** e a trajetória pessoal de Edgard Leténrcrh e Benianlio Motia indicam a passagem de livre pensadores a anarquistas.

Impresso pelos Editores Pinto e Cio. em Porto Alegre aparece em 1905 o “drama social” em um ato, “Avatar”, do poeta e jornalista rio-grandense Marcelo Gama (1878-1915). Sabendo-se da predileção do público por revistas e comédias de costumes, onde o pitoresco nem sempre condão? a qualquer sentido crítico mais profundo, causa aspécie essa peça onde já se defende o amor livre, criticam-se os serviços assistenciais e o valor da dignidade humana se sobrepõe a meras questões disciplinares.

Querendo decifrar a trajetória agônica do casal, diz uma rias personagens:

TIA ROSA: É porque deste à luz numa noite aziaga.
Demais, não és casada

LUZIA: E que tem isso?
não sou mãe e de mãe não tenho coração?

TIA ROSA: É que não....sei que não és uma mulher à-toa, mas bem deves saber que Deus não abençoa um ti lbo que nasceu assim. . sem casamento.

LUZIA:Não creio. . . Pode ser maldito o nascimento deste ser que brotou do verdadeiro amor?

Deus por que não maldiz então o fruto, a flor, que dos beijos que o sol dá no seio da terra nascem, para mamar a seiva que ela encerra? Deus por que não maldiz então o passarinho que ao ar livre nasceu na quentura do ninho de um par que se casou no altar da natureza?

Deus, se está em todos nós, bem conhece a pureza deste amor que nos prende, há perto de seis anos, para a Miséria, a Dor, a Fome, os Desenganos! Somos casados, sim. . Casou-nos a Desgraça!

Logo a seguir entra Marcos, o marido e narra à esposa o desentendimento havido entre ele e o capitão:

Afinal, resolvi
talar ao capitão da quarta companhia.
Lã fui, à casa dele. Entrei, ele escrevia,
Mas em tudo o que eu faço o diabo se-atraversa! Vê o que é não ter sortes
Ao vestir-me, com a pressa
abotoei errada a blusa... assim.. assim...

Quando eu ia falar, ele olhou para mim, apontou para a blusa e disse com desprezo:
“Endireite-se, cabo, e recolha-se preso Endireitei então a hiusa e humildemente quis lhe falar de novo. Ele, mais fortemente:
“Recolha-se, já disse!” Eu preso! Vê qie horror! Dominou-me de todo a minha grande dor.
O miserável via apenas o botão:
não me podia ver cá dentro o coração.

.....

Estava sobre a mesa um pequeno punhal

.....

Matei. porque me impôs a isso o coração.
Pois se matar foi sempre a minha profissão!
Quantas vidas roubei, desde que sou soldado?
Inúmeras, sem conta, e era recompensado!
Pelas mortes que fiz no furor das batalhas,
enchiam-me de orgulho e davam-me medalhas!

.....

Pela primeira vez mato por precisar,
e sou um criminoso e me vão fuzilar!

.....

Então que tenho eu sido em minha vida inteira? Um instrumento vil?! Eu, por uma bandeira, ou vaidade, ou capricho às vezes de um mais furte, espalhei sempre o mal, ao serviço da Morte! E por um filho amado, o meu único bem, não podia dispor da vida de ninguém?!

.....

Já não quero viver, Luzia, eu te confesso;
A morte é para mim a suprema cobiça.
Só conheci na vida uma inteira justiça.
A justiça do Sol, para todos igual.
Já não quero viver. viver é o maior mal!

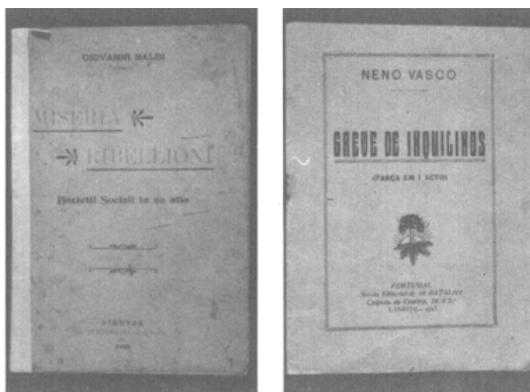
.....

Quero mesmo morrer, mas antes de morrer libertarei da vida esse pequeno ser, Resta-me este poder: posso ao mundo poupá-lo.

LUZIA: Marcos! Meu Deus! Que vais fazer? MARCOS (junto ao berço): Salvá-lo!

Apesar de ter sido levada em São Paulo em 1920, os versos, a linguagem apurada, o lisa acusatório, mas destituído de esperanças num futuro próximo, desviaram essa peça das predileções das platéias operárias, o que não aconteceu com o texto de Gregório Nazianzeno de Vasconcelos (Neno Vasco), filólogo e bacharel em direito, de origem portuguesa, que aqui permaneceu de 1901 a 1911¹². E de sua autoria o primeiro texto que se conhece **escrito e encenado** em São Paulo. Datado de 1907 (ano da encenação), permaneceu incólume no repertório dos grupos paulistas até 1930. Trata-se da peça “Greve de Inquilinos”, primeiro texto a incorporar nominalmente a cidade do Rio de Janeiro e algumas pitadas da vida carioca.

O eterno problema do alojamento, da falta de hotéis inclusive, é sem dúvida uma especialidade carioca. Outro toque nacional é dado pela indicação cenográfica que prevê duas redes como parte do mobiliário de um quarto. Na linguagem, mantém uma certa semelhança com as comédias de Martins Penna. Recorre a falsas identidades, esconderijos



12. De Neno Vasco, diz Bóris Fausto em **Trabalho urbano e conflito social**: ‘Foi ele talvez o mais lúcido expositor das idéias anarquistas do período, combinando a capacidade de perceber as alternativas centrais da estratégia libertária com a análise das condições da sociedade brasileira, além de ter sido um eficiente organizador”. (Op. cit., p 93)

Entretanto o conteúdo é inimaginável nos teatros freqüentados por espectadores estranhos á causa operária. A peça veicula formas de resistência aos proprietários, sob a forma de uma greve de inquilinos.

O ligeiro estratagema que nas comédias de costume apazigua-se no desenlace é transformado ao final da “Greve de Inquilinos” em uma lição de resistência. Para ludibriar o proprietário, os inquilinos apelam para um recurso totalmente episódico, e é isso que faz a graça do texto. Mas tudo isso leva a uma reflexão sobre o direito dos inquilinos ao prédio que construíram como trabalhadores.

Pelos comentários e pela incidência de representações percebe-se que o texto de Neno Vasco é considerado modelar pelos centros culturais libertários. Posteriormente será representado nos círculos operários de Lisboa, editado por um periódico português (**A Batalha**, 1923).

De Neno Vasco há ainda outra peça muito conhecida. “O Pecado de Simonia”. Nessa, o conteúdo anticlerical é mais evidente do que a questão da resistência operária. Ao que parece a Igreja é a possibilidade de todos os ridículos, assunto freqüente de muitas comédias.

Quanto a “O Pecado de Simonia”, a primeira notícia da representação é de 1912. O clérigo que, na peça, comete a vilania de tentar apossar-se do prêmio lotérico de uma pobre viúva, é desmascarado por um jovem operário de idéias anarquistas.

Mais complexo pela quantidade de problemas que incorpora, o texto não tem a mesma leveza graciosa de “Greve de Inquilinos”. De passagem menciona-se o direito ao amor sem casamento e o problema do militarismo.

Como dramaturgo, o mais interessante de Neno Vasco é a exatidão do diálogo, desprovido da retórica excessiva que normalmente caracteriza o trabalho doutrinário e penetra a ficção.

Em “O Pecado de Simonia” há uma cena muito boa em que a heroína da história explica para a mãe as novas bases de um relacionamento entre as duas. A firmeza da moça e a autêntica perplexidade da mãe são traços interessantes na caracterização de personagens. E visível o cuidado do autor para não violentar a tradição enraizadíssima do respeito devido aos pais. Para obter esse efeito acentua a ingenuidade da mãe e procura caracterizá-la como uma personagem que só é capaz de violência verbal. Isso a torna menos antipática aos olhos dos espectadores:

“Ah! pensas que já não tenho mãos para te sovar como d'antes?”

EVA (revoltada): Mamã! Não quero que levante a mão para mim! (a mãe fica um tanto surpresa. Eva continua com voz ainda firme, mas molhada de lágrimas): -Mamã! eu usú'mo-a muito. . . - tenho-lhe respeito... amor. . . Sempre procurei dar-lhe alegria. . . Desde que o Antônio, coitado, fez-se soldado, e lá anda não sei por onde. sem escrever.. . sem querer saber da família. . . da mãe. . . sou eu que tenho trabalhado constantemente. . . para que nada falte nesta casa . . porque a maman, coitada, pouco..

ROSA: Fizeste a tua obrigação

EVA: Fiz assim porque quis. . . porque lhe tenho amor, mamã. . . Ninguém me obrigou. . . E quero continuar... Mas o que eu não quero é que me trate como uma escrava.. . que chegue ao ponto de me bater. . . Não quero, não quero.

ROSA: Mas eu sou tua mãe!

EVA: E eu sou tua filha! (pausa) Veja se pode convencer-me de que estou mal encaminhada, de que não tenho razão. Não sou teimosa. Nunca o fui. (Pausa. A mãe olha-a admirada. Mais meiga.) Mamãe pense bem: por que foi toda esta questão entre nós? Pense bem: eu tenho razão!

A linguagem e portuguesa e a cena universal, mas há nesse momento uma série de qualidades raras em outros textos anarquistas. O sucesso de reencenações tem a sua lógica na avaliação estética de alguns trabalhos. Ou então na constatação de que funcionam bem.

Há dois autores europeus importantes residindo e escrevendo no Brasil. Além de Neno Vasco, Gigi Damiani é outra figura importante da imprensa e do teatro libertário. No teatro Gigi Damiani atuou em diversas frentes. Escreveu artigos sobre as companhias italianas no **La Battaglia**, divulgou teorias de arte libertária, trabalhou na confecção de cenários e finalmente escreveu algumas peças representadas até 1933 com certeza.

Os textos de Damiani (“Viva Rambolot”, “Osteria della Vittoria”, “Na República”) desapareceram durante os diversos períodos de repressão.

Como não há uma vasta descendência de peças brasileiras é impossível avaliar a influência que possuem ter exercido¹³

Tanto Neno Vasco como Damiani foram homens de teatro no sentido de se envolverem no trabalho de encenação dos grupos amadores. Para ambos o trabalho de dramaturgia é um imperativo do teatro, necessitado de novos textos. Como atividade predominante são jornalistas e teóricos do movimento.

“Los Conspiradores” é mais um drama desaparecido, escrito por um operário radicado no Brasil, Felipe Morales. Esse é o único drama que escreveu e aparece com frequência nos salões hispano-americanos a partir de 1905. Depois, traduzido para o italiano, começa a aparecer nas festas de predominância italiana. Em 30 de setembro de 1905 comenta o jornal **La Battaglia**:

13. Em 15.7.1947 **A Plebe** noticiava: “Gigi Damiani fez anos. Completou setenta anos. Setenta anos de lutas entre sobressaltos e sofrimentos. Boa parte dessa existência passou-a no Brasil. Em 1919 meteram-no num navio e ele começou a sua peregrinação pelo mundo, sempre lutando. Agora está em Roma, à testa da **Umanità Nuova**. **A Plebe** onde pelejou conosco, envia-lhe as saudações libertárias dos que aqui ficaram.”

Luigi (Gigi) Damiani (1877-1948), sempre de terno escuro, sobretudo preto, gravata “à la Valhère” chapéu tipo Borsalino, como todo libertário, é descrito por seu companheiro Afonso Schmidt como um homem culto, cortês e de uma serenidade imperturbável. Apesar de sua origem, escrevia muito bem o português tendo sua obsessão pela concisão e clareza da frase.

Sábado, dia 9, teve lugar no salão do Liceu Espanhol a anunciada festa libertária, **metendose en scene** pela primeira vez o drama do companheiro Morales intitulado “Los Conspiradores”. Não é certamente um trabalho literário, mas contém uma crítica **schiacciante** e verdadeira contra as autoridades policiais e governamentais, pelo modo infame e criminal de que se servem no preparo de falsos **complots**, disseminando nas massas o ódio contra inocentes trabalhadores braçais e intelectuais (**de pensiero**) justificando diante da ignorância popular suas infames repressões, condenações-deportações e martírios. Durante a representação os atores receberam repetidos aplausos.

Em 24 de março de 1923 noticia **A Plebe**;

Dia 13 do corrente, com a idade de sessenta anos faleceu o camarada Felipe Morales, bastante conhecido do proletariado de São Paulo, no meio do qual militou até há poucos anos (...) Sapateiro infatigável, trabalhando em seu banquinho até os últimos dias de sua vida, desde muitos anos vinha sendo atormentado por cruel enfermidade Deixou como recordação de sua atividade revolucionária um drama de sua autoria intitulado “Os Conspiradores”.

Outro autor de um único trabalho encenado é o poeta e jornalista gaúcho Arthur Rocha [1859-1888] que escreveu “Deus e a Natureza”. Não há notícia de muitas representações. Nesse texto o centro dramático é a contenção aos instintos desencadeados por vínculos religiosos. Há algumas pinceladas de anarquismo na figura de um velho professor abandonado na miséria. **O ponto importante é realmente o anticlericalismo, prato forte dos autores brasileiros e portugueses.**

Nesse texto desenha-se claramente a religião como instrumento do poder, exemplificado por ricos e crudelíssimos fazendeiros. De interessante nesse drama há também o desvendamento da luta interior do padre, dividido entre o instinto e o compromisso social assumido no voto religioso. De uma maneira geral o tratamento do assunto religião é mais profundo do que permite a ironia dos textos cômicos, movido muito mais por um pensamento científico comum aos intelectuais da época, do que pelo dirigismo de um movimento.

Uma pequena peça publicada por **A Lanterna** em 1914 é uma espécie de “Ceia dos Cardeais” jocosa, com descrições pretensamente escabrosas dos costumes privados do clero. A peça, indicada como de autoria do baiano Aristóteles Feliciano de Andrade Silva, chama-se “Sua Santidade”¹⁴. E representada como entreato em algumas festas. Segue uma tradição representada pelo modelo da ceia. Há pelo menos mais duas no mesmo gênero: “O Celerado João de Medici”, do mesmo autor e “.....Mas Alguém Desmanchou a Festa”, de Louis Marsoleau. Uma peça portuguesa, que não chegou a ser representada aqui descreve-se mais uma vez como uma paródia calcada na peça de Júlio Dantas: “A Ceia dos Pobres”, de Campos Lima.

14. Só pelos nomes das personagens de “Sua Santidade” pode-se perceber a cólera anticlerical: Pio Truão; Cardeal Tartuto. Cardeal Machiavelio; Cardeal Pantagruel, Cardeal Sinistro, Cardeal Luxúria, Cardeal Zombaria, Cardeal Escândalo. Cardeal viperino, Cardeal Madraço, Cardeal Hipocrisia, etc.

Convém enfatizar que até 1920 esses textos são pouco representados, proporcionalmente, nas festas operárias. É comum a presença de um texto escrito aqui, ou de autor nacional, para três italianos tradicionais.

Entre os autores que escrevem especialmente para o proletariado brasileiro há ainda aqueles que traduzem para o português trabalhos escritos originalmente em outras línguas. E o caso de Felipe Morales e Gigi Damiani.

À medida que os laços com centros europeus se tornam mais ineficazes (as razões são muitas, mas o primeiro afastamento se dá na guerra de 1914) as inumeráveis consequências do isolamento sobre a classe operária incluem a rarefação da literatura importada. Os resultados evidentemente começam a aparecer na década de 20, sobre a forma proporcionalmente maior de peças brasileiras.

Para consumo diário aceita-se o texto brasileiro. Entretanto, nas testas importantes, em datas consagradas, o repertório continua sendo o dos clássicos europeus mais conhecidos.

Há muitos nomes novos aparecendo a partir de 1920; Lino Brasil, João Casadei (escrevendo em italiano), Marino Spagnolo, Avelino Foscolo, Fábio Luz, Afonso Schmidt, Filipe Gil (um garçom), Motta Assunção e G. Soler. Avelino Foscolo (1864-1944), mineiro de Sabará, farmacêutico, jornalista, trouxe da infância a marca de um sofrimento profundo. Órfão aos onze anos, começou a trabalhar muito cedo na mina de ouro de Morro Velho. Mais tarde em companhia de um artista de feira americano, percorreu o Brasil e alguns países sul-americanos, exibindo-se em quadros vivos. “O Semeador”, sua peça mais conhecida, foi representada em São Paulo, em 1922, no **Festival dos Sapateiros**, no Salão Celso Garcia (Classes Laboriosas). Mas nada sabemos de “Os Estrangeiros”, “Demônio Materno”, nem da comédia “Cá e Lá. . Águias Há”. Fábio Luz (1864-1938), um dos introdutores do romance social no Brasil (**Os ideólogos e Os emancipados** datam de 1903 e 1906 respectivamente) foi um dos espíritos mais curiosos desse começo de século. Um dos fundadores da Universidade Popular, esse médico apaixonado por cinema (foi um dos primeiros a pensá-lo com finalidades educativas) inteira-mente dedicado à população desfavorecida da zona norte do Rio de Janeiro, escreveu várias peças encenadas pelos grupos operários, mas praticamente inexistentes em bibliotecas. O único texto que conseguimos dele, “Terror Noturno” (1920) é o que se chamava uma “peça cinematográfica” (roteiro). Numa época em que a ciência desvendava caminhos, quer nos parecer que esse anarquista-cientista preocupou-se muito mais com a saúde mental do homem futuro do que com seus problemas cotidianos. Esse roteiro pretende desenvolver simplesmente a evolução de um caso patológico: a menina que foi educada ouvindo histórias fantásticas e “aos poucos se torna um pesadelo para a família, entrando na sombra, a caminho do manicômio.....”

Pouco sabemos de Marino Spagnolo, cuja peça “Bandeira Proletária” foi representada pela primeira vez em 1922 no salão das Classes Laboriosas. Jacob Penteadado cita-o em seu livro **Belenrinho-1910:**

Ex-vidreiro, alfaiate, homem de idéias revolucionárias, esse nosso grande amigo é um exemplo de quanto podem o esforço e a vontade de aprender. Muito lido, foi sempre figura de projeção entre os trabalhadores do velho Belenzinho, presidindo várias sociedades de classe (**“Ecco Marino... Marino? Quello non é Marino: è soltoomarino”**, diziam os companheiros).

Cita mais adiante sua participação como dramaturgo, impressionando-se com as falas das personagens de “Bandeira Proletária

A saúde dá muita fome, e eu não ganho para comer bem. Recorro ao álcool para que me mate a saúde, para que com ela morra a fome.

Como tantos outros, Marino Spagnolo experimentou caminhos diversos em seu final de vida. No arquivo de textos da SBAT encontramos um trabalho seu, certamente um dos últimos, com uma anotação na primeira página:

Em homenagem póstuma aos meus genitores, e ao inesquecível irmão X, Humberto de Campos, que nos enviou sua mensagem consoladora, por intermédio de Francisco Cândido Xavier.

A peça se intitula “Os Imigrantes e to escrita em 1974.

A maior parte das peças escritas por esses homens desapareceu com o confisco das bibliotecas dos centros culturais ou particulares. Nos que subsistem é possível notar alguns traços tímidos de abasileiramento, uma lenta dissociação da dramaturgia europeia. Muito sutil entretanto.

A ambientação, a menção ao Carnaval, algumas expressões verbais indicam que o autor é brasileiro. Quanto ao mais, o tema e a estrutura obedecem à tradição literária do país de origem do autor. Quando o autor é nascido no Brasil, como Atonso Schmidt, a influência do texto europeu é ainda assim a experiência predominante (“Ao Relento”, de Afonso Schmidt não pretenderia ser o nosso “Primeiro de Maio”?)

Alguns trabalhos escritos no Brasil situam-se na Europa, em meio às guerras coloniais ou às lutas pela unificação da Itália. “Teseu”, “Alba”, “Militarismo e Miséria” são textos escritos aqui, mas totalmente impregnados de uma problemática estrangeira.

O exemplo mais completo de um dramaturgo, tanto pela constância quanto pela qualidade das obras, é Pedro Catallo (1900-1969), emergindo já na década de 40, primeiro como ensaiador e posteriormente como autor.

Sobre ele falam os antigos participantes do grupo de teatro do Centro de Cultura:

JAYME CUBEROS: O Pedro era sapateiro e trabalhava em casa. Pegava serviços finos. Ele era um artesão mesmo. Fazia um serviço de artesanato fino, de calçados..... Então ele ficava em casa, quer dizer, que ele já ia meditando. Escrevia as peças nas horas vagas. Era um artesão mesmo. Trabalhava mas quando chegava a noite punha em prática as idéias dele.

MARIA VALVERDE: Trabalhava naquele banquinho ali. Quantas vezes (eu vi) ele levantar do banquinho, sair correndo, se lembrava de um trecho, passava pro papel e voltava para trabalhar. Assim ele fazia oara escrever nevas. Quantas vezes ele fazia

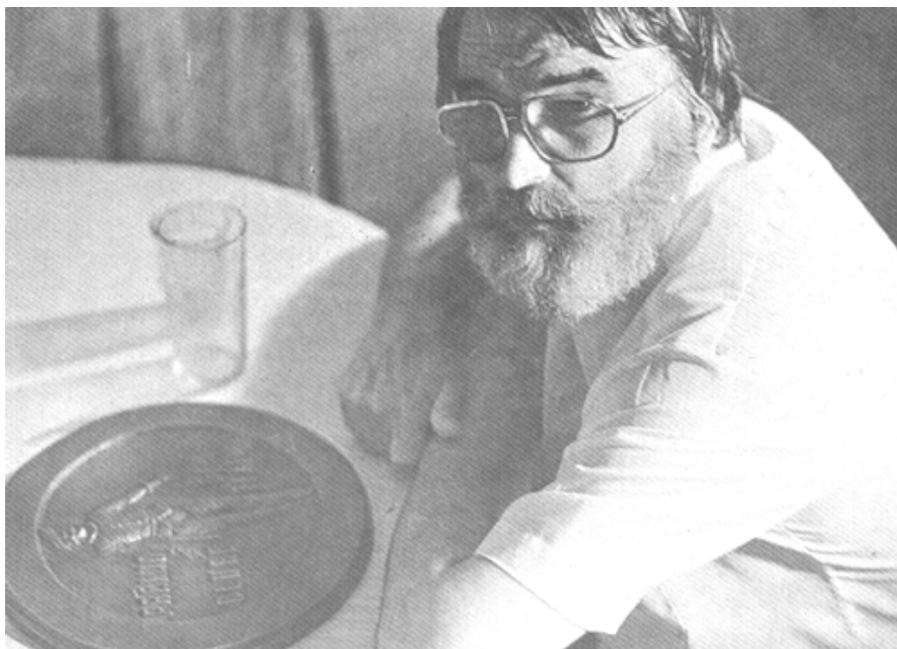
Isso! Trabalhando dessa maneira ele se tornou diretor de teatro. Não só escrevia peças como escrevia sonetos! Tem aí um caderno. Não queria morrer sem ver isto encadernado. Os manuscritos estão aí.

São as peças de Catallo que permitem entrever o nascimento de uma dramaturgia operária brasileira, com fisionomia própria, amalgamando todas as influências recebidas dos teóricos europeus numa arte própria.

Se há nelas um traço distinto marcante é o frenético esforço do autor para apanhar e amarrar num único texto a maior quantidade possível de problemas levantados pelos teóricos anarquistas. Todas as questões estão presentes, como se o escritor procurasse preencher um vácuo de muitos anos.

Num único texto, “Uma Mulher Diferente”, Catallo organiza uma sequênda que apanha os problemas da exploração sexual da mulher, a hipocrisia burguesa, o controle da natalidade e as vilanias do clero. (“ Em Bandeira Proletária”, de Marino Spagnolo, todos esses problemas são mencionados, mais o alcoolismo.)

Embora a qualidade de seu trabalho seja superior, Catallo representa bem certas características comuns aos autores brasileiros. A demonstração de um fato, comprovado pelo argumento, segue-se um discurso teórico explicando duplamente a ação. O didatismo é extremamente visível e chega a consumir o texto nos autores em que a preocupação artística é menor do que a doutrinária. É o caso, por exemplo, do Prof. José Oiticica (1882-1957), filólogo, poeta e jornalista, o único autor anarquista a ter suas peças representadas por elencos oficiais (Itália Fausta incluiu em seu repertório “ Pedra que Rola” e “quem os salva”).



Cuberos Neto mostra mostra às pesquisadoras do Idart o prêmio ganho pelo autor- diretor Pedro catallo, no Festival de Teatro, promovido pela federeção Paulista de Teatro Amador

Seu teatro corresponde pouco à sua incrível personalidade, distanciando-se timidamente daquele espírito contestatário que por tantas e tantas vezes conduziu-o das aulas do Colégio Pedro II à Polícia Central da Rua da Relação. Falta em sua dramaturgia o vigor das cartas a Ruy Barbosa, assinadas por um “admirador sincero e perigoso” e até mesmo aquela mordacidade que não hesitava em interpelar o **senhor** Arcoverde, cardeal do Rio de Janeiro: “Cardeal, que vida é a tua meu maroto.. .” Em “Pedra que Rola”, **o raisonneur**, investe sempre que pode contra os males da sociedade, em forma discursiva:

MAURÍCIO: Os mandamentos da lei de Deus ordenam: “não matarás” e os compêndios de instrução cívica recomendam: “defende a tua pátria”, isto é, toma uma carabina e mata! Defende a República, a saber, se houver irmãos teus que desejem implantar a monarquia. Serás herói, se os matares; defende o governo, quer dizer, se tiveres parentes pobres, esfomeados e estes ameaçarem os proprietários enriquecidos à custa deles, toma uma carabina e mata-os sem piedade.

.....

A noção do bem e do mal é relativa à sociedade em que vivemos e ao modo pelo qual compreendemos a vida. Exemplo: a bastarda instituição do casamento, é para a sociedade moderna coisa sagrada: para mim é uma coisa imoral, é o amor tiranizado: o amor como o trabalho e o pensamento, deve ser livre.

.....

Aí vem você com o velho e erradíssimo chavão. A base da sociedade não é a família, é a humanidade. A família é um produto do egoísmo social gerado pela propriedade. Qual a base da sociedade das formigas? A natureza própria das formigas. Qual a base da sociedade das abelhas? A natureza própria das abelhas. A base da sociedade humana é a natureza humana, é a humanidade, o entre-auxílio humano.

De José Oiticica, autor intelectual do “assalto ao Palácio do Catete pelas forças do povo”, em 1918, fica uma idéia pouco utilizada etn “Azalan”, peça em três atos, cuja ação se desenvolve em 1915: uma das personagens, revolucionário convicto, cumpre pena em Fernando de Noronha. Seu crime: fabricar dinheiro falso para financiar a próxima revolução. Dado o caráter criminoso do dinheiro, que importância faz que ele seja falso ou verdadeiro?

Pela frequência da festa operária pode-se ver que eram inúmeras as oportunidades de encenação para um autor realmente interessado na realização do seu trabalho. Mesmo assim, cada autor procura fazer de uma peça a lição completa do ideário anarquista. Como se aquela fosse a última chance de mostrar alguma coisa.

É possível que essa abrangência, que prejudica o efeito propriamente dramático, tenha origem na confiança absoluta que os anarquistas depositam no teatro como meio de propaganda.

É a arte que pode realizar, concretizar, tornar sensível uma teoria social cujas possibilidades de concretização estão alicerçadas no futuro.

Enquanto são invisíveis os sinais dessa sociedade perfeita, o palco é a possibilidade de torná-la tridimensional. A ideologia fica explícita no

prefácio de Maria Lacerda de Moura ao drama “Bandeira Proletária”, de Marino Spagnolo:

Não entro na técnica da peça de teatro. Não me detenho a examinar uma página de literatura. Não há a menor preocupação desse gênero no sentimento do trabalhador manual que - antes dos adornos para embelezar a vida - quer esvarrumar todas as chagas sociais, escalar a dor, abarcar todo o problema humano, se fora possível, numa palavra mágica, a fim de preparar depressa o advento da redenção do homem pelo homem. A arte desses párias é a tortura vivida, triturada com o pão de cada dia. Não tem interesse em agradar: busca uma solução. A síntese dessa idéia global está no pensamento contido na peça de teatro de Marino Spagnolo: “Triste é saber a causa de todos os males e não poder suprimi-la”. Os idealistas proletários têm a generosa ingenuidade de supor que a revolução social resolverá de um golpe, com a violenta derrocada, os problemas humanos.

Não contam nem mesmo com o despotismo animal, com a autoridade instintiva dentro da natureza humana. “Conhecer-se”. “Realizar-se” não satisfazem à exigência da sua pressa em transformar a terra num paraíso. E preterem oferecer-se em holocausto, mártires sacrificados ao triunfo da nobre idéia - para alimentar o togo sagrado no coração dos companheiros mais jovens. Dir-se-ia que querem sentir, para não pensar.... Condenando o álcool. Marino Spagnolo o explica para quem é miserável, mostrando até onde pode ir o crime da sociedade industrial. Todas as teses do problema social estão contidas nesta peça de teatro. Tudo passa, de repente, numa pincelada forte, simples, enérgica, ingênua como a vida dos párias idealistas, desta civilização de parasitas que governam e mandam e acumulam. E escravos que trabalham espionam os outros escravos e têm fome e são também desgraçados. “Bandeira Proletária”, em síntese, é o problema do amor, da maternidade livre e consciente, é a liberdade de amar; é finalmente a emancipação feminina; é o problema do troglodita feroz que “mata. - por amor”; é o problema angustioso do caftismo, exercido também pela mulher do povo, acionada pelo instinto de fêmea e pela perversidade da ignorância cultivada, pelos séculos dos séculos através do catolicismo romano e das superstições e prejuízos milenares da veracidade e de cúpidos; é o problema da prostituição, é o dinheiro miserável que compra e vende tudo - inclusive o amor, o pensamento e a consciência; é o alcoolismo, é o jogo; é a perseguição sistemática e interminável, digo internacional, aos militantes da revolução social; é finalmente, a bandeira vermelha ensanguentada no martirologio dantesco dos párias; é o direito de greve, é a luta sem tréguas pelo pão de cada dia e pelo advento da revolução social.

E triste, é humano, é quase sobre-humano. O final do segundo ato diz bem dessa tragédia sem quartel quando Paulo acaba de saber que a sua adorada companheira deixou-se seduzir pela prostituição, resvalando nos braços do industrial que a persegue e isso enquanto ele esteve preso durante seis meses. Atordoado, desgraçado revoltado, de um salto incita os companheiros à luta com o entusiasmo de quem renasce nessa hora.

Não sei da técnica teatral, mas sei que a alma dos párias do sonho da redenção social tem reagido assim, em todos os séculos, diante de todas as tiranias.

E um prodígio de energia latente.

Marino Spagnolo focaliza “ dever masculino de ajudar a mulher a se erguer de sua ignorância, do servilismo, das futilidades e adornos que ela julga necessários para preencher a sua vida e fazer a sua felicidade e são as causas de todas as tragédias - porquanto é o que impede de se libertar para sempre da escravidão do sexo.

Ai está o máximo problema. Dai surgem os matadores de mulheres. E o sacrifício inaudito de milhões de seres humanos. Nos noticiários policiais das gazetas é o escravo, é o proletário, é o boi de tiro que sacrifica estupidamente a sua companheira, sob os mais fúteis e absurdos pretextos de honra e dignidade os ídolos vorazes da sociedade burguesa.

Ninguém mata por amor.

O amor é fonte de vida e sabe compreender, se chegou a ser amor...~ o que mata é o ódio, a paixão, a bestialidade. o instinto de propriedade animal, a ferocidade do troglodita enjaulado na sociedade voraz. A mulher tem sido sempre enganada miseravelmente. Nos lares pobres, nos lares burgueses, rica ou pobre, culta ou ignorante, por toda a parte a vida da mulher é o mesmo calvário silencioso e anônimo que os homens não compreendem porque o egoísmo masculino foi cultivado pela escravidão feminina e porque a sociedade fez do homem e da mulher duas raças sociais que não se entendem.

A natureza estabeleceu diferenças profundas entre os dois seres humanos e a sociedade ou a civilização unissexual aproveitou-se dessa tragédia feminina para reduzir a mulher à escravidão, a animal doméstico, a presa de um senhor exigente Até nos bordéis da alta sociedade - a mulher que tem alma vive num calvário, ainda mesmo que a auréola do prestígio brilhe na moldura das aparências, com o esplendor feérico da alegria ruidosa e da prosperidade econômica. a ainda mais escrava. a duplamente escrava.

Não se tenha a ilusão de que a classe burguesa lhe diminui as agruras.

Poucos são os homens livres, poucos são os proletários que conseguiram penetrar esse angustiante segredo do problema feminino, na tragédia social

Todos sonham uma acracia para os homens.

Ninguém sabe das angústias desenroladas no coração da mulher de todas as classes sociais.

E a proletária é ainda a mais sacrificada. Escrava do homem, escrava social e serva da burguesia...

Marino Spagnolo o sentiu. E o denuncia. Eu lhe sou infinitamente reconhecida, em nome do meu sexo.

No dia em que o proletariado não matar a sua companheira, considerá-la um ser igual ao homem com todos os direitos à liberdade, até mesmo o direito de errar e reconhecer esse erro - que eu chamaria apenas - uma experiência; no dia em que o homem der a mão à mulher, ainda mesmo àquela que parece ter resvalado mais baixo na prostituição, a mulher, nesse dia, saberá recompensar o seu gesto com muito amor e dedicação e reconhecimento - porque, só nesse dia ambos estarão emancipados. E, só então, a humanidade sentirá o arrepiado casto da beleza -para subir mais alto e então entoar o hino da redenção humana.

Conheço Marino Spagnolo. Sei que é um bom companheiro, sincero, leal, idealista, generoso.

Não escrevo um prefácio para o seu drama. Abraço, reconhecida, a um irmão.

Comovida, aperto as mãos de um homem.

sol... *(Si siede presso di lui)*.

LO STRANIERO — *(come trasportato dolcemente dal rievocare dei ricordi)*. E' là... verso la parte donde si leva il sole... il paese felice... La terra è di tutti... come l'aria, la luce. Gli uomini vi sono fratelli... Il lavoro è blasono di nobiltà per quel popolo... Unica legge la libertà... l'unico vincolo l'amore... Per tutti il benessere... per tutti la scienza. La donna non schiava, ma compagna, consolatrice dell'uomo. La miseria ignota... l'uguaglianza garantita dall'armonia dei datti... Non parassiti, non armati, non guerre... Le madri beate... i vecchi, maestri dell'infanzia... I fanciulli educati al lavoro, all'amore dei propri simili. La giovinezza benedetta, come la pacifica avanguardia dell'avvenire... Camminiamo... camminiamo! E là, il paese felice... *laggiù verso la parte donde si leva il sole...*

Monólogo do **Estrangeiro** em "Primo Maggio", de Pietro Gori

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Moniz: **O ano vermelho (A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil)**, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967.

CARONE, Edgar: **A Primeira República**, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1973.

A República Velha, 1. Instituições e classes sociais, Difel, São Paulo, 1975.

DULLES, John W. F.: **Anarchista and communists in Brazil 1900-1935**, University of Texas Press, Austin and London, 1973.

FAUSTO, Bóris: **Trabalho urbano e conflito social**, Difel/Difusão Editorial S.A., São Paulo - Rio de Janeiro, 1976.

FRIEIRO, Eduardo: "O romancista Avelino Foscolo", **Kriterion**, v. III, n.º 13-14, Belo Horizonte, 1950.

LUZ, Fábio: **Manuscrito de Helena**, Gráfica Olímpica Editora, Rio de Janeiro, 1957.

MOLINARI, Luigi: **Teatro Popolare**, v. I, Mantova, Università Popolare, 1905.

Teatro Popolare, v. II, Milano, Università Popolare, 1907.

OITICICA, José: **Ação direta**, Editora Germinal, Rio de Janeiro, 1907.

PENTEADO, Jacob: **Belenzinho 1910**, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1962.

RESZLER, André: **L'esthétique anarchiste**, Presses Universitaires de France, 1973.

RODRIGUES, Edgar: **Nacionalismo e cultura social**, Laemmert, Rio de Janeiro, 1972.

Socialismo e sindicalismo no Brasil, Laemmert, Rio de Janeiro, 1972.

SCHMIDT, Afonso: **São Paulo de meus amores**, Editora Brasiliense, São Paulo, s/d.

SOLL, James: **Anarquistas e anarquismo**, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1964.

WOODCOCK, George: **Anarchism**, Penguin Books, London, 1973

NOTICIÁRIO

1889

Folha do Brás

Redatores: João Sizenando e Benedito Meirelles

Propriedade de Cruz e Leuenroth

Periodicidade: semanal

Endereço: Rua Monsenhor Andrade, 17 (Brás)

Anos: 1889, 1901 (1889 é o ano II)

Obs.: é uma folha de comerciários, com ênfase na vida “social” de bairro. Não há nada sobre teatro operário, apenas anúncios de companhias nos teatros comerciais.

1901

20 mar. n.º 4 **A Lanterna** (órgão da luta anticlerical - distribuição gratuita. Tiragem: 10 000 exemplares)

Editorial sobre “Electra” de Pérez Galdós, representada em São Paulo, no Sábado de Aleluia

3 mai. ni.º 5 **A Lanterna**

O pessoal de **A Lanterna** é excomungado! Isso é apenas comentado no editorial. A partir do n.º 7 o jornal passa a sair às segundas-feiras com 20 000 exemplares

24 jun. n.º 8 **A Lanterna**

A companhia do ator Christiano de Souza levará à cena no Sant’ Anna o drama “Electra” de Pérez Galdós. Aos nossos amigos pedimos que se abstenham de quaisquer manifestações, antes e depois do espetáculo para não dar pretexto à policia de fazer violências estúpidas que depõem contra os nossos foros de povo civilizado. Fazemos este apelo porque as representações de “Electra” por uma companhia de primeira ordem como a que trabalha atualmente no Sant’Anna muito concorrerá para mostrar ao povo os horrores do jesuitismo

1902

21 jun. n.º 6 **O Amigo do Povo** (Editor Neno Vasco. Publica-se aos sábados)
Crônicas. "A polícia"

Sábado, dia 7 do corrente, realizava-se no Cassino Penteado um espetáculo em favor da propaganda pelo opúsculo em português; ouvia-se atentamente e pacificamente o "Primo Maggio", de Gori, quando os mantenedores da ordem burguesa vieram perturbar o sossego. Disseram-lhes que o espetáculo oro particular. Os homenzinhos teimaram em eút'ar e, como houvesse protestos, irromperam furiosamente, chamaram tropas - até cavalaria! - assustaram mulheres e crianças, revistaram os espectadores, declararam suspenso o espetáculo, prenderam três camaradas: Torti, Marconi e Cerchiai. Um dos enfurecidos mantenedores da desordem puxou um facalhão, como se alguém o atacasse, e no posto mostrou-se pesaroso por não ter feito das suas. **Poverino**. Não estava satisfeito por não ter exercido com a desejada perfeição e acabamento o seu desonroso ofício de desordeiro. Registremos e.....passemos adiante. (Sem assinatura).

ago. n.º 9 **O Amigo do Povo**
Festa Operária

Sábado, dia 9 do corrente, às 20:30, no Cassino Paulista (antigo Eldorado) a Società Filodrammatica Andrea Maggi apresentará o drama de cinco atos "Una Notte a Firenze" de A. Dumas. O espetáculo é organizado pela Lega di Resistenza fra Capellai.

16 ago. n.º 10 **O Amigo do Povo**
CRÔNICAS - "Entre chapeleiros" (comentário da testa do dia 9).

Representou-se o drama "Una Notte a Firenze" que, francamente, estava ali um pouco deslocado... Em seguida, disseram algumas palavras, referindo-se sobretudo à greve da fábrica de Matanó Serrichio e à de Sorocaba, os companheiros: Raimundi, Valentim Diego e Benjamin Motta. Depois de uma comédia em um ato fechou a bela festa um baile familiar. Não havia um só lugar. Foi uma enchente completa.

6 set. n.º 11 **O Amigo do Povo**
REUNIÕES E CONFERÊNCIAS

Dia 13 do corrente. no Cassino Penteado (Rua Rodrigues dos Santos, Brás), o núcleo Filodramático Libertário promove festa. Programa:

- 1.º - "Il Primo Maggio" - bozzetto de P. Gori
- 2.º - Conferência de Benjamin Motta sobre o tema: "A Mulher na Sociedade Burguesa e na Sociedade Futura"
- 3.º - Rifa de objeto de valor e outras surpresas
- 4.º - Farsa
- 5.º - Baile familiar

25 out. n.º **O Amigo do Povo**
Folhetim de R. Russelai intitulado "O Mestre" (Entreato dramático representado na U.P. Diderot, de Paris)

Obs.: O folhetim está na segunda parte, porque faltam os números 12 e 13 na coleção Leuenroth.

Obs.: Do número 11 ao 14 há uma alteração de periodicidade. Em vez de "Publica-se aos sábados" está impresso: "Sai quando pode".

1903

25 jul. n.º 31 **O Amigo do Povo**

CRÔNICAS - Comentário de uma festa que aconteceu não se sabe quando, porque faltam números anteriores do jornal. Os grupos foram o Libertário e "Attori Infantili". Os infantis representaram "Proximus Tuus" de P. Gori.

Os grandes encenaram o **scherzo** poético "i Figli dei Sote", de Beniamino Lacorte, Poesias Revolucionárias.

6 set. n.º 14 **A Lanterna** - ano II (Fructidor]

TEATROS E FESTAS

Dia 26 do corrente o Grupo Dramático Giovanni Bovio estreará no Cassino Penteado (Rua Rodrigues dos Santos n.º 2) um drama histórico em três atos de Ulisses Mengossi: "Uma Vítima Inocente" ou "A Morte de Cesar Locatelli". Elenco:

Cesare Locatelli: Scipione Bigi
Giacomo Castrucci: A. Visconte

Marco Bustichini: Leonardo Anoroso

Sua **sorella**. E. Bortoluizi

Proprietari dell'osteria dall Sole: L. Letti e F. Poloni

Il presidente deita Sacra Consulta: G. Balilla

L'avvocato fiscale: G. Violo

Brigadiere dei gendarmi: Domenico Zampolini

Carcerere: A. Bussoto

Obs.: Terminará o espetáculo a comédia "La Consegna è di Bussara".

17/18 out. n.º 19 **A Lanterna** (Vindimario)

"O dever" - crítica a uma peça de Joaquim Alves Torres, considerada melhor do que a "Electra" de Galdós.

29 nov. n.º 22 **A Lanterna**

Anuncia-se que **A Lanterna** terá três suplementos: **O Livre Pensador** (semanal), **Sempre Avanti** e **L'Asino**. Houve uma fusão em face da falta de mão-de-obra para manter ativos quatro jornais anticlericais.

26 dez. n.º 32 **A Lanterna**

TEATROS E DIVERSÕES

Representou-se ontem no Teatro Popular (Rua do Gasômetro, 114, Brás) a peça "Os Mistérios da Inquisição na Espanha". Hoje, no mesmo lugar representa-se: "Il Veccho Caporale Simão"- drama em quatro atos e um prólogo de Demanoir Dennerz (sic)

Obs.: Na coleção Leuenroth há uma falha, talvez. Em todo caso A Lanterna pula de 29-2-1904, ano III, n. 16(?) para 17-10-1909, n. 1, ano IV da "nova fase". Interrompeu-se por falta de recursos materiais.

1904

4 jun. s/ n.º **La Battaglia (rasgado)**

informa-se o leitor de que há uma tentativa de transformar o jornal numa publicação bissemanale

Biblioteca: **In pretura**

“Declaração de Guerra” - Idílio japonês por Charles Malato

“Una Commedia Sociale” - Charles Malato

26 jun. n.º2 **La Battaglia** - Ano 1

Editor: Oreste Ristori

End.: Rua Dr. Falcão, n.º18

PRÓ SCUOLA LIBERTARIA GERMINAL

Publica o balanço de uma festa, sem precisar a data.

Grande **soirée** familiar. Salão Carlos Gomes (Rua Boa Vista, plano superior do frontão). Acontecerá dia 2 de julho uma festa libertária com conferência, declamação de poesias revolucionárias, experiências de hipnotismo, sinfonias musicais, loteria e baile. Preço 13000

20 jul. n.º57 O Amigo do Povo

CRÔNICA PAULISTA - “Uma festa operária”

Gomo anunciamos, realizou-se na noite de 2 do corrente uma festa organizada pela União dos Trabalhadores Gráficos, festa cujo programa constava de um drama, uma pequena comédia, uma conferência, vários trechos de música e o nevitável baile. Se quiséssemos, como qualquer repórter de jornal burguês, fazer a crônica da festa avaliando-a pela execução do programa e pela concorrência, com um “bravo!” e um parabéns aos organizadores teríamos dito tudo.

Mas isso importa-nos pouquíssimo. Tratando-se de uma sociedade operária de resistência aprez-nos examinar se os seus atos correspondem ao fim para que foi criada e contribuir com o nosso grão de areia para que a energia dos operários conscientes não se desperdice em trabalhos e iniciativas que estão longe de favorecer o desenvolvimento da consciência proletária. E é precisamente o caso da festa que nos ocupa. Salvo a conferência de V. Diego (que infelizmente, por ser feita em espanhol nem todos compreenderam), nada distinguiu o sarau das banais festarolas arranjadas por uma das sociedades recreativas que pululam pela cidade.

O drama “Amor e Desventura” (que título!), arcaico dramalhão de capa e espada, com duelos e grandes frases grotescamente heróicas, borracheira idiota, capaz de fazer evacuar uma sala cheia de gente de bom gosto mais depressa do que uma carga de cavalaria com o “salve-se quem puder” dos momentos de pânico, pode servir para muita coisa, inclusive para comover as pedras, mas para educar os assistentes. nem por sombras! Nem vale a pena falar da comédia e do baile. Disse-o o conferente: “preciso fazer consciências; as associações de resistência para impedir o agravamento das condições dos operários; mas é urgente convencê-los da necessidade da sua completa emancipação econômica e política; é preciso enfim que eles saibam qual a sua posição na sociedade e qual deva ser”. As sociedades de resistência corresponderão aos seus fins quando destes forem conscientes os associados e o mostrarem nos seus atos: conferências, escolas, festas, lutas. E não é imitando pessimamente os burgueses nas exterioridades que se ganha a força que lhes dá o dinheiro e que os operários obtêm com a consciência que fortifica uniões.

Não nos levem a mal os sócios da União estas observações e não desistam de dizerem ao grupo filodramatico Ermette Novelli. Se, como mostrou, pretende colaborar no

esforço do proletariado, escolha obras modernas, emaricificadoras, com cujas responsabilidades amadores inteligentes e de boa vontade cessam honestamente arcar. E não nos ponha o cabelo em pé com a ferez das suas 89, tocadas e a fúria descabelada dos seus brados

(Sem assinatura)

23 jul. n.º 58 **O Amigo do Povo**

FESTA

Dia 30 do corrente, às 20:00 no Salão Liceo Español, Rua do Gasômetro, 54. Festa do Grupo Filodramático Social. Programa;

- 1.º - "Fin de Fiesta" - ato dramático de Palmiro Lidie
- 2.º - "Hambre" - cena de Romulo Ogidi
- 3.º - "Acabóse" - comédia em um ato
- 4.º - Conferência - Ristori fala sobre "A sociedade moribunda"
- 5.º - Baile

Outra notícia: Pró O Amigo do Povo

Sábado, 6 de agosto, às 20:30, no Teatro Nasi (Cambuci) Programa:

- 1.º - Conferência de G. Soreili: Porque Somos Anarquistas
- 2.º - "Cantico dei Cantici" - ato dramático de F. Cavalotti
- 3.º - Conferência de O. Ristori
- 4.º - Declamação de poesias

24 jul. n.º 11 **O Livre Pensador**

LITERATURA: "Elvira, a Monja" - Drama em quatro atos de Nathanael Pereira. Protagonistas: Elvira, esposa de Márcio; Márcio, marido de Elvira; Carlos, amante de Elvira. A ação passa-se nos nossos dias. O artigo é uma crítica desfavorável. Assinado "Antonios".

1905

20 mar. **La Battaglia**

Obs. Há, publicado, um trecho que pode ser adaptação. O título é: "La Logica dell'Ingenuità". Entre parêntesis, no final: "daí drama di Jean Grave, 'Responsabilità', Editore Stock, Paris

19 abr. n.º 78 **O Livre Pensador**

Grupo Dramático Cervantes. Dia 7 do corrente, às 20:30, o drama social em três atos de José Dicenta: "João José"

Personagens:

Rosa: Henriqueta Jamon

Tonuela: Angustias Costillas

Isidra: Heloisa Costillas

Mujer 1ª: Rosa Ribas

Mujer 2ª: Maria Ribas

Juan José: André Solé

Paço: Antonio Lopez
Andrés: Martin Solé
Cano: José Solé
Ignácio: José Carmona
Perico: Isidoro Diego
Taverneiro: João Rivera
Cabo de presídio: César Carda
Bebedor 1º.: José Orega
Bebedor 2º.: José Carola
Um moço: José Costillas
2º.: Peça cômica em um ato de Ramón de Marsal: “O Arco-Íris”

16 JUN. N.º 3 O Chapeleiro

Realizou-se, dia 3 do corrente, a festa em benefício do nosso jornal. Programa:

1.º - Conferência de operário tipógrafo Eduardo Vassimon

Tema: A Organização

2.º - Declamação por Julio Soreilli

3.º - Alia Conquista dell'

4.º - Baile

18 jul. La Battaglia

FESTA LIBERTÁRIA

.....cosi, invece del luogo publico, dove si sarebbero dati spettacoli d'ogni genero: conferenze, esercizi ginastici, gare di destrezza, inni corali, pic-nic e lotteria gastronomica artistica e umoristica, bisognerà contentarsi di... qualcosa meno

A “festa” é marcada para o dia 8 próximo, no Salão Ibach, Rua São João n.º. 61.

Começa às 20:30. Programa:

1.º - A Questão Social - conferência do jovem Giuseppe Magnocavallo, da escola Germinal

2.º - “Senza Patria” - drama social em três atos cem **intermezzo** de versos martelliani de Pietre Gori. O drama é **meazo in acena** pelos distintos filodramáticos do núcleo Gievani Gargi, que gentilmente se ofereceram para realizar a obra gratuitamente

3.º - O Ciclo Histórico da Guerra Civil - conferência de Oreste Ristori

4.º - Esiiarantissima **farsa**

5.º - Loteria gastronômica, artística e humorística

6.º - **Ballo familiare** que se prolongará até as primeiras horas da manhã seguinte
No mesmo número publica-se em folhetim **L'último scopero** romance social de Gigi Damiani

27 ago. n.º 50 La Battaglia

Comenta que a festa do dia 8 aconteceu no Salão Steinway (outro nome do Ibach). Além do programa anunciado, a menina (**bambina**) Giovanna Ruisse declamou uma “bela poesia contra a tirania russa”.

Comentário.' “**Insomma uno vero successo dell'atto morale e dilettevole, da quelbo pecuniarso: non troppo remuneratore**”. Segue-se uma prestação de contas dos lucros e despesas.

3 set. n.º 51 **La Battaglia**

SOIRÉES LIBERTÁRIAS

Patrocinada pela Liga dos Trabalhadores de Madeira, será dia 9 de setembro no Salão Alhambra (Galeria de Cristal). Em benefício do periódico semanal **II Falegnome**, dirigido por Giulio Sorelli. Programa:

- 1.º - "I Martiri" - **bozzetto** dramático em um ato de Giulio Sorelli
- 2.º - "Realidade ou Utopia?" - conferência do mesmo
- 3.º - "ideale" - **bozzetto in versi martelliani di Pietro Gori, con prologo**
- 4.º - **Ballo**

Na noite do dia 9 haverá outra festa libertária no salão do Liceu Espanhol, Rua do Gasômetro, 54. Em cena novo drama do companheiro Filipe Morales, intitulado "I Cospiratori".

30 set. n.º 53 **La Battaglia**

FESTA LIBERTÁRIA

Programa da festa de 16 de outubro, em benefício da revista **Aurora** (Neno Vasco). No Salão Alhambra.

Programa:

- 1.º - "Sangue Fecondo" - pelo Grupo Filodramático Social. Drama em dois atos
- 2.º - "Mas Alguien Disbaratá la Fiesta" - comédia em um ato de L. Marsoleau. Pelo Grupo Filodramático Social
- 3.º - "Si Fuera Cura" - monólogo de Romolo Ovidi. Pelo Grupo Filodramático Social
- 4.º - **Bailo lamigliare**

COMENTÁRIO

Sábado, dia 9, teve lugar no salão do Liceu Espanhol a anunciada festa libertária "metendo-se em cena", pela primeira vez, o drama do companheiro Morales intitulado "Los Conspiradores". "Conspiradores" não é certamente um trabalho literário, mas contém uma crítica **schiacciante** e verdadeiro contra as autoridades policiais e governamentais, pelo modo infame e criminal de que se servem no preparo de falsos **complots**, disseminando nas massas o ódio contra inocentes trabalhadores braçais e intelectuais (**de pensiero**), justificando diante de ingorância popular suas infames, repressões, condenações, deportações e martírios. Durante a representação os atores receberam aplausos. Digna de nomear-se foi a Camili no papel da amante que tendo sido uma grande intérprete, provocou grande emoção no público, principalmente entre o sexo feminino. Todos os outros artistas foram discretos, com exceção de D.J.A. no seu papel de capitão o qual, em vez de ater-se ao caráter militaresco, **burbero** e severo, **si atteggiò a buflo**, provocando imensas risadas no auditório. (Sem assinatura)

10 dez. n.º 59 **La Battaglia**

Notícia sobre a discussão dos estatutos da Federação Operária (representantes das diversas ligas de resistência desta capital). O Sr. Edgard Leuenroth foi nomeado membro da comissão provisória. Local de reuniões: União dos Chapeleiros, Largo do Paissandu, 4.

17 dez. n.º 60 **La Battaglia**

Festa em benefício do **La Battaglia**, 31 de dezembro, às 20:00 no Salão Alhambra.

Programa:

1.º - “La Via d’Uscita” - **bozzetto sociale** de Vera Starkoff

2.º - “Ribellioni” - **borreflo** em um ato de G. Baldi

3.º - “Triste Carnevale” - drama em um ato

4.º - **Ballo familiare**

Preço de ingresso: 1\$000 (homens). Mulheres: entrada grátis

Anúncio do lançamento do periódico **Terra Livre**

30 dez. n.º 1 **A Terra Livre** - Ano I

GENERALIDADES - O editorial desse primeiro número é uma síntese da teoria do anarco-comunismo.

FESTA LÍBERTÁRIA - Em benefício do **la Battaglia** Dia 31 do corrente, às 20:00, no Salão Alhambra. Pelo Grupo Filodramático Libertário

Programa:

1.º - “La Via d’Uscita” - Vera Starkoff

2.º - “Ribellione” - O. Baldi

3.º - “Triste Carnevale”

4.º - Baile familiar

1906

21 jan. **La Battaglia**

No noticiário do publicações libertárias:

Pietro Gori: “Gente Honesta” drama em três atos

Luciano Descaves: “La Gabbia” - **bozzetto** dramático

7 fev. n.º 3 **A Terra Livre**

Dia 17 de fevereiro, às 20:30, no Salão Lira (Largo do Paissandu, 20) pelo Grupo Filodramático Libertário. Programa:

1.º - “Sangue Fecondo” - Tito Garniglia

2.º - Monólogo de S. V. Mazzoni

3.º - “La Sposa e la Cavalla” - brilhante farsa

4.º - Baile

O objetivo da festa é a edição de um opúsculo de propaganda.

18 fev. **La Battaglia**

Sábado, 17 de fevereiro, às 8:30, no Salão Lira, Largo do Paissandu, o Grupo Filodramático Libertário reinterpreta “Sangue Fecondo”, de Tito Garniglia, uma “brilhantíssima farsa”.

A menina Emilia Peirotti declamará um esplêndido monólogo em **verei martelliani**, de S. V. Manzoni. Loteria. Baile.

12 abr. n.º 7 **A Terra Livre**

LIVROS E FOLHETOS

“Em Guerra” (idílio), Por Carlos Malato. Publicaciones pela Escuela Moderna: Calle de Bellen n.º 56, Barcelona. É uma pequena peça aceita pela Escuela Moderna no concurso dramático que ela abriu. Combate a guerra: num lindo recanto da terra japonesa há uma luta entre os instintos guerreiros e o amor e a liberdade vencem...

22 abr. **La Battaglia**

FESTE

Dia 30 de abril, no Salão Ibach (Steinway) o Grupo Filodramático Libertário dará um espetáculo **pro riveluzionari russi** representando:

- 1.º - “Primo Maggio” - Pietro Gori
- 2.º - “Vispa Tereza” - P. Chiesa
- 3.º - “Triste Carnevale”
- 4.º - Declamação do poema “Alla conquista dell’avvenire”, de Pietro Gori

Obs.: No mesmo jornal uma notícia comenta que a Federação Operária de São Paulo foi fundada em 16-4-1905. Sede da Federação: Largo da Sé, 2.

Sede do Grupo Filodramático Libertário: Praça Dr. José Roberto, Ponte Pequena.

13 jun. n.º 10 **A Terra Livre**

LIVROS E FOLHETOS

“Floreal”, drama social em três atos, em francês, por J. P. Chardon.

Há uma crítica da peça.

28 jun. n.º 11 **A Terra Livre**

LIVROS E FOLHETOS

“Os Esmagados” - peça em um ato de Eduardo Pothen. Crítica.

1.º jul. n.º 84 **La Banaglia**

Há um artigo de Walter Crane: “**Gli artisti e la questione sociale**”.

8 jul. n.º 85 **La Battaglia**

Sábado, dia 14 do corrente, em benefício do grupo La Propaganda, no Salão Alhambra,

o seguinte programa:

- 1.º - “Sangue Fecondo” - drama social em três atos
- 2.º - **Conferenza**
- 3.º - “Qualcuno Guastò la Festa” - bozzette social de Marsoleau
- 4.º - **Tombola de vari oggetti**
- 5.º - **Ballo**

Bilhetes: 1\$000. Mulheres e crianças. grátis

19 set. n.º 14 **Novo Rumo** (Rio de Janeiro)
TEATRO DO POVO.
Estatutos do Grupo Dramático Teatro Social

27 set. n.º 17 A **Terra Livre**

O Grupo Filodramático do Centro de Estudos Sociais do Brás dá hoje seu primeiro espetáculo no Salão Olavo Bilac (Av. Range Pestana, 227)

1.º - "Per la Vita" de Demetrio Alati

2.º - Baile

Outra notícia

Conferência em português

2.º - "El Acabóse" - peça em um ato

3.º - "Si Fuera Cura"

4.º - "Ideale"

14 out. n.º 106 **La Battaglia**

Notícias de livros:

"Idoli Infrati" - **bozzetto sociale**

"La Ribellione" - cena simbólica

11 nov.n.º 20 **Terra Livre**

"Mas Alguém Desmanchou a Festa". Continuação (cena IV) de uma peça de Luis Marsoleau. As primeiras cenas foram publicadas na extinta revista **Aurora**, nos n.ºs 8,9 e 10.

21 nov. n.º 21 **A Terra Livre**

"Mas Alguém Desmanchou a Festa". Continuação do número anterior, cena V .
Final.

1907

6 de Janeiro n.º 24 **A Terra Livre**

Notícia da morte de Pietro Gori. Breve biografia.

20 Jan. n.º 108 **La Battaglia**

Notícia da morte e artigo sobre Pietro Gori

22 jan. n.º 18 **Novo Rumo** (Rio)

A Luz DA RIBALTA

Artigo sobre teatro (p 4)

27 jan. o. 109 **La Battaglia**

Artigo respondendo a outro de Mano Cataruzza n.º 108 sobre P. Guri. O artigo é resposta a possíveis ofensas feitas ao falecido Título: "**Voce**

d'oltre tomba". Embaixo há uma carta de P. Gori dirigida ao autor, ilegível. Vem de Roma.

5 fev. n.º 26 **A Terra Livre**

Desmentido da morte de Pietro Gori. Ouem morreu toi o pai, Francesco Gori. O mesmo erro aconteceu no **La Battaglia**, sem o desmentido. "O baile" - Comentário sobre a função degenerada dos bailes. O artigo continua no número seguinte. Assinado "Lucifero"

23 tev. n.º 27 **A Terra Livre**

"O baile" - Continuação do artigo do número anterior. Conclusão. GRANDE FESTA LIBERTARIA

Dia 16 de março, às 20:30, no Éden Clube (Rua Florêncio de Abreu, 22). Programa:

- 1.º - "Senza Patria"
- 2.º - "Triste Carnevale"
- 3.º - Conferência em italiano
- 4.º - Conferência em português
- 5.º - Baile

3 mar. n.º 113 **La Battaglia** GRANDE FESTA LIBERTARIA

Dia 16 de março, às 20:30. Programa. Salão Éden Clube (Rua Florêncio de Abreu, 22). Programa:

- 1.º - "Senza Patria" - drama social em dois atos de P. Gori
- 2.º - **Conferenza in italiano**
- 3.º - "Triste Carnevale" - **bozzetto sociale in un ato**
- 4.º - **Conferenza in portoghese**
- 5.º - **Ballo**

Obs.: No drama "Senza Patria" será a seguinte a distribuição de papéis:

GIORGIO - (**vecchio contadino, ex-garibaldino**): G. Bortolo

TONIO - (**marinaro, amico di Giorgio**): A. Morselli

ANNITA - (**figlia di Giorgio**): Signorina N.N.

GIOVANNA - (**madre di Giorgio**): Signora N.N.

ARTURO - (**giovane contadino**): E. Mascare...

PEPPINO - (**carrettiere**): N.N.

18 mar. n.º 29 **A Terra Livre**

"Os Dois Ladrões" - publicação integral. Ceninha de Aikin e Barbault. Antimilitarista.

15 abr. **A Terra Livre** FESTA LIBERTÁRIA

Dia 30, às 20:00, no salão Ibach, pelo grupo La Propaganda

O produto da festa será dividido entre o **Terra Livre** e a aquisição de folhetos. Programa:

- 1.º - “Primo Maggio”
- 2.º - Conterência sobre tema ocasional
- 3.º - “Sangue Fecondo” - episódio da reação russa
- 4.º - Rifa
- 5.º - Baile

21 abr. n.º 119 **La Battaglia**

Artigo intitulado “L’arte”

1.º jun. n.º 35 **Terra Livre**

Balancete da festa de 16 de março de 1907

15 jun. n.º 37 **Terra Livre**

Domingo, dia 23, no salão do Centro Galego, pelo Grupo Dramático Teatro Social

1.º - “Antonio” - drama em cinco atos de Guedes Coutinho, que no dia 1.º de maio alcançou ruidoso sucesso

7 set. n.º 38

Dia 14 de setembro, em benefício do **Terra Livre** e do **Tierra y Libertad** (Madri). Pelo Grupo Dramático Teatro Social. Programa:

- 1.º - Conferência pelo camarada Carlos Dias
- 2.º - “As Vítimas” - peça em um ato de Frederico Boutet. Tradução de Carlos Nobre
- 3.º - “Hambre” - **bozzetto** social em um ato de Romulo Ovidi
- 4.º - “O Pecado de Simonia” - de Neno Vasco
- 5.º - Baile

27 jul. n.º 42 **Terra Livre**

Notícia da formação do Grupo Libertário Germinal, fusão do grupo editor do **Terra Livre** com a Biblioteca de Literatura Social

GRUPO DRAMÁTICO TEATRO SOCIAL

Dia 28 de julho, récita mensal no salão do Centro Galego

- 1.º - “O Ocaso dos Ódios” - drama em três atos de Emilio Carral
- 2.º - “A Escala” - comédia em um ato de Norés

Obs.:A partir do n.º 34 o jornal **Terra Livre** passa a ser editado no Rio. As notícias são portanto referentes a festas do Rio de Janeiro.

1.º jun. **Terra Livre**

Crítica da peça “Antonio”

26 nov. n.º 52 **Terra Livre**

Dia 15 do mês próximo, no salão do Centro Gálego(Rua da Constituição, 30-32). Em benefício do camarada Silvestre Machado que está doente. Programa:

- 1.º - “A Ceia dos Pobres” - de Campos Lima
- 2.º - Concerto
- 3.º - Baile

1908

9 jan. n.º 54 **Terra Livre (Ano III)**

Federação Operária do Rio de Janeiro (Rua do Hospício, 156)

Programa: Dia 25 de janeiro, promoção do Centro do Sindicato dos Operários.

Programa:

- 1.º - Conferência
- 2.º - “O Avatar” - de Marcelo Gomes
- 3.º - “O Grande Dia”
- 4.º - “A Ceia dos Pobres” - de Campos Lima

1.º fev. **A Luta Proletária**

FESTA SOCIAL

Dia 15 de fevereiro, promoção da Liga dos Marceneiros. Programa:

- 1.º - “Il Martire” - prólogo do drama “I Giusticierì”
- 2.º - Conferência em português
- 3.º - “Senza Patria”
- 4.º - Recitação de poesias em português e italiano, por crianças
- 5.º - “Triste Carnevale”
- 6.º - Conferência em italiano
- 7.º - “La Lettera” - monólogo
- 8.º - “Greve de Inquilinos”
- 9.º - Orquestra e hinos revolucionários

No salão Éden Clube. Baile

18 mar. n.º1 **Folha do Povo (Ano I)**

OCOMÉRCIO E O COLOMBO:

A propósito da inauguração do Teatro Colombo, o **Comércio de São Paulo** saiu-se com uma forma de se lavar um tanto.

O jornal, que se tem na conta de popular, mimoseou o nosso popular bairro com o seguinte: “Todas as comodidades, enfim, encontrarão os frequentadores do novo teatro que, pelo seu conforto e elegância, devia estar em outro ponto que não o bairro do Brás”. Há anos um jornal de Espanha teve também uma saída idêntica, por ocasião do descarrilhamento em uma estrada de ferro onde apareceram muitas pessoas: “Houve muitos mortos, mas felizmente da terceira classe”.

A do **Comércio** aproxima-se disto: “O teatro é muito confortável, elegante, mas devia ser para outra gente; para gente boa cá do alto”.

O **Comércio** podia também ir mais longe, poderia dizer, por exemplo: “O teatro é bom, mas deveria estar situado lá pela Avenida Central..

” Partindo-se desse modo de ver podór-se-ia chegar até lá? (...)

Ora, não podemos compreender a razão. Será porque o teatro ficou bom? De forma que, se ele não tivesse condições, estaria muito bem aqui. É isso porque o Brás é quase exclusivamente habitado pela gente mais pobre?

Anúncio de livro à venda: **O infanticídio**

6 ago. n.º 22 **Folha do Povo**

GRUPO DE AMADORES TEATRO LIVRE (LISBOA)

Este grupo de Lisboa, de que já falamos, pensa em realizar a sua primeira récita por todo este mês em Almada, revertendo metade do seu produto líquido em favor do semanário lisboeta **O Protesto**. Repertório; “Ceia dos Pobres” (contraste à “Ceia dos Cardeais”) - um ato em verso por Campos Lima.

“O Melhor Caminho” - Luis da Câmara Fleis

“Os Degenerados” - Cruz de Andrade “O Triunfo”

- Carrasco Guerra

“O Infanticídio” - Motta Assunção

“Unidos!” - um ato em prosa de Pinto Quartim

“Primeiro de Maio” - Pietro Cor “Juventud” e “La Madre Eterna” - De Ignacio Iglesias

8 dez. **Folha do Povo**

COMO SE FAZ UM FILANTROPO

A propósito da inauguração da Escola Alvares Penteado, o artigo descreve como a família acumulou a fortuna

1909

14 fev. n.º 203 **La flattaglia**

FESTA LIBERTÁRIA

Em benefício de uma **scuola laica** na Água Branca, Grupo Cioventú Libertaria dará dia 14, às 20:30, uma interessante serata dramática. Programa:

1.º - “Sangue Fecondo”

2.º - “La Canaglia”

14 mar. n.º 207 **La Battaglia**

Dia 13 do corrente, às 20:30, na sede do Grupo de Studi Sociali do Bom Retiro, Rua dos Imigrantes, 195. Programa:

1.º - “Primo Maggio”

2.º - “Santa Religione”

3.º - **Conferenza**

4.º - “Brillantíssima Farsa”

5.º - **Ballo**

14 mar. **Folha do Povo**

Inauguração do prédio da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas

2 mai. n.º 213 **La Battaglia**

FESTA LIBERTÁRIA

Sábado, 1.º de maio de 1909 (sic) no Salão Carlos Comes (antigo Steinway), Rua São João, 95. Programa:

- 1.º - "Declaração de Guerra" - idílio japonês por Charles Malato
- 2.º - Uma comédia social
- 3.º - "Sem Pátria" (em português)
- 4.º - **Conterenza in italiano**
- 5.º - "La Lettera" - monólogo
- 6.º - "Primo Maggio"
- 7.º - **Kermesse**
- 8.º - **Ballo**

14 Jun. n.º 79 **Folha do Povo**

A companhia de Clara Deila Guardia encena "Il Vagabondo", que, provavelmente, não é o mesmo dos repertórios anarquistas. O autor é Jean Richepin.

2.ª quin. jun. **O Livre Pensador**

P.11: Associação do Livre Pensamento

O excelente drama "Treva e Luz" de que é autor o nosso bom amigo e entusiasta livre pensador Luiz A. de Azevedo Marques que será ensaiado por um dedicado grupo de amadores, e não tardará a ser levado pela primeira à cena nesta capital, terá por fim cooperar, com o resultado dessa receita, para a realização do benemérito projeto dessa associação.

Trecho de um artigo.

27 nov. n.º 7 **A Lanterna** - nova fase - ano IV

Por iniciativa do grupo Pensamento e Ação se realizará uma festa em benefício da Escola Moderna. Programa: o drama "Giordano Bruno". Dia 31 de dezembro vindouro.

19 set. n.º 229 **La Battaglia**

Grande Festa Popolare al Polytheama

A beneficie dei colone spagnole José Guerrero - l'eroico giusticiere di due schiavisti.

Programa:

- 1.º - "El Teniente Cura" - **bozette** em um ato, prosa original de Constantino Gil e Giuliano Romero
- 2.º - Conferência: Ciência, Vida e Luz
- 3.º - "Vispa Tereza" - **versi martelliani** de P. Chiesa. Drama
- 4.º - "Digene" - monólogo em versos, declamado pelo Sr. Ezequiel Símoni
- 5.º - "I Veri Amíci dei Popolo" - esplêndido **bozetto**, representado pelos diletantes do Grupo Filodramático Aurora

17 out. n.º 233 **La Battaglia**

Grande festa 12 de novembro às 20:30 no Teatro Colombo. Em benefício das vítimas da reação espanhola. Programa

- 1.º - Sinfonia
- 2.º - "Juan José" - drama popular em três atos e um quadro em prosa de D. Joaquim Dicienta. Representado pelo Grupo Dramático Cervantes, dirigido por D. José Solé
- 3.º - "Basta de Suegros" - juguete cômico em um ato, original de D.E.....(ilegível)

21 nov. **La Battaglia**

Notícia da expulsão de Edmondo Rossi. O jornal explica a expulsão pelo tato de Rossi ter fundado a Escola Laica da Água Branca.

1910

22 jan. n.º 5 **A Lanterna**

PRÓ-ESCOLA MODERNA

Grupo Pensamento e Ação, no Salão Celso Garcia (Rua do Carmo, 39). Programa:

- 1.º - "Giordano Bruno" - de Moro Mor
- 2.º - Conferência em português por um acadêmico desta capital
- 3.º - "Primeiro de Maio" - comédia em um ato de Demétrio Alatri
- 4.º - Conferência em italiano
- 5.º - Coro da ópera **Nabuco** - Verdi
- 6.º - Declamação de poesia por uma criança
- 7.º - **Kermesse**

5 fev. n.º 17 **A Lanterna**

No dia 15 de novembro último constituiu-se no Brás um círculo instrutivo dramático recreativo intitulado A Juventude Livre, de propaganda anticlerical. Sede: Rua Cel. Xavier de Toledo, 58.

17 fev. n.º 68 **Terra Livre**

AS FESTAS DE PROPAGANDA E O BAILE

26 mar. n.º 24 **A Lanterna**

Na biblioteca de **A Lanterna** está à venda **O infanticídio**, de Motta Assunção
PRÓ ESCOLA MODERNA - GRANDE FESTIVAL na cidade de Mayrink, dia 21 de abril.

Programa:

- 1.º - Às cinco da manhã fará alvorada a Corporação Musical Operária de Mayrink, gentilmente cedida pelo chefe da locomoção, Dr. Henrique Schering, percorrendo as ruas dessa localidade. Às 6:30 a Corporação Musical irá à estação esperar a Corporação Musical 6 de janeiro, de Sorocaba, a qual será recebida na sede da Associação Recreativa Operária por uma Comissão
- 2.º - Dirigidas por gentis senhoritas, começarão, às oito horas, a funcionar as tómbolas nas barracas, prolongando-se esse divertimento durante o dia. Às 8:30 começará um leilão de prendas até às 10:30, começando novamente ao meio-dia até as duas, e das três em diante até às oito horas da noite. Das duas às três horas da **tarde será feita a extração da tómbola oficial, cujos prêmios são: 30\$000 e 100\$000**
- 3.º - Tocarà, durante o leilão e quermesse, a Corporação Musical de Mayrink, dirigida pelo Maestro A. Valeriani
- 4.º - Das onze às doze horas fará uma conferência o Sr. Eduardo Vassimon sobre os fins da Escola Moderna. As três horas fará um discurso o Sr. Ferreira Júnior, de Sorocaba, dissertando sobre a significação da festa. À uma hora serão distribuídos bombons às crianças.
- 5.º - Às 8:30 da noite começará o espetáculo dirigido pelo Sr. Bragança exibindo-se o Grupo Dramático de Mayrink. Tocarà durante o espetáculo a orquestra Estudantes de Talma, de Mayrink, dirigida pelo Maestro Joaquim Pereira. No último intervalo do espetáculo uma inteligente menina fará um discurso de agradecimento a todos que concorreram para o bom êxito da festa.

NE: As entradas se encontram a venda na porta do teatro, a 500 réis. O jardim será ornado á japonesa, com iluminação correspondente. Subcomitê Pró Escola Moderna de Mayrlnk: Firmino Alvaro da Cunha, Augusto Montavente e Henrique Hansen.

2 abr n.º 25 **A Lanterna** FESTA PRO ESCOLA MODERNA

Promovida pelo subcomitê do Bom Retiro, dia 16 de abril às 20:30 no Salão Turnerachaft rua Bom Retiro, 52, em frente ao templo protestante). Grupo Filodramático Libertário. Programa:

- 1.0 - "Per ii Codice" - drama em dois atos de A. Noveilli
- 2.0- d'li Maestro" - bonefle em um ato de Rouselie
- 3.0 - "vispa Tereza" - **boneflo** em um ato de P. Chiesa
- 4.0 - **Kermns.** e baile

30 abr. n.º 29 **A Lanterna**

Sociedade Feminina de Educação Moderna
Hoje, às 8:00 da noite, no Salão Ceiso Sarda. Programe;

- 1.º - "Incoraggiamento" - versos de Rocca, pela menina Zuma Calza
- 2.º - "Vispa Tereza" - por crianças de doze anos
- 3.º - "Il mattino, ricchi e poveri", de O. Parini, recitado pela Sra. Beatriz Gennari
- 4.º - **Ringraziamente** - pela menina ida Gennari
- 5.º - Poucas palavras da Sra. O. Josephlna Stefani Bertachi sobre a natureza e o escopo dessa sociedade
- 6.º - Conferência em português pelo Sr. Ricardo Figueiredo sobre o tema: A Mulher e o Livre Pensamento
- 7.º - Baile

1.º mal. n.º 71 **Terra Livre,-** Ano IV

Hoje, grande festa em benefício da Escola Moderna. Às 20:30, no Teatro Santa'nna. Conferência por Benjamin Motta e representação de duas peças.

3 mai. n.º 257 **La Baflagila**

Pró Scuola Moderna
Domingo às 20:30, no Teatro Sant'Anna.
Programa:

- 1.º - "Primo Maggio" - de Pietro Gori
- 2.º - "D'all Ombre al Sole o il Prete Garibaldino" - comédia em três atos de Líbero Pilotto. Preço: 2\$000 (cadeira), 1\$500 (balcão), 1\$000 (geral), 12\$000 (frisa) 10\$000 (camarote)

12 jun. n.º 262 **La Baflaglia**
Traz o endereço de **A Lanterna**: Largo da Sé, 5 (sobrado)

4 set. n.º 271 **La Bafiaglia**

Notícia sobre o Grupo Libertário del Braz. Sede: Av. Rangel Pestana, 207. O grupo convoca uma reunião para tratar de uma testa que será dia 13 de dezembro, no Teatro Colombo, em benetício da Scuola Moderna.

1911

15 jan. n.º 289 **La Battaglia**

Notícia da morte de Pietro Gori. Artigos de capa: “La morte di Pietro Gori” e “Per un poeta morto” (Gigi Damiani).

O primeiro artigo contém a biografia do morto. O segundo, de Gigi Damiani, tece considerações a respeito da estética do teatro social.

17 fev. n.º 292 **La Battaglia**

Noticia-se a publicação das obras completas de Gori, na Itália. A edição obedece a disposições testamentárias do autor no que diz respeito à organização dos textos.

Obs.: Entre os **slogans** que incitam os trabalhadores a não consumir determinados produtos ou não trabalhar em determinadas fábricas, há o seguinte: “NON COMPRATE A **PLATÉIA**”

1.º abr. A **Lanterna**

Festa no Salão Celso Garcia, em benefício da propaganda anticlerical. Programa:

1.º - “Galileu, Galilei”

2.º - Várias conferências

3.º - Quermesse e baile

27 mai. n.º 88 **A Lanterna**

(Ano X - a contagem dos anos de duração do jornal passa a incluir os anos em que não foi publicado, contando portanto desde 1901)

Dia 17 de junho, no Salão Germânia, promovida pela “imprensa de combate”.

Programa:

1.o - ‘I Disonesti’ - de Giroliamo Rovetta

2.o - ‘Il Patatrac’ - Silvestri

4 jun. **La Baflagila**

GRANDIOSA FESTA LIBERTÁRIA

No Salão Germânia, em benefício de **A Lanterna** e La Battaglia. Será sábado, dia 17 do corrente, às 20:30. Programa:

1.º - ‘I Disonesti’ - drama em três atos de Giroliamo Rovetta. Personagens:

Carlos Moretti; Antonio Lattari; Elisa Moretti; E. Lattari; Peppino Sigismondi; S. Rossi; Orlando

Orlandi; E. cassoli; Signora de Formatis; A. Fabbri; Serafino; D. Cosentino; Cammilla; A. Morelli ;

un poffineto: L. Orsetti; Etterino: A. Cammilli

2.º - Brilhante comédia de Silvestri, “Il Patatrac”, interpretada por A. Piacchetti, E. Lattari, D.

Cosentino, T. Ongarelli

3.º - **Ballo**

Ingresso: 1\$000. Mulheres, grátis

18 jul. n.º 313 **La Battaglia**

Aparece outro grupo libertário: Aurora e Libertas. A sede é na Rua Rubino de Oliveira, n.º38, no Brás. Há um artigo intitulado: “L’arte e i mercatanti” (Acratibis).

2 set. n.º 102 **A Lanterna**

Entre os livros anunciados na Biblioteca Espanhola, há duas obras de Ibsen: **La comedia dei amor, Los guerreros en Helga**

8 out. n.º 325 **La Battaglia**

Notícia da publicação dos três primeiros volumes da obra de P. Gori: **Genere e favilie, Prigioni, Battaglia**. As edições são italianas. No mesmo número um artigo: "L'anarchismo e 'arte" (Giovanni Baldazzi)

4 nov. **A Lanterna**

A Sociedade Feminina de Educação Moderna realiza hoje, às 22:30, no Salão Germania, uma festa em benefício da sua primeira escola, já instalada no Brás. Programa:

- 1.º - "Santa Religione"
- 2.º - "La Conquista dell'Avvenire" - de Gori, recitado por uma senhora
- 3.º - Quermesse e baile

Outra notícia

Dia 18 do corrente, no Salão Germania, o Circulo de Estudos Sociais Francisco Ferrer realiza festa de propaganda. Programa:

- 1.º - "Senza Patria"
- 2.º - Conferência
- 3.º - Representação de uma comédia em um ato
- 4.º - Recitação do monólogo "O Cafone" (**sic**)
- 5.º - Baile

5 nov. n. 329 **La Battaglia**

FESTA SOCIALISTA

Dia 18 de novembro, sábado, no Salão Germânia (Rua D. José do Barros). A festa é organizada pelo Circolo di Studi Social Francisco Ferrer. A representação fica a cargo do Corpo Dramatico Simpatizzanti all'Arte, dirigido pelo ator Giuseppe Turola.

- 1.º - "Senza Patria" - P. Gori
- Personagens: Giorqio (G. Turola); Tonio (A. Vegani); Annita (M. Sabieri); Giovanna. (A. Fabbri); Arturo (A. Avaloni); O Andrea (T. Genaro); Peppinno (O. Panighel)

- 2.º - **Intermezzo**
- 3.º - **Conferenza**
- 4.º - **Farsa in un atto**

Personagens: Attilio Belcherubino (E. Faggiano); Cora Henbruck (T. Camili); Giovanni (V. Righetto)

- 5.º - "O Cafone" - **ovvero la festa di Sant'Antino** - monólogo em dialeto napolitano. interpretado pelo Sr. Giuseppe Cociolito
- 6.º - **Ballo**

11 nov. **A Lanterna**

Como anunciamos, realizou-se sábado passado a festa da Sociedade Feminina da Educação Moderna. O Salão Germânia encheu-se completamente, divertindo-se com alegria até às cinco da madrugada de domingo, quando terminaram as animadas

danças. Agradou bastante a representação da peça de P. Gori “Senza Patria” e o recitativo “Santa Religione”. Oreste Ristori fez uma conferência combatendo esse monstro que ainda infelicitava a humanidade: a guerra

12 nov. n.º 326

FESTA LIBERTÁRIA

Dia 23 de setembro, no Salão Celso Garcia, a Società Filodrammatica Studio e Diletto representará “Gabriela” - drama social em cinco atos de T. Monticelli. Quermesse e baile.

9 dez. A Lanterna

25 do corrente, no Salão Celso Garcia, festa de propaganda.

Programa:

- 1.º - “Gabriela” - de T. Monticelli
- 2.º - Conferência
- 3.º - Quermesse

30 dez. A Lanterna

A VELADA DE SÁBADO

Correu bastante animada a festa realizada no sábado passado, no Salão Celso Garcia. O belo drama de L. Monticelli, “Gabriela” agradou bastante, recebendo fortes aplausos os amadores que se encarregaram da sua representação. Em um dos intervalos Oreste Ristori realizou uma conferência contra a guerra, combatendo-a energicamente, no que foi acompanhado pela numerosa assistência que o aplaudiu com calor. Esteve muito movimentada a quermesse, que deve ter dado um bom resultado. Foi também rifado um belo retrato em ponto grande do pranteado companheiro P. Gori. O baile prolongou-se alegremente até a madrugada. Teve, como se vê, um bom êxito a festa de sábado. E não se poderia desejar outro resultado, mormente tendo-se em vista o seu simpático fim. Essa velada foi organizada por um grupo de libertários em homenagem ao soldado Caetano Masetti que, ainda há pouco, num gesto de suprema rebeldia, fazendo-se intérprete de todas as vítimas da guerra, lançou contra esse horrível flagelo da humanidade o seu vigoroso protesto, atirando contra um oficial, O produto líquido da festa será enviado à família desse extraordinário moço, que sacrificou a sua vida em holocausto do grande Ideal da paz universal.

1912

6 jan. A Lanterna

Festa de propaganda sábado, dia 13 do corrente, no Salão Germânia. Festa de propaganda.

Programa:

- 1.º - “La Repubblica” - comédia em quatro atos, de Gigi Damiani, representada pela primeira vez
- 2.º - “D. Pedro Caruso” - Roberto Bracco
- 3.º - Baile e quermesse

Outra notícia: Uma festa em princípio de fevereiro:

- 1.º - “Pecado de Simonia” de Neno Vasco
- 2.º - “Amanhã” - de Manuel Laranjeira
- 3.º - Recitativos, conferências e quermesse

21 jan. n.º 338 **La Battaglia**

GRANDE FESTA DE PROPAGANDA

Dia 13 de Janeiro, no Salão Germânia

- 1.º - 'D. Pietro Caruso' - drama de Roberto Bracco
 - 2.º - "Na República"- comédia em quatro atos de Gigi Damiani
- A festa é em benefício da Scuola Moderna

16 mar. **La Battaglia** - Ano III

Promoção do Circolo di Studi Sociali Conquista dell'Avvenire

Sábado, dia 13 de abril, o Centro Filodramático Libertário realizará, no Salão Germânia, uma **soirée** em benefício de uma escola que o círculo mantém em sua própria sede.

- 1.º - "Morte Civile" - drama em quatro atos de P. Giacommetti
- 2.º - **Conferenza in italiano ed in portoghese**
- 3.º - **Kermesse e ballo**

16 mar. A **Lanterna**

Hoje, no salão da Società Leale Oberdan (Rua Brigadeiro Machado, 5), às 20:30.
Festa do Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer

Programa:

- 1.º - "La Legge dei Cuore" - de Ettore Domínici
- 2.º - "Os Dois Conquistadores" - farsa em um ato
- 3.º - Conferência: **La Donna e l'Avvenire**
- 4.º - Baile

23 mar. A **Lanterna**

Promovida pelo Círculo de Estudos Sociais Conquista do Porvir.

Dia 3 de abril, no Salão Germânia. Em benefício da escola do círculo. Programa:

- 1.º - Conferências em português e italiano
- 2.º - "Morte Civil" - de Giacommetti, pelo Grupo Filodramático Libertário
- 3.º - Quermesse e baile

27 abr. A **Lanterna**

Festa pró La Battaglia. Dia 30, no Salão Celso Garcia. Grupo Studio e Diletto. Programa:

- 1.º - "La Canaglia"
- 2.º - Conferência
- 3.º - Farsa
- 4.º - Baile

9 jun. A **Lanterna**

(Em julho, provavelmente dia 13. Não há mais informações).

Programa:

- 1.º - "Pecado de Simonia"
- 2.º - "Amanhã"
- 3.º - "Greve de Inquilinos" - desopilante comédia de Neno Vasco

12 ago. n.º 363 **La Battaglia**

Dia 31 de agosto no Salão Celso Garcia (Salão das Classes Laboriosas) espetáculo em benefício do **La Bafaglia**

1.º - “I Tristi Amori” - de G. Giocosa. Comédia em três atos.

Personagens: L'avvocato Giulio Scarli: A. Lattari

La Signora Emma: E. Lattari

L'Avvocato Fabrizio: O. Cosentino

Il Conte Ettore Arcieri: S. Rossi

Il Procuratore Ranetti: A. Pecchetti

Gemma, **bambina**: R.

Camili Marta, doméstica: A. Fabbri

2.º - “In Pretura” - Brillhante **scherzo** cômico em um ato

Intérpretes: C. Ferroni, S. Rossi, A. Rossi, A. Pecchetti, M. Piazzi

3.º - Quermesse e baile

7 set. **A Lanterna**

FESTA GRÁFICA

Dia 7, hoje, no Salão Germânia. Comemorando a instalação definitiva da União Gráfica.

1.º - “Senza Patria”

2.º - Conferência pelo Sr. Justo Seabra

3.º - “Pinto, Leitão & Companhia” - comédia em um ato

8 set. n.º 368 **La Battaglia**

Anuncia-se o lançamento do jornal **La Barricata**. É anunciado como “continuação imediata e legítima de **La Battaglia**”. A partir do n.º 369 o jornal passa a denominar-se **La Barricata**. O logotipo é o mesmo. A direção, que era de Oreste Ristori, passa para Gigi Damiani. A numeração continua. Entre parênteses continua inscrito “ano VIII della Battaglia”

28 set. **A Lanterna**

Dia 12 de outubro, no Salão Celso Garcia. Promoção do F. Ferrar.

Programa:

1.º - “L'Ideale” - de P. Gori

2.º - “Triste Carnevale”

3.º - “Um Hotel Modelo”

4.º - Conferência sobre o tema Vamore

29 set n.º 371 **La Barricata**

FESTA DE PROPAGANDA

Promoção de Francisco Ferrer. No Salão Celso Garcia, dia 12 de outubro, às 20:30.

Programa:

1.º - “L'ideale” - bozzetto de P. Gori

2.º - Conferência sobre o tema L'Amore

3.º - “Triste Carnevale” - drama em um ato

4.º - “Um Hotel Modelo”

5.º - **Ballo**

19 out. **A Lanterna**

GRANDE FESTA DE PROPAGANDA

Dia 1.º de novembro, no Salão Celso Garcia. Rua do Carmo.

Programa:

1.º - **Hino dos trabalhadores** - pela orquestra

2.º - Conferência de propaganda

3.º - “La Canaglia”

4.º - “Criminal” - monólogo social recitado pelo camarada José Sánchez

5.º - Primeiro de maio (O belo hino de P. Gori)

6.º - “Pecado de Simonia” - de Neno Vasco, pelo grupo dramático Idéia Moderna

6 dez. n.º 379

Festa em benefício da escola do Circolo di Studi Sociali Conquista dell'Avvenire Dia 11 de janeiro de 1913, no Salão Alhambra (Rua Marechal Deodoro) n.º2. O grupo dramático é do próprio circolo.

1.º - “La Sorella dei Cieco” - D. Chiesone

2.º - Conferência em português e italiano

3.º - “La Canaglia”

4.º - Quermesse e baile

31 out. n.º 375

Em benefício de Guerra Social, jornal em português que se edita no Rio de Janeiro.

Festa organizada pelo grupo de São Paulo Guerra Social. Dia 1.º de novembro, no Salão Celso Garcia

1.º - **Hino dos trabalhadores** - pela orquestra

2.º - Conferência de propaganda

3.º - “La Canaglia”

4.º - “Criminal” monólogo social recitado pelo camarada José Sánchez

5.º - **Primeiro de maio** - belo hino do saudoso camarada Pietro Gori

6.º - “Pecado de Simonia” - engraçadíssima comédia social em um ato do camarada Neno Vasco. Interpretada pelo grupo dramático Idéia Moderna

7.º - Quermesse e baile

1913

4 jan. n.º 173 **A Lanterna** - Ano XII

Dia 11 de janeiro, às 20:30, no Salão Alhambra. Promoção do grupo Conquista do Porvir,

Programa:

1.º - “La Sorella dei Cieco” - de David Chiesone

2.º - Conferências em português e italiano

3.º - “La Canaglia”

4.º - Quermesse e baile

26 jan. n.º 384 **La Barricata**

Anuncia-se a iminente publicação de um novo periódico anárquico em português: **Germinal**

4 fev. **A Lanterna**

Biblioteca de **A Lanterna**: uma peça de Octaviano Reinelt: “Um Como não há Muitos” - Comédia de costumes nacionais em dois atos.

8 mar. n.º388 **La Barricata**

Há uma notícia de que o projeto Germinal será fundido ao jornal **Barricata**, que passará a sair com duas páginas em português. Essa fusão é explicada como temporária. Motivo: “Não faltam recursos, mas homens que possam dedicar-se exclusivamente ao jornal”.

13 abr. n.º 389 **La Barricata**

N.º **Germinal**

13 abr. n.º 393

FESTA DE PROPAGANDA

Dia 30 de abril: às 20:00, no Salão Celso Garcia

- 1.º - “L’Ideale” - de P. Gori
- 2.º - “Sangue Fecondo”
- 3.º - “La Piccola Rivoluzionaria” - monólogo
- 4.º - Quermesse e baile

Obs.: A coleção consultada do **La Barricata** termina no n.º 389

14 abr. **A Lanterna**

FESTA DE PROPAGANDA

Dia 30 de abril, às 20:00, no Salão Celso Garcia

- 1.º - “L’Ideale” - de P. Gori
- 2.º - “Sangue Fecondo”
- 3.º - “La Piccola Rivoluzionaria” - monólogo
- 4.º - Quermesse e baile

10 mai. **A Lanterna**

GRANDE FESTA OPERÁRIA

Dia 24 de maio, no Salão Celso Garcia. Promovida pelo Sindicato de Ofícios Vários.

Festa de propaganda para lembrar a conquista da jornada de oito horas. Pelo Grupo Dramático Libertário Mário Rapizardi.

Programa:

- 1.º - “Primo Maggio” - de P. Gori, em italiano
- 2.º - “La Morte di Francisco Ferrer” - peça em um ato, em italiano, de Grippiola Francesco. Pela primeira vez em São Paulo
- 3.º - Conferência em português sobre o tema: O Sindicalismo Revolucionário

- 4.º - Intermédio: poesias, monólogo e canto pelo Sr. Silvio Bertuzzi
- 5.º - “O Pecado de Simonia” - Neno Vasco
- 6.º - Quermesse e baile

26 jul.

PRÓ SEGUNDO CONGRESSO OPERÁRIO BRASILEIRO

Grupo Dramático Anticlerical (Rio). Não há data

- 1.º - Conferência de José Oiticica
- 2.º - “O Pecado de Simonia”
- 3.º - Poesia pela menina Carolina Boni
- 4.º - Canção
- 5.º - Várias poesias
- 6.º - Baile

2 ago. A Lanterna

GRANDE FESTA OPERÁRIA

Salão Celso Garcia. Promovida pela União dos Sindicatos Operários de São Paulo. Dia 30 de agosto, às 20:00, dedicada à Confederação Operária Brasileira. Pelo Grupo Filodramático Libertário

- 1.º - “La Via d'Uscita” - em italiano. Vera Starkoff. Primeira vez
- 2.º - Conferência em português
- 3.º - Intermédio de poesias e monólogos
- 4.º - “O Pecado de Simonia”
- 5.º - Baile

8 out. A Lanterna - Ano XIII

Artigo de Neno Vasco, de Lisboa: “O cinema como arma burguesa contra o operariado”. Outra notícia:

GRANDE FESTA DE PROPAGANDA (Rio)

No Centro Galego (Rua da Constituição, 38). Sábado, dia 8 de novembro, às 20:30.

Programa:

- 1.º - “Amor Louco” - em três atos, de Antônio Augusto da Silva
- 2.º - Conferência de José Oiticica sobre o tema: A Moral da Igreja Romana
- 3.º - “A Escala” - peça em um ato
- 4.º - Leilão de prendas e baile familiar

Obs.: Na biblioteca de A Lanterna anuncia-se: “Um Como não há Muitos” comédia de costumes nacionais em dois atos, de Octaviano Reinelt

8 nov. A Lanterna

Promoção do Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer. Dia 15 de novembro, no Salão Celso Garcia. Programa:

- 1.º - “Gente Honesta” - de P. Gori
- 2.º - Conferência sobre o tema: La Famiglia
- 3.º - Engraçada comédia
- 4.º - Quermesse e baile

No Rio

Centro de Cultura Social, em dezembro. Programa:

- 1.º - "Famintos!" - quadro dramático social de Santos Barbosa
- 2.º - Conferência
- 3.º - "Pátria..." - entreato - adaptação de Francisco Delaisi
- 4.º - Intermédio
- 5.º - "Pacatos" - farsa em um ato de Zenon de Almeida e S. Barbosa

8 dez. **A Lanterna**

FESTA DE PROPAGANDA

Centro Libertário de São Paulo. Dia 31 de dezembro, às 8 da noite, no Salão do Conservatório de São Paulo (Rua São João, 85). Em benefício do jornal **Propaganda Libertária**

- 1.º - "Senza Patria" - de Gori
- 2.º - Breve conferência
- 3.º - "Triste Carnevale"
- 4.º - Recitativo de uma poesia de Guerra Junqueiro
- 5.º - Quermesse e baile

8 dez. **A Lanterna**

FESTAS DE PROPAGANDA

No Rio

Grupo Dramático Anticlerical - Centro Galego (Rua da Constituição, 38). Dia 20 do corrente, às 20:30

Programa:

- 1.º - "Os Ladrões da Honra" - de Henrique Peixoto
- 2.º - Baile e leilão

Em São Paulo

Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer. Hoje, às 20:00 no Salão Celso Garcia.

Programa:

- 1.º - "Spettri" - de Ibsen
- 2.º - "Qualcuno Guastô la Festa" - de M. Marsoleau
- 3.º - Conferência sobre o tema: La Miseria
- 4.º - Baile familiar

1914

17 jan. **A Lanterna**

FESTA DE PROPAGANDA

Hoje, às 20 hs, no Salão Gil Vicente, à Av. Range Pestana, 265. Velada de propaganda promovida pelo Circolo Filodrammatico Libertario. Programa:

- 1.º - "Il Porta Figlio" - comédia social
- 2.º - Conferências em português e italiano

- 3.º - Monólogo
- 4.º - Quermesse

21 jan. **A Lanterna**

FESTA DE PROPAGANDA (Rio)

No Centro Galego; não há data.

Programa:

- 1.º - Conferência
- 2.º - "Deus e a Natureza" - drama em quatro atos de Arthur Rocha
- 3.º - Baile

14 mar. **A Lanterna**

FESTA DE PROPAGANDA

Pró Escola Moderna de São Paulo. Dia 18 do abril, no Salão Celso Garcia, às 20:30.

Programa:

- 1.º - "Francisco Ferrer" - drama em dois atos de Pierre Qulroulie
- 2.º - "Pecado de Simonia" - Neno Vasco
- 3.º - Conferência em português sobre a Escola Moderna
- 4.º - Comédia em italiano
- 5.º - Quermesse e baile

11 abr. **A Lanterna**

Promoção do Centro Libertário. Dia 30 de abril, às 20:00, no Salão Celso Garcia. Festa de Propaganda.

- 1.º - "Giordano Bruno" - drama social
- 2.º - "Primo Magglo" - Gori
- 3.º - Conferência
- 4.º - Quermesse e baile

18 abr. **A Lanterna**

FESTA (Rio)

Comemoração do Primeiro de Maio. Grupo Dramático Anticlerical
Programa:

- 1.º - "o Operariado" - drama em um ato de Henrique Macedo Jr.
- 2.º - Conferência de José Oltica: Os ídolos
- 3.º - "Os Primeiros Tiros" - drama social em um ato de Amedée Rouquás
- 4.º - Baile

20 jun. **A Lanterna**

4 jul. **A Lanterna** FESTA NO RIO

Pelo Grupo Dramático de Cultura Social. Não há data.

- 1.º - Conferência
- 2.º - "Triste Carnevale"
- 3.º - Intermédio
- 4.º - "Amores de Cristo" - comédia de Zenon de Almeida
- 5.º - Baile

Em São Paulo

Festa de propaganda, dia 11 de julho, no Salão Leale Oberdan (Rua Brigadeiro Machado, 5) - Promoção do Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer Programa:

- 1.º - "Maternita" - drama em quatro atos de Roberto Bracco
- 2.º - Conferência
- 3.º - Comédia
- 4.º - Baile

11 jun. n.º 251 **A Lanterna - Ano XIII**

Artigo: "O teatro católico" - comentário sobre um espetáculo ("Sta. Aquilina Mártir"). O artigo fala também da necessidade de um teatro social. Autor: João Eduardo.

26 set. **A Lanterna** FESTA DE PROPAGANDA

Iniciativa do Centro Libertário de São Paulo. Dia 10 de outubro, no Salão Alhambra (Rua Marechal Deodoro, 2). Terceira Festa Familiar de Propaganda. Programa:

- 1.º - "La Repubblica" - comédia social de G. Damiani
- 2.º - "Alia conquista dell'avvenire" - de P. Gori, declamado pela companheira E. Cattai
- 3.º - Conferência e baile

21 nov. **A Lanterna** FESTA DE PROPAGANDA

Festa libertária na Lapa. Promovida pelo grupo anarquista Os Sem Pátria, da Lapa. Dia 12 de dezembro, no salão do Cinema Teatro. Programa:

- 1.º - "Senza Patria" - de P. Gori
- 2.º - Conferência
- 3.º - "O Viandante e o Herói" - peça em um ato de Feilice Vezzeon

19 dez.

Dia 9 de janeiro de 1915, às 20:30, no Salão Itália Fausta (Rua Florêncio de Abreu, 45). Programa:

- 1.º - "O Mestre" - drama em um ato de R. Rousselle, em português
- 2.º - "Hambre!" - peça em um ato de Romulo Ovide

- 3.º - "O Desmoroamento" - peça social em um ato
- 4.º - Quermesse e baile (pró Escola Moderna)

Outra notícia: Dia 31, às 20:00, por iniciativa do Centro Libertário de São Paulo, festa familiar no Salão Celso Garcia

Programa:

- 1.º - "Guerra e Revolução"
- 2.º - Diversões varias
- 3.º - Quermesse
- 4.º - Baile

1915

13 mar. n.º 276 **A Lanterna**

Publica-se a primeira parte de uma "comédia bufo-religiosa"

Título: "Sua Santidade". Autor: Aristóteles Feliciano de Andrade Silva

27 mar. n.º 277 **A Lanterna**

Continuação de "Sua Santidade"

10 abr. **A Lanterna**

Continuação de "Sua Santidade"

1.º mai. n.º 279 **A Lanterna**

Continuação de "Sua Santidade"

10 jul. **A Lanterna**

VELADAS SOCIAIS

Dia 17 do "mês entrante". Promoção do Centro Feminino Jovens Idealistas. No Salão Leale Oberdan (Rua Brigadeiro Machado, 5), Brás. Programa:

- 1.º - Abertura da festa pela orquestra
- 2.º - "Maternità" - de R. Bracco
- 3.º - Conferência sobre a questão social
- 4.º - Diálogo adequado
- 5.º - Quermesse e baile

Outra notícia: Dia 19 do mês passado (junho) aconteceu uma festa promovida pela SUPR.

Programa:

- 1.º - Orquestra
- 2.º - Declamação por alunos
- 3.º - Conferência em português por Florentino de Carvalho sobre o tema Guerra e Emancipação
- 4.º - "Ideale"
- 5.º - "Juventud" - de Ignacio Iglesias. Pela primeira vez nesta capital
- 6.º - Representação de uma interessante farsa

11 set

Pró Escola Moderna de São Paulo. Comentário e descrição de uma festa que aconteceu no dia 14 de agosto.

1916

26 fev. n.º **286 A Lanterna**

“O teatro e a igreja” - artigo de Romualdo Figueiredo (artista dramático)

25 mar. **A Lanterna**

A Arte do Palco - “O teatro livre” - artigo de Romualdo Figueiredo

15 abr. n.º **288 A Lanterna**

FESTA DE PROPAGANDA

Em benefício do **Guerra Social**. Dia 30 de abril de 1916, no Salão Celso Garcia.

Programa:

1.º - “Tenebre e Luce”

2.º - Comédia

3.º - Conferência de A. Bandoni

4.º - Quermesse e baile

Outra notícia: A Arte do Palco - “Uma iniciativa” - artigo de Romualdo Figueiredo

2 set. n.º **291 A Lanterna**

A Arte do Palco - “Falência dos mondrongos” - artigo de Romualdo Figueiredo

1917

9 jun. **A Plebe** - Ano I

Obs.: É apresentada como uma continuação de **A Lanterna**

Diretor: Edgard Leuenroth

End.: Rua Capitão Salomão 3-D (perto do Largo da Sé)

17 jun. n.º **4 A Plebe**

FESTIVAL PRÓ **A PLEBE**

Dia 24 do corrente. O programa é precedido de uma conferência de Adelino de Pinho: O Século do Operário

15 set. **A Plebe**

Suplemento de uma página substituindo edição apreendida. Composto e impresso nas oficinas de **O Combate**

30 set. n.º **15 A Plebe**

Notícia da sentença de Gigi Damiani. Condenado à deportação.

Obs.: No ano de 1917 não há quase informações sobre teatro. O jornal se concentra no movimento grevista.

30 out. n.º19 **A Plebe**

“A dança e o futebol” - “A mocidade” - os efeitos corruptores dessa forma de lazer. Assinado: Zejo Costa

“Obras que os operários devem ler”

Obs.: Do ano de 1917 só há jornais até 30.10.1917.

1919

22 fev. n.º **A Plebe**

FESTIVAL PRÓ PRESOS

Aconteceu no Centro Galego (Rio), domingo último. Em favor de trinta e nove camaradas que se encontram na detenção. Programa:

- 1.º - Exposição de motivos, por um camarada
- 2.º - Ato variado composto de poesias e canções da atualidade
- 3.º - “Náufragos” - drama
- 4.º - “Pela Pátria!” - episódio dramático (demonstração de guerra, patriotismo, deísmo, etc.)
- 5.º - “Magna Assembléia” - sátira (crítica maximalismo, burguesismo, política operária, etc.)
- 6.º - um grupo de meninas cantou o **Hino da liberdade** (música do hino nacional)

15 mar. n.º4 **A Plebe** - Ano II

Em São Caetano, festa promovida pela Sociedade dos Laminadores

Programa:

- 1.o - “Cristo da Agonia” - de Pedro Ercomillo
 - 2.o - “O Melhor Juiz é a Consciência” - de Leopoldo Pareja
 - 3.o - “O Dinheiro Não Vale Nada” - de Leandro Martim
- Pelo grupo dramático organizado sob a direção de Antônio Vidales

12 abr. **A Plebe**

Dia 30, no Salão Celso Garcia. Promovida pelo grupo Os Semeadores. Programa:

- 1.º - Hino dos trabalhadores - pela orquestra
- 2.º - “Primeiro de Maio” - de P. Gori
- 3.º - Conferência sobre a questão social
- 4.º - “Arlequin, el Selvage”
- 5.º - Quermesse e baile

5 ago. **Alba Rossa**

GRANDE FESTA FAMILIAR

Em benefício do **Alba Rossa**

Sábado, dia 27 de setembro, no Salão Celso Garcia

- 1.º - “Sombra e Luz” - drama em três atos
- 2.º - “Primo Maggio” - de P. Gori
- 3.º - Conferência
- 4.º - Quermesse e Baile

9 ago. n.º 25 **A Plebe** - Ano III

FESTIVAL PRO **Alba Rosas**

Dia 27 do corrente, no Salão Celso Garcia

- 1.º - “Sombra e Luz” - drama português em três atos
- 2.º - “Primo Maggio”, em italiano
- 3.º - Quermesse e baile

23 ago. **A Plebe**

Catajestes intelectuais - artigo sobre o intelectual alienado, contendo uma estranha analogia com a capoeira.

11 set. **A Plebe**

PALCOS, TELAS E ARENAS

Circos; O público das galerias, numa explosão de alegria, mudou o nome das feras em exposição. Atualmente passaram a chamar-se o leão, “Matarazzo”; a hiena “Jorge Street”, e o urso “Penteado”.

30 out. **A Plebe**

Detesa de Gigi Damiani. Artigo sobre sua obra

1920

7 fev. n.º 51 **A Plebe**

FESTA SOCIAL DA UNIÃO DOS CHAPELEIROS

Hoje, na sede da Federação Espanhola (Rua do Gasómetro, 49), às 20:00. Programa:

- 1.º - “As Provas do Crime” - representado pelo grupo dramático da União dos Chapeleiros
- 2.º - “El Acabóse” - pelo grupo dramático Francisco Ferrer
- 3.º - “Il Casino di Campagne” - pelo grupo dramático União dos Chapeleiros
- 4.º - Conferência por Valentim Diogo
- 5.º - Baile

GRANDE FESTIVAL PRÓ **A Plebe**

Promoção do Centro Dramático Emilio Zola. Dia 20 de março, no Salão Celso Garcia.

Programa:

- 1.º - Orquestra
- 2.º - Conferência sobre a questão social
- 3.º - “Santa Inquisição” - drama em três atos
- 4.º - Quermesse e baile

14 fev. **A Plebe**

FESTIVAL PRÓ **O Grito Operário**

Hoje, no Salão Itália Fausta (Rua Florêncio de Abreu, 45), Grupo Dramático Francisco Ferrer

- 1.º - Orquestra
- 2.º - Conferência

3.o - "Os Ladrões da Honra" - drama em quatro atos

4.o - Quermesse e baile

10 abr. n.º 60 **A Plebe**

FESTIVAL SOCIAL

Organizado pela União dos Canteiros. Dia 30 de abril, comemorando o dia 1.º de maio

1.º - "O Sem Pátria" - de P. Gori

2.º - Uma comédia em um ato

3.º - Conferência

4.º - Baile

17 abr. n.º 61 **A Plebe**

"Os anarquistas brasileiros ao povo do Brasil" - editorial

1.º maio. **Alba Rossa**

FESTIVAL SOCIAL

Organizado pelo Círculo de Estudos Sociais A Sementeira.

Salão da Rua da Graça, 144 (Bom Retiro). Em benefício de **A Plebe e de Alba Rossa**

1.º - "Gaspar, o Serralheiro"- drama social em três atos

2.º - Conferência sobre a questão social

3.º - Quermesse

8 mai. **A Plebe**

Promoção do Centro Feminino Jovens Idealistas. Dia 15 do corrente, às 19:30, no salão da Federação Espanhola (Rua do Gasômetro, 44-A)

1.º - Orquestra

2.º - "Amanhã!" - peça social em um ato

3.º - "Hambre!" - peça espanhola em um ato

4.º - "Pecado de Simonia"

5.º - Quermesse e baile (nos entreatos cantos e recitativos sociais)

Outra notícia:

Promoção do Círculo de Estudos Sociais A Sementeira. Em benefício de **A Plebe** e do **Alba Rossa**. Dia 15 do corrente, no Bom Retiro (Grêmio Dramático-Musical Luso- Brasileiro). Rua da Graça, 144.

1.º - "Gaspar, o Serralheiro"

2.º - Conferência

3.º - Quermesse e baile

Notícia sobre o III Congresso Operário do Brasil. Reafirma alguns pontos de 1906 e 1903

FESTIVAIS DE PROPAGANDA

Promoção do Centro Feminino Jovens Idealistas

22 mai. n.º 65 **A Plebe**

Artigo interessante sobre a mulher e o tabaco ("A alta sociedade")

29 mai. n.º 66 A Plebe
FESTA DA UNIÃO DOS OPERÁRIOS METALÚRGICOS

Comemorando o primeiro ano de fundação da União. Dia 19 de junho, às 20:00, no Salão Celso Garcia. Programa:

- 1.º - **Ouverture** - pela orquestra
- 2.º - Conferência - pelo Dr. Maurício de Lacerda
- 3.º - "O Veterano da Liberdade" - drama em três atos levado à cena pelo Grêmio Dramático Lusitano
- 4.º - Quermesse e baile com "vistosos prêmios"

FESTIVAL DA UNIÃO DOS EMPREGADOS EM CAFÉS

Em benefício dos cofres sociais, com o concurso do Grupo Cênico Brasil Ideal Club.

Sábado, dia 12 de junho

- 1.º - **Ouverture** - pela orquestra
- 2.º - Conferência: Emancipação Integral do Proletariado (Florentino de Carvalho)
- 3.º - "O Tio Padre" - comédia em três atos
- 4.º - Ato variado pela **troupe** irmãos Vassalo
- 5.º - J. P. Alencar (Nhó Barnabé) com seu vasto repertório caipira
- 6.º - Napoleão de Aguiar, conhecido imitador
- 7.º - A família Moreira, destacando-se os pequenos Oscar e Joanita, premiados bailarinos
- 8.º - Quermesse e baile

5 jun. n.º 67 A Plebe

Balancete da festa realizada no Bom Retiro, em benefício de **A Plebe** e do **Alba Rossa**

ENTRADAS

DESPESAS

Ingressos	923\$000	Impressão dos ingressos:	15\$000
Leilão e quermesse:	218\$000	Músicos:	30\$000
Total:	511\$000	Aluguel do salão	90\$000
		Objetos p/ quermesse:	45\$000
		Dama p/ representação:	30\$000
		Despesas miúdas:	9\$400
		Despesas c/ amadores:	5\$000
		Bebidas p/ músicos e amadores:	16\$50
		Folhetos diversos:	12\$000
			252\$900

26 jun. n.º 70 A Plebe

"A auxiliadora das Classes Laboriosas" - (Um capacho da polícia) -Notícia sobre o proprietário do Salão Celso Carola, que tol proibido pela polícia de alugar o salão para operários, ou jornais operários.

10 jul. no 72 A Pleb

AÇÃO LIBERTÁRIA

Com o fim de intensificar a propaganda libertária reuniram-se diversos camaradas para deixar definitivamente constituído o grupo intitulado Cultura Social. Próxima reunião: dia 4 de iulho na Rua Joli, 125.

GRANDE FESTIVAL

Organizado pelo Centro de Estudos Sociais Juventude do Futuro, em benefício de **A Plebe**. Dia 13 de julho, às 20:00, no Salão Oberdan (Rua Brigadeiro Machado, 5)

- 1.º - **Ouverture** - pela orquestra
- 2.º - Conferência - de A. Palmeira
- 3.º - "A Voz do Povo" - drama em três atos
- 4.º - Quermesse e baile familiar. Haverá valsas especiais

24 jul. n.º 74 **A Plebe** GRANDE FESTIVAL PRÓ **A Plebe**

Promoção do Grupo Filodramático Libertas, da Mooca, fundado exclusivamente para organizar festivais em benefício dos jornais de propaganda e outras causas semelhantes.

Será estreada, sob a caprichosa direção do habilidoso e conhecido ensaiador Sr. Francisco França, a peça social em três atos intitulada "Na Catedral" do amador Italo Benassi, extraída do romance **Na catedral**, de Vicente Bíasco Ibáñez.

Obs.: No mesmo número publica-se uma subscrição a favor de Neno Vasco, que se encontrava doente em Portugal.

31 jul. n.º 75 **A Plebe** GRANDE FESTIVAL PRÓ **A Plebe**

Organizado pelo Centro Juventude do Futuro, dia 18 de agosto, em um dos teatros desta capital. Programa:

- 1.º - "O Vagabundo" - de Manuel Laranjeiras
- 2.º - "Los Mártires" - drama em um ato, em espanhol

GRANDE FESTIVAL ARTÍSTICO

Promoção da Liga Operária de Construção Civil. Em benefício do Jornal **A Vanguarda**. Dia 7 de agosto, no Salão Itália Fausta (Rua Florêncio de Abreu, 45), às 20:00.

- 1.º - **Ouverture** pela orquestra.
- 2.º - Conferência pelo camarada Cecilio Martins: "A Guerra Social e a Imprensa Operária"
- 3.º - "Os Conspiradores" - grande drama social em quatro atos encenado pelo grupo Emilio Zola

14 ago. n.º 77 **A Plebe** FESTIVAL

Em benefício de **A Obra** e da Biblioteca da União dos Empregados em Cafés. Dia 25 de setembro, no Salão Itália Fausta.

- 1.º - Conferência sobre a questão social
- 2.º - Cantos e recitativos
- 3.º - Quermesse e baile familiar

GRANDE FESTIVAL PRÓ **A Plebe**

Organizado pelo Centro Juventude do Futuro. Dia 1.º de setembro, no salão-cinema Eros

- 1.º - **Ouverture** - pela orquestra
- Escolhido programa de fitas cinematográficas

- 3.º - "O Vagabundo" - de Manuel Laranjeiras
- 4.º - "Los Mártires" - em espanhol
- 5.º - Quermesse e leilão de prendas nos entreatos

21 ago. **A Plebe**

Botão em flor que tenece - O nosso camarada Onofrio, da construção civil, passou ontem pelo duro golpe de perder o seu filhinho Giordano Bruno, um pequeno de um ano e meio, robusto, cheio de vida, que uma rápida enfermidade roubou aos seus carinhos e aos de sua dedicada compan~ira. Associamo-nos à sua dor.

FESTIVAL DA UNIÃO DOS CHAPELEIROS

Hoje, às 20:30 no salão da Federação Espanhola

- 1.º - "O Doido da Aldeia ou um Erro Judicial" - de Batista Diniz
- 2.º - "Um Marido que é Vítima das Modas" - comédia em um ato
- 3.º - Tômbola e baile
- 4.º - Nos intervalos o companheiro Hugo Gottardi cantará algumas canções

28 ago. n.º 79 **A Plebe**

7.FESTIVAL DE PROPAGANDA

Em benefício de **A Plebe**. Festa dramático-dançante
Dia 4 de setembro, às 20:30, no Salão Celso Garcia

- 1.º - Ouverture pela orquestra
- 2.º - Conferência por um camarada
- 4.º - "Santa Inquisição"

4 set. n.º 80 **A Plebe**

"Mensagem de Pedro Kropotkine aos trabalhadores britânicos"

Crítica ao regime soviético. É a primeira vez que aparece.

FESTIVAL DA UNIÃO DOS OPERARIOS METALÚRGICOS

Dia 25 do corrente, às 20:00, no salão da Federação Espanhola
(Rua do Gasômetro, 49)

- 1.º - Abertura pela orquestra
- 2.º - Conferência por Florentino de Carvalho
- 3.º - "O Escravo" - drama em um ato
- 4.º - Ato de variedades
- 5.º - Baile, leilão

FESTIVAL PRÓ **A Plebe**

Promoção da União dos Artífices de Calçados. Dia 4 de setembro (hoje), às 20:00, no Salão Celso Garcia.

- 1.º - Orquestra
- 2.º - Conferência
- 3.º - "Santa Inquisição"

11 set. A Plebe

GRANDE FESTIVAL ARTÍSTICO E LITERÁRIO

Organizado pelo Grupo Dramático Os Modestos, em benefício de A Obra. Hoje, no Salão Celso Garcia.

1.º - Hino **A internacional** pela orquestra

2.º - Conferência de Florentino de Carvalho sobre o tema:

Os Valores das Doutrinas de Cristo, Comte, Marx, Lênin e Kropotkine

3.º - "O 1 023" - episódio dramático por Júlio Dantas. Distribuição:

Canteleiro: Amílcar Martins

Carteiro: Tino Filho

Uma **bonne**: Sujeito que lê

4.º - **Romanza** - Sr. Francisco Montesano

5.º - "Sob o desmoronar dos milênios" - Poesia de Octavio Brandão, pela Srta. Virgínia Palácios

6.º - **Cara Píccina** - cançoneta pela Srta. Ida Meneghetti

7.º - "povo" - poesia pela Srta. Atea Tommasini

8.º - "Fragmento" - de Guerra Junqueira, pelo Sr Amílcar Martins

9.º - "Romanza" - pelo Sr. Antônio Piza

10.º - Recitativo pelo Sr. Vicente Amodio

11.º - "Os vampiros" - poesia de Raimundo Reis, pela Srta. Atea Tommasini

12.º - Cançoneta pelo Sr. Francisco Montesano

13.º - "Mamma mia, che vô sapé?" - pela Srta. Ida Meneghetti

14.º - Orquestra

15.º - "Lady Godiva" - poesia de Júlio Dantas pelo Sr. Amílcar Martins

16.º - **Romanza** pelo Sr. Antônio Piza

17.º - "Lolita" - serenata acompanhada pela Srta. Ida Meneghetti

18.º - **Romanza** pelo Sr. Francisco Montesano

19.º - "Rebeldia" - de Ricardo Gonçalves pela Srta. Atea

20.º - **Sride la Vampa** - do **Trovatore**, de Verdi, pela Srta. Ida Meneghetti

21.º - "O Vagabundo" - episódio de M. Laranjeira. Distribuição:

Vagabundo: Amílcar Martins

Operário: Tino Filho

Mãe: Maria Antônia Soares

NOTA: Não haverá baile

25 set. n.º 83 A Plebe

NENO VASCO

Artigo mencionando a morte de Neno Vasco, com ligeira biografia
FESTIVAL EM BENEFÍCIO DE **A Obra**

E da biblioteca dos empregados de cafés. No Salão Itália Fausta

Programa:

1.º - Conferência por Florentino de Carvalho

2.º - Poesias por crianças

3.º - Fade doa Ganga cantado por Augusto Batista

4.º - "Surdez por Coneniência" - hilariante comédia

5.o - Poesias

6.o - Quermesse e baile

2 out. n.º 84 A Plebe

UNIÃO DOS ALFAIATES

Festa de propaganda no Centro Republicano Português (Rua Marechal Deodoro, 2).

Hoje:

1.º - III Trionfo dell'Eguaglianza"

2.º - Conferência por um camarada

3.º - Baile familiar

4.º - Baile

GRANDE FESTIVAL PRO **A Plebe**

O grupo Juventude do Futuro vai editar "Pecado de Simonia", edição em bom papel, de luxo.

Essa comédia será representada no dia 12 de outubro, num festival pró **A Plebe**

Programa:

(Em comemoração ao fuzilamento de F. Ferrer),

Dia 12 de outubro, no Salão Celso Garcia

1.º - Orquestra

2.º - Conferência por José Elías da Silva (do Rio)

3.º - "Avatar"

4.º - "Pecado de Simonia"

5.º - "Os Milhões do Corcundinha" hilariante comédia em um ato

3 out. A Plebe

GRANDE FESTIVAL

Para defender os camaradas preses na Espanha. Dia 24, no Salão Celso Garcia

1.º - Orquestra

2.º - Conferência

3.º - "Os Filhos da Canalha"

22 out. n.º 87 A Plebe

GRANDE FESTA LIBERTÁRIA

Em beneficio do comitê pró vítimas da política italiana. Dia 11 ou 13 de novembro. Entre outras peças será apresentada "L'Osteria doíla Viflora" do 'Gigi Damiani

GRANDE FESTIVAL

Para angariar recursos para camaradas preses na Europa e tia África. Dia 23, no

Salão Celso Garcia. Programa:

1.º - Orquestra

2.º - Conferência

3.º - "Os Filhos da Canalha"

4.º - "Il Veleno" - comédia em um ato

5.º - Quermesse e baile

GRANDE FESTIVAL

Grupo editor das obras sociais de Neno Vasco. Dia 27 de novembro, às 20:00, no Ivonette Teatro (Av. Celso Garcia, 238)

- 1.º - Sinfonia pela orquestra
- 2.º - Conferência de F. de Carvalho: A Situação Revolucionária Internacional
- 3.º - “Vagabundo” - pelo Grupo Dramático Pierrot
- 4.º - “ Pecado de Simonia”
- 5.º - Hinos e recitativos
- 6.º - Leilão, quermesse e baile

6 nov. n.º 88 **A Plebe**

Artigo: “O maximalismo e o anarquismo”.

13 nov. n.º 89 **A Plebe**

“Arte e revolução” - artigo de Neno Vasco

20 nov. n.º 90 **A Plebe**

FESTIVAL LIBERTÁRIO

Para a biblioteca social Os Vermelhos. Dia 4 de dezembro às 20:00, no Salão Itália Fausta. Em benefício do jornal **Umanità Nuova, e** do comitê pró vítimas políticas da Itália.

- 1.º - Hino Bandeira vermelha - pela orquestra
- 2.º - “L’Osteria della Vittoria” - **bozzetto** social em dois atos por Gigi Damiani
- 3.º - Conferência
- 4.º - “Peol (**sic**) da Culpa” - de João Casadei
- 5.º - Quermesse

4 dez. n.º 92 **A Plebe**

“O terror bolchevista na Rússia - Pedro Kropotkine reduzido à miséria

18 dez. n.º 95 **A Plebe**

EDGARD LEUENROTH

GRANDE FESTIVAL

Em benefício do editor, que se encontra gravemente enfermo

Dia 18 de dezembro, no Palácio Moderno (Rua da Mooca)

- 1.º - Ouveflure pela orquestra
- 2.º - Ato variado
- 3.º - “Militarismo e Miséria”
- 4.º - Torneio de luta greco- romana por quatro profissionais que gentilmente ofereceram seu concurso
- 5.º - Engraçada comédia

25 dez. n.º 97 **A Plebe**

Grupo Dramático Joaquim Dicenta. Grande festival em benefício de uma entidade de educação. Dia 25 de dezembro, no Salão Celso Garcia, às 20:30.

- 1.º - Sinfonia
- 2.º - “Aurora” - de Joaquim Dicenta

3.º - Comédia

4.º - Baile

1921

15 jan. n.º 102 **A Plebe**

FESTIVAL

Em benefício de dois companheiros enfermos. Dia 19 de fevereiro no salão da Sociedade italiana, a Rua da Mooca, 508 (em frente ao cotonifício Crespi). Programa:

1.º - "O Filho da Revolução" - de Italo Benassi. Direção de Francisco Crusco

2.º - "Os Lobos" de Lino Brasil, pela primeira vez em São Paulo, direção de Francisco Crusco

3.º - Comédia em italiano

4.º - Baile

22 jan. n.º 103 **A Plebe**

GRANDE FESTIVAL EM BENEFÍCIO DE **A Plebe**

Pelo centro Juventude do Futuro. No Salão Celso Garcia, no próximo sábado.

1.º - "Las Tenazas" - comédia em três atos

2.º - Comédia

3.º - Leilão, tómbola, baile

29 jan. n.º 104 **A Plebe**

Outra notícia sobre o festival do dia 19 de fevereiro n.º102. Florentino de Carvalho é preso. Pretende-se a expulsão, decretada em 1912.

19 fev. n.º 107 **A Plebe**

Notícia da morte de Kropotkine. Descrição dos funerais. Biografia.

Balancete do festival pró **A Plebe** realizado a 29 de janeiro.

Ingressos vendidos na porta:	101\$000
Produto da quermesse	108\$600
Idem do leilão	53\$500
Ingressos passados por camaradas	308\$000
TOTAL:	571\$100
DESPESAS	
Aluguel do salão	250\$000
Orquestra	40\$000
Casa teatral	30\$000
Cerveja p/ músicos e porteiro	7\$000
50 prêmios p/ a quermesse	15\$200
Várias miudezas p/ o palco	18\$700
Impressão dos ingressos	25\$000
TOTAL:	397\$900
ENTRADAS	571\$100
DESPESAS	397\$900
SALDO	173\$200

BALANCETE DE A Plebe	
Déficit de número anterior	709\$600
Feitura e expedição do número anterior	1893100
RESUMO:	
Despesas	8983700
Entradas	2993300
	<hr/>
DÉFICIT	5993400

5 mar. n.º 108 **A Plebe**

“Além de prejudicado, preso”

A festa que deveria ter sido realizada no sábado atrasado, na Mooca, teve de ser adiada, em virtude dos manejos policiais em que esteve envolvida a Sociedade Italiana.

Os diretores dessa agremiação, quatro dias antes da data marcada para a realização do espetáculo, disseram que não cederiam mais o salão apesar de terem recebido o respectivo sinal.

Os promotores da festa protestaram contra esse procedimento canalha, mas os tipos da tal associação estavam de mãos dadas com a polícia e a ela recorreram. Otilio Coraza, que fazia parte do grupo promotor do festival, foi chamado à polícia no sábado e só foi posto em liberdade na segunda-feira. Que terra de gente honesta. Paga-se um salão, não se pode usá-lo e ainda se vai preso!...

UMA FESTA DOS SAPATEIROS

Hoje, às 20:30, festa organizada pela União dos Artífices em Calçados, cujo produto reverterá em benefício dos cofres dessa sociedade. Salão da Federação Espanhola (Rua do Gasômetro, 49) Programa:

- 1.º - Palestra sobre o valor da organização operária
- 2.º - “Militarismo e Miséria”
- 3.º - Recitativos
- 4.º - Quermesse e leilão de prendas

12 mar n.º 109 **A Plebe** (depois Corrigido para 110) UM OPERÁRIO DESONESTO

Um condutor da Light do Rio de Janeiro encontrou no bonde em que trabalhava um pacote de dez contos de réis, indo entregá-lo imediatamente ao escritório da companhia.

Esse condutor deve ser um homem dotado de baixos sentimentos. O seu ato revela que ele na ausência do sentimento de honra e humanidade, trocou o conforto dos que lhe deviam ser caros por um sorriso do gerente da Light que, intimamente, o chamará de idiota. Quanto à pessoa que perdeu dez contos podemos assegurar **In límine** que não os ganhou honestamente, visto que nestes tempos em que não se ganha para comer, nenhum trabalhador conseguiria juntar dez contos, nem mesmo com o trabalho de toda a sua família.

APOIO MÚTUO

Hoje, às 20:00 no Salão Itália Fausta (Rua Florêncio de Abreu, 45). Em benefício de Thadeu Gaílo, operário enfermo. Programa:

- 1.º - “Os Filhos da Revolução”
- 2.º - “I Due Ciabatlini”
- 3.º - Quermesse e baile

26 mar. n.º **110 A Plebe**
FESTIVAL DE PROPAGANDA PRÓ **A Plebe**

Dia 7 de maio, às 19:30, no Salão Sant'Anna (Rua Olavo Egídio) Programa:

- 1.º - "Militarismo e Miséria"
- 2.º - Conferência
- 3.º - Baile e quermesse

9 abr. no 112 **A Plebe**
PRÓ **A Plebe**

Dia 30 do corrente, às 20:00, no Salão do Centro Republicano Português (Rua Marechal Deodoro, 2)

- 1.º - **Internacional** - pela orquestra
- 2.º - "Alba" - drama social em três atos de Giovani Casadei
- 3.º - Conferência
- 4.º - Quermesse e baile

FESTIVAL LITERÁRIO E DANÇANTE (pró **A Plebe**)

Pelo grupo Nova Era. Dia 30 de abril, às 20:00, no Salão Flor do Mar, sito à Av. Guilherme, na Vila Guilherme.

- 1.º - Conferência
- 2.º - Recitativos e monólogos
- 3.º - Quermesse, leilão, sorteio e baile

Obs.: A tómbola constará dos seguintes números: um belo quadro, de 60 por 70 cm, alusivo à execução de um mártir da Grande Revolução, uma valiosa cigarreira e um bom livro de sociologia.

23 abr. n.º **114 A Plebe**
FESTIVAL DOS TECELÕES

Promoção da União dos Operários em Fábricas de Tecidos
Hoje, no salão da Federação Espanhola

- 1.º - Conferência: A Organização de Classe e o Momento Atual
- 2.º - "O Mártir do ideal" - Pela primeira vez, direção Crusco
- 3.º - Quermesse e leilão

6 mai. n.º **116 A Plebe**
GRANDE FESTIVAL DE PROPAGANDA PRÓ **A Plebe**

- 1.º - A internacional, pela orquestra
- 2.º - "Alba", de Giovani Casadei, pela primeira vez em São Paulo
- 3.º - Conferência sobre o problema social
- 4.º - Quermesse e baile

14 mai. n.º **117 A Plebe**

UMA BELA NOITADA

A Festa de anteontem em orol de **A Plebe**....

Findo o discurso desse companheiro, que impressionou profundamente a assistência, foi iniciada a representação em italiano na peça em três atos, "Alba", do camarada

João Casadei, autor de vários trabalhos de propaganda social, e um dos mais esforçados amadores teatrais desta capital.

“Alba” que anteontem foi levada a cena pela primeira vez, é um drama de enredo magnífico e que vem quebrar a monotonia das peças representadas nas nossas festas, dramalhões que cansam e enfastiam o espectador, que delas saem levando uma sensação como que de cansaço, e sem ter apreendido nada ou quase nada das nossas doutrinas. A sua ação passa-se na Itália contemporânea e corre em redor de um capitalista que tinha por esposa uma filha do povo que diversas circunstâncias arrancaram do seu meio. Havendo se declarado em greve os seus operários e não querendo ele atendê-los, estes tomam uma atitude violenta e promovem uma revolução que se apodera da cidade e vem libertar a filha do povo dos grilhões que para si representava um casamento que a ordem social lhe impusera, e entregá-la àquele a quem amava e cujo amor era correspondido.

É um das melhores peças de nosso teatro, essa que anteontem um grupo de amadores nos deu ensejo de ver para o êxito da qual todos os seus intérpretes concorreram, pelo que daqui lhes enviamos nossos parabéns, principalmente à protagonista, que se saiu de uma forma admirável no difícil papel que teve a seu cargo.

Ao seu autor, que demonstrou conhecer perfeitamente as exigências da técnica, daqui concitamos que continue a enriquecer o nosso teatro, que infelizmente não se acha sobejado de obras que alcançam o objetivo de reunir o útil ao agradável, como aquela que agora tivemos o inesquecível prazer de assistir.

“Alba” vai ser traduzida para o português por um camarada que disso se encarregou, segundo estamos informados, nesta língua. Será dentro em breve novamente levada à cena nesta capital.

(Sem assinatura)

4 jun n.º120 **A Plebe**

Amenidades: artigo sobre a função digestiva e inócua do cinema. Uma expressão, aplicada a Chapim, diz o seguinte: “é um grotesco D. Quixote da teia”. Assinado: “Tristão”

11 jun. n.º 121 **A Plebe** (Editado no Rio)

Dia 14 de julho, às 20:30, no Centro Galego (Rua Visconde do Rio Branco, 53). Em benefício de **A Plebe**. Estréia do Grupo Teatro Social, com dedicado concurso do distinto tenor Isidoro Alacid e do aplaudido cançonetista Júlio Crici.

- 1.º - **Prêmio** - de Lírio de Rezende, por Santos Barbosa
- 2.º - Conferência por José Oiticica
- 3.º - **Gaiola** - de Luciano Descaves
- 4.º - “Em Guerra” - idílio do Carlos Malato
- 5.º - Ato variado, canções, etc.

18 jun. n.º122 **A Plebe** (Rio)

UNIÃO DOS TAIFEIROS CULINÁRIOS E PANIFICADORES MARÍTIMOS

Festival, dia 16 de julho, no teatro do Centro Galego

- 1.º - **Overture** pela orquestra
- 2.º - Conferência pelo Dr. Agrípino Nazareth
- 3.º - Drama em um ato
- 4.º - Comédia em dois atos
- 5.º - Ato variado
- 6.º - Baile

15 out- n.º 125 A Plebe - Ano V - São Paulo

Notícia da constituição de um novo grupo: Os Semeadores

GRANDE FESTIVAL PRO A Plebe

Promoção de Os Semeadores, dia 19 de novembro, no Salão Leale Oberdan (Rua Brigadeiro Machado, 5)

- 1.º - **Ouverture** pela orquestra
- 2.º - Conferência
- 3.º - “L’Ideale”
- 4.º - “A Causa do Mal” - drama em um ato, português
- 5.º - “El Acabóse” - comédia em espanhol
- 6.º - Quermesse, baile

Obs.: Cada cavalheiro terá direito a ser acompanhado de uma dama.

5 nov. n.º 126 A Plebe

GRUPO TEATRO SOCIAL (Rio)

Este grupo, ultimamente organizado por um punhado de camaradas que se interessam pela propaganda do ideal libertário, participa às associações operárias e ao proletariado em geral a sua recente fundação, sendo o seu intuito, conforme indica o seu título, propagar e difundir com a possível intensidade, por meio de representações teatrais, as concepções libertárias em face das diversas manifestações da vida humana, levando à cena peças de crítica social e da correspondente idealização das novas normas capazes de substituir satisfatoriamente os gastos e condenáveis sistemas e métodos da organização individualista-burguesa, geradores das misérias e degradações com as quais sofre e nas quais se aniquila a humanidade. Desejando cumprir com o seu programa acima exposto, este grupo se propõe concorrer com a realização de espetáculos nos festivais e em outras iniciativas das diversas associações operárias, ou de grupos de propaganda libertária, cingindo-se às seguintes cláusulas:

- 1.ª - Representar somente peças que tenham um sentido útil à obra da emancipação social e à cultura do proletariado.
- 2.ª - No caso de constar do programa dos certames a realização de alguma conferência, esta deve ser de propaganda libertária ou puramente científica, artística ou histórica.
- 3.ª - Não trabalhar em “Certames” nos quais se realizem bailes.
- 4.ª - Não receber remuneração alguma peça sem concurso, cabendo às associações ou grupos iniciadores dos “Certames” o pagamento das despesas necessárias à realização dos espetáculos.
- 5.ª - Os atos variados serão organizados consoante o critério do grupo.

De acordo com as cláusulas expostas, este grupo oferece com a maior boa vontade a sua colaboração aos grêmios operários e aos núcleos libertários aos quais, desde já, saúda cordialmente. Toda a correspondência destinada a este grupo deve ser enviada para a Rua José Maurício 47, 1.º andar, Rio de Janeiro.

1922

18 mar. n.º 177 A Plebe

“Os anarquistas no momento presente”

Declaração de princípios. Posicionamento diante das questões políticas do momento. Métodos de lutas e formas privilegiadas de associação.

1.º abr. n.º 178 **A Plebe**

“O crime organizado” - Reportagem-crônica sobre o menino que foi devorado pelos cães de guarda de uma fábrica. Enfatiza o problema do trabalho infantil.

União dos artífices em calçados e classes anexas de São Paulo

Grande festival em benefício da biblioteca social. Dia 29 de abril, no Salão Celso Garcia

- 1.º - Inauguração da bandeira
- 2.º - Conferência por um camarada do Rio
- 3.º - **Ouverture** pela orquestra
- 4.º - “Senza Patria” - em italiano
- 5.º - “O Amanhã” - em português
- 6.º - “Primo Maggio” - em italiano
- 7.º - Baile familiar

Obs.: A comissão se reserva o direito de vedar a entrada a quem julgar conveniente.

15 abr. **A Plebe**

FESTIVAL NO RIO

Pró **Renovação** (revista libertária). Dia 22, às 20:30, no Centro Galego
Programa:

- 1.º - “A Avozinha”
- 2.º - “Ninete”
- 3.º - Conferência

Artigo: “O nosso festival de propaganda”. A propósito do esvaziamento das festas da União dos Gráficos.

10 jun. n.º 183 **A Plebe** GRANDE FESTIVAL PRÓ **A Plebe**

Organizado pelo centro libertário A Terra Livre
Dia 22 de julho, no Salão Celso Garcia

- 1.º - **A internacional** - pela orquestra
- 2.º - Conferência
- 3.º - “Os Conspiradores”

Obs.: A comissão se reserva o direito de vedar a entrada a quem julgar conveniente.

24 jun. n.º 184 **A Plebe**

FESTIVAL DO GRUPO NOVA ERA

Dia 8 próximo, no Salão Leale Oberdan (Rua Brigadeiro Machado, 5)
Programa:

- 1.º - Conferência
- 2.º - “A Filha do Marinheiro” - drama em três atos
- 3.º - Comédia em um ato
- 4.º - Baile

Biblioteca social A Inovadora - **Música e literatura** - de Barrecocha

22 jul. n.º 186 **A Plebe**

Grupo Teatro Social

Notícia da tentativa de organizar um grupo com esse nome, para a propaganda libertária. A festa, anunciada no n.º 183, em benefício de **A Plebe**, foi adiada para o dia 12 de agosto. O drama “Os Conspiradores” será substituído por “Pecado de Simonia”.

26 ago. n.º 189 **A Plebe**

FESTIVAL DE CONFRATERNIZAÇÃO PROLETÁRIA

Organizado pela União dos Empregados em Cafés, em benefício de sua biblioteca e da publicação de uma obra social. Dia 6 de setembro, no salão da Federação Espanhola. (Rua do Gasômetro, 49, 2.º andar.) Programa:

- 1.º - Ouverture pela orquestra
- 2.º - Conferência
- 3.º - “um Conselho de Guerra a Meia-Noite” - comédia em um ato pelo Grupo Teatral Rosa Vermelha
- 4.º - “Elevação” - poesia de Arsênio Palacios, por Mercedes Alves
- 5.º - um ato de variedades em que tomarão parte os melhores amadores do Rosa Vermelha
- 6.º - Baile familiar

NOTICIA: “O festival pró **A Plebe**”

Comenta o festival de 12 de agosto e informa que além de “O Pecado de Simonia” foi representado o drama “Fome e Miséria”. Crítica a encenação imperfeita de “Pecado de Simonia” como resultado da “precipitação nos ensaios”.

23 set. n.º 191 **A Plebe**

GRANDE FESTIVAL DE PROPAGANDA

Organizado pelo grupo Regeneração Social. Dia 28 de outubro, às 20:00 em benefício da biblioteca social A Inovadora. No Salão Celso Garcia.

- 1.º - **A internacional** - cantada em coro e acompanhada pela orquestra
- 2.º - “Bandeira Proletária” pelo Grupo Teatro Social
- 3.º - Recitativo, quermesse e baile

21 out. n.º 193 **A Plebe**

CENTRO FEMININO DE EDUCAÇÃO

Conferência de Izabel Cerrutti, estudando a emancipação da mulher do ponto de vista libertário. É a fundação desse centro.

4 nov. n.º 194 **A Plebe**

Outro menino comido por cães, desta vez na fábrica Penteados

18 nov. n.º 196 **A Plebe**

O FESTIVAL DOS SAPATEIROS

Dia 25 do corrente, às 20:00, no Salão Celso Garcia. “Festa da Caderneta”, assim chamada por só terem ingresso os sócios da União que apresentarem a caderneta em dia com a tesouraria

- 1.º - **A Internacional, Hino dos trabalhadores e Hino Primeiro de Maio**, pela orquestra
- 2.º - Conferência pelo camarada Edgard Leuenroth
- 3.º - “Os Semeadores” - de Avelino Foscolo, sob a direção de Francisco Crusco
- 4.º - Baile familiar

GRUPO TEATRO SOCIAL

Pedimos a todos os camaradas deste grupo que tenham papéis nas novas peças a serem ensaiadas que não faltem aos ensaios nos dias determinados e que começarão na próxima semana.

Artigo sobre educação: “Contra a perpetuidade do erro e da mentira”.

19 dez. n.º198 A Plebe

GRANDE FESTIVAL DE PROPAGANDA

Pela Legião de amigos de **A Plebe** entre Irabalhadores de calçados. Dia 30 do corrente, às 20:00, um bem organizado festival. Salão Leale Oberdan (Rua Brigadeiro Machado, 5).

- 1.º - **A internacional** - pela orquestra
- 2.º - Conferência por um camarada do Rio
- 3.º - “Ao Relento” - de Afonso Schmidt
- 4.º - “Na Escola” - de R. Roussele
- 5.º - “Naquela Noite” - de Santos Barbosa
- 6.º - Quermesse, baile e tómbola

As representações estão a cargo do Grupo Teatro Social

1923

3 jan. n.º 200 A Plebe - Ano V

Um dos colaboradores do jornal, Ricardo Cippola, é assassinado numa festa operária. Foi na festa do dia 30, no Salão Oberdan. A notícia descreve o andamento da festa e tem a preocupação de mostrar que o tato é incomum nos meios operários. Descrevem o assassino como um tipo lúmpen.

27 jan. n.º 201 A Plebe

GRANDE FESTIVAL

Promovido pela União dos Canteiros e Classes Anexas de São Paulo.

Em benefício de **A Plebe** e de uma biblioteca da União. Hoje, às 20:30 da noite, no Salão Celso Garcia

- 1.º - A internacional - pela orquestra
- 2.º - Conferência em italiano
- 3.º - “Primo Maggio” - de Gori
- 4.º - Conferência em português
- 5.º - “Pecado de Simonia”
- 6.º - Quermesse e baile

17 fev. n.º 203 A Plebe

RICARDO CIPPOLA

Atraente festival em prol da família desta inditoso camarada.

No salão-teatro Resistência dos Cocheiros (Rio), dia 24 de março.

FESTIVAL

Pela Liga Operária de Construção Civil. Em benefício de José Leandro da Silva. Dia 17 de março, as 20:00, no salão da Federação Espanhola (Rua do Gasômetro, 49, sobrado).

- 1.º - Ouvenure pela orquestra
- 2.º - “Em Guerra”, ou “O Vagabundo”, de Charles Malato, pelo grupo de Teatro Social
- 3.º - “Desmoroamento” - comédia em um ato de Conde Valney
- 4.º - “Ao Relento” - de Afonso Schmidt
- 5.º - Recitativos nos intervalos

Obs.: A comissão se reserva o direito de vedar a entrada a quem julgar conveniente.

24 fev. n.º 203 **A Plebe**

RICARDO CIPPOLA

Em benefício da viúva do malgrado camarada Ricardo Cippola, a União dos Empregados em Cafés organizou um festival dia 24 de março, no Salso Celso Garcia

- 1.º - “Os Libertários” - de Filipe Gil, pelo Grupo Dramático Primeiro de Maio
- 2.º - Ato de variedades por um conjunto de amadores
- 3.º - Quermesse e baile

24 mar. n.º 205 **A Plebe**

AOSQUE MORREM

Dia 13 do corrente, com a idade de sessenta anos, faleceu o camarada Felipe Morales, bastante conhecido do proletariado de São Paulo, no meio do qual militou até há poucos anos (...) Sapateiro infatigável, trabalhando em seu banquinho até os últimos dias de sua vida, desde muitos anos vinha sendo atormentado por cruel enfermidade. Deixou como recordação de sua atividade revolucionária um drama de sua autoria intitulado “Os Conspiradores”

PRÓ LEANDRO DA SILVA

Efetou-se dia 17 do corrente um festival de propaganda organizado pela Liga de Construção Civil com o concurso organizado do Grupo de Teatro Social. O espetáculo, que foi uma das melhores festas que ultimamente presenciamos, principou após uma breve representação e decorreu na maior harmonia, notando-se grande satisfação, já da parte dos amadores que se sentiam seguros em seus papéis, já pela assistência que começa crer na realidade do verdadeiro teatro proletário.

Após a apresentação o camarada Pinho em frases vigorosas relatou com abundância de pormenores a história de que foi protagonista José Leandro da Silva, acentuando a maneira pela qual os trabalhadores podem prestar sua solidariedade à causa que os irmana.

Seguiu-se a representação que constava de um belo programa acrescido de uma comédia e um recitativo.

Os camaradas do Teatro Social, na última parte do programa, excederam a expectativa da assistência que não regateou aplausos, porque consciente de sua missão representaram com arte a linda fantasia de Afonso Schmidt “Ao Relento”, uma verdadeira jóia teatral de propaganda, com música original do companheiro Elias.

“Ao Relento” que na sua primeira apresentação mereceu elogios calorosos de Oduvaldo Vianna, poderá ser repetida em todas as festas, que agrada sempre.

(Sem assinatura)

7 abr. n.º 206 **A Plebe**

GRANDE FESTIVAL TEATRAL EM BENEFÍCIO DE **A Plebe**

Organizado pelo Centro Libertário Terra Livre, Sapateiros e pelo Grupo de Teatro Social. Dia 30 de abril, às 20:00, no Salão Celso Garcia. Comemoração ao Primeiro de Maio.

- 1.º - **A Internacional** - pela orquestra
- 2.º - Conferência sobre a data
- 3.º - "Auto de Justiça" - um ato, por F. Grisoilia
- 4.º - "Naquela Noite" - um ato de Santos Barbosa
- 5.º - "A Greve de Inquilinos" - por Neno Vasco
- 6.º - "Primeiro de Maio" - de P. Gori
- 7.º - Recitativos e cânticos rebeldes

9 jun. n.º 211 **A Plebe**

FESTIVAL

Organizado pela Liga Operária de Construção Civil em benefício dos cofres sociais e de **A Plebe**. Dia 30 de junho, no Salão Itália Fausta, às 20:30

- 1.º - **Ouvertur.**
- 2.º - Conferência
- 3.º - "O Vagabundo" - de Manuel Laranjeira
- 4.º - "Greve de Inquilinos"
- 5.º - "L'Ideale" - de Gori, em italiano

Obs.: A comissão reserva-se o direito de vedar a entrada a quem julgar conveniente.

GRANDE VELADA TEATRAL

Dia 7 de julho, no Salão Celso Garcia, organizada pela União dos Empregados em Cafés, em prol de **A Voz da União** e do periódico de idéias **Prometheu**, a publicar-se brevemente.

- 1.º - Prelúdio pela orquestra
- 2.º - Palestra
- 3.º - "Los Malos Pastores" - drama social em cinco atos de Octavio Mirbeau, encenado pelo Grupo ibérico
- 4.º - Baile

7 jul. n.º 213 **A Plebe**

GRANDE FESTIVAL

Promovido pelo Centro de Cultura entre Operários Têxteis, em benefício da publicação de um jornal próprio. Dia 14 de julho, às 20:00, no Salão Celso Garcia.

- 1.º - **Ouverture** pela orquestra
- 2.º - Conferência sobre a tomada da Bastilha
- 3.º - "Tripoli" - drama social em dois atos pelo grupo Teatro Social
- 4.º - "Ao Relento" - de Afonso Schmidt

Obs.: A comissão se reserva o direito de... etc.

24 jul. n.º 213 **A Plebe**

GRANDE FESTIVAL

Promovido pela União dos Artífices em Calçados, em benefício dos cofres sociais e de **A Plebe**. Dia 25 de agosto, no Salão Celso Garcia.

- 1.º - **A internacional** - pela orquestra
- 2.º - Conferência por Dona Maria Lacerda de Moura, diretora da revista **Renascença**
- 3.º - “Bandeira Proletária” -pelo Grupo Teatro Social
- 4.º - Ato de variedades

PELO PALCO:

Grupo Teatro Social

Há cerca de um ano que este grupo foi constituído por um punhado de camaradas e simpatizantes com o fim de tomarem a si a propaganda pelo palco, o que, de fato, fazia falta. Foi o preenchimento de uma lacaria que fazia falta no nosso meio bertário.

Mas no decorrer, desse ano tem constatado que nem todos os seus componentes tomaram a sério o compromisso assumido. Assim é que em seus últimos trabalhos, temos notado muitas falhas, oriundas da falta de ensaios necessários Não somos exigentes, mas sabemos que com um, pouca de esforço e boa vontade, poderão sanar esses pequeninhos senões, tão prejudiciais ao palco

Tudo depende da assiduidade nos ensaios e maior franqueza nas declamações, bem como mais naturalidade no jogo de cena. E como presentemente está sendo ensaiado o drama em três atos “Bandeira Proletária” para e espetáculo de 25 de agosto, esperamos que nele tomam parte compareçam com pontualidade a todos os ensaios.
(Ass. “fim do grupo”)

4 set. n.º 217 **A Plebe**

O FESTIVAL DE 25 DE AGOSTO

Artigo interessante sobre a festa, especialmente a “rata” da conferencista (Maria Lacerda de Moura) elogiando o bolchevismo, e que nos dá uma idéia da repercussão das conferências

13 out. n.º 220 **A Plebe**

GRANDE FESTIVAL

Promoção do Grupo Teatro Social. Dia 17 de novembro, no salão da Federação Esparibola.

Para a biblioteca do grupo e **A Plebe**.

- 1.º - **A internacional** pela orquestra
- 2.º - Conferência
- 3.º - “Militarismo e Miséria”

27 out. n.º 221 **A Plebe**

VELADA ARTÍSTICA E LITERÁRIA

Dia 27 de outubro (hoje) no salão da Federação Espanhola, em benefício do periódico de idéias Prometheu que aparecerá em breve.

- 1.º - “Arlequem, el Selvage” - crítica social, em espanhol
- 2.º - Ato variado

8 dez. 11.0 224 **A Plebe** - Ano VI

Promovido pelo centro libertário Terra Livre. Dia 5 de janeiro de 1924, no salão da Federação Espanhola, às 20:00, uma atraente festa social em benefício de **A Plebe** semanal.

1.º - **A internacional** pela orquestra

2.º - Conferência

3.º - interpretado pelos amadores do Grupo Teatro Social subirá à cena o empolgante drama em três atos "A Greve" que, pela primeira vez, irá deleitar o mundo proletário de São Paulo, a um trabalho interessantíssimo cujos personagens se apresentam no fundo ato com uma distância de vinte anos passados

1924

5 jan. n.º 226 **A Plebe**

Notícia do lançamento de um livro de José Carlos Boscolo, Dor anônima (Subtítulo: **Pingos rubros**). Boscolo é o cidadão que assina uma série de matérias sobre teatro em anos anteriores de **A Plebe**.

2 1ev. n.º 228 **A Plebe**

FESTIVAL PRÓ CARLOS DIAS

Hoje, no Salão Celso Garcia, às 20:30

1.º - Abertura

2.º - Conferência

3.º - "Sombra e Luz"

1.º mar. n.º 230 **A Plebe**

FESTIVAL DE PROPAGANDA

Dia 5 de abril, pelo centro libertário Terra Livre, no salão da Federação Espanhola.

Pelo Grupo de Teatro Social

1.º - **A Internacional**

2.º - Conferência

3.º - "Militarismo e Miséria"

4.º - Quermesse e venda de flores

Em benefício de A Plebe e de uma excursão de propaganda pelo Nordeste.

12 abr. n.º 233 **A Plebe**

GRANDE FESTIVAL

Promoção de **A Plebe**, no centro libertário Terra Livre, da "Legião de Amigos de **A Plebe**".

Comemorando o Primeiro de Maio, em benefício de **A Plebe** semanal.

1.º - **Ouverture**

2.º - Conferência

3.º - "Primeiro de Maio" - de P. Gori

4.º - "L'Ideale" - de P. Gori

5.º - "Ao Relento" - de Afonso Schmidt

6.º - Recitativos de versos e poesias sobre o Primeiro de Maio

7.º - Nos intervalos haverá quermesse e venda de flores

7 mai. n.º 239 **A Plebe** - Ano VII

Biblioteca social A Inovadora (livros e folhetos)

“Depois do Baile” - de Filipe Gil - drama em três atos

17 mai. n.º 236 **A Plebe**

COMENTÁRIOS

Ilronia, em forma de crônica, sobre um artigo “Bolchevista”, de Astrogildo Pereira.

O artigo original comenta a morte de Lênin.

GRANDE FESTIVAL

Promoção do Comitê Pró Presos e Deportados. Dia 7 de junho, no salão da Federação

Espanhola

1.º - **Ouverture**

2.º - Conferência por Florentino de Carvalho

3.º - “L’Ideale” (Grupo de Teatro Social)

4.º - “Q Segredo de Paulina”

5.º - “Los Amigos del Pueblo” - de Gonzales Pacheco, em espanhol

6.º - Quermesse

14 jun. n.º 240 **A Plebe**

UNIÃO DOS ARTÍFICES DE CALÇADOS

Festival de confraternização. Dia 5 de julho, no Salão Celso Garcia

1.º - **A internacional**

2.º - Sessão solene e inauguração de um quadro a óleo de Ricardo Cippola

3.º - “Naquela Noite” - drama em um ato de A. Barbosa

4.º - “Pecado de Simonia” Quermesse e leilão

Obs.: A comissão se reserva o direito de vedar a entrada a quem julgar conveniente.

1927

12 fev. n.º 245 **A Plebe** (O jornal esteve com sua publicação interrompida nos anos de 1924, a partir de 25 de julho, e 1925 e 1926)

Voltando ao campo de luta. Atingida mais uma vez pela reação burguesa, A Plebe esteve com sua publicação interrompida desde julho de 1924.

Décimo-primeiro ano de existência do jornal.

(O primeiro número foi publicado em 3 de junho de 1916.)

Continuidade da **Plebe**: 9.6.1916 a 30.10.1917

Impedida de circular de novembro de 1917 a janeiro de 1919

22.2.1919 a 8.11.1919

Fase diária: 7.9.1919 a 8.11.1919

Essa fase foi encerrada com um empastelamento e uma destruição completa das oficinas. Ao que parece liderada por estudantes da Faculdade de Direito.

Fase semanal: 22.11.1919 a 4.12.1920

Fase bissemanal: 4.12.1920 a 11.12.1920
Fase semanal: 15.1.1921 até 21.5.1921
No Rio: cinco números (28.5 a 28.7.1921)
Volta a São Paulo: 30.7.1921 a 11.11.1921
Em formato menor: 19.3.1922 a 12.4.1922
Semanal: 12.4.1924 a 25.7.1924 (interrompe e reaparece em 1927)

9 abr. n.º 249 **A Plebe**
GRANDE FESTIVAL EM BENEFICIO DE A Plebe

No salão da Federação Espanhola (Rua do Gasômetro, 49). Pelo Grupo Dramático do Clube Florianópolis o drama “Os Ladrões da Honra”. Conferência. Dia 30 de abril.

14 mai. n.º 251 **A Plebe**
FESTIVAL SOCIAL

Organizado pelo grupo literário Revolução Social. Dia 16 de julho, no salão da Federação Espanhola. Pelo Grupo Dramático Social El Sembrador. Será apresentado o drama social em cinco atos “Libertad Calda” do dramaturgo espanhol Fala Igbuide.

Conferência por Arsenio Palacios. O drama será levado á cena pela primeira vez em São Paulo. (J. Fala Igbuide que, com competência de mestre, faz reviver a alma do povo russo que, cansado de suportar o peso de uma tirania secular, começou a golpear com a picareta do progresso o velho e carcomido edifício social.)

1932
26 nov. n.º 2 **A Plebe** (nova fase)
PRÓ **A Plebe**

Festival, em breve, com o concurso do Grupo de Teatro Social, que levará à cena o drama social “A Idéia em Marcha”

3 dez, n.º 3 **A Plebe**
FESTIVAL PRÓ **A Plebe**

Dia 24 do corrente, no Salão Celso Garcia.

- 1.º - “A Idéia em Marcha” - de C. Cavaco
- 2.º - “Ao Relento” - de Afonso Schmltd

1933
21 jan. **A Plebe**
FESTIVAL DE CONFRATERNIZAÇÃO PROLETÁRIA DA UNIÃO DOS ARTÍFICES DE CALÇADOS

Hoje, 21 de janeiro, às 20:00, no Salão Celso Garcia (Rua do Carmo, 23). Programa:

- 1.º - Abertura pela orquestra
- 2.º - Conferência de J. Carlos Boscolo sobre o tema: Exortação á Mulher
- 3.º - Espetáculo pelo conjunto Guerra Junqueiro - drama social com prólogo e quatro atos intitulado: “O Escravo de S. Domingos”

11 fev. n.º 13 **A Plebe**

Os participantes do Grupo de Teatro Social pedem novas adesões. Os interessados devem procurar Marino Espanhol na Av. Celso Garcia, n.º 506

18 fev. n.º 14 **A Plebe** **FESTIVAL PRÓ A Plebe**

Dia 18 de maio, no Salão Celso Carda, um festival em benefício do jornal. O Grupo Teatro Social levará á cena o bellissimo drama de autoria do camarada Marino Espanhol intitulado “Bandeira Proletária”

25 fev. **A Plebe**

Dia 4 de março, no Salão Celso Garcia, uma promoção da Federação Operaria de São Paulo. No salão da Federação Espanhola, Rua do Gasômetro, 49. Festival de confraternização operária. Programa:

- 1.º - **Ouverture** pela orquestra
- 2.º - Conferência educativa por Florentino de Carvalho
- 3.º - “A Onda que Avança” - drama social em um ato
- 4.º - Comédia em um ato
- 5.º - Ato variado de que constarão vários recitativos e monólogos

11 mar. n.º 17 **A Plebe**

Comemoração da Comuna de Paris. Dia 18 de março, no Salão Celso Garcia. Programa:

- 1.º - Conferência sobre a Comuna de Paris
- 2.º - “A Bandeira Proletária”
- 3.º - Ato de variedades que constará de recitativos, cantos e monólogos

13 mal. n.º 24 **A Plebe** **FESTIVAL DE SOLIDARIEDADE PRÓ A Plebe**

Dia 20, às 20:30, no salão da Federação Espanhola (Rua do Gasômetro, 49). Programa:

- 1.º - Abertura pela orquestra
- 2.º - Conferência “O Que é a Guerra”, pela camarada Maria Lacerda de Moura
- 3.º - “O Vagabundo” pelo Grupo de Teatro Social
- 4.º - “Viva Rambolot” - por outro grupo do teatro social. Peça de Gigi Damiani
- 5.º - Variedades

24 jun. n.º 30 **A Plebe** **FESTIVAL PRÓ A Plebe**

Dia 8 de julho, no Salão Celso Garcia

- 1.º - Musica pela orquestra
- 2.º - Conferência
- 3.º - “O Milagre” - drama em quatro atos de Gigi Damiani
- 4.º - Ato variado

8 jul. n.º 32 **A Plebe** FESTIVAL PRÓ A Plebe

Dia 15, às 20:00, no Salão Portugal-Brasil (Rua Bernardo Nogueira, 22, Bosque da Saúde). Programa:

- 1.º - Conferência
- 2.º - "A Derrocada"
- 3.º - Fina comédia

22 jul. n.º 34 **A Plebe**

Dia 5 de agosto, comemorando o décimo-sexto aniversário da União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas. Salão Celso Garcia.

Programa:

- 1.º - **Ouverture** pela orquestra
- 2.º - Apresentação da Comissão da Aliança
- 3.º - "Sonza Patria"
- 4.º - Atos variados, recitativos, etc.

12 ago. **A Plebe**

Hoje, às 20:00, no salão da Federação Espanhola. Programa:

- 1.º - Música pela orquestra
- 2.º - Palestra de J. C. Boscolo
- 3.º - Drama por um grupo de amadores
- 4.º - Ato de variedades

PRÓ A PLEBE

16 set. **A Plebe**

FESTIVAL ANTICLERICAL

Em homenagem a **A Lanterna**. Sábado, dia 23, às 20:00, no Salão Celso Garcia

- 1.º - "Pecado de Simonia"

23 set. **A Plebe**

Programa do Festival pró A Lanterna do dia 23 anunciado no número anterior

- 1.º - Alocução por Edgard Leuenroth
- 2.º - Discurso Alusivo a 20 de setembro, por um orador
- 3.º - Conferência anticlerical por Dona Luisa Pessanha de Camargo Branco
- 4.º - "Pecado de Simonia"
- 5.º - Variedades

16 dez. n.º 50 **A Plebe**

CONTRA UMA ARBITRARIEDADE POLICIAL

"Os Intelectuais de Sao Paulo protestam contra o ato do Dr. Costa Netto proibindo as representações do Teatro da Experiência".

Os abaixo-assinados, intelectuais, pintores, arquitetos, artistas, jornalistas, músicos, advogados, médicos, engenheiros, protestam contra o ato de inominável violência da polícia, agindo por intermédio do delegado de costumes, Dr. Costa Netto, a fim de fechar o Teatro da Experiência, fundado com grandes dificuldades e sacrifícios. O

Teatro da Experiência é apenas um laboratório para pesquisas teatrais e portanto é, como todos os laboratórios, um estímulo de progresso necessário para o nosso meio.

Não é possível que esse laboratório de experiências, puramente Intelectual, possa ser sujeito à opinião incompetente de autoridades que desconhecem completamente o assunto e, apenas poderão exercer sua ação para fins exclusivamente administrativos.

Seguem-se as assinaturas de aproximadamente duzentos nomes de intelectuais e artistas de 5. Paulo, às quais juntamos o nosso veemente protesto contra essa arbitrariedade policial.

1934

17 fev. n.º 56 **A Plebe**

FESTIVAL DE CONFRATERNIZAÇÃO OPERARIA

Dia 24, no salão da Federação Operária (Rua Quintino Bocaiúva, 80)

- 1.º - Conferência de Herminio Marcos sobre o tema: A Mulher no Passado, no Presente e no Futuro
- 2.º - Parte teatral na qual tomará parte o notável ilusionista e prestidigitador Professor Carmelis
- 3.º - Cantos, poesias e músicas

17 mar. n.º 58 **A Plebe**

“Pecado de Simonia”

Precisamos de vários exemplares dessa comédia de Nono Vasco para atendermos a pedidos que nos fazem amigos do interior que pretendem representá-la.

Quem tiver um exemplar que não precisa, pode mandá-lo à nossa redação que será bem aproveitado.

31 mar. n.º 59 **A Plebe**

NOITE DE ARTE PROLETARIA

Dia 7 de abril. Promoção do grupo editor de **A Plebe**, oferecida a todos que frequentam o salão da Rua Quintino Bocalúva, 80.

Programa:

- 1.º - Palestra de J. C. Boscolo: Harmonia Social
- 2.º - Parte musical. Apresentação de menino S.R., sextanista do Conservatório Musical, que tocará violino com acompanhamento de piano. **Scho-Rosmains** III, de Fritz Kreisler. **Souvenir**, de Franz Dradla. O barítono V. R. Canino cantará **Santa notte**, cançoneta napolitana
- 3.º - O poeta e violinista Rui Negreiros cantará ao violão **Dor e paixão**, de Catulo Cearense
- 4.º - O tenor Otelo Bardini cantará com acompanhamento de piano a cançoneta napolitana **Mare chiaro** (intervalo)
- 5.º - **Méditation**, de Charles Gounod e **Serenata**, de Toselí, pelo menino S. R.
- 6.º - **Canção do aventureiro**, da ópera **Guarani**, por V. R. Canino
- 7.º - “Aos que ainda dormem” - versos de Tomás da Fonseca pela menina Aracy’ da Glória Gil e “A burguesinha” pelo autor Soura Passes
- 8.º - **Silêncio** - tango argentino pelo Sr. Pedro Batista
- 9.º - **Princesita** - por Otelo Pardini (intervalo)
- 10.º - **Canzonetta** - Op. 6 de A. D’Abronso e **Spanische tange** pelo menino S. R.
- 11.º - **Non c’è di que e alla larga delle donne**, cantado por Angelo Betti

12.º - **Fado da** enfeitada pela Sra. Emilia Correia e “Rebelião”, versos de Ricardo Gonçalves pela menina Joaquina Vinhaes

13.º - **Me responde, ouviu?** - samba cantado a guitarra por Valdomiro Correia

14.º - **Melodia de Arrabal** - tango argentino por Pedro Batista

15.º - Prólogo da ópera **I pagliaci**, de Leoncavallo, pelo barítono V. M. Canino (intervalo)

16.º - Ato de variedades

14 abr. **A Plebe**

Dia 30, véspera do Primeiro de Maio. Promoção da Federação Operária de São Paulo. No Salão Celso Garcia. Programa:

1.º - Palestra alusiva aos mártires de Chicago

2.º - “Primeiro de Maio” - P. Gori

3.º - Ato variado

26 mai. n.º 63 **A Plebe**

Hoje, no Salão Celso Garcia

1.º - Palestra de Edgard Leuenroth

2.º - “Os Filhos da Canalha” - drama social em três atos pelo Grupo de Teatro Social

23 jun. n.º 65 **A Plebe**

No próximo dia 14 de julho, comemorando um ano de reaparecimento de **A Lanterna**. No Salão Celso Garcia

1.º - “O Celerado João de Médicis”

2.º - “Vozes do Céu” - de Mona Assumpção

3.º - Conferência sobre a obra do jornal, recitativos, atos variados

4.º - Ato variado

Outra notícia: Dia 30 de junho, Grande Festival da Federação Operária. Programa:

1.º - Conferência da companheira Isabel Cerruti

2.º - “Ao Relento” - de Afonso Schmidt

3.º - “O Herói e o Viandante” - diálogo

4.º - Recitativos e monólogos

7 jul. n.º 66 **A Plebe**

GRUPO O SEMEADOR

Dia 11 de agosto esse grupo realizará no Salão Hispano-Americano (Rua do Gasômetro, 166) o programa:

1.º - Conferência educativa

2.º - “O Último Quadro” - de Souza Passos

3.º - Monólogos e recitativos

4.º - Ato variado

21 jul. **A Plebe**

GRANDE FESTIVAL DE ARTE E CULTURA

Dia 4 de agosto, com o concurso do Grupo Dramático Hispano-Americano será levada à cena pela primeira vez, em espanhol, o drama “Teseu” em quatro atos, de G. Soler.

Comentário: “Teseu” é um forte drama social livre dos arrebatos de tragédia, onde o autor estuda, ao redor de uma família e com conhecimento de causa, es vários caracteres humanos na vida da sociedade contemporânea. Em traços magníficos de habilidade teatral, es seus personagens vivem a realidade dos fatos em que foram empenhados produzindo lances de exteriorização psíquica onde o espectador tem o ensejo de enfronhar-se na investigação dos elementos íntimos que a alma humana nos pode revelar. Em quadros bem movimentados, próprios do teatro moderno, os protagonistas exprimem, através da rigorosa mimica exarada no livrete, com expressões de profunda verdade, as várias tendências de instinto moldadas ao sabor das conveniências sociais, umas, e caldeadas por ideais de renovação social, outras. Nessa disparidade de ética e de sentimentos desenrola-se o assunt-que o autor sabe tecer num ambiente ameno e agradável.

Damos a seguir, em glosa, alguns traços do interessante assunto. Emilia, mãe extremala, vítima das intrigas dos jesuítas e da indiferença do marido, deseja ardentemente a volta de seus filhos longínquos, sequiesa de encontrar neles o carinho e a tranqüilidade que não encontrara em suas já segunda núpcias. Teseu, filho de Emilia, ~em deportado da Argentina em virtude de professar idéias avançadas. Esta notícia obe em alvoroço a família, seu tio cônego, e mais um jesuíta, no qual Teseu mais tarde descobre seu próprio pai. Esta descoberta abala profundamente o jovem revolucionário, que é também envolvido num atentado acintosamente preparado pelo clero. Teseu, de novo em liberdade, volta para casa, e junto de sua mãe tenta estrangular, desvairado, e seu tio Gerónimo, no qual descobriu o mlnotaure que queria degluti-lo. Neste portentoso final, um grito lancinante de Emilia revela bem os sentimentos instintivos da maternidade. O final de segundo ato não escapará á observação do espectador estudioso, vendo Ricardo, pseudodeputade socialista, numa concentração íntima, procurar a explicação dos fenómenos de natureza psíquica que o determinismo económico não comporta.

No desenvolvimento dos quatro atos, (3. Selei não olvidou de intercalar um pouco de bem humor, na figura interessante da rude criada, pouco familiarizada com as coisas da cidade, provocando riso cem as suas expressões bucólicas de aldeã simples e espontânea.
(Sem assinatura)

18 ago. **A Plebe**

Crítica ao espetáculo “Teseu”, assinada por R.F.

1.º set. n.º 70 **A Plebe**

Trecho de uma conferência realizada pelo autor no Salão das Classes Laboriosas, no festival pró **A Plebe**.
TEATRO SOCIAL

O teatro de hoje, denemlnade teatro moderno, jamais poderá ser e teatro social.

Nas ribaltas de todas as grandes metrúooles, procura-se mistilicar a vida e suas finalidades. O teatro burguês empenha-se em ocultar aos olhes do povo todo o atrase em que vivemos, e apenas traça, em lances arrebatadores, a tragédia íntima dos incéndios devastadores da paixão. Predomina a exaltação dos sentidos, através de preconceitos doentios de filosofias falhas, vedando os largos vôos das imaginações esclarecidas. O teatro assim chamado dos “bons costumes”, devídamente autorizado pela policia e pelo clero, faz a sua obra “saneadora”, não há dúvida transformando as ribaltas em conventos e cabarés.

Tudo é “elevado” nesse teatro onde, de um lado, geralmente, a frequência é constituída pelo mundo oficial dos magnatas da política e da indústria, que asfíxia o proletariado que sua sangue; e do outro lado, das ilustres e virtuosas damas católicas que fazem uma desleal concorrência às humildes famintas que habitam as zonas do meretrício..

No teatro moderno, instituído pela burguesia, tudo quanto é elevado e nobre não se concebe em seus trabalhos. Nas suas concepções artísticas e técnicas, como nos

enunciados literários e filosóficos, o conceito de povo, de vida melhor, de bem-estar coletivo, de grandezas éticas e sociais - não se enumeram. É que o clero, interpretando as personagens, astuciosamente enverga, não a batina das ordenações, mas a casaca dos capitalistas ou a libré dos lacaios.

E então vemos deslizar diante dos nossos olhos a coluna imensa desse exército de detritos sociais, restos de humanidade, como as escórias que sobram na sala de operações dos hospitais. E daí os dramas à Pirandello, procurando dar outra forma no gosto às tragédias de alcova, aos adultérios. É a literatura cônica alimentada pelas últimas reformas político-sociais, produzida por uma avalanche de intelectuais invertidos, homossexuais, sustentados por Hitler e Mussolini, que procuram fecundar as tragédias coletivas e as cenas bacanais. É a lenda grega numa paródia infeliz, sem a beleza e a virilidade dos jovens espartanos: Safo raptando todas as gregas e os homens, à falta delas, servindo-se entre si...

Esse jamais poderá ser chamado teatro social. Só os escritores idealistas que podem reivindicar para si essa denominação. O teatro social, entre nós, repousa nas mãos delicadas e no pensamento sonhador de Joraci Camargo em "Deus lhe Pague"; em Afonso Schmidt em "Carne para Canhão"; em G. Soler com sua maravilhosa concepção social, "Teseu".

Porque, no teatro social, a idéia de humanidade paira acima de todas as convenções, de todas as leis sancionadas, e o Amor e a Verdade são a sua expressão máxima. Que leis São essas, que o teatro moderno burguês não procura estudar, em que os homens constantemente, passivamente, arrastam consigo - como sentenciados da galé arrastam sua grilhetas, sendo-lhes vedado, pelo peso dos preconceitos, de até poderem olhar o azul do firmamento num ansiado amplexo de liberdade?

Que leis são essas, que ainda vigoram entre os homens, que proíbem, que estigmatizam, que afastam, que desprezam quando dois corações amantes sonham e anelam e palpitam a união livre de seus pensamentos e suas carícias, sem darem satisfações de seus atos íntimos a essa sociedade madrasta, que todavia sustenta e alimenta antros e bordéis?

Que leis são essas que facultam a uma insignificante minoria de indivíduos escravizarem a grande massa de seres humanos - os proletários - opondo barreiras aos que sonham a harmonia da vida em comum, por sobre todas as fronteiras geograficamente e arbitrariamente traçadas?

Que leis são essas que sustentam dogmas e religiões tentando impedir nas massas abrutalhadas pelo temor a fantasmas e ídolos metafísicos a centelha da rebelião universal para o esclarecimento das consciências?

Que leis são essas, afinal, expressões claras e incisivas de todos os erros e imperfeições do passado, trazidas até os nossos dias, e que o teatro moderno da burguesia tanto se empenha em reproduzi-las com incensos e vestais e virtudes de eunucos?

O teatro social, porém - embora sabotado pelas instituições clero-capitalistas que sustentam os mentores da literatura cênica atual será essa tênue mas viva nesga de luz, que, rompendo a custo as trevas do obscurantismo das consciências ainda adormecidas, penetrará nas forças cripto-psíquicas dos indivíduos para tratá-los como homens, e não feras.

(J. Carlos Boscolo)

1.º set. n.º 70 **A Plebe**

FESTIVAL DE CONFRATERNIZAÇÃO PROLETARIA

Dia 15, no salão da Federação Operária de São Paulo. Programa:

1.º - Orquestra

2.º - Conferência pelo estudante C. Campos sobre o tema:

As Revoluções são Pacíficas

3.º - "Viva Rambolot" - de Gigi Damiani

4.º - "A Derrocada"

5.º - "Casar ou não Casar" - Marcos Morti e L. Chiarelli

Obs.: No dia 7 de outubro de 1934 acontece a batalha campal da “demonstração de força” integralista. **A Plebe** comenta a vitória com muita dignidade e com uma compostura rara. Estão tão por cima que não precisam apelar para a baixaria.

10 nov. n.º 75 **A Plebe**
GRANDE FESTIVAL PRÓ PRESOS

Obs.: No anúncio da festa há uma gravura, a primeira que aparece.

Promoção da Federação Operária. Na sede, Rua Quintino Bocajúva, 80. Programa:

- 1.º - Conferência por Isabel Cerruti
- 2.º - “A casa dos Milagres”
- 3.º - Trabalho de ilusionismo pelo Professor De Carmelis
- 4.º - Ato variado

Dia 17 de novembro, às 20 hs.

24 nov. n.º 76 **A Plebe**
COMITÉ PRÓ PRESOS SOCIAIS

O festival anunciado em nosso número passado, pró presos sociais, não se realizou. A polícia não permitiu, negando a concessão do alvará necessário à sua realização. Sendo o festival promovido pela Federação Operária, os componentes estão cogitando da organização de um novo festival, para o qual serão válidos os convites distribuídos para o festival passado. Continuamos a receber auxílio para os companheiros presos, para os quais se tem feito sentir a solidariedade proletária.

1935

6 jul. **A Plebe**
CINEMA PROPAGANDA DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Promovida por um círculo do Rio que fez um filme intitulado: **A educação sexual nos diversos períodos da vida**. O filme foi exibido, mas foi posteriormente proibido pela censura.

12 out. n.º 99 **A Plebe**
CONTRA AS TENDÊNCIAS FASCISTAS DO TEATRO ESCOLA

O artigo crítica Renato Viana e suas simpatias fascistas.
Há um conflito e comenta-se a posição de Itália Fausta

23 nov. n.º 102 **A Plebe**
O FESTIVAL DOS PADEIROS
Notícia sobre um espetáculo organizado pelo Sindicato dos Padeiros, na Lega Lombarda (Rua São Paulo, 18).

Programa:

- 1º - Conferência de José Augusto sobre a luta dos padeiros

- 2.º - Discurso do delegado do Sindicato dos Padeiros de Campinas
- 3.º - Discurso do representante da Federação Operária de São Paulo
- 4.º - **O herói e o viandante** - adaptação do tango de Gardel **Silêncio**, por Pedro Catailo
- 5.º - Ato variado

1947

1.º mai. n.º I **A Plebe** - ano XXX (nova fase)
 “voltando à luta” - Mencionam-se deportações. Entre elas G. Soler
 ATRAENTE FESTIVAL

Dia 30 de abril, às 20:00 no Salão Hispano-Americano

- 1.º - “Primo Maggio” - de P. Gori
- 2.º - “O Escravo”
- 3.º - Ato variado

FESTACAMPESTRE

Dia 25 de maio, na Nossa Chácara. Ato lítero-musical, cantos, recitativos, palestras, pingue-pongue e cestobol. Participação de dois núcleos musicais. Endereço: Itaim, subúrbio da central. Tomando-se o trem na Estação Roosevelt (do norte). Os trens partem às 6:00 e 9:00 horas.

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Tendo a sua atividade interrompida durante o penoso nefando da ditadura, o Centro de Cultura Social reiniciou sua obra logo que a situação permitiu, instalando a sua sede à Rua José Bonifácio, 387, onde continua a desenvolver o mesmo trabalho de educação popular que, durante muitos anos, realizou no local da Federação Operária, em outras sedes. São já numerosas as conferências que tem realizado sobre os mais variados temas, como sejam: sociologia, filosofia, higiene social, etc...

15 jul. n.º 4 **A Plebe** - ano XXXI - nova fase

Há uma foto de Gigi Damiani, comemorando seus setenta anos
 Saiu do Brasil em 1919. Agora está em Roma, dirigindo o jornal Umanita Nuova
 REVOLUÇÃO LIBERTÁRIA DA ESPANHA (19 de julho)

Comemoração no Salão do Centro Dramático Hispano-Americano (Rua do Gasômetro, 738) às 20:00

- 1.º - Palestra alusiva à data
- 2.º - “Madrid” de Pedro Catailo (pelo Grupo Dramático Teatro Social)
- 3.º - “Coração é um Labirinto” - de Pedro Catalo

1.º set. n.º 7 **A Plebe** - nova fase

FILMES EM REVISTA

Crítica de **Os melhores anos de nossa vida** (William Wyler).
 O comentário considera o filme anarquista. Assinado “Waldemar”

15 set. n.º 8 **A Plebe**

CINEMA EM REVISTA

Crítica de Tormento, filme com Melvin Douglas e Rosalind Russel.
 Outra crítica: **Eu e o Sr. Satá**, com Paul Muni e Claude Rains

1.0 out. n.º 9 **A Plebe**

CINEMA EM REVISTA

Flor do mal, de Edgar Ulmer. Menciona Darryl Zanuck e Samuel Goldwin

FESTIVAL DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Sábado, dia 18, no Grêmio Dramático Hispano-Americano (Rua do Gasômetro, 738). Grande apresentação do Centro de Cultura Social. Pela primeira vez, o emocionante drama de fundo crítico e de renovação social intitulado “Uma Mulher Diferente”, de Pedro Cataílo. Esta peça, que é uma contribuição para a emancipação da mulher, terá a seguinte distribuição, por ordem de entrada:

MENINO (datilógrafo) - Zezinho Dias Valverde

RICARDO (rico industrial) - Benedito Romano

GREGORIO (seu empregado) - Orlando Felipelli

ELENA (ex-funcionária de Ricardo) - Nena Valverde

LUDOVICO (ex-professor de música) - Guido Mazzetti

PADRE ANDRÉ - Coelho Dias Lopes

VALERIANA (doméstica) - Maria Valverde Dias

TOMÁS (pai de Elena) - Emilio Martin

SENHORA RICA - Esmeralda Barrios

SUA FILHA - Maria Bonifácio

1.ª - MENINA - Germania Salguero

2.ª - MENINA - Nair Arrebolo

ENFERMEIRA - Esmeralda Barrios

PORTEIRO - Francisco Cuberos

MÉDICO - Liberto Salguero

PONTO - Hermano Mazzetti

CONTRA-REGRA - Cecilio Dias Lopes e Liberto Salguero

DIREÇÃO GERAL - Emilio Martin

Os números musicais adaptados a esta peça estão a cargo de Ignez Trujihano

(piano) e Rubens Trujihano (violino)

2.0 - Variedades

15 nov. n.º 10 **A Plebe**

CINEMA EM REVISTA

“Uma Mulher” - Cinema em revista, hoje também “teatro em revista”, ocupa-se neste número de um festival realizado pelo Centro de Cultura Social, num dos últimos sábados, no qual foi apresentada a peça “Uma Mulher Diferente” da autoria de Pedro Cataílo. Seu autor está de parabéns. Profundamente significativos em face da decrépita moral existente na sociedade burguesa, os conceitos filosóficos nela apresentados encerram um argumento interessante, cujo motivo é também o problema em que se defrontam várias famílias que alicerçam a moral em concepções passadistas, acorrentadas a um sem-número de conveniências e preconceitos. O desempenho do elenco artístico esteve muito bom. Tanto a parte encarregada de interpretar os personagens cômicos, como os demais, saíram-se a inteiro contento, revelando qualidades e tendências dramáticas. Principalmente o nosso velho e incansável companheiro Dito, que viveu a figura simbólica do industrial tirânico, que se prevalece da sua elevada posição social para conseguir o amor de sua empregada.

Não poderíamos deixar de destacar aqui o trabalho de Guido Mazzetti que tem qualidades que o deveriam incentivar a continuar a sua vida teatral. A naturalidade

com que desempenha o papel que lhe é confiado, bem como a circunstância de haver conseguido viver a figura simpática do velho filósofo renovador, faz com que o assistente chegue por vezes a duvidar de que “seu” Ludovico não existe, está apenas reorientando. Sua atuação atingiu o apogeu no final do segundo ato, em que o professor de violino está sob os efeitos da bebida a que pouco se entregara, e parece conversar com a lua, trocando idéias filosóficas com a eterna inspiradora dos poetas. Toda a cena permanece em penumbra. Finalmente> ainda cambaleando, caminha até o piano, no qual executa os acordes iniciais de Sonata ao luar.

É louvável a iniciativa do Centro de Cultura Social na organização desses festivais, que muito concorrem para a aproximação das famílias que a eles comparecem com verdadeiro prazer. (Waldemar)

CRITICA DE FILME

Noite na alma: Crítica de filme

15 dez. n.º 11 **A Plebe**

GRANDE FESTIVAL ARTÍSTICO

Salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano. Promoção do Centro de Cultura Social. Dia 20. Programa:

1.o - “Viva Rambolot” - de Gigi Damiani

2.o - “A Derrocada” - Volney

3.o - Ato variado - o desempenho estará a cargo do Grupo Dramático do Centro

de Cultura Social

1948

15 jan. n.º 12 **A Plebe** - nova fase

CINEMA EM REVISTA

Crítica de **Olhai os lírios do campo (Waldemar)**

(Centro de Cultura Social - Rua Líbero Badaró, 386)

2 jun. n.º 16 **A Plebe**

Realizou-se, dia 30 de abril, no Salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano. Promoção do Centro de Cultura Social.

Representou-se “Nada”. Peça social em quatro atos de Ernani Fornari

ATRAENTE FESTIVAL

Dia 26 de junho, às 20 hs., no Salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano. Programa:

1.º - “O Escravo” - de Diogo José Saramenho

2.º - “Casa de Doidos” - de F. Napoleão Vitoria

3.º - Ato variado

4.º - Grande baile

(Em prol do companheiro Raul Vidal, que se encontra em Campos de Jordão, em tratamento de saúde.)

16 jul. n.º 7 **A Plebe** - ano XXXII - nova tase

O ANARQUISMO COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Alguns intelectuais da burguesia, tomando erradamente os princípios anarquistas como doutrina de nivelamento, procuram nivelar idéias libertárias negando-lhes o valor que têm como expressão de arte e de beleza.

Nesse erro incorrem também muitos dos nossos camaradas, que tomando do anarquismo somente o seu aspecto social, atiram para planos inferiores a sua finalidade estética; e a arte, essencialmente anárquica, porque é, sem dúvida, a expressão mais livre do individualismo e que tem uma função criadora, quase nunca está ligada aos motivos de luta e de combate, no campo da propaganda libertária. Isto tem feito com que, dentro do círculo acanhado em que se processam, principalmente entre nós, o desenvolvimento e a evolução das idéias, não se conceba o anarquismo senão como um ideal de famintos, apenas como instrumento de reivindicações proletárias, encerrado num problema econômico e moral das massas trabalhadoras.

Ora, sendo o anarquismo uma depuração de todas as filosofias, o que equivale a dizer que é o resultado de todas as conclusões científicas, porque o confronto e o livre exame de todas as teorias levam, necessariamente, logicamente, á finalidade anárquica, é claro que as classes cultas e estudiosas têm o dever de procurar identificar-se com esta filosofia, cujo sistema, despido das aberrações metafísicas, tendo como base as ciências naturais, melhor e mais naturalmente se processa a assimilação dos seus conceitos.

Os interesses criados, que se chocam, indiscutivelmente, com os princípios de liberdade e de justiça proclamados pelos anarquistas, não deveriam constituir um entrave ao aperfeiçoamento do intelecto, porque os anarquistas não pretendem inverter os papéis na ordem social: se acentuam, como condição indispensável para a realização prática de uma sociedade livre, o desaparecimento dos interesses criados pelo sistema estatal, não é em benefício de uma seita, de um partido ou de uma corrente partidária: é como garantia da felicidade humana em benefício de todos.

Integrado o indivíduo na plenitude das suas faculdades criadoras; libertado de todos os preconceitos raciais, religiosos e sociais que o amesquinham porque lhe destroem a personalidade, colocado na posse de todos os recursos necessários á sua capacitação cultural, estaria, sem dúvida, á altura das mais elevadas concepções artísticas. Arte é sentimento, vibração, vida e personalidade. Se os sentimentos são livres, livres também são as vibrações na vida e na personalidade do artista. Ao contrário do que acontece em nossos dias, em que as manifestações artísticas estão sujeitas ao mercantilismo da vida social, ou sofrem as conseqüências do desequilíbrio econômico que leva os indivíduos a subordinar os seus sentimentos aos interesses criados pelo capitalismo, imagine-se até onde chegaria a força criadora do indivíduo num ambiente em que ele não sentisse a necessidade de coibir-se a si mesmo! Dentro desse conceito é que devemos julgar as manifestações artísticas, se queremos compreender a arte. E o que pretende o anarquismo é justamente dar ao indivíduo a posse de si mesmo, integrá-lo na consciência plena de todas as suas faculdades criadoras. Poderão objetar, aqueles que são incapazes de conceber a liberdade sem autoridade, que os motivos patrióticos e as concepções religiosas têm fornecido elementos de grande valor artístico e citarão, para exemplificar, Michelangelo Buonarroti, Camões ou Dante, Velásquez ou virgílio. Mas, estudando-se a fundo a vida de todos os gênios, o que mais realça neles é precisamente o seu anarquismo, isto é, o seu espírito de independência, a sua personalidade artística em luta com o meio, submetida aos interesses dos poderosos espirituais ou políticos econômicos ou sociais. O que fica de suas obras é o fundo revolucionário e filosófico que as anima. O seu sofrimento, a sua rebeldia, a sua ânsia de perfeição!

Os motivos que serviram aos grandes gênios como forma de expressão artística não importam, se tivermos em conta que o indivíduo é produto do meio, concebe e realiza conforme as idéias do seu tempo, valendo-se das formas de expressão que o ambiente lhe proporcione. Se consegue superar o meio ambiente, se ultrapassa a época em que vive, é porque os seus conceitos, as suas manifestações artísticas, os seus pensamentos, contêm os princípios que rasgam os céus do futuro e abrem

caminhos a novas formas de expressão. E isso é anarquismo, porque o anarquismo é a mais elevada expressão artística da humanidade.
(Souza Passos)

“A morte do autor de **Jeca Tatu**” - Artigo elogioso

3 set. n.º18 **A Plebe**

“Gigi Damiani” - artigo de Afonso Schmidt

13 out. n.º19 **A Plebe** - ano XXXII

ATRAENTE FESTIVAL

Iniciativa do Centro de Cultura Social. Pelo Grupo Teatro Social. Dia 23, às 20:00, no Salão Hispano-Americano

- 1.º - “Tabu” - comédia em três atos de Francisco X. Sobrado (versão livre de João Bastas)
- 2.º - Ato variado constante de canto, música e declamação

4 dez. n.º 20 **A Plebe**

Dia 8 de janeiro de 1949, no salão do Grêmio Hispano-Americano com o grupo teatral do Centro de Cultura Social

- 1.º - “Uma Mulher Diferente” - de Pedro Catallo
- 2.º - Ato variado

1949

1.º mal. n.º22 **A Plebe** - Ano XXXII

“Os Mortos” - peça de Florencio Sánchez. No festival do Centro de Cultura Social, dia 26 do mês passado (abril), no Salão Hispano Americano
Comentário:

Além da menina Dorinha Valverde, que se salientou no papel de Lala, dando a impressão de ser um perfeito menino, não há nomes a destacar ...) Músicos e cantores do ato de variedades também se houveram a contento, mostrando sentimento e segurança nas suas execuções.

18 jun. n.º 23 **A Plebe**

Realizou-se dia 30 de abril, no Salão Hispano-Americano, promoção do Centro de Cultura Social

- 1.o - “Nada” - Ernani Fornari
 - 2.o - Ato de variedades (canto e declamação)
- Em julho haverá outro espetáculo no Salão Luso-Brasileiro (Rua da Graça, 608)
Programa: “Os Mortos” - de Florencio Sánchez

24 out. n.º25 **A Plebe**

FESTIVAL

Dia 29 de outubro, festival dramático-dançante do Centro de Cultura Social

- 1.º - “A Sombra” - de Dano Niccodemi
- 2.º - Baile

Local: VBE (Rua Brigadeiro Machado 71) às 20:00

1950

10 mar. n.º 26 **A Plebe** - Ano XXXIII

CARNAVAL NA ÁFRICA

O artigo apresenta uma visão da arte negra, da arte instintiva, etc.

BIOGRAFIA DE FLORENTINO DE CARVALHO

Oba.: O jornal menciona o aparecimento da revista **Zaratustra** em 1951, publicação bimensal. Há outra revista, **Arte e Vida**, de Souza Passos.

1.0 mai. n.º 27 **A Plebe**

Comemorando o Primeiro de Maio, o Centro de Cultura Social realizou, dia 29 de abril, um festival em que tomaram parte elementos do Grupo de Teatro Social.

Programa:

Peça dramática e ato variado (Salão Luso-Brasileiro, a Rua da Graça, 608)

out. n.º 28 **A Plebe**

UMA PEÇA DE MAUGHAM NUM FESTIVAL PROLETÁRIO

Promoção do Centro de Cultura Social. Realizou-se no dia 30 de setembro, no salão da Rua Brigadeiro Machado 71, um grande festival com a representação de “Ciclone”.

Direção de Pedro Cataílo. Distribuição:

Maurício (paralítico): Cecílio Dias Lopes

Dr. Harvester - Guido Mazzetti

Stevens - Luiz Mazzetti

Um criado - Jayme Cuberos

Finalizou o espetáculo um ato variado

dez. n.º 29 **A Plebe**

No próximo dia 30 haverá um festival do Centro de Cultura Social.

Programa: “A Insensata”, de Pedro Catalo

1952

2 fev. n.º 31 **A Plebe**

O SENTIDO ARTÍSTICO DO ANARQUISMO

Toda obra de arte, pertença ela à escola que pertencer, tem uma função libertadora. O fato de constituir uma afirmação da personalidade, de ser um estado emotivo do indivíduo, já é uma libertação. Mas quando a obra de arte atinge a perfeição capaz de provocar nas massas (massas humanas, e não apenas massas operárias) a mesma emotividade sentida pelo artista que a produziu e criou, então a arte adquire uma função social, porque se torna sentimento coletivo (Souza Passos)

1967

jun. **Dealbar**

“Centro de Cultura Social: trinta e quatro anos de existência.

“Laboratórios de ensaios” - Aulas de teatro, debates, exposições, conferências. Entrada franca

jul. n.º 6 **Dealbar**

“Arte de laboratório” - reportagem sobre o Centro de Cultura Social
(artigo de Olney Krúse).

out. n.º 9 Dealbar

Comentário sobre um programa realizado da 2 de setembro

Programa:

1.º - “Onde Anda a Liberdade”

2.º - “O Canto do Cisne”

dez. n.º 10 **Dealbar**

Elenco da peça “O Guerreiro” (Waldir Kopeszky)

Luiz C. La False, Farias Magalhães Kopeszky Luiz A Lopes, Luiz Coelho
Neto, Cuberos Neto, Dinah Krúse

n.º 17 **Dealbar** - Ano II

Biografia de Edgard Leuenroth

(Data de nascimento: 31 10.1881; local: Moji-Mirim)

CRÔNICAS/CRITICAS TEATRAIS

“A ELECTRA” DE PÉREZ GALDÓS

A *Lanterna*, 20.1.1901 - n.º 4

“A Electra” de Pérez Galdós foi representada em São Paulo. Na noite de sábado de aleluia em que pela primeira vez subiu o já célebre drama à cena, o público que enchia o Sant’Anna, dando provas de seu ódio ao jesuitismo, que se implanta no Brasil com a proteção criminal de um governo republicano, aplaudiu entusiasticamente a obra anticlerical e antijesuítica, e sempre que apareciam em cena Pantoja e as freiras, personificação do jesuitismo, os espectadores irrompiam em assobios, manifestando assim o seu terror pela seita maldita, e contra a canalha clerical.

O nosso diretor devia falar, a pedido de grande parte do público, quando caísse o pano sobre o último ato, mas não o fez porque procurou-o o Major José Bento e em nome do Dr. Saraiva Júnior, segundo-delegado-auxiliar, pediu-lhe por favor que não falasse.

Findo o espetáculo, o povo que enchia o teatro percorreu as ruas da cidade, podendo-se, sem faltar a verdade, avaliar em quinhentas ou seiscentas pessoas o número dos manifestantes, levantando vivas à liberdade e morras ao lesuitismo.

Encontrando a massa popular o nosso diretor á Rua de São Bento, pediu-lhe que falasse, dirigindo Benjamin Motta a palavra ao povo, de um sobrado à Rua José Bonifácio, saudando a todos aqueles que vinham de afirmar de um modo tão categórico, franco e leal, o seu ódio ao jesuitismo, e incitando o povo a continuar na sua obra de saneamento social, até que o último frade e o último jesuíta despissem a sotaina imunda ou, se tanto fosse preciso, até que estivesse exterminada a raça desses parasitas sociais (.....) Depois percorreu o povo ainda diversas ruas da cidade, indo até o Largo de São Bento, onde, em sinal de protesto contra o baixo mercantilismo que caracteriza a ordem religiosa MAIS RICA do Brasil, foram quebradas algumas vidraças do mosteiro de São Bento. Depois dirigiu-se o povo ao Largo do Rosário, onde falou o nosso diretor novamente, pedindo que se dispersasse e continuasse preparado para todas as lutas que devam ser travadas em qualquer terreno, contra os jesuítas infames que estão infestando o Brasil.

No Café Guarany, onde se reuniram muitos dos manifestantes, falou ainda uma vez o nosso diretor, a pedido das pessoas presentes limitando-se a ler estas palavras pronunciadas por Máximo, no último ato da “Electra”: “Sejamos como eu, sinceros, francos, valentes. Vamos de viseira erguida contra o inimigo! Destruamo-lo, se o pudermos, ou sejamos por ele destruídos. .. mas, uma vez para sempre, numa só luta, numa só investida, de um só golpe... Ou ele, ou nós!”

Eis a verdade sobre os acontecimentos que se passaram na noite de sábado, justas explosões de ódio popular contra o nefasto jesuitismo que nos avassala com a aquiescência criminosa de um governo republicano que não cora vendo os exemplos que nos dão Portugal e Espanha, países regidos pela forma monárquica (...) Em virtude disto, o chefe de polícia que proibiu a representação do drama de P.G. o que é altamente censurável, quando na Espanha que ele deu lugar a lutas violentas continua ele em cena e.....mandou convidar o nosso diretor a ir conferenciar com S. Excia. (...) Conversou longamente com o primeiro delegado, Dr. Antônio de Godoy, que lhe comunicou, da parte do Sr. Dr+ chefe de polícia, que quaisquer manifestações anticlericais seriam reprimidas com toda a energia, bem assim que[estavam proibidas as representações de "Electra".
(Editorial)

17-18.10.1903 - n.º 19

"O Dever" - drama em quatro atos de Joaquim Alves Torres

Ao finalizarmos a leitura do belo trabalho do Sr. Joaquim Alves Torres, não pudemos conter a nossa satisfação e exclamamos: "é superior à 'Electra'". E de fato, "O Dever" é muitíssimo superior ao drama de Pérez Galdós, que tanto ruído produziu, já porque para o nosso meio exprime melhor o perigo negro, já porque os personagens apresentavam um caráter mais de acordo com os progressos da humanidade. O Or. Eugênio é infinitamente superior ao Máximo porque apresentado como um homem de ciência, manifesta-se tal do começo ao fim do drama e não tem as pulhices do sábio da "Electra" O tipo do padre jesuíta (Angelini) foi perfeitamente estudado pelo autor, que, mais ousado que Pérez Galdós, nos apresentou o padre tal qual ele é, em toda a hediondez de sua prejudicial profissão. E o padre Raphael, sacerdote maçom, fiel aos princípios são da Maçonaria, é uma figura admiravelmente estudada. Educa com carinho os sobrinhos Eugênio e Aurora, afastando-os das forças religiosas e formando-lhes o espírito num sentimento muito mais nobre e mais elevado: o cristianismo puro. Para se compreender a superioridade deste tipo, basta a leitura do seguinte final da cena X, do terceiro ato:

RAPHAEL: Já cursando em Roma eu sentia que meu espírito se dilatava e entrevia os deslumbrantes raios desse prodigioso sol que se chama ciência e todavia rodeavam me de uma atmosfera asfíxiante - a atmosfera do catolicismo!

ANGELINI: Oh!

RAPHAEL: Imagine depois o que conquistou o meu espírito desde que se viu livre da maior coação moral. Então, graças ao estudo metódico, ao livre exame, às verdades difundidas pelos grandes sábios, ele pôde elevar-se acima do nível em que a hipocrisia e a mentira dominam as consciências!

ANGELINI: Isso não é linguagem!

RAPHAEL: (animando-se) Então estudei o Cristo histórico, comparei opiniões e tirei uma conclusão que me satizez. Iguamente estudei as doutrinas de Roma com suas contradições, seus absurdos, suas -Indignidades até - e as repeli. Resultado: Cristo ficou e a Igreja romana se foi!

ANGELINI: (encolerizando-se) Está louco!

RAPHAEL: Mas fui sacerdote e tentei observar os preceitos ditados por Jesus no cumprimento de um dever de consciência. Batizei, casei e encomendei mortos, pois era padre e o meu país tinha uma religião oficial, mas nunca olhei para as tabelas da Igreja-comércio.

ANGELINI: É demais!

RAPHAEL: O que queriam dar-me, distribuía aos que necessitavam. Para minha subsistência procurei a renda no magistério a que dediquei o meu esforço e de onde me adveio o respeito, o afeto de inumeráveis discípulos hoje no exercício de profissões independentes. Enquanto servi á igreja disse missa para satisfação dos crentes, mas aboli a comunhão por inútil e a confissão por imoral.

RAPHAEL: Máscara tem-na todos os de sua laia que exploram a alma dos simples ou dos tolos ignorantes, impondo-lhes crença em deuses de terror e vingança que não existem, ou em santos fabricados aos milhares nas forjas do Vaticano.

ANGELINI: Horror!

RAPHAEL: Máscara tem-na esses obreiros das terras que fundaram e perpetuaram uma companhia extorquidora e funesta a que, com afronta ao bem e à pureza associaram o doce nome de Jesus.

ANGELINI: Não prossiga:'

RAPHAEL: Máscara tem-na sempre aqueles que iguais ao senhor mercadejam os sacramentos e atos da Igreja vendendo-os por mais ou por menos, mas nunca dando de graça. (Animando-se) Máscara tem-na o Sr. finalmente, que à sombra de um Deus em que decerto não crê ou desse Cristo cuja grandeza não sabe, vai para o púlpito arengar contra o regime e leis o um país que infelizmente o totera:

Obra sã, obra moralizadora, obra de combate contra a mentira e o erro, “O Dever” há de forçosamente fazer carreira gloriosa mormente tendo o amparo da benemérita Associação Beneficente de Senhoras do Rio Grande do Sul, à qual, como um justo prêmio por tudo que ela tem feito pela emancipação da mulher, dedicou-o seu autor.

E a benemérita Associação em que se congregam as belas e nobres filhas do Rio Grande do Sul, para lutar pela justiça, pelo bem amparado o Dever, cumprirá mais uma vez a missão, que ela, corajosamente, heroicamente, há dois anos se impôs (...)

(Ass.: José Rizol)

CRÍTICA DE “ELVIRA, A MONJA” - drama em quatro atos por Nathanael Pereira

O Livre Pensador: 24.7.1904

A crítica mostra-se nos taciturna no ter de tratar do livro de um dos nossos fervorosos companheiros. O nosso modo de pensar, porém, o nosso programa, e, além de tudo, a idéia que abraçamos, que é a que abraça este nosso confrade, obriga-nos a embora a apreciação seja desfavorável a seu trabalho, exercê-la com a convicção que a sinceridade impõe. Começaremos por uma análise ligeira, pela qual, demonstramos que a época escolhida para o drama foi infeliz para o seu autor. Na atualidade em que os dramas por demais sanguinolentos se confundem, em que a tragédia, o mistério e mesmo a farsa têm encontrado amplo desenvolvimento, seria por demais suspeitável, admitir-se que um adultério provocado simplesmente pelo enfraquecimento de uma mulher, resultasse somente o claustro para a esposa e a morte civil para o marido.

Embora o complemento no final do quarto ato, da noite trágica do traidor da amizade do protagonista da peça, venha suavizar um pouco o pensamento daqueles que acompanham com interesse toda a (histórial leitura do drama, este seria simplesmente uma lição superlativa para demonstrar, como dizem os carolas, que quem neste mundo faz, neste paga. Continuando diremos que o adultério é provocado de diversas formas ou pelo ensejo do possuir luxos, riqueza ou pelo amor. O autor não tratou de, num epílogo, explicar a procedência do amor de Carlos por Elvira.

Outro caso é o aparecimento dos fantasmas de Mano e de Elvira. Este é um dos pontos que temos mais que falar ao nosso amigo e novel escritor do drama. Começaremos por dizer que descremos que a mesma mão que há bem pouco tempo escreveu o lindo hino **Eia, avante** publicado por esta folha, fosse a mesma que escreveu “Elvira, a Monja”.

Ah! Vê-se a descrença do homem sobre o que existe nesta frase: “Rejeitae o embuste e a mentira”. Aqui encontra-se uma fantasia romanesca de épocas transcendentes. Quantos e quantos assuntos não terá encontrado o nosso caro amigo, na evolução da humanidade, que destoam completamente do que tomou por base, para escrever o seu drama? Não diremos que a peça em si não encerre cenas comoventes, trágicas e dramáticas pois que disso ela acha-se recheada, temos apenas a dizer que o seu autor, um livre pensador, homem portanto sem preconceitos sobre o convencionalismo

hipócrita que nos rege, não devia, a fim de não coadjuvar com a vil matilha de cães que nos infesta, vir dizer num livro que o protagonista escolheu uma cela para remir seus pecados.

O nosso ponto é este o seu livro será difundido e mesmo adotado pelos sotasinas, obterão absolvição e morrerão em paz, e que os freis, os santos que já existem são retratados como a virtude em pessoa, e daí o perigo! Daí o contrário do que talvez o nosso amigo esperava! Em vez de um drama em que a geração vindoura pudesse aprender alguma coisa de Útil, sabendo que não existem pecados, que não existem fantasmas, que não existem crimes, porque tudo isto é obra pura e simples da sociedade corrupta em que vivemos! Irão aprender que é entrando para um convento que obterão absol4%ção e morrerão em paz, e que os freis, os santos que lá existem são os que lhes mitigam a dor do que erradamente fizeram no mundo. Como dissemos no principio desta resenha, sentimos ter de em quase todos os pontos destoar das idéias do autor do drama, mas se estas linhas escrevemos lo porque o nosso dever de companheim a isso nos obrigou.

(Ass.: Antonius)

A Terra Livre, 13.6.1906 - n.º10 Registro d'entrada (Livros e folhetos)

“Floreal”, drama social em cinco atos escrito em francês por J. P. Chardon, versão espanhola de A, Lorenzo. Escola Moderna, Bailen, 56, Barcelona.

O teatro predominante absolutamente esgotado, reduzido a apresentar as modalicades da vida no quadro estreito da nossa civilização, considerada por nossos dramaturgos quase insubstituível, necessitava de uma nove orientação. devia perder o seu caráter burguês para estender-se livremente até apresentar a humanidace sob novas combinações e novos pontos de vista. A essa tendência corresponde Floreal” e o autor cumpre o seu fim com grande inspiração e serdadeira energia. Uma tamilia burguesa, miserável resto do privilégio extinto, vé~e uni frente de N;atura;ra cidade ilvie onde teve solução o problema da harmonia entre o capital e o trabalho porcue icdos “tão produtores, compart~lham a riqueza produzida e n,nuuem é dcno aoiJsívo co aia.

Do choque destas duas entidades, uma mesquinha e ‘~’, outra amplamente generosa, resulta uma ação dramática 1nteressante. desenrolaca OLIII meio comunista, c;ude as personagens se movem livre de toda a moral convenconal e conidas pela ato’sl racional, produto da cuitura individual e. coletiva

A Terra Livre. 2.5 9 1906 Registro da entrada (livros e folhetos)

Os esmagados” (La Vraie Justice”). Peça em um ato por Eduardo Prothen, traduzida em português por Carlos Nobre. Editor: Grupo O Construtor Civil, Rua da Almada, 641, Pótro

É uma cena simples e bela . A filha dum jusiçado vai suicidar- se : mas sobrevém a filha do assassinato que a leva para irem ambas reclamar a verdadeira justiça - a que evitaria os crimes. Elas vão dizer aos desesperados:

- Não há razão para sofrerdes tanto, tão duras penas, pelo fato de terdes este ou aquele pai, do acaso vos ter colocado em tal ou tal categoria social. O sol nasce para todos , e se a terra é prodiga mãe, é crime rasyejar na miséria a pretxtto de que há grandes na terra que vivem felizes.

Espoliado! Ocupai o vosso lugar no banquete da vida!

GRUPO DRAMÁTICO TEATRO SOCIAL

Novo Rumo - Rio de Janeiro - 19.9.1906 - n.º 14 Ano 1)

Do Grupo Dramático Teatro Social recebemos a seguinte comunicação: “Realizou-se no dia 16 do corrente, na sede do Sindicato dos Tipógrafos, a Assembléia Geral deste grupo, sendo discutidas e aprovadas as suas bases fundamentais que são as seguintes:

- 1.º - O GDTS será composto de operários e operárias que pertençam às suas associações de classe e estejam quites com as mesmas;
- 2.º - ficarão isentos da exigência da cláusula anterior para pertencerem ao Grupo, os mestres e contramestres que por lei dos sindicatos de suas classes a eles não possam pertencer;
- 3.º - os seus fins são: promover, logo que se tenha capital bastante, a criação da Casa do Povo e propagar por meio de espetáculos as modernas doutrinas sociais;
- 4.º - este grupo será administrado por um secretário que terá a seu cargo a direção de todo o expediente e por um tesoureiro que terá sempre em boa ordem a parte financeira;
- 5.º - haverá um diretor de cena que igualmente com o secretário e o tesoureiro será aclamado pela Assembléia Geral e a quem compete a distribuição das obras que deverão representar se;
- 6.º - serão considerados desligados do Grupo os companheiros que, sem causa justificada, se recusarem ao desempenho dos papéis que lhes forem distribuídos, ou comissões de que forem encarregados para o bom andamento do espetáculo;
- 7.º - os espetáculos em benefício de operários serão concedidos mediante solicitação das comissões administrativas dos sindicatos a que pertencerem, só sendo atendidos os sindicatos que tenham prestado o seu apoio ao Grupo Dramático Teatro Social.

Depois de aprovado o estatuto acima, foi aclamado o seguinte diretório:

Secretário; M. O. Nogueira

Tesoureiro: Antônio S. Monteiro

Diretor de cena: M. Ferrer

O secretário, M. O. Nogueira

TEATRO DO POVO

Novo Rumo

Para os espíritos que reconhecem a perigosa influência de certos processos na miséria moral e material em que vivemos, é uma tarefa digna de todos os esforços essa de acabar de vez com a banal exibição de sentimentalidades alambicadas que uma turba-multa de autores sem escrúpulos teima em fazer aceitar como arte de teatro. Forçando a razão fácil das platéias populares, sem um conceito honesto que traduza intuídos de educação ou de beleza, tais indivíduos não recebem engulhos de consciência na crítica indígena impunes á certa pelo favoritismo de primitivos e pela ignorância manifesta do público que os aceita.

Com efeito a arte despida de um puro objeto de sinceridade ou de fé, sem uma idéia capaz de purificar os espíritos obcecados por doentios preconceitos e dar-lhes alento para os destinos futuros, falta à nobreza de sua missão social, para se adaptar ao cretinismo plutocrático do meio. Uma literatura dramática impotente para nos arrancar ao torpor da vida cotidiana que nos faz esquecer as rápidas seguidas crises, os abalos passageiros, mas tão significativos do mundo social, não conseguirá despertar os nossos pensamentos, as nossas resoluções efêmeras, vacilantes no conflito moral do século. E é, sem dúvida alguma. esta benéfica ação moral que se requer na arte de hoje.

Essa cantada de polichinelos que faz a vazia declamação de certos motivos pueris, ou quando muito uma pretensiosa filosofia de ratos de biblioteca, constitui precisamente a bagagem artística das empresas teatrais que o proletário favorece.

As gazetas celebram os dramaturgos, comentam enfaticamente e sem critério o entrecho das peças e o sucesso está feito. Fale-se de gente nova, que promete muito: é quando a insuficiência da instrução científica não consente ao escritor um digno esforço em prol de uma idéia e o leva a rebuacar **sujets** a que só o tempo deu valor, pondo nas ribaltas triunfais e olímpicas exoterismos de confundir o pobre diabo que não os percebe. Se por acaso, no recorte plástico da obra reside uma certa peça estética, vêem as personagens contar-nos, com troça ou em lamúrias intrigas anedóticas, e não nos dão a nota intensa de um largo sentimento de alegria ou de angústia humanas em que a multidão se reconheça. Não se exalta aí a sinceridade, não se sente latejar a vida, que queremos glorificar e de que o povo só pode tirar os elementos de um lógico ensino moral e intelectual.

De que serve ouvir gritar pela gorja o procurado vocábulo das crônicas de idades desaparecidas, quando na ação dramática a fascinação mortal do passado, anestésico de todas as energias, justificação de todas as rotinas, desânimo para a luta, desesperança do Futuro? E a pobreza franciscana de uma pseudo-análise, a minuciosa e inútil dissecação de insignificantes anatomias?

Mas não é isto o teatro do povo. Não é isso o novo teatro.

A literatura dramática hoje democratiza-se. Não se compreende o esforço de um dramaturgo no interesse exclusivo de nos dar, através de um desdobramento de peripécias, a existência mais ou menos complicada de um tipo de exceção.

A observação chamada imparcial nada quer dizer. Se o artista cria tipos, inventa, descreve, analisa sentimentos e chega à síntese, ao conhecimento da alma coletiva, fá-lo no interesse de demonstração. No teatro não se representa para descrever mas sim para provar.

Desenvolver uma alta e serena filosofia social de justiça, de liberdade, de igualdade e, paralelamente fazer uma acerba crítica do mundo atual eis o que há a esperar do teatro do povo, ativando pelo imediato eleito de vivisseccão dramática o fogo instintivo da insubmissão, a curiosidade civil e redentora do Desconhecido. Não é fazer do escritor um retórico moralista, pois que ele não pode viver a sua arte, indiferente ao ao seu meio e aos seus contemporâneos. Se as obras-primas do gênio artístico são uma idealização do sentimento e da inteligência populares, a alma do povo, chamado à vida livre pelo cérebro do entrave artificial das atuais seleções, há de fatalmente reconhecer-se nos heróis que fez criar. Uma noção da verdade, da justiça e da beleza persiste em gradações diferentes, bem o sei, em todas as almas, até nas menos delicadas. Popularizar este sentimento comum, num sentido favorável à sua exaltação, deve ser o objeto principal do teatro do povo acerca do qual pedem a minha opinião insignificantíssima.

Aí a tem os camaradas, nessas despreziosas linhas que deixo escritas, simples- mente ditadas pela enorme simpatia que me merece a tentativa.

(Ass.: Cristiano de Carvalho - 19.09.1906)

A LUZ DA RIBALTA

Novo Rumo - Rio de Janeiro - 22.1.1907 - Ano II - n. 18

O Grupo Dramático Teatro Social deu-nos a 13 do andante mais um proveitoso sarau de propaganda libertária. A festa foi em benefício da família do querido e saudoso Camilio Soares e, felizmente, esteve bem concorrida.

Subiu mais uma vez à cena o "Primeiro de Maio", de Gori e "O Ocaso dos Ódios", agora em português.

O desempenho foi dos melhores que o grupo nos tem dado. Estamos certos que, se todos os amadores fizessem um bocadinho de esforço e fossem um pouco mais constantes aos ensaios, o GDTS em breve estaria à altura dos melhores do gênero.

“O Infanticídio”, do camarada Motta Assunção está a imprimir. Foram tantos os pedidos que, para os satisfazer não havia outro remédio. A peça também ganhou com isso porque com a correção que sofreu ficou mais perfeita. O terceiro ato recebeu mais uma interessante cena e o quarto, várias modificações. Como o desfecho não agradasse muito e a peça fosse realmente curta para ser levada só, o autor acrescentou-lhe mais um ato, que é um esplêndido e comovente epílogo. Os companheiros e os grupos que pediram “O Infanticídio” estão, pois, avisados. Só o terão quando sair do prelo. Entre os pedidos está um de Coimbra do camarada Simões Coeijo, artista da Cia. Araújo Pereira. É possível que esta **troupe** que aqui pretende vir em maio próximo represente “O Infanticídio”.

O BAILE (Aos círculos recreativos)
A Terra Livre, 5.2.1907 - n.º 26

“Mães cristãs, não permitais às vossas filhas o baile! É querer pô-las no caminho das perdições.”

Assim grita o cura de aldeias, ao domingo, explicando o Evangelho. E, reproduzindo isto, C. Marino, no seu livro **Scuola di volontà**, dava razão ao padre. Nós, porém, não podendo concordar com tal interpretação, pois que o padre, se assim fala às suas fiéis mães cristãs, é para que as filhas vão á igreja, deixem ali a saúde, os cobres e.. alguma coisa mais para serem depois recompensadas lá no céu...

Os modernos filósofos e moralistas (olhem que não pretendemos fazer moral) condenam o baile, analisando todas as conseqüências que dele podem derivar, em prejuízo de quem o pratica; e de fato não podemos desconhecer a degeneração que provoca entre as massas trabalhadoras que, em vez de atender às coisas melhores para a sua emancipação, perdem se em janotismos de arlequim, capazes de corromper definitivamente, aniquilando-lhes o bom senso.

Aqui em São Paulo, onde impera o maior dos fanatismos pelo baile, vai-se ainda mais além: por ele tudo se sacrifica.

Ora, para que possamos também estudar o dano e a imoralidade deste haile, comecemos por entrar numa festa dada em qualquer centro recreativo e vejamos o efeito que nos produz.

Souu a hora marcada para o inicio da festa; os convidados começam a aparecer á porta do salão, uma comissão de quatro ou cinco sécios **escolhidos** do clube em festa recebe à entrada os convidados. Os comissionados vestem fraque alugado talvez no tintureiro para fazer boa figura, e no fundo não passam de tristes figuras, ridículos toleirões, que inspiram compaixão até aos mais céticos deste mundo. Quando aparece á entrada uma família, os membros da comissão porfiam em dar o braço á mais bela jovem, e se com esta vem uma velha, podeis ficar certos que terá de ir sozinha até a sala.

Subindo as escadas, já os rapazes começam a sussurrar palavrinhas inflamadas ao ouvido das moças - que eles nunca viram - para lhes dizerem que, finda a chegada dos convidados, irão também dançar com elas, apertá-las efusivamente contra o peito...

Quando as famílias entram no salão, palpitantes imbecis em multidão, com laçarotes na lapela, como polícias, começam a examinar, com certos olhos de masturbadores, as jovens mais interessantes e graciosas, para fazer o que já prometeram os da comissão. Apenas estes peralvilhos fazem sentar a convidada, inclinam-se profundamente dizendo:
- Minha senhora.
- Obrigada, cavalheiro - diz ela inflamada até a . + ponta dos cabelos. E começa a divagar com o pensamento, esperando as grandes frases daqueles seres inconscientes e preocupados até o excesso.

Quando começa o baile assiste-se à cena mais repugnante deste mundo, capaz de nausear as próprias meretrizes. A orquestra entoia as primeiras notas para saltar, e

todos aqueles espasmados mancebos correm como loucos em busca da mais **bem-feita**, para satisfazerem a ânsia de apertar nos braços, de lhe revelar sob a forma de amor - todo seu desejo de posse, pois que daquele amplexo, daquele enlace libidinoso, daquele recíproco roçamento, daquelas cócegas não pode resultar senão a excitação dos sentidos de ambos. Então ali está o homem, o macho, não para conhecer e conquistar uma alma, uma companheira, mas para gozar a fêmea, corrompê-la e abandoná-la à prostituição.

Depois de ter o ensejo de lhe demonstrar a sua paixão, convida-a para beber um cálice no bufete. E ali, entre dois goles, dá-lhe a entender os seus desejos.

- Minha senhora. . . quer ter a amabilidade de. . . me dizer o seu nome?

Ela, com os olhos e as faces em chamas, reveladoras e um sorrisinho na boca responde:

- O meu nome... oh! ah!... é tão feio!

- Ora, não é possível que, sendo tão bela, tenha um nome feio...

- Pois bem, o meu nome... é... Cunegundes....

O nome é realmente horrível; mas o moço simula um sincero êxtase:

- Oh! mas que bonito nome!. . . E eu chamo-me João, um seu criado, sempre às suas ordens.

- Oh! muito obrigada! . . . mil agradecimentos, Sr. João. Agora é tempo de voltar para a sala. . . senao meu noivo. . . ficaria inquieto.

- Como?!. . . Pois tem um noivo? E eu que já sonhava em vir a ser um dia quem sabe? - o seu escravo. . . Agora fico desiludido dessa doce esperança!

(Confio ua)

O BAILE (Continuação) A **Terra Livre**, 23.2.1907 n.º 27

Como saímos dizendo no nosso número passado, o nosso D. Juan ticou desiludido da sua **doce** esperança e começou a cortejar outras que lhe pareciam fáceis de apanhar em suas redes de. . . mariola.

É indiscutível que como este D. Juan, são **quase todos** os sócios componentes de tais círculos onde se desperdiçam à toa tão belas energias de jovens operários, energias que, empregadas em favor de sua emancipação econômica e moral, dariam bons resultados. Todos os operários que têm uma migalha de bom senso e que pensam com a própria cabeça devem saber que, se na sociedade há amos e servos, naturalmente, porém, temos todos os mesmos direitos, tanto mais que os ricos não sabem explicar- nos de modo convincente a origem da sua propriedade privada.

Somos nós que lhes explicamos que a sua propriedade representa um furto, uma ladroeria perpetuada pelos seus antepassados, em prejuízo dos nossos, dos trabalhadores. A razão que sempre nos deram é esta: "Tudo o que possuímos é fruto ciu trabalho dos nossos maiores, assim como do nosso".

E que trabalho fizeram eles, perguntamos, se nunca agarraram numa enxada para cavar a terra? Que instrumentos manejaram para construir uma casa? Que estudos fizeram para inventar as máquinas, que só em seu proveito frutificam? Nada disto fizeram, toda a sua obra foi: roubar, enganar, roubar e roubar e roubar.

Portanto, nós, operários, se não sosnos estúpidos, vemos claramente que as riquezas, fruto do trabalho a da natureza, pertencem aos produtores, e que as máquinas, as casas, são dos seus construtores.

E por isso os operários devem sentir o dever o direito de conquistar o que lhes pertence, e não perder-se numa valsa ou nuni **passee quatre** com esse bando de moços que gastam o seu tempo e energias num inútil Centro Recreativo. Não pretenderíamos que os operários se privem dos divertimentos que lhes dão íntima alegria, não sendo nocivos para si e para os outros. Mas consumirem-se cotidianamente em coisas tolas

e inúteis como o baile, e uma degeneração sob todos os aspectos. Creremos dirigi estas perguntas aos operários apa-xonados pelo baile:

a) É instrutivo? Cremos que não - 1.º porque não é ginástico, 2.º porque só serve para manter os sentidos excitados.

b) É higiênico? Opinamos também pela negativa, por motivos óbvios.

c) É moral? Temos a este respeito exemplos de bailes de bailes públicos nas frequentes questões que se dão nos bailes dos clubes recreativos. E depois para não ir mais longe, há muitos pais que levam ali suas filhas como a um mercado. E não existe lugar ou ensejo mais favorável à corrupção. as moças, convidadas pelos "cavalheiros", vão beber (uma noite inteira sem isso não se passa) um cálice de uísque, outro daquele, e assim por embriagar-se, como fazem os genitores, engodados pelos pretendentes das filhas.

E isso basta para provar, cremos, que o baile facilita a degeneração e a imoralidade e que não é nem instrutivo nem moral, se é moral tudo que aperfeiçoa e regenera a massa proletária.

Demais, o baile fez o seu curso, deixando de si más recordações na história, pois que muitos foram os papas que do baile fizeram espetáculos de orgias, e muitos os poderosos que se divertiram com bailes angélicos, depois de embriagados a ponto de perderem todo sentimento humano.

E o que achamos ainda mais intelorável e que estes moços sempre preocupados com o baile se pretendam jovens modernos e de progresso, só por viverem em tempos modernos.

Oh! patetas Oh! mesquinha interpretação Que entendeis por modernismo? Considerais talvez modernismo perder tempo no meio da saias, salitando como titeres?

Por que não lançais um olhar a moderna juventude da França, à arrojada mocidade da Rússia? Ali vereis o verdadeiro modernismo, a verdadeira via do progresso. Em França, a juventude moderna não se gasta em coisas inúteis, mas luta pela conquista do que lhe pertence. Deu já um forte pontapé na Igreja, fazendo-lhe perder o domínio e a força que embarçavam, como peso de chumbo sobre o cérebro, a ivre manifestação das modernas idéias, que a despeito de todas as velhacarias burguesas e eclesiásticas, indiscutivelmente triunfam a pandas veias.

E não venham dizer que o ter-se livrado o povo frances da gangrena religiosa que o empestava é obra de um Clemenceau, não. Foi obra do proprio povo.

Poderíamos ter um Clemenceau no Brasil, no meio deste povo beato e ele não faria absolutamente nada, embora o Estado não reconhece a Igreja.

A juventude russa fez mais do que dar um pontapé na igreja: tem minado o Estado que é como uma grande rocha cercada de mineiros que a escavam nas suas bases para fazerem voar num instante.

Estes centros recreativos têm geralmente nos seus estatutos um artigo primeiro que diz: "O Clube será estranho a qualquer questão ou manifestação política ou religiosa, sendo alheio a toda e qualquer tendência.

Na verdade, se assim fosse, ainda não teria tão mau; mas francamente, dá-se exatamente o contrário da prescrição dos "estatutos". Os sócios, por qualquer ocorrência patriótica, faem tremular trapos multicores nas sedes, e dão festas comemorativas da "gloriosas" data. Também não deixam de festejar qualquer santo, seja ele S. Fantoche. O resto do seu ideal consiste em contarem uns aos outros, após a festa, que dançaram com F., abraçaram com transporte S., cumprimentaram num encontro B., notando que "ela" lhes queria bem, porque teve um rissinho todo...amor e que aproveitando a ocasião, se divertiram um pouco com ela, deixando -a depois. Tudo isso para eles é o progresso.

Do seu lado, as mulheres, quando vão à festa, preparam -se uma semana ou talvez um mês, para se apresentarem com a maior etiqueta possível, empoando-se até nos buracos....do nariz, com um bom meio quilo de farinha, para ver quantos admiradores podem atrair e para pescar aquele moço que lhes deita olho de carneiro mal morto a cada encontro.

Para acabar. Os clubes recreativos que existiam em Paris, antes da Revolução Francesa, em vez de limitar o seu programa ao recreio, interessavam-se pela liberdade de pensamento, e no seu seio, germinavam a revolta contra o feudalismo, contra a opressão e a tirania, contribuindo para a tomada da terrível Bastilha, triste monumento da infâmia e do obscurantismo.

("O ano de 1789 por Emite Gautier")

Ass.:Lucifero

A Terra Livre, 1.º 6.1907

BALANCETE DA FESTA REALIZADA EM SÃO PAULO EM 16 DE MARÇO DE 1907

Bilhetes vendidos: **La Battaglia**, 26; **A Terra Livre**, 10

A. Disperati, 17; L. Morseili,14; J. Soreili, 12

TOTAL - 185;a1\$000.....	185\$000
PRODUTO DA RIFA.....	32\$700
	<hr/>
TOTAL.....	217\$700

DESPESAS DA FESTA

Aluguel do salão.....	70\$000
Música.....	55\$000
Impressão dos bilhetes de entrada.....	18\$000
Para a atriz.....	20\$000
Bonde.....	4\$000
Despesas para a cena.....	5\$800
Idem para a rifa.....	11\$400
	<hr/>
TOTAL.....	184\$200

RESUMO DO BALANCETE

Entradas.....	217\$700
Salidas.....	184\$200
	<hr/>
SALDO.....	33\$500

Como tínhamos anunciado, com o produto liquido da festa deveria ser paga a publicação de um número único. Não tendo sido, porém, produzida a soma necessária para esse escopo, dividimos o saldo restante deste modo:

Para A Terra Livre	17\$000
Para La Battaglia	16\$500

Resta ainda receber 103000, que serão divididos do mesmo modo, apenas recebidos.
(OS INICIADORES)

AS FESTAS DE PROPAGANDA E O BAILE

Terra Livre, 17.2.1910

Pela primeira vez quisemos realizar uma festa de propaganda sem o eterno baile, para conhecer bem em que ambiente nos achamos aqui em São Paulo. Tínhamos calculado que, em vista da bela iniciativa cujo escopo era auxiliar a nascente Escola Moderna, a nossa festa, mesmo sem baile haveria de dar magnífico resultado pecuniário, mas a gente chamada livre... preferiu poupar os 1\$000 por cabeça, só porque lhe era vedado saltitarem pouco à lama de fantoches...

Tem-se dito até hoje que, onde houvesse festa sem baile, brilhavam as mulheres pela sua ausência. Hoje, porém, a nosso pesar, devemos dizer o contrário, visto que de mulheres estava o salão completamente cheio na nossa festa de 29 de janeiro último, e quanto aos homens todos aqueles que não concorreram para o bom êxito, todas as pessoas que faltaram a esta festa por faltar o baile, melhor, mas muito melhor é perdê-los do que achá-los, já que não vêm para ajudar a propaganda e aprender alguma coisa, mas com idéias e intuítos inteiramente apostos aos da reunião e divertimento familiar.

Muitos objetarão que com as representações feitas por maus diletantes nada poderá o público aprender. Nós nunca pretendemos ser bons... ou maus diletantes (nomeadamente quem isto escreve), mas sempre tivemos a convicção de fazer coisa útil e de propaganda - ao monos papagajasca. Afinal, se a crítica entrasse em sutilezas deveríamos dizer francamente que não somos nós somente os que papagueamos mal o que está escrito nos livros: há muita outra gente que tem a pretensão de fazer propaganda, alando ao público e aos operários ao passo que fariam muito mas, propaganda, calando-se.

Em suma, sempre tivemos a convicção de ter feito obra útil com o teatro e de vir o baile demolir o pouco de propaganda que se procure fazer. Por isso, após muitas experiências, julgamos necessário suprimir o baile masturbador na festa de propaganda. Esta decisão por nós tomada nos demonstrou claramente quem são os que verdadeiramente se interessam pela iniciativa da Escola Moderna e a quem ajudar. Vimos o constante grupo de companheiros ativos e bons amigos que, embora não sendo anarquistas, querem ver surgir a todo custo a Escola Moderna, ao passo que muitos outros pseudo-revolucionários preferiram passear para bisnagar alguma prostituta.

Portanto se a festa de 29 de janeiro não deu bom resultado pecuniário, não é nossa culpa. Pensamos que, se é nobre o fim da Escola Moderna, os meios para a realização desta aspiração não devem ser ilícitos; por isso atastamos o baile, único meio de divertir os conquistadores especialmente os barbeiros, que vinham geralmente à meia-noite, para fazer confusão e crer-se no direito de dançar à força, mesmo com as mulheres que nenhum atrativo achavam nesse divertimento.

No nosso lado nada descuramos. Empenhamo-nos por obter o salão por um preço mais reduzido; o mesmo quanto à música e o resto só nos acusamos de uma culpa: queremos ser muito escrupulosos e honestos em nossas iniciativas, mesmo quando se trata sobretudo de recolher dinheiro.
(Lúcifer)

O TEATRO CATÓLICO

A Lanterna, 11.6.1914

Assisti há dias à representação de um drama católico, levado por um grupo de gentis amadores. A peça era uma dessas mixórdias amalgamadas pelos padres salesianos e que eles expelem por todo o Brasil para estupidificar principalmente a alma cândida das crianças. Nada de arte, nada de bom gosto, nada de belo na peça. O português era conspurcado a cada frase. O bom senso menosprezado. Decantavam-se em três atos enfadonhos a glória do martírio per Crista. Pregava-se a estafada doutrina da renúncia terrestre pelas bem-aventuranças da outra vida. Queria se demonstrar que fora da religião da Igreja não há caridade e não há ao menos amor filial. a horrível e estúpido o modo como todas essas coisas infames são demonstradas aos olhos dos espectadores. Intitula-se, parece-me, "Santa Aquilina Mártir" a asneirante peça salesiana. A ação passa-se no tempo das primeiras perseguições aos cristãos. A heroína, a tal Santa Aquilina, é uma jovem saindo da puberdade. Im vez, porém, de tratar dos brinquedos e folguedos próprios da idade, já anda a catequisar adeptos para a sua religião e só fala com Deus o cuida só de oração e quejandos. Uma perfeita velha beata dos nesses paganizados tempos! A mãe da criança, em vez de educar sua filha para a vida sadia e franca, em vez de a alegrar, um vez de contar-lhe anedotas e historietas bonitas, deseja que sua filha seja martirizada e morra a fim de alcançar a felicidade do céu (.....)

Ainda uma outra consideração me sugeriu a representação de “Santa Aquilina Mártir>’ Vi a necessidade que há, entre nós, anarquistas e livres pensadores, da t)rganização e difusão do teatro social. No Brasil principalmente, tornou-se uma praga o teatro católico que é derramado por todos os lados e todas as formas, em livros, em folhetos, em revistas e jornais, caros e baratos e gratuitos, para todos os gostos, enfim. Em contraposição o teatro revolucionário é neutro entre nós, quase que nau existe. As poucas peças que há são quase todas complicadas e longas, feitas para os grandes palcos. Façamos e difundamos pois, também nós, peças populares, para os pequenos grupos de amadores. Essa será uma obra benéfica e útil, que muito concorrerá para estancar a obra perniciosa do teatro católico.
(João Eduardo)

A ESCOLA MODERNA DE SÃO PAULO - A Festa da Escola Moderna
A Lanterna, 11.9.1915 - n.º 283

A sua festa do 14 de agosto teve verdadeiro êxito, produzindo bela impressão à numerosa assistência. O salão da Sociedade Leale Oberdan esteve animado aquela noite com a garridice da criançada que tomou parte no desempenho do programa referente ao palco cênico e também com o baile que continuou até a madrugada do dia seguinte.

Tomaram parte na festa, abrilhantando-a, o professor e os alunos da Escola Moderna n.º 2, este ajudando no coro a cantar hinos escolares e recitando belas poesias, aquele fazendo uma interessante conferência relativamente à instrução e ao ensino segundo o método racionalista. A festa teve começo com uma **Ouverture**, pela orquestra Grupo (..) que se desempenhou dignamente. A seguir foi cantado em coro o **Cante dos operários**, original de Neno Vasco. Depois cantaram-se mais os hinos **As criancinhas**, **A mulher**, **A força e A instrução**. Além desses foram cantados também outros: **Ladainha**, **De manhã** com acompanhamento de música e gesticulação, tomando parte os alunos: Antoninha Moraes, Catarina Bori, Marcelina Bori, Eliza Santiago, Lucilia Haos, Edmundo Mazzone, Edmundo Scala, Ernesto Tozzato, Bruno Bertolaccine e Francisco Tognoli. A aluna Antonieta de Moraes executou a cançoneta **Às escondidas**, conduzindo-se muito bem. Na representação da alegoria “Brinquedo das Arvores” tomaram parte os alunos: Ernesto Tozzato, Edmundo Scala, Edmundo Maizone, Bruno Bertolaccine, Antonieta Moraes e Catarina Bori. O desempenho da comédia “A Questão”, original do professor da Escola n.º 1, esteve confiado a seus alunos Bruno Bertolaccine, Edmundo Scala e Pedro Passos, tendo como comparsas Edmundo Mazzone, Francisco Tognoli, Antonieta Moraes, Ernesto Tozzato e Catarina Bori. O diálogo “O Evangelho” foi bem desempenhado pelos meninos Pedro Passos e Bruno Bertolaccine. A parte do programa referente á recitação de poesias foi confiada aos alunos das duas escolas que recitaram: Augusto Câmara, “Meus companheiros”, “A abóbora e a batata” e “Aproveite o tempo”; Alberto Cardoso, “As vantagens do saber” e “O prior e o defunto”; Nilo Leuenroth, “A mulher teimosa”, “Antônio” e “A união”; Américo de Almeida, “O garoto e o mestre-escola”, “A raposa e as uvas”, “O macaco declamando”, Luiz Marinho, “O Gil”; Florêncio de Almeida, “O amanhecer”; Alexandre Martins, “O ninho” e “O alfabeto”; Judite Amato, “Os cinco sentidos” e “A mentira”; Ofélia Amado, “Não saber ler”; Brun Bertolaccine, “O cavador” e “Um monstro”; Catarina Bori, “Sombra”; Domingos Passos, “Confissão”, Antonieta Moraes, “O orgulho da água” e “As pombas”; Lucilia Haos, “Papai! mamãe!”; Ernesto Tozzato, “As ovelhas”; Marcelina Bori, “Quadrinhos”; Eliza Santiago, “O canto da manhã”; Francisco Tognoli, “O dia”; Edmundo Scala, “Homini lupus” e “Na aldeia”.

O interessante diálogo “Brejeirinho” foi desempenhado por Ernesto Tozzato e Antonieta de Moraes. O festival foi encerrado com o canto do hino **A instrução**, seguindo-se logo uma bela conferência pelo Professor Adelino Pinho, da Escola Moderna n.º 2. A quermesse, a este tempo (pouco menos da meia-noite) já linha sido esgotada até a última prenda. O baile então teve começo para satisfação de tantos rapazes e raparigas que não pensam em outro prazer em sua vida (...)

OTEATRO E A IGREJA A Lanterna, 28.2.1916 - n.º 286

Nessa semana que se aproxima, essencialmente carnavalesca, a que o vulgo chama "Semana Santa", existe uma determinação policial, estúpida, como afinal sob ser toda ordem da polícia. Consiste essa determinação em proibir as representações teatrais quando não sejam inteiramente sacras. Corporiza esta arbitrariedade um desmerecido protecionismo ao cinematógrafo. que, achando-se ao em campo, sem a concorrência dos espetáculos dramáticos, tem na tal semana, a de maior lucro em todo o ano. Sangrando a paciência do público com a vida paixão mais miudezas de Cristo, confeccionando, de Bíblia nas unhas, diferentes filmes de estafados assuntos religiosos policialmente autorizados, os empresários doscinematográficos abrindo maior fundura no depauperado organismo teatralista Assim, Igreja e autoridade, duas entidades que se completam, concorrem, desta forma, para o prejuízo da maior de todas as artes, qual é a arte dramática, indiferentes e arquipreguiçosos, não quiseram os trabalhadores do palco reagir contra mais esse assalto aos seus direitos, preferindo descansar esses dias a empreender qualquer momento de reação. É hábito velho nos artistas coletivamente alguma coisa que lhes possa tazer bem-estar e equitativa recompensa aos seus esforços. Pondo de parte de interesses, brio, dignidade profissional, o artista aromático vive num cenário estritamente desafojado, com a miséria a bater-lhe à porta. Mormente no Brasil, ele desprestigiado, vive a vida canalha dos cafés, indiferente a qualquer assomo de reivindicação coletiva, ora artista, ora mendigo, abrindo a sua casa hospitaleiramente a todos os seus irmãos em arte, que de outros países vêm, mas ficando ele na rua, lamentando-se da sua fraqueza e do seu isolamento. Pouco cioso do seu nome, da sua justiça, jamais pensou em se agremiar, cogitando sempre de uma associação de classe, e recebendo, assim, lições sociais dos cocheiros e **chauffeurs** de praça que, em matéria associativa, andam-lhes adiantados. Não são isto vagas afirmativas de retórica, mas, a verdade pura dos fatos, e, para prova ai está a tal disposição policial cinematográfico-religiosa.

Admitindo, por hipótese, as vantagens do cinema, deduzo que o seu lugar deva ser no colégio. Aí terá talvez a sua aplicação em lições de. . . geografia. Em tais condições, o cinematógrafo tornar-se-á grande amigo das crianças o dos. . . oculistas. Mas, sendo a função do teatro um complemento da escola, não pode haver autoridade nenhuma com o poder de proibir, nesta ou naquela data, sob este ou aquele ângulo, o funcionamento regular da escolaridade.

A razão pois, da ordem policial, sistematiza-se no interesse de deprimir o teatro em benefício do cinematógrafo. E senão vejamos. Enquanto na Semana Santa as companhias dramáticas fecham as suas portas ou exibem peças de sabor religioso, a autoridade permite que as empresas cinomatográficas confeccionem qualquer programa sem obedecer, entretanto, a rigor o dispositivo que aplicam às empresas teatrais. Assim, o ano passado, na Capital Federal, por não terem peças temperadamente religiosas, deixaram de trabalhar as companhias constituídas dos teatros: São José, Carlos Somes, Palace Theatre, Pavilhão Internacional, Rio Branco e Chantecler, dando-nos, ao contrário, empresas cinematográficas os filmes que lhe apareceram, sacros ou não, com a devida autorização policial. Tivemos no Pavilhão Internacional, O filho pródigo, tão sacra como **O cachorro da mulata**, na Maison Moderne, **A mendiga**. e **Dois bons corações**; no Avenida, **Um hora de angústia e Coração de mulher**; no Ideal, **As duas nobrezas** (comédia da Nordisk); no Parque Fluminense, **Uma lágrima que não se perdeu**, **A calúnia**, **A vida nas Índias**, **Destino de vagabundo** e **Os túmulos de Anon**. Isto constituiu o programa de quinta-feira santa e, como se vê, ressalta claro o aludido abuso. Por curiosidade eu próprio assisti a algumas dessas sessões, e posso garantir que foram tão sacras quanto **O fado e o maxixe** ou **São Paulo futuro** notadamente a comédia da Nordisk.

Com que direito, pois, e polícia, escudada numa tradição da Igreja - a secular inimiga e concorrente do teatro - proíbe es espetáculos dramáticos permitindo que o cinematógrafo funcione explorando o assunto que lhe apraz? É golpe indigno, extorsão afrontosa que a autoridade pratica.

O teatro é elemento da vida social de um povo, influencia na razão de ser das sociedades e, concomitantemente fotografa o estado adiantado da sua civilização. Como

o professor comunica aos discípulos as invenções dos sábios, o ator transmite às camadas populares a vida das sociedades, o jogo das paixões, as determinantes psicológicas dos caracteres. Como o professor, ele educa igualmente, notando-se que mais influência direta exerce no povo porque mais cala no íntimo das multidões.

Não fosse o horror de uma cultura artística desorientada e o cinematógrafo sucumbiria entre os braços de seus exploradores. Não fosse o acanalhamento artístico dos profissionais de teatro neste país um fato, e a autoridade não se atreveria a esbulhar os múltiplos interesses dos artistas brasileiros em ganho de maiores lucros às empresas cinematográficas. Tivessem os artistas brasileiros por si a sua associação de classe, vigorosamente organizada, apta para defrontar-se com os assaltantes de todos os seus direitos, compreendessem eles melhormente os seus deveres artísticos, sentissem pular dentro de seus peitos aquele amor ardente, nobilitante, que a sua arte prodigamente merece, e não mais princípio dogmático algum da Igreja viria fechar-lhes as portas de seu templo. A Igreja.....! A mais desleal concorrente da arte dramática, com as suas funções teatrais à porta aberta, sem custo de ingressos- A casa de espetáculos onde os benefícios mais rendem, não em favor dos humildes e dos miseráveis, mas em interesse de: ventruços fradalhões, de larga ventral "que castigam o corpo, cristianissimamente devorando tenríssimos frangos de alourada carne!" A Igreja!.....o único centro de reunião que o Estado - essa outra anacrônica engrenagem - ainda não resolveu coletar, apesar dos enormes lucros auferidos.

Artistas brasileiros! meus irmãos em arte e em miséria, erguei-vos afinal! Fundei a vossa associação, empreendi essa luta do direito, obedecendo à inspiração de idéias e princípios, desprezando os ódios e os interesses. Conquistei o vosso lugar de justiça, neste país de beleza e de sol, e tereis mostrado, triunfantemente, que sois, além de artistas, verdadeiros homens!

São Paulo, fevereiro de 1916

Romualdo Figueiredo - (Artista dramático)

A ARTE DO PALCO: UMA INICIATIVA

A Lanterna, 15.4.1916 - n.º 288

Merece por todos os títulos ser assinalada aos leitores de **A Lanterna** uma iniciativa excelente, obra de sete denodados trabalhadores do palco, amantes da sua arte e conscientes da sua missão artística, que vêm lutando, de há muito, pela dignificação da classe a que pertencem, congregando todas as energias dispersas, no intuito de um movimento coletivo em prol da arte de representar.

Refiro-me à recente fundação da Academia Dramática Brasileira, o que sobremodo honra os seus iniciadores, não só como afirmação de vitalidade de uma classe, como ainda pelos variadíssimos serviços que se propõe prestar, desbravando campos, onde depois, consequentemente, todas as sementes frutificarão. Apesar do seu título, não é a Academia Dramática Brasileira uma agrupação apenas de intelectuais ou **consagrados**, que pretende criar dentro da própria classe, uma casta privilegiada de.....de farda luzida e chapéu de arminho, ditando leis aos seus colegas, considerando-os pequenos e insignificantes. Bem ao contrário, ela vem pelo resgate de todos os trabalhadores de teatro, grandes ou pequenos, como um camarada leal a quem todos devemos saudar com vivo entusiasmo e pródigo acolhimento, comungando nas suas lutas e nas suas próximas vitórias.

A confiança de que estão possuídos seus iniciadores suscita energias e unirá, por certo todos os artistas do palco num combate sem tréguas a podridão que por aí existe no teatro atual, combate que será coroado pelo ressurgimento de uma arte, nobilitante, dignificada pelos seus profissionais.

Propõe-se a Academia Dramática Brasileira, segundo seu programa já publicado, "a lutar sem esmorecimento pela máxima perfectibilidade da arte dramática, pela elevação suprema do teatro no Brasil".

Esta única rota, por ela traçada seria suficiente para merecer a solicitação **dos bons**, dos doutos, dos componentes e dos delicados.

E certo que muitos outros variados compromissos ela assumiu, mas o que acima fica prova sobejamente, a quantas dificuldades, a quantos sacrifícios, se impuseram voluntariamente os seus iniciadores. E certo que a Academia espera que ninguém se oculte, se esquive à necessária cooperação. Aguarda que todos concorram com uma opinião, com uma idéia. Pede que venham ao seu seio, que alvitrem, que discutam, que concorram enfim, com uma parte de esforço para a realização da grande tarefa. O ideal seria até que cada artista, cada escritor, cada obreiro do palco, numa palavra, estudasse, sob diversas e múltiplas formas, a sua tese, sobre este ou aquele problema teatral, apresentando à Academia para uma discussão larga e salutar, donde, a meu ver, adviria uma como que "consciência coletiva", tornando, ao mesmo tempo a Academia Dramática Brasileira numa espécie de congresso em permanente elaboração. Assim entraríamos efetivamente em um período de movimento artístico e social, que muito assustaria o desdém silencioso da mediocridade. Seja como for, o que é certo, porém, é que a Academia Brasileira vai paralisar a marcha dos erros que, ultimamente, no teatro, tem sido veloz e progressiva. Tenhamos confiança em nossos próprios esforços, lutemos, ponhamos de parte o pessimismo de que tanto abusa mos, unamo-nos, fortes e conscientes, e a perfectibilidade da arte dramática, a elevação suprema do teatro no Brasil será um tato.

Concorramos, enfim, para que os sete voluntários, iniciadores generosos da ADB não se transformem nos sete famosos alfaiates que pretendiam matar uma aranha, porque isso nos cobriria a todos nós de extraordinário ridículo.

(RJ, abr. 1916. Romualdo Figueiredo - artista dramático)

A ARTE DO PALCO: O TEATRO LIVRE (subtítulo: **Gênero livre nada tem de comum com teatro livre)**

A Lanterna, 25.3.1916 - n.º 287

Parece, à primeira vista, que pelo título deste arrazoado, vou tratar do gênero de teatro, cujos fins consistem em perverter os sentimentos populares provocando adrede um excitamento crescente do aparelho genital.

Bem ao contrário, tratarei de demonstrar quão profícuo, quão necessária se torna a refundição intelectual do teatro e que - gênero livre nada tem de comum com o teatro livre, visto ser aquele o retorno a velhos métodos e processos estafados, e este pressupor um principio filosófico em que se apóia uma nova concretização das aspirações dos povos.

Repetidamente tenho visto anunciado por ai tal ou qual peça com a extravagante declaração: "gênero livre".

O público menos culto, vendo amanhã o anúncio de qualquer obra dramática do teatro livre confundirá, facilmente, uma coisa com a outra, e, assim, necessário se torna, desde já, asseverar que gênero livre constitui: negação absoluta de arte, visto brigar com a sua missão, que hoje tom de ser fatalmente o reflexo da vida moderna, das suas tendências e das suas aspirações.

A condição essencial da arte é o sentimento - ninguém o nega. Mas sentimento não implica dissolvência, e, assim, a arte não constitui um passatempo para matar ociosidades, mas uma parte de retjuvenescimento moral. Uma gloriosa expansão da vida, como entendia Guejon, e, muito principalmente, um instrumento de reivindicação social, atçando - como diz Manuel Ribeiro - essa chama de revolta que arde embaixo, nas camadas proletárias e ameaça atingir os altos cumes da sociedade. Oh!... mas o palco não é uma tribuna!..... argumentam daí.

A poesia social tem o seu fundamento moral - esclareceu Blonquerou - e o dever de todo aquele que se preza como artista é engrandecer a alma de seus irmãos; criando-lhes uma consciência profunda dos seus deveres sociais. E não venham dizer que arte perde em beleza. Ignorantes serão aqueles que o afirmem. O teatro livre, o grande teatro das idéias, constitui hoje a mais fecunda fonte de beleza e aspiração para os espíritos. E a paixão do belo, o culto pela natureza-mater, supremo de vida e e amor, palpitando na empolgante harmonia das coisas.

Cabe ao Brasil, florescente país do sol, o último dos lugares com relação ao teatro livre. Uma ou outra peça do gênero, naturalmente, se tem representado, mas nunca se pôs em prática uma empresa desta ordem, seriamente organizada e honestamente desenvolvida. Seria pelo receio de que o povo não a aceitasse condignamente? Mas como manter semelhante afirmativa, se ainda não foi dada a experiência? O teatro livre, o maior de todos os gêneros dramáticos, aquele a que meu distinto colega João Baroosa chama: "teatro patológico, psicológico eu fisiológico" - tem sido tentado e mantido em todos os países onde a cultura não é um mito. Em Portugal, fundou-se, exclusivamente por artistas e escritores dramáticos, a Cooperativa Teatro Livre, a qual proporcionou duas extraordinárias épocas teatrais, uma sob direção hábil de Antônio Pinheiro, no Ginásio, e outra sob a direção do talentoso artista Araújo Pinheiro, no Príncipe Real.

Mediante a irrisória cota semanal de cem réis cada artista se mantiveram galhardamente estas duas companhias que não satisfeitas corri o magnífico impulso dispensado à arte dramática, davam ainda ao povo dois espetáculos, por semana absolutamente gratuitos. Segue-se o ter criado uma vigorosa plêiade de modernos escritores teatralistas que ali fizeram seus primeiros ensaios. Com a Cooperativa Teatro Livre nasceram Manuel Laranjeira, Bento Faria, Ramada Curto, Costa Carneiro, Bento Mantua, Severino de Carvalho, Mário Gollen, Alfredo França e Campos Lima.

De mãos dadas escritores e artistas provaram que deve ser na criação, na vida, e portanto, no amor, que se deve assentar o princípio fecundo e nobilíssimo da arte. Pois bem: ao Brasil, país novo, inteligente, que vai preparando os seus homens e os seus artistas, convém, mais do que a nenhum outro, uma arte inspirada assim nestes princípios, cheia de relâmpagos audaciosos de gênio, repleta da bela sementeira de que só ela é capaz. (SP, fev. 1916. Romualdo Figueiredo - artista dramático)

A ARTE DO PALCO - "A tajência dos mondrongos" **A Lanterna**, 2.9.1916 n. 291

Conta-se que no tempo de Gregório de Tours, um frade qualquer, de nome Pedro, pintor de merecimento, obcecado pela Semana da Paixão, pintou Jesus Cristo nu, crucificado no vil madeiro, deitando-se em seguida, nervosamente, a rezar. Adormeceu. Mal fechara os olhos viu Cristo que lhe dizia zangado: "Que fizeste, Pedro? Não mais me pintes. Ouve minha queixa. Não continues a obra. Embora ela seja de amor, nem sempre o amor obra bem".

Assim que Jesus desapareceu, o pobre frade, primeiro pintor de Cristo, correu ao seu trabalho e despedaçou-o.

Depois disso diversos pintores teimaram em pintar Jesus. Ele, porém, nunca mais apareceu para pedir que não lhe fizessem o retrato. O motivo de Jesus Cristo não ter intervindo mais nos autores da sua imagem é ignorado. Mas deve ser o mesmo, creio bem, que o leva a não intervir todos os anos na atroz flagelação de um sórdido negócio.

Refiro-me às representações dos **Mártires e dos Cristos** pela Semana Santa.

Não tendo Cristo voltado a pedir misericórdia aos pintores, coragem lhe faltou para solicitar aos atores.

O Cristo magro, gordo, branco, moreno, forfe, débil, belo, amargurado, castanho, louro, alto, baixo, que todos os anos surge pela Semana Santa, uma **cavação** pavorosa longamente preparada pelos mais pífios cenógrafos e borra-brochas, pintado de diferentes formas, à porta dos cinemas e dos teatros, ao mesmo tempo que imageografado nos programas e jornais.

Famintos, ansiosos, os atores, no Rio, aguardam a Semana Santa confiantes de que **O Mártir do Calvário** lhes perdoe todos os pecados e todas as....dívidas do ano. Surge a esperançosa Semana da Paixão, e com ela o tiro.

Em técnica teatral chama-se **tiro** ao que, em política, se convencionou chamar **cavação**. Em boa linguagem, poderemos, pois, chamar-lhe agora divino tiro visto que no caso tem sua simbologia o Divino Rabi da Galiléia

O que é certo é que este ano, ou por excesso de Cristos e mártires, ou porque o Redentor se recordou do Frade Pedro do tempo de Gregório de Tours, o **Divino tiro** foi um tiro profano que disparou pela culatra.

Aliás, não é de estranhar, se atendermos à quantidade de mártires que este ano surgiu no teatro brasileiro. E de todas as escolas e raças diversas. (...)

Bom prenúncio! O jejum, prática muito agradável à divindade, é muito antigo, observando-se já entre os gregos e romanos em honra de Ceres e Mitra. Diz-se também que Moisés e o Profeta Elias jejuaram quarenta dias, o mesmo lendo feito Jesus Cristo que, não querendo ficar para trás, também no deserto jejuou quarenta dias. Ou por rigorosa devoção, ou por mortificação habitual, o ator, entre nós, guarda abstinência quase absoluta durante o ano.

É justamente na Paixão, quando os católicos se flagelam, com o solene jejum, que os artistas dramáticos, auxiliados pelo **Mártir do Calvário**, preparam o seu estômago para encher e atoucinhar. Parece uma aberração, mas é assim mesmo. Falhando pois, este ano, o divino tiro, o jejum é quase absoluto.

Será isto a falência de Jesus Cristo como onipotente? Não. É a falência dos mondrongos.

A figura lendária que há 1916 anos nos persegue tem encontrado, para a sua interpretação no tablado cênico, uma infinidade enorme de mondrongos que, nem de leitura se preocupam com o filho do carpinteiro.

Não foi Cristo, não foi a sua religião, não foi o catolicismo que falhou.

As grandes forças verdadeiramente ativas, como a verdade e a ciência, pela própria lei do progresso, de há muito que tudo isso aniquilaram.

A falência operada foi a dos mondrongos, foi a de uma arte de mondrongos que, Inconscientes da sua missão artística, aguardam uma quadra do ano para, na exploração da ignorância pública e de um sentimento sincero, nas condenável como entrave à evolução de justas aspirações extorquirem, sem mais esforço, as migalhas a um público indiferente.

Bendita seja, pois, a ausência do público aos espetáculos sacros, este ano!

Prova que ao contrário do que deveria ser norma, a ignorância do público não será guiada pela ignorância dos artistas. Ele desertará em absoluto, deixando-os entregues à sua cabotinagem, se não ao seu cretinismo.

Pois é admirável que numa terra como o Brasil, onde a beleza grita e impera, onde as forças criadoras se renovam constantemente por uma natureza pródiga e fecunda, os artistas, expoentes máximos da intelectualidade de uma raça, aguardem a semana da morte para exibirem uma arte senil, doentia, horrída?

Aonde estão a inteligência, o coração, os nervos destes homens? Aonde está aquele espírito criado dos filhos de uma Pátria Nova que, necessariamente, acompanham o movimento evolutivo da humanidade? Pois tudo isso cristalizou numa arte de mondrongos?

Não! A falência operou-se este ano. Surge agora uma arte luminosa, purificadora, prenhe de beleza e de superioridade, como afirmação artística de um povo livre, fone e empreendedor, que marcha sorridente o caminho do futuro.

(Romualdo Figueiredo, artista dramático)

A DANÇA E O FOOT-BALL (À MOCIDADE) A Plebe, 30.10.1917 - n.º 19

Lastimando profundamente o estado em que se encontra a juventude contemporânea, em relação ao seu valor físico e moral e intelectual, afigura-se-nos oportuno algumas considerações a respeito.

Presentemente, a juventude está corrompida pelos divertimentos mais prejudiciais ao organismo e à educação.

Uma infinidade de rapazes atira-se inconscientemente à dança e ao **foot-ball**, duas calamidades modernas que dizem milhares de seres humanos.

A dança, hoje em dia, bate o recorde da imoralidade, atinge o apogeu da loucura e do crime.

As sociedades dançantes e os clubes de **foot-ball** pululam nos bairros suburbanos, onde é grande a população proletária.

Disse um abalizado moralista que “a dança é a porta da prostituição”, pois que a legião de raparigas que concorre aos bailes se corrompe e perversa.

Na verdade, além de causadora da desgraça de tantas raparigas, a dança é também corruptora de numerosos rapazes.

O **foot-ball** atrai, igualmente, milhares de rapazes que se exercitam 'no funesto jogo com um selvagismo atroz.

E esses rapazes, inconscientes e despreocupados, de nada se arreceiam: por isto quebram as pernas e os braços, estragam o aparelho digestivo se arruinam, afetam os pulmões, se arruinam, enfim, para todo o sempre.

O **foot-ball** é uma diversão violenta. Além de produzir o mal físico, produz também o mal moral. Em certas ocasiões, no fervor do jogo, um simples gol basta a originar contendas, onde não raras vezes há feridos.

Mais úteis à humanidade e a si próprios seriam esses rapazes se, em lugar de se ocuparem de semelhantes passatempos, ingressassem mais nos Sindicatos e nas Ligas Operárias, a fim de poderem enfrentar o vilíssimo patronato.

Mais prestimosos à causa da emancipação e da fraternidade se revelariam tocas esses amantes da orgia e na boemia se, em vez de concorrerem diariamente aos ensaios de dança e aos treinos da bola afluíssem às escolas e frequentassem as bibliotecas em busca de conhecimentos de reconhecida utilidade.

Que se associe, pois, economicamente, a juventude ora transviada pelos meios esportivos. Só assim evitará de rolar, como uma bola, para o abismo.
(Sejo Costa)

ORIENTAÇÃO TEATRAL

Prometeu - Ano I - n.º1

Tendo-se como se tem um repertório ao rimas, de sinônimos, de epítetos, de peritrasas, de exemplos seletos que se recorrem para ver surgir infinitos pontos de vista novos - é a afirmativa prudhoniana - tem-se também certas e muitas peças literárias, tais como as de teatro, obras-primas no conceito da crítica diária, as quais mesmo prenes de brilhantes locuções, formas impecáveis, a insuperável técnica, são insuficientes de relacionar, harmonicamente por uma afinidade integral, o subjetivo com o objetivo pessoal em proporção de motivos e deslumbramentos. O que na primeira soma, na outra diminui.

Os eutemismos, múltiplos, talhados na miraculosidade das vagedades nodais e seus erros característicos, de um tatalismo neurético como o apresentado no **Leque de Lady Margarida**, de Oscar Wilde, porém, transtormáveis para as verdades que se ado sotismam impressionam-nos, mentindo aos nossos sentidos, captivam-nos a tiorilégio sentimental sem nos dar conclusão definitiva que oriente, especitique, dos tristes espetáculos da sociedade a psicologia humana, fora, como se encontram, no derroteiro natural da vida por essa matematielDaCe inevitável que lhe dão os precursores do novo misticismo científico.

Há sentenças que comprimem um universo de verdades. E a arte, sem uma finalidade social e humana perde todo o valor como arte lucrando em valor comercial e industrial. Devido à errônea interpretação artística do teatro. É que as Impressões sobre o mundo, as coisas e os homens são feitas à base de uma petulância em que o caráter artístico deixa o cientificismo abaixo das paixões incontidas dos regimes e das instituições históricas.

Contudo, a existência espiritual foge à vida materialista do determinismo histórico. Procura viver uma vida mais livre que o mundo real oferece, onde não exista oposição entre o indivíduo e a sociedade, uma vida em que a virtude não seja um vício e a

tara originária da grandeza e heroísmo; uma vida de sonhos atléticos que são, afinal visões plásticas de acontecimentos futuros e concludentes

Os erros sociais são considerados pela quase totalidade dos teatrólogos como fatos pelos tempos dos tempos sem antever ou prever o porvir das sociedades e dos homens. Um reflexo de luz pode ser de sol puro e pode derivar de outras combinações de ordem física que lhe degenerem a primitiva origem solar. Esta não possui portanto a mesma energia de fecundar e vitalizar.

Assim o fatalismo teatral mais em voga que erra no seu derivativo. Os alicerces são os sustentáculos das instituições. A deficiência dos alicerces trazem imperfeição nas obras que sobre eles se erguem. Por consequência, o teatro atual deve apressar-se em enveredar pela sua verdadeira rota, consentaneamente com as aspirações populares fielmente e notavelmente interpretadas.

É natural que, com os erros de originalidade supracitados, a mentalidade dos comediógrafos, quase na sua totalidade, se deixa absorver e arrastar por concepções absurdas, a ponto de apresentarem tipos cretinos, doentios, tarados, ancestrais como personalidades interessantes e únicos num teatro que deram em denominar - nacional. Com os elementos que fornecem estes tipos teratológicos, a fundação de um teatro sólido, **sui generis** representativo de uma ótica e de um povo consolida-se torna-se impossível. A vida do homem, seus esforços, suas dores, suas alegrias, atividades, suas lutas, não se cimenta em fundamentos ilógicos, senão na onipotência do seu ego-altruísmo. ria sua heroicidade, nos seus impulsos, nas suas eclosões que lembram muito de Hugo e de Balzac.

O que acontece com o teatro indígena, salvaguardando as raras exceções é o que sucede extraordinariamente à dialética e ditos de sobremesa. Há que agregar a comédia ligeira adoentada por suas figuras incoerentes que carecem de senso analítico, capacidade e caráter. E assim, a soma de peças que superabundam pelo verbalismo excessivo que tanta horrorizava a Stendhal e a Vigny.

Nas veladas que se realizam nas casas do diversões da Paulicéia, houve e há destes exemplos patéticos, porém, que nada sublimam Ninguém - nem os precedidos de bombásticos reclames e cartazes de tamanho natura, retratando tipos ridículos de comediografia - deu-nos um minuto de sapiência nos magníficos torneios espirituais

E denominam teatro à eterna representação da pantomima nas **marionettes** e esquece-se completamente a Corneille, Racine a Molière. E no entanto, revive-se Castelo Branco, Zorilla e Pierra Wolff, deixano-nos saudade das criações imaginativas, da riqueza das investigações da crítica sadia e da sátira moralizadora, das discussões indutivas e dedutiva pelos condões reivindicações da intelectualidade.

O panfletarismo de Mirbeau e que tanto assusta à crítica de pena domada, é ao menos judicioso no observar o coração humano, na ciência dos métodos analíticos da psicologia que tori os heróis iconoclastas e construtivos da energia.

No entanto, a suma vai perdendo algarismos ao surto da novidade teatral que se salienta espontaneamente aos meios libertários, onde os prejuízos e os interesses criados desapareceram completamente.

Ultimamente destacaram se novos escritores teatrais, com esse caráter da ampla crítica e transformadora dos valores presentes da moral e de estrutura orgânica do imperante regime. José Oiticica com ' Pedra que Rola' e "Quem os Salva", dando magnificência à genial trágica Itália Fausta. "O Indesejável", brilhante peça dramática da lavra de Fábio Luz e de inestimável valor pare a propaganda libertária; "As Levianas", do Afonso Schmidt, que de parceria com "Moinhos de Vento" do malogrado autor Flarencio Sánchez deram vitalidade à decadência interpretativa de Abigail Maia, os que, secundados por criações mais simples como "Bandeira Proletária", de Marino Spagnolo, "O Último Quadra", de Felippe Gil. "Última Noite", de Santos Barbosa seguem as tradições de "Pela Vida ideal" e "Gente Honesta", realizadas por Alfio Tommasini, constituindo assim um prezado elemento para a formação do novo teatro que surge triunfante — o teatro social - único capaz de restabelecer a uniformidade que lhe é devida no decorrer do progresso, e o único que, através da passagem do tempo, poderá salvar-se nos arquivos da história em confronto com as formidáveis produções de Mirbeau, Benavente, Bataille, Bernstein e Galdós. A função faz o órgão.

É um conseqüente gráfico, **idem** o antecedente. E para que o órgão tenha uma espe

cificação regular, torna-se necessária a normalidade da função. A imagem pode equiparar-se ao teatro sem a divagação aplicativa. Quer dizer que o teatro viajará em trilhos com perfeição quando perfeitas sejam as produções, quando se verifiquem os grandes ideais, quando encarne com fidelidade o sentimento construtivo de uma nova moral e uma nova vida social. O que resiste a isto é ignorância, ou então covardia de espírito que se deslumbra entre as cintilações elétricas das bambolinas.

(Arsênio Palacios)

CAFAJESTS INTELECTUAIS

A Plebe ,23.8.1919-n.º 27- Ano III

Não quero absolutamente fazer injúria a esses bravos desordeiros que nos recantos escusos da cidade defendem obstinadamente o seu direito de não fazer nada nesta sociedade que tem a idolatra do parasita. O título de cafajestes a eles outorgado pela multa que lhes disputa o passo. a polícia, horda feroz e legal, é um brasão impróprio a levá-los à posteridade a que se destinam os Foelas (**sic**) os Dantas Barretos e outros desordeiros históricos, mas que m'os recomenda a mim.

Por necessidade de uma vida agitada e rude, os cafajestes, os capoeiras e outros terrores da burguesia dos bairros, apelam a toda hora para a luta livre, dita capoeiragem, que é uma esgrima desabusada e estranha ante a qual se desorientam os mais abalizados preceitos dos mestres de armas.

Peço a todos esses herdeiros dos barões feudais, porque me parece que um capoeira é o descendente daqueles tremendos salteadores das estradas na Gália e da Germânia, que me cedam os seus brasões desdourados por empréstimo, para que eu os confira solenemente aos celebrados e laureados intelectuais a quem a burguesia confiou a defesa das depredações e das rapinas operadas com a lei contra humanidade indefesa e pasmada.

Como possivelmente o número dos candidatos às novas decorações seja maior que os títulos que me cedam os heróis da Saúde e de Madureira, eu limito as minhas outorgas à classe populosa dos juriconsultos e jurisperitos que têm a cargo o estudo e a solução da questão social.

Esses iminentes cafajestes descobriram uma rasteira mental que tem feito maravilhas no meio desprevenido de seus ingénuos adversários.

Trata-se de denominar as diversas alternativas de controvérsia de princípios, os vários aspectos das teorias em jogo ou os múltiplos fatos que se apresentam na luta pela definição da vida social, denominá-los de jurídicos.

- E isso **jurídico**? Vejamos o aspecto **jurídico** do caso.

E com voluptuosidade de bácoros que refocilam na lama sem a qual não digerem os alimentos, trazem para esse subterrâneo da inteligência a questão que se quer trazer à plena luz.

Eles não compreendem, ou antes, fingem não compreender, que nada na vida, no universo ou no homem, está regido por outro critério que não o da natureza e que só dentro dos próprios fatos da vida, o homem ou universo podem sofrer comparação e exame.

O que vem a ser jurídico?

Será jurídico o amor? O ódio? A dor? A miséria? O meu ser sensível e pensante? O que é **jurídico** no homem? Tudo isso os sábios do foro são capazes de acomodar dentro da pocilga jurídica, com a mesma facilidade com que as hienas entregam à decomposição os alimentos que não digerem crus e frescos.

Hoje, para desnortear as questões sociais mais serenas e mais simples, os cafajestes da lei não indagam da sua evidência, da sua clareza, ou do seu alcance. Exatamente como nos tempos idos, sob o domínio doloroso e vergonhoso da Igreja, o sacerdócio castrado perguntava de qualquer fato ou idéia: - Isto é canônico? Hoje, sob as patas e a chibata das leis, os sucessores daquela cáfila indagam das coisas se elas são jurídicas.

É o meio de fugir à evidência, é o estratagema repelente da má-fé dominadora, é a rasteira imprevisível dos cafajestes intelectuais, incapacitados da palavra clara e leal necessária a todas as questões e a todos os fatos.

No horror do desmembramento social que se vem precipitando nos séculos, a miséria das celebrações conventuais e acadêmicas achou essa forma cínica e renegada de se mentir a si mesmo e a tudo. Quando a anarquia surgiu para a inteligência humana, todas as construções sociais, onde se abrigavam a insensatez e a covardia dos dominadores, começaram a cair como folhas no outono.

Como era possível desmentir a verdade? Como era possível evitar a libertação moral e social de um rebanho, do rebanho que era tão bom de tosquiá-lo? Frente a frente? Opor a verdade única uma outra verdade? Absurdo!

Só um recurso havia; a rasteira, o golpe inesperado. Lembraram-se os capoeiras dos recursos mentais da esgrima livre. Não discutir; trazer do campo aberto para a viela sem saída o adversário leal. E então os turistas, os juizes, os charlatões sabidos em direito romano, em digesto e em pandectas renovaram os pântanos canônicos em lameiros jurídicos, onde lhes seria possível afogar fatos e idéias que os esmagavam de frente.

Daí essa fementida e nefanda invenção do **caso jurídico** tomada como metro para medir o infinito.

Mas nós sabemos agora que achar jurídicos ou não os aspectos da luta pela liberdade é o mesmo que julgar o movimento com o critério do bicho-do-pé.

São homens cultos esses que assim degradam a inteligência humana. Há uma revolta pela fome, há uma revolução contra injustiça, há uma sociedade nova em face de outra em dissolução. Isso tudo só aparece a certa gente uma questão de termos. Do mesmo modo que o pilantra do Alvear pergunta a tudo se é elegante, e que o jogador indaga "isso dá sorte?" sem mais se ocuparem se o mundo gira ou não em torno de seu eixo, os sinistros organizadores da defesa social interrogam no furor da peleja: "isso é jurídico"

Compreende-se que uma sociedade que faz repousar todas as suas esperanças em Rui Barbosa, em Bernardes, em Alfredo Pintos, em outros cafajestes intelectuais, e uma sociedade que agoniza e que se decompõe..

O **jurídico** é o critério final das causas perdidas. Não há nada jurídico no infinito das formas e dos seres. Apenas para os cafajestes intelectuais a vida se reduz e se estreita a esse aspecto estrábico e vilão

Nós não cairemos mais nas emboscadas que esses capoeiras nos preparam e onde já tombaram tantas e tantas vítimas de leal e nobre fé. A batalha se aproxima áspera, longa e rude, e é no ardor dessa peleja que aprendemos a lutar evitando as rasteiras e os embustes.

Não é mais possível anular a luta e desvirtuá-la nas águas-furtadas ou porões do critério jurídico, que é o alçapão adrede preparado para tragar gladiadores da arena aberta da anarquia.

A lei, feita pelo ladrão, e a justiça paga pelo sicário são enredos em que eles se metem uns aos outros. Não é por essa lei nem essa justiça que nós nos arremessamos ao combate. O jurídico é a ciência onde eles se afogam e dentro da qual raciocinam como vermes.

A anarquia não cria direitos novos, ela destrói os velhos, e não mais haverá relações jurídicas entre os homens que aspiram cultivar as relações humanas.
(Domingos Ribeiro Filho)

SPARTACUS (Rio)
EDITOR: Astrogildo Pereira
29.11.1919 - n.º 18

EM SÃO PAULO FECHAM-SE AS ESCOLAS MODERNAS

A diretoria de instrução de São Paulo, por solicitação da Secretaria da Justiça e Segurança Pública, inspirada pela padralhada e pela jesuitada que são os que em tudo

mandam e ordenam na velha terra dos bandeirantes, ordenou o encerramento da Escola Moderna n. 1, a cargo do Professor João Penteado, e da Escola Moderna n. 2, a cargo do Professor Adelino de Pinho, pretextando representarem estas escolas focos de idéias subversivas, onde se pregavam ideais anárquico-comunistas, visando à destruição de Estado, etc. etc,

(.....)

A modesta obra das modestas escolas agora fechadas por obra e graça dos padres da policia e dos patrões de São Paulo limitava-se ao ensino elementar de leitura, da escrita, da aritmética baseada nas “lições de coisas”, dando motivo a que a criança se familiarizasse com as ciências naturais e com os processos da moderna indústria, da mecânica e também da agricultura.

(.....)

Num país que alguém com tanta justiça apelidou de analfabetolândia, por uma simples violência policial-clerical, fecham-se duas escolas onde cerca de duzentas crianças recebiam o pão do espírito sem oneração para o Estado.

(.....)

(Adelio)

A Plebe, 25.9.1920 - n.º 83
NENO VASCO

Morreu Neno Vasco

Eis a noticia que acaba de transmitir o telégrafo, lacônica e indiferentemente, em três linhas apenas, e ainda assim mentindo no que diz respeito ao sublime ideal de que o nosso inestimável companheiro foi sempre não só um ardoroso e abnegado propagandista, ma também um dos mais belos e admiráveis expoentes no terreno da literatura e do jornalismo revolucionário.

Ao contrário, pois, do que telegraficamente se leu no jornal O Estado de São Paulo. Neno não era, nem fora, apologista do sistema republicano, mas sim genuína e sinceramente anarquista, cujas convicções e propósitos se patenteavam sempre com galhardia e inteligência no decorrer de sua plácida e trabalhosa vida, quer como propagandista dos mesmos princípios, quer como pai, esposo e filho, de que foi sempre, na família, um dos mais belos exemplos de ternura e amor, quer, finalmente, como indivíduo cuja moral e inteligência, a par de uma sólida cultura científica, realçavam-lhe a feição gentil e extremamente delicada ecativante de suas maneiras, tornando-o não só admirado de todos os seus amigos e companheiros de luta, como de seus próprios adversários.

(....)

Assim foi que, aqui em São Paulo, como em Portugal, terra do seu nascimento, soube ele imprimir a virilidade do seu talento de escol na obra de propaganda emancipadora do proletariado.

(....)

Além de artigos, opúsculos, versos e outros trabalhos literários publicados pelos nossos jornais, legou-nos o livro **Da porta da Europa**, e a peça teatral inédita “Pecado de Simonia”, fina e brilhante comédia de crítica social e religiosa, já bastantes vezes levada à cena e que constituiu uma das lólas do repertório do teatro libertário.

ARTE E REVOLUÇÃO

A Plebe, 6.11.1920 - n.º 89

O homem vive primeiramente de pão, mas não é só de pão que ele vive: assim pensam os revolucionários sociais. Mas, em geral, aos revolucionários escasseiam o

tempo e os recursos mesmo nas tarefas mais urgentes e essenciais para a conquista direta do pão e da liberdade. Em matéria de arte são obrigados a contentar-se com a que lhes fornecem as empresas mercantis.

No entanto, a arte, nas formas superiores, é verdadeiramente revolucionária, mesmo sem teses preconcebidas, sem preocupações subversivas, e não somente por afinar o sentimento.

Sem educação técnica nem artística, o homem do povo é incapaz de compreender as mais belas obras, e refugia-se nos espetáculos mais ordinários, seguido pelo desdém dos super homens.

Mas tentai e retentai, sem intentos financeiros, essa educação que lhe falta, incitai-o, fazei apelo aos seus melhores sentimentos, explicai-lhe previamente as obras de arte, interessai-o por elas, afinai-lhe gradualmente o gosto, e ele acudirá ao vosso chamamento e em breve trocará, deliciado, os guisados requentados e sebosos pelo mel suavíssimo do Himeto. As suas preferências passadas parecer-lhe-ão abomináveis e vergonhosas.

E tornar-se-á, então, mais consciente a sua revolta contra a injustiça social, que mergulha a grande maioria na miséria, na abjeção e na ignorância, proporcionando apenas a uma minoria de privilegiados e parasitas todos os gozos da arte e da ciência.

Nesse sentido, a civilização moderna colabora toda com os revolucionários: e divulgar os seus benefícios, seja embora em proporções modestas, é tornar Os homens insofridos do jogo, revelar-lhes plenamente a fealdade do existente - o que, se não é udo, é um primeiro passo para o desejo de uma transformação social. "O homem habituado a lavar-se e que conhece todas as vantagens do asseio corporal disse um dia Malatesta - torna-se revolucionário no dia em que não possa comprar sabão. (Neno Vasco)

CENTRO DE CULTURA SOCIAL: Bases de acordo do centro

Janeiro de 1933

1.º)- Pelas presentes bases de acordo fica constituída na cidade de São Paulo (Brasil) uma agrupação cultural denominada Centro de Cultura Social, composta de ilimitado número de sócios de ambos os sexos, sem distinção de cor, nacionalidade, credo político ou social.

2.º)- Este Centro destina-se ao aperfeiçoamento intelectual, moral e sociológico dos seus aderentes e do proletariado em geral, na base das modernas teorias de luta contra qualquer exploração ou tirania, quer seja política ou religiosa, quer seja econômica ou mental. Combaterá sempre todos os regimes que se apóiem no absolutismo, na tirania e nos princípios que integram a religião, a política e o capital. Bater-se-á pela mais ampla liberdade de manifestação do pensamento na imprensa e na tribuna.

3.º)- Para atingir este objetivo aceita a colaboração de pessoas e entidades interessadas na difusão científica, artística, filosófica e literária, uma vez que sejam respeitados os princípios e finalidades e que se ofereça toda garantia de lealdade nas suas intenções.

4.º)- São finalidades imediatas do Centro de Cultura Social:

a) Promover conferências públicas sobre todos os ramos do saber humano e particularmente das modernas concepções filosóficas e sociais do proletariado:

b) educar e preparar a mocidade técnica e sociologicamente, moral e revolucionariamente, para a sua emancipação integral:

c) publicar e divulgar toda a literatura que possa servir ao progresso e à evolução moral, mental da humanidade;

d) manter no seu seio cursos de aperfeiçoamento cultural e intelectual, noturnos e gratuitos, a cargo de pessoas que voluntariamente os quiserem exercer;

e) realizar ou contribuir para a realização de saraus literários e artísticos, com obras dramáticas de propaganda social revolucionária:

f) manter uma biblioteca que será constituída preferentemente pelas melhores obras de todas as correntes sociológicas, científicas e filosóficas, formada por doações voluntárias ou aquisições próprias;

g) manter as mais estritas relações com entidades mundiais congêneres e agrupações de caráter social revolucionário.

5.º) - Pode ser sócio e será admitido nas reuniões internas deste Centro qualquer indivíduo que reconhecidamente esteja de acordo com as finalidades e ofereça garantia de lealdade nas suas intenções.

a) - uma vez admitido está o associado no dever de auxiliar moral e materialmente na execução do programa exposto, na medida de suas posses.

6.º) - O fundo social será constituído pelo produto das mensalidades de cada aderente, renda dos festivais, veladas, venda de jornais, livros, folhetos, etc.

7.º) - Este Centro não manterá nenhuma distinção ou título honorífico, nem tomará parte coletiva em manifestações de caráter político-partidárias, não podendo por isso nenhum dos seus aderentes usar do seu nome para tal fim.

8.º) - O Centro de Cultura Social será administrado por uma comissão de sete membros, renovada de seis em seis meses.

9.º) - Em caso de dissolução os bens sociais do Centro passarão para qualquer agrupação congênera e, na falta desta, para a organização operária de caráter social- revolucionário.

10.o) - Todos os casos não previstos nestas bases de acordo serão resolvidos pela assembléia geral.

11.º) - Para serem revogadas ou reformadas as atuais bases de acordo é imprescindível a aprovação de três assembléias consecutivas, não sendo válida qualquer modificação fundamental sem o voto favorável de 2/3 de aderentes, presentes às assembléias.

A COMISSÃO

Sao Paulo, janeiro de 1933

“TESEU” - peça de G. Soler
Crítica publicada em **A Plebe**, 18.8.1934

Com “Teseu”, G. Soler logrou provocar, em nosso meio, os mais vivos comentários e levantou críticas as mais mordazes.

O murmúrio e desaprovação de algumas cenas, as dúvidas provocadas por outras, dizem bem da inquietude do espírito manifestado pelos personagens no decorrer da representação.

A tese que Soler desenvolve, os tipos sociais que nos apresenta, o ambiente que nos faz viver no decorrer dos quatro atos são momentos que não se esquecem facilmente.

As atitudes dos personagens chocam, perturbam, e, por veres desnorteiam o espectador.

No conjunto, a idéia mestra de Soler é, quer nos parecer, pôr em cena a tragédia psicológica e social dominante no momento atual, no seio das famílias, como reflexo da sociedade que há de resolver os complexos problemas da civilização.

Por isso, Soler põe em cena personagens que caracterizam três gerações distintas: a do passado, nas pessoas de Emilia e de seus irmãos, o padre; do presente, Teseu, anarquista, a se debater entre os preconceitos do passado e as chicanas dos partidos políticos de hoje; do futuro, na mocidade sadia de Carmem que, como Antônio, simboliza a continuidade da vida, do amor e da luta.

A trama é bem urdida e o ideal que anima é humano e libertário. Isso no conjunto. Quanto ao acabamento da obra temos que fazer alguns reparos, assim como algumas restrições quanto ao final do quarto ato, onde nos dá a impressão dolorosa de que

as três gerações são arrastadas para o abismo com a tragédia psicológica de Teseu. Esse momento culminante do drama dá-nos a impressão de que se verificará um colapso na vida, quer dos seres, quer das idéias. O espectador fica suspenso e tem a sensação do vácuo ao seu redor; quando desce o pano, uma pergunta assoma aos lábios: e agora?

O amigo Soler tem talento, sabe pensar e fazer os outros pensar e não pode exigir do público que adivinhe o seu pensamento, que ficou um tanto indeciso e obscuro na cena final da obra. "Teseu" é um drama excelente, mas muito melhor ficará, a meu ver, se Soler lhe aparar algumas arestas, e o expurgar dos diálogos muito longos, mesmo sacrificando um pouco da boa doutrina que debatem; assim como aliviar se não puder suprimir os monólogos pesados, que concorrem para cansar os artistas e tornam um tanto monótono o trabalho. E, finalmente, deveria, ainda a nosso ver, dar a Carmem e Antônio o papel de finalizar o drama, com algumas palavras que sejam um hino à vida que prossegue e às idéias que triunfam. Teremos assim em "Teseu" um trabalho teatral para muito tempo e para ser representado muitas vezes.

R.F.

P.S.:

Essa peça foi levada em 4.8.1934 num festival ("excelente noitada de propaganda"). O festival foi iniciado com a palavra do camarada Boscolo com um "belíssimo e substancial estudo sobre o teatro social", prendendo a atenção do público pelo espaço de uns quarenta minutos. O grupo foi o Hispano-Americano. Quanto à assistência: "o salão dava um aspecto magnífico. A multidão de camaradas e amigos e seus familiares que acorreram ao local esgotou por completo a capacidade do salão".

INVENTÁRIO DA PESQUISA

PESQUISA: TEATRO OPERÁRIO NA CIDADE DE SÃO PAULO

Supervisoras da Área: MARIA THEREZA VARGAS (até março 1978) /
RENI CHAVES CARDOSO (a partir março 1978)

Pesquisadoras: MARIA THEREZA VARGAS / MARIÂNGELA ALVES DE
LIMA

Objetivos: Documentar uma forma teatral específica da cidade de São Paulo. Considerando-se que essa forma de teatro desapareceu em 1962, a documentação terá o caráter de memória.

1. PAPÉIS IMPRESSOS

1.1 Livros

Rocha, Arthur. **Deus** e a **natureza** (1)

Diniz, Baptista. O veterano da liberdade (2)

2. PAPÉIS DATILOGRAFADOS

2.4 Entrevistas

Germinal Leuenroth, Jayme Cuberos, Cuberos Neto, Maria e Cecílio Valverde, antigos componentes do teatro do Centro de Cultura Social (1)

Entrevista com o atual presidente do Guglielmo Oberdan (2)

2.4 Notícias jornal

A Lanterna: 1901-1903-1905-1909-1910-1911-1912
1913-1914-1915-1916 (3)

O Amigo do Povo: 1902-1903-1904	(4)
La Battaglia: 1904-1905-1906-1907-1908-1909-1910-1911-1912-1913	(5)
O Livre Pensador: 1904-1905	(6)
O Chapeleiro: 1905-1918	(7)
A Terra Livre: 1905-1906-1907-1908-1910	(8)
A Luta Proletária: 1908	(9)
A Plebe: 1917-1919-1920-1~21-1922-1923-1924-1927-1932-1933-1934-1935-1947-1948-1949-1952	(10)
Alba Rossa: 1919-1920	(11)
Novo Rumo: 1906-1907	(12)
O Trabalhador Vidreiro: 1931	(13)
O Trabalhador: 1932-1933	(14)
O Socialista: 1933	(15)
O Trabalhador Padeiro: 1935	(16)
Dealbar: 1967	(17)

2.4 Notícias revistas

Kultur: 1904	(18)
A Aurora: 1905	(19)
A Vida: 1914	(20)
Il Pasquino Coloniale: 1920	(21)
Renovação: 1921	(22)

2.4 Crítica teatral jornais

“Elvira, a Monja”. Antonius. O Livre Pensador , 24.7.1904	(23)
“A Electra”, de Pérez Galdós. Editorial. A Lanter na 20.1.1901	(24)
“O Dever”, José Rizol. A Plebe , 17-18.10.1903	(25)
“Teseu”, R. F. A Plebe , 18.8.1934	(26)
“Primeiro de Maio”. Novo Rumo, 22.11.1907	(27)

2.4 Crônicas jornais

“As testas de propaganda e o baile”. Lúclter. Terra Livre . 17.2.1910	(28)
--	------

	“O teatro católico”. João Eduardo. A Lanterna , 16.6.1914	(29)
	“A Escola Moderna de São Paulo”. Anon. A Lanterna , 11.9.1915	(30)
	“O Teatro e a Igreja”. Romualdo Figueiredo. A Lanterna , 28.2.1916	(31)
	“A arte do palco: o teatro livre”. Romualdo Figueiredo. A Lanterna , 25.3.1916	132
	“A arte do palco: uma iniciativa”. Romualdo Figueiredo. A Lanterna , 15.4.1916	(33)
	“Teatro do povo”. Cristiano de Carvalho. Novo Rumo, 19.9.1906	(34)
	“A arte do palco: falôncia dos mondrongos”. Romualdo Figueiredo. A Lanterna , 2.9.1916	(35)
	“Registro de uma peça: Floreal”. A Terra Livre , 13.6.1906	(36)
	“Registro de uma peça: “Os Esmagados”	(37)
	“O baile”. Lucifero. A Terra Livre , 5.2.1907	(38)
	“Arte e revolução”. Neno Vasco. A Plebe , 6.11.1920	(39)
	“A dança e o futebol”. 5. Costa. A Plebe , 30.10.1917	(40)
	“Balancete de uma festa operária”. A Terra Livre , 1.0.6.1907	(41)
	“Cafajestes intelectuais”. Domingos Ribeiro Filho. A Plebe , 23.8.1919	(42)
	“Em São Paulo fecham-se as escolas modernas Adelio. Spartacus , 29.11.1919	(43)
2.4	Revistas	
	“Orientação teatral”. Arsenio Palácios. Prome teu . Ano 1, n.º 1	(44)
2.10	Centro de Cultura Social (Bases de Acordo)	(1)
	Grupo Dramático Teatro Social (Bases de Acordo)	(2)
2.10	Textos	
	“Os Dois Ladrões”. Aikin e Barbault	(1)
	“Sua Santidade”. A. de Andrade Silva	(2)
	“Terror Noturno”. Fábio Luz	(3)

4. PAPÉIS REPRODUÇÕES

4.1 Xerox

- “Primo Maggio”. Texto teatral de Pietro Gori (1)
- “Primeiro de Maio”. Texto teatral de P Gori (2)
- “O Pecado de Simonia”. Texto teatral de Neno Vasco (3)
- “Ao Relento”. Texto teatral de Afonso Schmidt (4)
- “O Coração é um Labirinto”. Texto teatral de Pedro Cataílo (5)
- “Uma Mulher Diferente”. Texto teatral de Pedro Catallo (6)
- “Como Rola uma Vida”. Texto teatral de Pedro Catallo (7)
- “Miséria”. Texto teatral de Giovanni Baldi (8)
- “Ribellioni”. Texto teatral de Giovanni Baldi (9)
- “Greve de Inquilinos”. Texto teatral de Neno Vasco (10)
- “Marieta, a Heroína”. Texto teatral de Isaltino dos Santos (11)
- “O Infanticídio”. Texto teatral de Motta Assumpção (12)
- “Militarismo e Miséria”. Texto teatral de Marino Spagnolo (13)
- “L’Ideale”. Texto teatral de Pietro Gori (14)
- “A Insensata”. Texto teatral de Pedro Cataílo (15)
- “A Bandeira Proletária”. Texto teatral de Marino Spagnolo (16)
- “Leão X, o Celerado”. João de Medicis. Texto teatral de A. de Andrade e Silva (17)
- “Pedra que Rola”. Texto teatral de José Oiticica (18)
- “Quem os Salva”. Texto teatral de José Oiticica (19)
- “Azalam”. Texto teatral de José Oiticica (20)
- “A Casa dos Milagres”. Tradução de Pedro Cataílo (21)
- “Os Mortos”. Florencio Sánchez (22)
- “Il Diritto di Amare”. Texto teatral de Max Nordau (23)
- “Electra”. Texto teatral de Pérez Galdós (24)
- “La Via d’Uscita”. Texto teatral de Vera Starkoff (25)
- “Il Maestro”. Texto teatral de R. Rouselle (26)
- “Responsabilità”. Texto teatral de Jean Grave (27)
- “Una Commedia Sociale”. Texto teatral de C. Malato (28)

“Triste Carnevale”. Anon. Texto teatral	(29)
“Leone”. Texto teatral de Mano Rapisardi	(30)
“In Manciuira”. Texto teatral de Alfred Savoir	(31)
L'Assalto”. Texto teatral de C. A. Traversi	(32)
“Il Viandante e l'Eroe”. Texto teatral de Felice Vezzani	(33)
“La Lettera”. Texto teatral de Jean Conti	(34)
“O Veterano da Liberdade”. Texto teatral de Baptista Diniz	(35)
“E. Zola Innanzí ai Crocodilli”. Texto teatral de Felice Bastera	(36)
“Gaspar, o Serralheiro”. Texto teatral. Anon.	(37)
“Avatar”. Texto teatral de Marcello Gama	(38)
“O Ultimo Ouadro”. Texto teatral de Felipe Gil	(39)
“Terror Noturno”. Peça cinematográfica de Fábio Luz	(40)
“Primeiro de Maio”. Texto teatral de Demetrio Alati	(41)
Poesias e hinos	(42)
“O Semeador”. Texto teatral de Avelino Foscolo	(43)
“Os Imigrantes”. Texto teatral de Marino Spagnolo	(44)

4.1 **Xerox volantes**

“Os Mortos”. Anúncio/Programa - CCS	(45)
“Uma Mulher Diterente”. Anúncio/Programa - CCS	(46)
“Tabu”. Festival Artístico. Anúncio/Programa - ÇCS	(47)
“O Poder das Almas”, pelo CCS	(48)
CCS - divulgação abertura Teatro de Ensaio	(49)
“Pense Alto”. Anúncio/Programa - CCS	(50)
“A Sombra”. Grandioso baile familiar - CCS	(51)
“A Sombra”. Anúncio/Programa - CCS	(52)
“Ciclone”. Anúncio/Programa - CCS	(53)
“A Insensata”. Anúncio/Programa	(54)
“Tabu”. Anúncio/Programa	(55)
“Nossos Filhos”	(56)
Grande Festival Proletário - Salão Celso Garcia	(57)

Confraternização - 1.º de Maio - Itaim	(58)
Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas	(59)

4.1 **Xerox convites**

Grandioso festival artístico - CCS	(60)
Grandioso festival artístico - CCS	(61)
Grandioso festival artístico - CCS	(62)
Grandioso festival artístico - CCS	(63)
Pense Alto”, pelo grupo teatral do CCS	(64)
Grandioso festival artístico	(65)
Grandioso festival artístico	(66)
Feitiço”, pelo grupo teatral do CCS	(67)
Grandioso festival artístico - CCS	(68]
Grandiosa festa	(69)
Grandioso festival artístico - CCS	(70)
Grandioso festival artístico — CCS	(71)
Espetáculo teatral, pelo CCS	(72)
Espetáculo teatral pelo CCS	(73)
Grandioso festival artístico — CCS	(74)
Festival comemorativo: 1886-1948	(75)
Festival comemorativo ao 1.º de Maio, prom. CCS	(76)
Festival Hispano-Americano	(77)
Festival artístico	(78)
Festival artístico	179)

4.1 **Xerox programas**

“Ao Relento”. Ato variado, pelo CCS	(80)
“Os Guerreiros”, pelo Laboratório de Ensaio do CCS	(81)
“O Coração é um Labirinto’<, pelo CCS	(82)
“Os Mortos”, pelo CCS	(83)
“o Coração é um Labirinto”, pelo CCS	(84)
“O Poder das Massas”, pelo CCS	(85)
“Ciclone”, pelo CCS	(86)
“Tabu”, pelo CCS	(87)
“Sombras” pelo CCS	(88)

	“Juego de Niños”, pelo Grupo Iberia	(89)
	“Pense Alto”, pelo CCS	(90)
	“É Proibido Suicidarse en Primavera”, pelo Grupo Iberia	(91)
	“O Maluco da Avenida”, pelo CCS	(92)
	“O que Eles Ouerem”, pelo CCS	(93)
	“Morena Clara”, pelo Grupo Iberia	(94)
	Exposição inaugural do Laboratório dc Ensaio	(95)
	Programação do Laboratório de Ensaio	(96)
	“Deus lhe Pague”, pelo CCS	(97)
	“O Vagabundo”, pelo grupo da União dos Operários em fábricas de tecidos	(98)
4.1	Xerox correspondência	
	Carta ao prefeito solicitando o Cine-Teatro Oberdan para o CCS	(99)
	Carta ao prefeito solicitando o Teatro Colombo, para o CCS	(100)
4.1	Xerox criticas e reportagens	
	Centro de Cultura Social. Pedro Catallo	
	“O Libertário”, junhojulho, 1963	(10)
	“Teatro Social em São Paulo”. Ação Direta. 1958 - set,	(102)
	Festival Artístico do Centro de Cultura Social. A Plebe , 1.º .10.1957	(103)
4.1	Xerox vários	
	Convocação dos sócios do CCS	(104)
	Campanha pró reabertura do CCS	(105)
	Proposta de sócio - CCS	(106)
	Alvará de funcionamento do DEI para o CCS	(107)
	Alvará da Prefeitura para o CCS	(108)
	Alvará do Juizado para o CCS	(109)
	SBAT/UBC - direito de apresentação para o CCS	(110)
	SBAT - guia de recolhimento - “Ao Relento”, de A. Schmidt	(111)

5. **AUDIO**

5.1A **Cassettes**

- Entrevista com os antigos participantes do Grupo Teatral do Centro de Cultura Social (Germinal Leuenroth, Jayme Cuberos, Cuberos Neto, Maria Valverde e Cecílio Dias) (1/2)
- Entrevista com o atual presidente do Guglielmo Oberdan (3)

6. **VISUAL**

6.4A **Diapositivos**

- Associação das Classes Laboriosas (salão), Guglielmo Oberdan (salão de teatro e salão de baile, fachada), Cine-Teatro Oberdan (fachada, entrada dos artistas), participantes do Grupo Teatral do Centro de Cultura Social, pano de boca do teatro da Federação Operária (1/228)

INVENTÁRIOS DE OUTRAS PESQUISAS DA ÁREA DE ARTES CÊNICAS

PESQUISA: CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO TEATRAL EM SÃO PAULO: NO CENTRO E NA PERIFERIA

Supervisoras da Área: MARIA THEREZA VARGAS (até março 1978) /
RENI CHAVES CARDOSO (a partir março 1978)

Pesquisadores: CARLOS EUGÊNIO MARCONDES DE MOURA / CLAUDIA DE
ALENCAR BITTENCOURT / LINNEU DIAS / MARIA THEREZA VARGAS /
MARIÂNGELA ALVES DE LIMA

Data: dezembro 1975 a agosto 1976

Objetivos: Dentro do tema proposto: São Paulo, direito e avesso, análise de duas espécies de espetáculo: o realizado no centro, e o realizado nos bairros peritéricos. Semelhanças e contrastes na sua criação e entre os seus criadores.

1. PAPÉIS IMPRESSOS

1.1 Livros

- Salvador Pérez, João. **Vila do riacho** (1)
- Salvador Pérez, João. **Histórias e sucessos** (2)
- Queiroz Telles, Carlos. “Muro de Arrimo” (3)

1. 3A Volantes

- Waldemar Nunes. Apresentação (1)
- Carvalhinho. Apresentação. Números de palhaço (2)
- Xuxu. Apresentação. Números (3)
- “Muro de Arrimo”. Anúncio do espetáculo (4)

1.6 Cartazes

- Circo - Luta-livre (1)

	Circo. Apresentação de cantora	(2)
	Circo. Tonico e Tinoco	(3)
	Circo. Tonico e Tinoco	(4)
	Circo. Apresentação Niltinho e Valdeci	(5)
	Propaganda empregos/venda material de circo	(6)
	Propaganda empregos/venda material de circo	(7)
	Propaganda empregos/venda material de circo	(8)
	Propaganda empregos/venda material de circo	(9)
	“Absurda Pessoa” - espetáculo teatral	(10)
	“Ai de ti, Mata Hari” espetáculo teatral	(11)
	“Lição de Anatomia” - espetáculo teatral	(12)
	“Muro de Arrimo” - espetáculo teatral	(13)
1.8	Outros	
	“Absurda Pessoa”	(1)
	“Lição de Anatomia”	(2)
	“Muro de Arrimo”	(3)
	“Rocky Horror Show”	(4)
	“Roda Cor de Roda”	(5)
2.	PAPÉIS DATILOGRAFADOS	
2.4	Entrevistas	
	Circo American (conjunto)	(1)
	Circo Bandeirantes (conjunto)	(2)
	Circo do Carlito (conjunto)	(3)
	Circo do Chiquinho (conjunto)	(4)
	Circo Paulistão (conjunto)	(5)
	Francisco Perez (Chiquinho)	(6)
	João Salvador Perez (Tonico)	(7)
	Lenine lavares (produtor “Absurda Pessoa”)	(8)
	Márcia Real (atriz “Absurda Pessoa”)	(9)
	Minam Mehler (atriz “Absurda Pessoa”)	(10)
	Royal Bexigas Company (elenco “Ai de ti”)	(11)
	Naum Alves de Souza (cenógrafo “Ai de ti”)	(12)
	Paulo Herculano (músico “Ai de ti”)	(13)
	Cacilda Lanuza (atriz “Licão de Anatomia”)	(14)
	Dirceu Camargo (iluminador “Licão de Anatomia”)	(15)

	Geraldo Dei Rey [ator “Lição de Anatomia”]	(16)
	Glauco Mirko Laureili (produtor “Lição de Anatomia”)	(17)
	Imara Reis (atriz “Lição de Anatomia”)	(18)
	Antônio Abujamra (diretor “Muro de Arrimo”)	(19)
	Antônio Fagundes (ator “Muro de Arrimo”)	(20)
	Carlos Queiroz Telies (autor “Muro de Arrimo”)	(21)
	Odavias Petti (diretor “Rocky Horror Show”)	(22)
	Paulo Viliça (ator “Rocky Horror Show”)	(23)
	irene Ravache (atriz “Roda Cor de Roda”)	(24)
	João José Pompeo (ator “Roda Cor de Roda”)	(25)
	Leiiiah Assunção (autor “Roda Cor de Roda”)	(26)
	Líiiian Lemmert (atriz “Roda Cor de Roda”)	(27)
	Luiz Antônio M. Correa (diretor “Simbad”)	(28)
2.8	Roteiros	
	“Simbad, o Marujo”	(1)
2.10	Outros	
	Relação de circos existentes	(1)
	Relação de filmes documentários sobre circo e teatro	(2)
	Relação de movimento - SBAT	(3)
	Bibliografia - Circo	(4)
	Regulamento para uma escola de circo (projeto)	(5)
4.	PAPÉIS REPRODUÇÕES	
4.1	Xerox	
	“A Marca da Ferradura” - texto teatral de Tonico	(1)
	“Mão Criminosa” - texto teatral de Tonico	(2)
	“O Céu Uniu Dois Corações” - texto teatral de A. Pimenta	(3)
	“O Mundo não me Quis” - texto teatral de Alvaro Pérez Filho	(4)
	“Ai de ti Mata Hari” - croquis cenário	(5)

- “Ai de ti Mata Hari” - texto teatral do grupo (6)
- “Absurda Pessoa” - texto teatral de Alan Ayckbourn (7)
- “Lição de Anatomia” - roteiro de Carlos Mathus (8)
- “Roda Cor de Roda” - texto teatral de Leilah Assunção (9)
- “Simbad, o Marujo” (I) - roteiro Grupo Pão e Circo (10)
- “Simbad, o Marujo” (II) - roteiro Grupo Pão e Circo (11)

4.1 Xerox críticas e reportagens

- A crítica aos críticos, por Renato e Esther. Regina Penteadó, **Folha Ilustrada**, 14.11.75 (“Absurda”) (12)
- “Sábato responde”. Sábato Magaldi. **Folha de SP**, 21.11.75 (“Absurda”) (13)
- “Grau superior”. J. A. Flecha. *Veja*, 24.12.75 (“Ai de ti”) (14)
- “Um torneio de bons desempenhos”. S. Magaldi. **Jornal da Tarde** s/d (“Ai de ti”) (15)
- “Arquétipos do cotidiano”. *Jornal da Tarde*, 10.10.75 (“Licão de Anatomia”) (16)
- “Uma boa peça presa”. S. Magaldi. **Jornal da Tarde**, 14.10.75 (17)
- “Atores, os únicos que se salvam”. Ilka Zanotto. **O Estado de S. Paulo**, 15.10.75 (“Lição de Anatomia”) (13)
- “A crônica que não consegui escrever. . .” Ignácio Loyola Brandão s/d (“Lição de Anatomia”) (19)
- “Licão de Anatomia”. Hilton Viana. **Diário de São Paulo**, 19.10.75 (“Lição de Anatomia”) (20)
- “Lição de Anatomia”. *Diário de S. Paulo*, 12.11.75 (“Lição de Anatomia”) (21)
- “Desce o pano”. Kleber Afonso, **última Hora**, 9.1.76 (22)
- “No palco, uma trágica reportagem”. **Jornal da Tarde**, 21.11.75 (“Muro de Arrimo”) (23)
- “Jogo de seleção inspira monólogo”. **O Estado de S. Paulo**, 21.11.75 (“Muro de Arrimo”) (24)
- “Na simplicidade, a força”. Ilka Zanotto. **O Estado de S. Paulo**, 25.11.75 (“Muro de Arrimo”) (25)

- “Antônio Fagundes retorna”. **Diário de São Paulo**, 25.11.75 (“Muro de Arrimo”) (26)
- “Este é o prólogo”. Sábado Magaldi. **Jornal da Tarde**, 26.11.75 (“Muro de Arrimo”) (27)
- “‘Muro de Arrimo’ um excelente espetáculo”, s/d 27.11.75 (28)
- “Operário no palco”. Jefferson Del Rios. **Folha de São Paulo**, 29.11.75 (29)
- “O operário Antônio Fagundes”. Hilton Viana. **Diário de São Paulo**, 30.11.75 (30)
- “Fagundes, galã de mãos ásperas”. Maria Amália Rocha Lopes, **Jornal da Tarde**, 9.1.76 (“Muro”) (31)
- “Elias não aguenta mais derrubar o muro”. **Jornal da Tarde**, 31.1.76 (“Muro de Arrimo”) (32)
- “Esse texto, você só pode ouvir”: **Jornal da Tarde**, 16.5.75 (“Roda Cor de Roda”) (33)
- “Leilah, o mais forte personagem de Leilah”. Regina Penteadó. **Folha Ilustrada**, 15.10.75. (“Roda”) (34)
- “Leilah, apresenta”. **Jornal da Tarde**, 15.10.75 (“Roda”) (35)
- “No teorema de Leilah”. Sábado Magaldi. **Jornal da Tarde**, 17.10.75 (“Roda Cor de Roda”) (36)
- Trabalho que pode representar”. Mariângela.A. Lima. **O Estado de S. Paulo**, 18.10.75 (“Roda”) (37)
- “Duas ótimas atrizes”. Edmar Pereira. **O Estado de S. Paulo**, 6.11.75 (“Roda Cor de Roda”) (38)
- “Agora só se fala nela”. Regina Penteadó. **Folha Ilustrada**, 7.11.75 (“Roda Cor de Roda”) (39)
- “Leilah”. Marta Góes. Aqui, 20 a 26.11.75 (“Roda”) (40)
- “Superficial e gratuito”. Mariângela A. Lima. **O Estado de S. Paulo**, 30.9.76 (“Rocky Horror Show”) (41)
- “O Rock-horror no palco”. Sábado Magaldi. **Jornal da Tarde**, 7.10.75 (“Rocky Horror Show”) (42)
- “Uma bem-sucedida alquimia”. Ezequiel Neves. **Jornal da Tarde**, 10.10.75 (“Rocky Horror Show”) (43)
- “Rock sem horror e show”. Jefferson Del Rios. **Folha de S. Paulo**, 10.10.75 (“Rocky”) (44)
- “Paulo Vilíça: Minha carreira”. Carlos A. Gouvea. **Folha**, 23.10.75 (45)
- “Pão e circo, alegria e agressão”. Lena Frias, **Jornal do Brasil**, 15.10.75 (“Simbad, o Marujo”) (46)
- “Grupo Pão e Circo volta hoje”. Hilton Viana, **Diário de São Paulo**, 22.11.75 (47)

“As aventuras de um marinheiro famoso”. Folha de São Paulo , 2.12.75 (“Simbad, o Marujo”)	(48)
“‘Simbad’, um retrato do teatro brasileiro”. Clóvis Garcia. O Estado de S. Paulo , 7.12.75	(49)
“Talento e beleza plástica”. Sábato Magaldi. Jornal da Tarde , 10.12.75 (“Simbad, o Marujo”)	(50)
“Símbad, o Marujo”. Jairo A. Flecha. Veia, 24.12.75 (‘Simbad. o Marujo”)	(51)
“Atrizes abandonam ‘Simbad’”. O Estado de S. Paulo s/d (“Símbad, o Marujo”)	(52)
“SNT poderá punir os três artistas”. O Estado de S. Paulo , s/d (“Simbad, o Marujo”)	(53)
“Atores de ‘Simbad’ dão suas explicações”. Última Hora , 10 e 11.1.76	(54)

4.1 Xerox artigos

“Teatro pode ser (já é) um bom negócio”. Mercao Global , s/d	(55)
“O teatro popular rural: Circo-Teatro”. José Cláudio Barrigueili. Debate e Crítica , n.º 3	(56)

4.6 Ampliações fotográficas

“O Céu Uniu Dois Corações” - Circo do Carlito	(1/48)
“O Rei dos Ladrões” - Circo do Carlito	(49/69)
“Maconha” - Circo do Carlito	(70/132)
“Três Álmãs para Deus” - Circo do Carlito	(133/174)
Bastidores. público, baleiros - Circo do Carlito	(175/269)
Picadeiro - Circo Paulistão	(270/297)
Caravanas, crianças - Circo Paulistão	(298/446)
Ponto Chic - local de encontro dos artistas de circo	(447/592)
“Absurda Pessoa” - atores, público, espetáculo	(593/717)
Público - “Absurda Pessoa”	(718/721)
Bastidores - Absurda Pessoa”	(722/728)
“Ai de ti, Mata Hari” - espetáculo	(729/765)
Bastidores - Ai de ti, Mata Hari”	(766/769)
“Lição de Anatomia” - espetáculo	(770/779)
“Muro de Arrimo” - espetáculo	(780/847)
Público - “Muro de Arrimo”	(848/849)

Bastidores “Muro de Arrimo”	(850/853)
“Rocky Horror Show” - espetáculo	(854/942)
Público - “Rocky Horror Show”	(943/951)
“Roda Cor de Roda” - espetáculo	(952/988)
Bastidores - “Roda Cor de Roda”	(989/992)
“Simbad, o Marujo” - espetáculo	(993/1087)
Público - “Simbad, o Marujo”	(1088/1092)
Bastidores - “Simbad, o Marujo”	(1093/1108)

5. ÁUDIO

5.1A Cassettes

Circo American (entrevista conj.)	(1)
Circo Bandeirantes (entrevista Chico Biruta e Gazola)	(2)
Circo do Carlito (Carlito/conj.)	(3)
Circo do Carlito (entrevista conj.)	(4)
Circo do Carlito (entrevista conj.)	(5)
Circo do Carlito (entrevista coni.)	(6)
-Circo Paulistão (entrevista conj.)	(7)
Francisco Perez (Chiquinho - entrevista)	(8)
João Salvador Perez (Tonico - entrevista)	(9)
Lourdes Leal (atriz/entrevista)	(10)
Ponto Chic (vários/entrevista)	(11)
Ponto Chic (vários/entrevista)	(12)
“O Céu Uniu Dois Corações” (trechos peça)	(13)
“O Rei dos Ladrões” (trechos peça)	(14)
“Três Almas para Deus” (trechos peça)	(15)
“Maconha” (trechos peça)	(16)
“O Casamento de Chico Biruta” (trechos peça)	(17)
Espectáculo Circo Jóia (trechos)	(18)
“A Marca da Ferradura” (trechos peça)	(19)
Índia - show - trechos	(20)
Circo Paulistão - espetáculo	(21)
“Lição de Anatomia” - peça	(22)
Lenine Tavares (empresário/entrevista)	(23)
Márcia Real (atriz/entrevista)	(24)
Minam Mehler (atriz/entrevista)	(25)

Royal Bexiga's Company	(26)
Royal Bexiga's Company (elenco/entrevista)	(27)
Naum A. Souza (cenógrafo/entrevista)	(28)
Paulo Herculano (músico/entrevista)	(29)
Sunei Siqueira (diretor/entrevista)	(30)
Cacilda Lanuza (atriz/entrevista)	(31)
Dirceu Camargo (iluminador/entrevista)	(32)
Geraldo Del Rey (ator/entrevista)	(33)
Glauco Mirko Laurelli (empresário/entrevista)	(34)
Imara Reis (atriz/entrevista)	(35)
Antônio Abujamra (diretor/entrevista)	(36)
Antônio Fagundes (ator/entrevista)	(37)
Carlos Queiroz Telles (autor/entrevista)	(38)
Ângela Rodrigues (atriz/entrevista)	(39)
Odavlas Petti (diretor/entrevista)	(40)
Paulo Vilíãça (ator/entrevista)	(41)
Irene Ravache (atriz/entrevista)	(42)
J. J. Pompeo (ator/entrevista)	(43)
Leilah Assunção (autor/entrevista)	(44)
Lílian Lemmertz (atriz/entrevista)	(45)
Luiz Antônio Martinez Correa (diretor/entrevista)	(46)

5.1B **Rolo**

"Os Milagres de N. S. Aparecida" - espetáculo	(1)
"Os Milagres de N. S. Aparecida" - espetáculo	(2)
"Os Milagres de N. S. Aparecida" - espetáculo	(3)
"Os Milagres de N. S. Aparecida" - espetáculo	(4)
Circo Bandeirantes (ruídos)	(5)
Circo Bandeirantes (ruídos)	(6)
"Ai de ti, Mata Hari" - peça/espetáculo	(7)
"Ai de ti, Mata Hari" - peça/espetáculo	(8)
"Absurda Pessoa" - espetáculo (I)	(9)
"Absurda Pessoa" - espetáculo (II)	(10)
"Muro de Arrimo" - espetáculo	(11)
"Roda Cor de Roda" - espetáculo (I)	(12)
"Roda Cor de Roda" - espetáculo (II)	(13)

6. **VISUAL**
6. 1A **Negativos- 35mm** (1/1.108)
- Idem 4.6**
- 6.4A **Diapositivos - 35mm**
- “O Casamento do Chico Biruta”- espetáculo (1/59)
- Çirco,Bandeirantes - aspectos (60/65)
- “O Céu Uniu Dois Corações” - espetáculo (66/87)
- “A Paixão de Cristo” - espetáculo (88/182)
- Público (Circo do Carlito) (183/188)
- Circo Jóia - **show** (189/202)
- Público (Circo Jóia) (203/211)
- Circo Paulistão - aspectos (212/214)
- Crianças (Circo Paulistão) (215/247)
- Ponto Chic (248/250)
- “Absurda Pessoa” (espetáculo) (251/275)
- “Muro de Arrimo” (espetáculo) (276/295)
- “Rocky Horror Show” (espetáculo) (296/322)
- “Roda Cor de Roda” (espetáculo) (323/339)
- “Simbad, o Marujo” (espetáculo) (340/348)
- 6.7A **Filmes - Super-8**
- Circo Dema - filmado por um circense (col.) (1)
- Circo Dema - filmado por um circense (cópia) (2)
- Trechos - circense D. Arethuza (a montar) (3)
- 6.7B **Filmes - 16mm**
- “Lição de Anatomia” - col. chamada para TV (1)
- AUDIOVISUAL SOBRE A PESOUSA. Realização de Berenice Raulino e Maria Lúcia Pereira. 40 min.

PESQUISA: **CORPO DE BAILE MUNICIPAL**

Supervisoras da Área: MARIA THEREZA VARGAS (até março 1978) /

RENI CHAVES CARDOSO (a partir março 1978)

Pesquisador: LINNEU DIAS

Data: setembro 1976 a julho 1977

Objetivos: Determinar os motivos que levaram a Prefeitura Municipal a agir nesse setor cultural, quais as molas iniciais dessa ação, como se desenvolveu o processo e qual sua situação presente. Estudo e organização da entidade; dificuldades e problemas.

4. **PAPÉIS REPRODUÇÕES**

4.1 **Xerox**

- Programa, 7.4.69 (“Les sylphides”, “Coppelia”, “Maracatu”) (1)
- Programa, 23.5.69 (“Les sylphides”, “Coppelia”, “Maracatu”) (2)
- Programa, 25.5.69 (“Les sylphides”, “Coppelia”, “Maracatu”) (3)
- Programa, 16.11.69 (“Lago dos cisnes”, “Divertimento”, “Noite de Valpurgis”) (4)
- Programa, 18.11.69 (“Lago dos cisnes”, “Divertimento”, “Noite de Valpurgis”) (5)
- Programa, 25.11.69 (“Lago dos cisnes”, “Divertimento”, “Noite de Valpurgis”) (6)
- Programa, 14.12.69 (“Serenata”, “In memoriam Danças indígenas”) (7)
- Programa, 21.3.70 (“Carmina burana”) (8)
- Programa, 20.3.70 (“Carmina burana”) (9)
- Programa, 22.3.70 (“Carmina burana”) (10)
- Programa, 13.4.70 (Primeiro encontro dos Parques Intantais, “Les sylphides”, “In memoriam”, “Danças indígenas”) (11)
- Programa, 15.7.70 (“Carmina burana”) (12)
- Programa, 18.7.70 (“Carmina burana”) (13)
- Programa, 17.8.70 (“Gisele”) (14)
- Programa, 18.8.70 (“Divertimento”, “In memoriam”, “Alegria e glória de um povo”, “Maracatu”) (15)
- Programa, 24.11.70 (“Galaah”) (16)

Programa, 26.11.70 (“Galaah”)	(17)
Programa, s/d (“Galaah”)	(18)
Programa, 10.7.71 (“Lago dos cisnes”, “Divertimento”, “Noite de Valpurgis”)	(19)
Programa, 31.7.71 (“Lago dos cisnes”, “A bem-amada”, “In memoriam”, “Noite de Valpurgis”)	(20)
Programa, 22.8.71 (“Les sylphides”, Ópera: O maestro de Capela, “In memoriam”)	(21)
Programa, 21.10.71 (Ópera: O elixir de amor)	(22)
Programa. 8.11.71 (Ópera: O elixir de amor)	(23)
Programa, 18.11.71 (“O maestro de Capela”, “In memoriam”, “O telefone”)	(24)
Programa, 20.11.71 (“O maestro de Capela”, “In memoriam”)	(25)
Programa, 3.12.71 (“Diagrama”, “Grand pas-de deux”, “Coppelia”)	(26)
Programa, 11.3.72 (“Serenata”, “Adágio da rosa”, “Alegria e glória de um povo”)	(27)
Programa, 10.3.72. (“Serenata”, “Adágio da rosa”. e glória de um povo”)	(28)
Programa, 12.3.72 (“Serenata”, “Adágio da rosa”, “Alegria e glória de um povo”)	(29)
Programa, 24.9.72 (“Il guarani”)	(30)
Programa. 29.9.72 (“Diagrama”, “In memoriam”, “O milagre”)	(31)
Programa, 1.0.10.72 (“Diagrama”, “In memoriam”, “O milagre”)	(32)
Programa, 22.7.73 (“Les sylphides”, “In memoriam”, “Noite de Valpurgis”)	(33)
Programa. 9.9.73 (“Poesia dos deuses”, “Adage”, “Ité”)	(34)

4.6 **Ampliações fotográficas** (18x24)

“As sílfides”	(1/20)
“Adágio da rosa	(21/28)
“D. Ouixote”	(29/40)
“O elixir do amor”	(41/47)
“O milagre”	(48/62)
....Ivonic Satie”	(63)
“Noite de Valpurgis”	(64/70)
“Lago dos Gisnes”	(71/84)

“Danças húngaras”	(85/89)
“O guarani”	(90/91)
“In memoriam”	(92/97)
“Serenata de Mozart”	(92/103)
“Maracatu”	(104/110)
“Pas-de-quatre”	(111/112)
“Coppelia”	(113/124)
“Diagrama”	(125/129)
“Divertimento”	(130/132)
“Paraíso”	(133/141)
“Medója”	(142/151)
“Uma das quatro”	(152/172)
“Galope”	(173/180)
“Cenas”	(181/189)
“Sem título”	(190/198)
“Soledad”	(191/208)
“Corações tuturistas”	(209/231)
“Mulheres”	(232/254)
“Canções”	(255/272)
“Apocalipsis”	(273/283)
“Nosso tempo”	(284/292)
“Danças sacras e protanas”	(293/303)
“Pulsações”	(304/316)
“Opus”	(317/330)
“Era uma vez	(331/348)
“Percussão para oito”	(349/361)

5. **ÁUDIO**

5.IA **Cassettes**

Patty Brown (dançarina/entrevista)	(1)
A. Carlos Cardoso (coreógrafo/entrevista)	(2)
A. Carlos Cardoso (coreógrafo/entrevista)	(3)
A. Carlos Cardoso (coreógrafo/entrevista)	(4)
Carlos Demitre (dançarino/entrevista)	(5)
Carlos Demitre (dançarino/entrevista)	(6)
Paulo Nathanael (entrevista)	(7)
Elenice Ferreira (dançarina/entrevista)	(8)

José Luiz Paes Nunes (ex-diretor do DC)	(9)
Lia Marques (dançarina/entrevista)	(10)
Marília Franco (coreógrafa/entrevista)	(11)
Luiz Mendonça de Freitas (ex-SMC)	(12)
Ivonice Satie (dançarina/entrevista)	(13)
Marílana Ansaldi (dançarina, coreógrafa/entrev.)	(14)
Marilena Ansaldi (dançarina, coreógrafa/entrev.)	(15)
Sábato Magaldi (atual SCM)	(163)
Sidney Astolfi (dançarino/entrevista)	(17)
Victor Navarro (coreógrafo/entrevista)	(18)
Johnny Franklin (ex-diretor do CBM/entrev.)	(19)
Gilberto Panicali (entrevista)	(20)
Lígia Leite (entrevista)	(21)

6. VISUAL

6.1A Negativos 35 mm (254)

6.4A Diapositivos 35mm

.

Corpo de Baile (ensaios)	(1/103)
“Apocalipsis” (espetáculo)	(104/116)
“Uma das quatro” (espetáculo)	(117/124)
“Canções” (espetáculo)	(125/151)
“Mulheres” (espetáculo)	(152/160)
“Corações futuristas” (espetáculo)	(161/200)
“Nosso tempo” (espetáculo)	(201/206)
“Pulsações”	(207/211)

6.78 Filmes 16mm

“Apocalipsis” - coreografia de Victor Navarro, colorido - direção de Aloysio Raulino, 26 mm sonoro	(1)
---	-----

Adendo:

2. PAPÉIS DATILOGRAFADOS

2.4 Entrevistas

Jessia Porto (diretora Municipal)	(1)
Manha Franco (coreógrafa)	(2)
Lia Marques (dançarina)	(3)

Luiz Mendonça de Freitas (ex-SMC)	(4)
Paulo Nathanael	(5)
A. Carlos Cardoso (coreógrafo)	(6)
Eleníce Ferreira (dançarina)	(7)
Carlos Demitre (dançarino)	(8)
Ivonice Satie (dançarina)	(9)
Lígia Leite	(10)
Marilena Ansaldi (dançarina/coreógrafa)	(11)
Patty Brown (dançarina)	(12)
Sábato Magaldi (atual SMC)	(13)
Victor Navarro (coreógrafo)	(14)

PESQUISA; **ENCENANDO QORPO SANTO - UM PROCESSO DE CRIAÇÃO MARCINAL**

Supervisoras da Área: MARIA THEREZA VARGAS (até março 1978) /
RENI CHAVES CARDOSO (a partir março 1978)

Pesquisadores CARLOS EUGÊNIO MARCONDES DE MOURA/CLAUDIA DE
ALENCAR BITTENCOURT (Área de Artes Cênicas)/CHRISTINE CONFORTE
SERRONI. Área de Literatura)/ J0ÃO BATISTA NOVELLI JUNIOR
(Área de Arquitetura)

Data: setembro 1976 a 1977

Objetivos: Acompanhamento, por parte dos pesquisadores, enquanto observadores participantes, de um processo de criação teatral exercido à margem do sistema, relativo à encenação de peças e verbetes consantes da Enciclopédia ou seis meses de uma enfermidade, do escritor José Joaquim Leão Qorpo Santo. Tentativa de pesquisa interdisciplinar

1. **PAPÉIS IMPRESSOS**

1.3A Glorificação d'alma (1)

2. **PAPÉIS DATILOGRAFADOS**

2.1 Análse de do processo de criação(formação do Grupo Lanterna de fogo. Etapas do Trabalho, complementação através dos textos em anexo) (1)
Visão crítica do grupo sobre Oorpo Santo (2)
Relações dos anexos (3)
Diversos sobre Qorpo Santo (4)
Reuniões. Debates (9 de set. a 24 de nov.) (5)

2.4 **Entrevistas**

Alice Gonçalves (grupo) (1)
Bluette Santa Clara (grupo) (2)
Carlos de Moura (grupo) (3)
Cláudia de Alencar (grupo) (4)
Flávio Fonseca (grupo) (5)
Heloisa C. Bueno (grupo) (6)
J. Baptista Novelli (grupo) (7)
J. Lúcio Albuquerque (8)
Liliane Barabino (grupo) (9)
Luiz Galizia (grupo) (10)

Marcelo Antoniazzi (grupo)	(11)
M. Argentina Bibas (grupo)	(12)
Minora Naruto (grupo)	(13)
Mônica Oliva (grupo)	(14)
Ricardo Lobo (grupo)	(15)
Victor Noszek (grupo)	(16)

4. PAPÉIS REPRODUÇÕES

4.1 Xerox críticas e reportagens

Qorpo Santo. Dano de Bittencourt. Correio do Povo . PA, 13.8.1966	(1)
Algumas idéias de O. S. Dano de Bittencourt. Correio do Povo . PA, 24.8.1966	(2)
Qorpo Santo. Alvaro Porto Alegre. PA, 27.8.1966	(3)
"Qorpo Santo, a surpresa da semana . Guilhermino Cesar. Correio do Povo . PA, 25.8.1966	(4)
"Quem tem medo de Qorpo Santo?" Jeferson Barros. Correio do Povo . PA, 31.3.1966	
"O enfermo Qorpo Santo e o modernismo". Olyntho Sanmartin. Correio do Povo . PA, 12.3.1967	(6)
"O sensacional Qorpo Santo". Yan Michalski. Jornal do Brasil . RJ, 8.2.1968	(7)
"Grupo levará autor gaúcho". O Estado de São Paulo, 17.2.1968	(8)
"Teatro de Qorpo Santo ganha corpo'. Folha de S. Paulo , 20.2.1968	(9)
"Teatro e ação". O Estado de São Paulo, 16.4.1968	(10)
"Qorpo Santo, do mito à realidade". Guilhermino Cesar. Jornal do Brasil . RJ, 4.5.1968	(11)
"Primeira critica". Yan Michalski. Jornal do Brasil . RJ, 15.5.1968	(12)
"Em cena as loucuras do dr. Qorpo Santo, que não são assim tão loucas". Yan Michalski. Jornal do Brasil RJ, 17 10.1976	(13)
"Um autor maldito? Nem tanto". O Diário . Piracicaba, 15.10.1976	(14)

4.1 Xerox doc. censura Matheus e Matheusa (15)

	As relações naturais	(16)
	Eu sou vida, eu não sou morte	(17)
4.1	Xerox anúncios	
	Corpo Santo um século depois	(18)
	Eu sou vida, eu não sou morte	(19)
4.1	Xerox livros	
	Fotocópia da edição original de Enciclopédia. Livro 4	120)
	As relações naturais e outras comédias. José Joaquim de Campos Leão Corpo Santo	(21)
	Os homens precários. Flávio Aguiar (tese de mestrado em Teoria Literária)	(22)
4.6	Ampliações fotográficas 8 x 12 p/b, 12 x 18 col.	
	Sede, local, espaço cênico	(1/15)
	Ensaio, improvisações	(16/276)
	Público	(277/2791)
	Atores	(1/24)
	Elementos cênicos	(25/26)
	Espectáculo	(27/76)
5.	AUDIO	
5.IA	Cassettes	
	A impossibilidade da santificação - atividades	(1)
	A impossibilidade da santificação - atividades	(2)
	A impossibilidade da santificação - atividades	(3)
	A impossibilidade da santificação - atividades	(4)
	A impossibilidade da santificação - atividades	(5)
	Diversos	(6)
	Espectáculo tríplice	(7)
	Espectáculo tríplice	(8)
	Espectáculo tríplice	(9)

6	VISUAL	
6.1A	Negativos Col.	
	Ensaios/Espetáculos	(37)
	Negativos p/b	
	Local, ensaios, exercícios	(299)
6.4A	Slides	
	Espetáculo	(20)
6.7A	Filmes col.	
	Exercícios do grupo. Realização de Victor Noszek	(1)
	Espetáculo. Realização de Victor Noszek	(2)
	Eu sou vida, eu não sou morte. 14 min. Sonoro. Realização Haroldo Marinho Barbosa. Elenco: Tetê Medina, José Wilker e Renato Machado	(1)

BÍBLIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA SOBRE TEATRO BRASILEIRO

Material coletado pelo pesquisador CARLOS EUGÊNIO M. DE MOURA

Objetivo: Arrolamento e fichamento de fontes contemporâneas, secundárias e impressas, a partir do teatro jesuítico e até 1976, aparecidas sob forma de artigos, ensaios ou pequenas monografias, em publicações periódicas (jornais e revistas especializadas, nacionais e estrangeiras), tendo por objetivo agrupar estudos que no momento apresentam-se esparsos e de difícil localização.

2. PAPÉIS DATILOGRAFADOS

2.10 Fichas - 4 x 6 Temas

Arquitetura teatral
 Artistas associados
 Artistas unidos
 Assistência social
 Autores
 Atores
 Atrizes
 Bibliotecas
 Bibliografia
 Bienal das Artes Plásticas de Teatro

Cenografia - Cenógrafos
Cenotécnicos - Contra-regras
Censura
Os comediantes
Congressos - Encontros - Símpósios
Cia Bibi Ferreira
Cia Dramática Brasileira
Companhia Nydia Licia - Sérgio Cardoso
Coral falado
Crítica e críticos
Crítica - Encenação de peças brasileiras
Crítica - Escolas de teatro
Crítica - Teatro amador
Crítica - Teatro universitário
Crítica - Teatro profissional
Crítica - Encenação de peças estrangeiras
Crítica - Escolas de teatro
Crítica - Teatro amador
Crítica - Teatro universitário
Crítica - Teatro profissional
Debates
Declamação
Dicionários
Direito autora - Jurisprudência
Direito autoral - Concursos
Diretores
Dramaturgia - Autores brasileiros
Dramaturgia - Concursos
Dramaturgia encenada - Estatísticas
Dramaturgia estrangeira encenada no Brasil
Empresários - Produtores
Entidades governamentais
Entidades patronais
Ensino de teatro
Exposições
Eva e seus artistas
Figurinos
Grupo Ensaio

Grupo Oficina
Grupo Studio São Pedro
Ingressos
interpretação
Legislação
Leituras dramáticas
Mágicas
Memórias - Reminiscências
Músicos de teatro
Peças de teatro - Sinopses
Penódicos
Prêmios
Previdência social
Programas
Público
Resenhas
Subvenções oficiais
Teatro amador
Teatro amador - Festivais
Teatro e abolição
Teatro aplicado à educação
Teatro de Arena
Teatro de bonecos
Teatro Brasileiro de Comédia
Teatro brasileiro contemporâneo
Teatro brasileiro no exterior
Teatro de brinquedo
Teatro e caricatura
Teatro e cinema
Teatro de costumes
Teatro e carnaval
Teatro e o cego
Teatro e dança
Teatro de emergência
Teatro de estudantes
Teatro experimental
Teatro - História - Biógrafos
Teatro - História - Brasil

Teatro - História - Bahia
Teatro - História - Companhias estrangeiras no Brasil
Teatro - História - Independência
Teatro - História - Imperadores
Teatro - História - Goiás
Teatro - História - Rio Grande do Sul
Teatro - História - Rio de Janeiro
Teatro - História - São Paulo
Teatro - História - Tempo colonial
Teatro infantil
Teatro de juventude
Teatro e literatura
Teatro e modernistas
Teatro musicado
Teatro negro
Teatro no Nordeste
Teatro no Estado - Ceará
Teatro no Estado - Espírito Santo
Teatro no Estado - Goiás
Teatro no Estado - Minas Gerais
Teatro no Estado - Pará
Teatro no Estado - Paraná
Teatro no Estado - Pernambuco
Teatro no Estado - Rio Grande do Norte
Teatro no Estado - Rio Grande do Sul
Teatro naturalista
Teatro popular
Teatro Popular de Arte
Teatro e romantismo
Teatro e televisão
Teatro universitário
Teatros - Amazonas
Teatros - Ceará
Teatros - Espírito Santo
Teatros - Fernando de Noronha
Teatros - Goiás
Teatros - Maranhão
Teatros - Minas Gerais

Teatros - Pará
Teatros - Paraná
Teatros - Pernambuco
Teatros - Rio Grande do Sul
Teatros - Rio de Janeiro
Teatros - São Paulo
Temporadas teatrais - balanços
Temporadas teatrais - Estatísticas
Temporadas teatrais - Resenhas
Temporadas teatrais - Belo Horizonte, Rio e São Paulo
Temporadas teatrais - Rio de Janeiro
Temporadas teatrais - Rio e São Paulo
Temporadas teatrais - São Paulo
Teses
Traduções
Títulos de peças (1/136)

ARQUIVOS

Arquivo Fotográfico Fredi Kleeman

Responsável pelo Arquivo: MARIA LÚCIA PEREIRA

2. PAPÉIS DATILOGRAFADOS

2.10 Fichas técnicas dos espetáculos documentados pelo fotógrafo

6. VISUAL

6.1B Negativos - 6x6

Espetáculos do Teatro Brasileiro de Comédia
Espetáculos do Teatro Íntimo Nicette Bruno
Teatro das Segundas-Feiras
Escola de Arte Dramática
Espetáculo da Cia. Delmiro Gonçalves
Espetáculos do Teatro Cacilda Becker
Espetáculos da Cia. Nydia Lúcia - Sérgio Cardoso
Espetáculo do Teatro Oficina: 'O Rei da Vela'
Espetáculos do Teatro Popular do SESI

Recital de Victorio Gassman
Carrocel - danças
Personalidades do teatro paulista

(1/12000)

Arquivo Teresa Moura Bastos

Material cedido por empréstimo para reprodução, contendo parte do acervo documental do Grupo Oficina

Responsável pelo arquivo: CARLOS EUGÊNIO M. DE MOURA

4. PAPÉIS REPRODUÇÕES

4.1 Xerox

- "O Rei da Vela". Texto de Oswald de Andrade (1)
- "Gracias, Senhor". Criação do Grupo (2)
- "Canudos". Criação do Grupo (3)
- "Os Pequenos Burgueses". Texto de Máximo Górkí (4)
- "Os Inimigos". Texto de Máximo Górkí (5)
- "As Três Irmãs". Texto de Anton Tchekhov (6)
- "Na Selva das Cidades". Texto de 13. Brecht (7)
- "Galileu Galilei". Texto de B. Brecht (8)
- "Mahagonny". Texto de 13. Brecht (9)
- Anotações, cadernos, recortes, críticas (10)
- Correspondência, editais, planta-baixa, borderaux, depoi mentos (11)

4.6 Ampliações fotográficas - 18 x 24

"A Incubadeira", "Vento Forte para um Papagaio Subir", "A Vida Impressa em Dólares", "Andorra", "Os Pequenos Burgueses", "Ouatro num Quarto", "O Rei da Vela", "Os Inimigos", "Na Selva das Cidades", "Galileu Galilei", "Gracias, Senhor"

Excursão, pessoal do Grupo (1/400)

Arquivo Francisco da Silva Costa

Responsável pelo Arquivo: MARIA LÚCIA PEREIRA

1. PAPÉIS IMPRESSOS

1.2 Artigos sobre teatro brasileiro e português

(1/

4) 201

180319

- 1.3A Cartazes (anúncios de espetáculos e filmes levados nos cinemas Eden e Avenida, em Espírito Santo do Pinhal) (1/120)

DOCUMENTOS - VÁRIOS

PAPÉIS REPRODUÇÕES

4.1 Xerox

Projeto de construção de um teatro, de autoria de Luís Carlos Ripper (1)

Recortes de jornal e fotos sobre o Grupo Mam bembe, de São Paulo, é sua excursão aos territórios e ao Centro-Oeste (2)

Documentos sobre a encenação de “A Capital Federal”, em São Paulo, pelo Grupo de Cleyde Yáconis (3)

Recortes, notícias e comentários sobre a encenação de “A Noite de Iguana”, pelo Teatro Cailda Becker, no Rio de Janeiro (4)

4.6 Ampliações fotográficas

O bailado do deus morto (Oswald de Andrade) (1/11)

Casa Teatral (1/14)

5. AUDIO

5.2A 78 rpm

“Pega-togo”, de Jules Renard, com Cacilda Becker, Ziembinski, Wanda de Andrade Hamel e Cleyde Yáconis (gravação original - primeiras apresentações da peça) (1)

5.2C 33 rpm

“isso Devia Ser Proibido”, texto de Bráulio Pedroso e Walmor Chagas. Músicas de Júlio Me daglia (2)

5.1B Rolo

Cópia da gravação referida em 5.2A - 78 rpm (1)

ANUÁRIO - 1977

Fichas técnicas sobre espetáculos levados no ano de 1977 (teatro oficial, teatro amador, estrangeiro, infantil, alternativo. estudantil), bem como recitais, conferências, leituras dramáticas, programas de TV com artistas de teatro. Relação das escolas de teatro, cursos. livros e teses Obituário. Premiações.

Acompanham as fichas notas sobre a Casa Teatral, O sindicato, A Casa do ator e os restaurantes como ponto de encontro dos artistas de teatro.

COBERTURA DE EVENTOS

1975 - Verificar Pesquisa 1 da Área de Artes Cênicas
1976

1. PAPÉIS IMPRESSOS

1.8 Programas

“Os Iks”	(1)
“Alegro Desbum”	(2)
“Mockinpott”	(3)
·”Dr. Knock”	(4)
“Pano de Boca”	(5)
“Concerto n.º 1”	(6)
“Laço de Sangue”	(7)
“A Moratória”	(8)
“A Noite dos Campeões”	(9)
“Seria Cômico se não Fosse Sério”	(10)
“Mahagonny”	(11)
“Vamos Brincar de Papai e Mamãe Enquanto Seu Freud não Vem”	(12)
“Bonifácio Bilhões”	(13)
“Por Dentro/Por Fora”	(14)
“À Margem da Vida”	(15)

2. PAPÉIS DATILOGRAFADOS

2.4 Entrevistas

Paulo Autran (“Dr. Knock”)	(1)
Jorge Andrade (“A Moratória”)	(2)

- Fauzi Arap (“Pano de Boca”) (3)
 Fernando Peixoto (“Mahagonny”) (4)

5. ÁUDIO

5.1A Cassettes

- Paulo Autran (“Or. Knock”) (1)
 Jorge Andrade (“A Moratória”) I e II (2)
 Fauzi Arap (“Pano de Boca”) I e II (3)
 Fernando Peixoto (“Mahagonny”) (4)
 Antônio Abujamra (5)
 Marilena Ansaldi e criadores de “Por Dentro/
 Por Fora” (6)
 Marilena Ansaldi (7)
 Debate sobre a peça “Pano de Boca” (8)

5.1B Rolo

- “Alegro Desbum” (gravação do espetáculo) (1)
 “Mockinpott” **Idem** (2)
 “Dr. Knock” **Idem** (3)
 “Pano de Boca” **Idem** (4)
 “Gente Fina é Outra Coisa” **Idem** (5)
 “Concerto n.º 1” (6)
 “A Moratória” **Idem** (7)
 “A Noite dos Campeões” **Idem** (8)
 “Seria Cômico se não Fosse Sério” **Idem** (9)

1976

5.1B Rolo

- “Mahagonny” (gravação do espetáculo) (10)
 “Vamos Brincar de Papai e Mamãe Enquanto
 Seu Freud não Vem” (gravação do espetáculo) (11)
 “Bonitácio Bilhões” **Idem** (12)
 “Ponto de Partida” **Idem** (13)
 “A Rainha do Rádio” **Idem** (14)
 “A Margem da Vida” **Idem** (15)

“Momo”	(gravação do Espetáculo)	(16)
“Cana, Gigi e Margot	Idem	(17)
“Dorotéla Vai à Guerra”	Idem	(18)
“Tudo Bem no Ano que Vem”	Idem	(19)
“À Flor da Pele”	Idem	(20)
“A Bolsinha Mágica de Marly		
“Emboaba”	Idem	(21)

4. PAPÉIS REPRODUÇÕES

4.6 Ampliações fotográficas 18 x 24 - p/b

“Os Iks”	(espetáculo)	(1/78)
“Feira do Adultério”	Idem	(79/110)
“Alegro Desbum”	Idem	(110/133)
“Gaiola das Loucas”	Idem	(139/167)
“Morro do Ouro”	Idem	(168/195)
“Mockinpott”	Idem	(196/219)
“Dr~ Knock”	idem	(220/265)
“Pano de Boca”	Idem	(266/313)
“Gente Fina é Outra Coisa”	idem	(314/371)
“Concerto n~ ^o 1”	Idem	(372/417)
“Laço de Sangue”	Idem	(418/455)
“A Moratória”	Idem	(456/495)
“A Noite dos Campeões”	Idem	(496/537)
“Tempo de Espera”	Idem	(538/562)
“tSeria Cômico se “	Idem	(563/611)
“Mahagonny”	Idem	(612/680)
“Vamos Brincar de Papai e Mamãe		
Enquanto Seu Freud não Vem”	Idem	(681/720)
“Bonitácio Bilhões”	Idem	(721/760)
“Ponto de Partida”	Idem	(761/809)
“A Rainha do Rádio”	Idem	{310/824)
“Romance”	Idem	(825/859)
“Os Homens”	Idem	(860/875)
“Por Dentro/Por Fora”	Idem	(876/919)
“À Margem da Vida”	Idem	(920/974)
“Sai de Mim Tinhoso”		
“Tudo Bem no Ano que Ver”	Idem	(975/980)

“A Bolsinha Mágica de Marly Emboaba” (espetáculo) (981/1020)

]6. VISUAL

6.1A Negativos - 35mm

“Os Iks”	(espetáculo)	(1/102)
“Feira do Adultério”	• Idem	(103/149)
“Alegro Desbum”	Idem	(150/180)
“Morro do Ouro”	Idem	(181/217)
“Mockinpott”	Idem	(218/244)
“Dr. Knock”	Idem	(245/298)
“Pano de Boca”	Idem	(299/382)
“Gente Fina é Outra Coisa”	Idem	(383/454)
“Concerto n.º 1”	Idem	(455/663)
“Laço de Sangue”	Idem	(664/821)
“A Moratória”	Idem	(822/861)
“A Noite dos Campeões”	Idem	(862/903)
“Tempo de Espera”	Idem	(904/943)
“Seria Cômico se não Fosse Sériio”	Idem	(944/1114)
“Mahagonny”	Idem	(1115/1298)
“Vamos Brincar de Papai e Mamãe Enquanto Seu Freud não Vem”	Idem	(1299/1366)
“Bonitácio Bilhões”	Idem	(1377/1507)
“Ponto de Partida”	Idem	(1508/1587)
“A Rainha do Rádio”	Idem	(1588/1641)
“Romance”	Idem	(1642/1736)
“Os Homens”	Idem	(1737/1771)
“Por Dentro/Por Fora”	Idem	(1772/1816)
“À Margem da Vida”	Idem	(1817/1900)
“Tudo Bem no Ano que Vem	Idem	(1901/2041)
Fachadas de teatro em São Paulo	Idem	(2042/2058)

6.4A Diapositivos - 35 mm

“Os Iks”	(espetáculo)	(1/20)
“Feira do Adultério”	Idem	(21/37)
“Alegro Desbum”	Idem	(38/53)

“Gaiola das Loucas	(espetáculo)	(54/66)
“Morro do Ouro”	Idem	(67/71)
“Mockinpott”	Idem	(72/881)
“Dr. knock”	Idem	(89/109)
“Pano de Boca”	Idem	(110/127)
“Gente Fina é Outra Coisa”	Idem	(128/1464)
‘, ‘Concerto n.º 1”	Idem	(147/158)
“Laco de Sangue”	Idem	(159/170)
“A Moratória”	Idem	(171/184)
“A Noite dos Campeões”	Idem	(185/)
“Tempo de Espera”	Idem	(185/199)
“Seria Cômico..... ‘	Idem	(200/212)
“Mahagonny”	Idem	(213/229)
“Vamos Brincar de Papai e Mamãe Enquanto Seu Freud não Vem	Idem	(230/311)
“Bonitácio Bilhões”	Idem	(312/321)
“Romance”	Idem	(322/348)
“Os Homens”	Idem	(349/)
“Por Dentro/Por Fora”	Idem	(349/377)
“A Margem da Vida”	Idem	(378/417)
“Sai de Mim Tinhoso”	Idem	(418/434)
“Tudo Bem no Ano que Vem”	Idem	(435/456)
Fachadas de teatro em São Paulo		(457/533)

1976

Adendo:

1. PAPÉIS IMPRESSOS

1.6 Cartazes

“Os lks” (1)

4. PAPÉIS REPRODUÇÕES

4.6 Ampliações fotográficas - 18 x 24

Fachadas de teatro em São Paulo (13)

TEATRO ESTRANGEIRO

II Festival Internacional de Teatro

1. PAPÉIS IMPRESSOS

1 3D	Catálogo	(1)
1.8	Programas	
	‘Les Milie et une Nuits de Cyrano de Bergerac’	(1)
	“Maitre et Serviteur”	(2)
	“Voitair’s Foiles”	(3)
	“Tête d’Or”	(4)
	“Hem. . . ?”	(5)
	“Calígula”	(6)
	“La Revolución”	(7)
	“Pranzo di Famiglia”	(8)
	“La Morte deita Geometria”	(9)
	“Aulas Serratonga”	(10)
1.6	Cartazes	
	“Inouk”	(1)
	“Eis Jogjars”	(2)
	“Calígula”	(3)

5.ÁUDIO

5.IA Cassettes

	Representantes da França (ent.)	
	Representantes do Irã (ent.)	(2)
	Representantes da Islândia (ent.)	(3)
	Representantes da Espanha (ent.)	(4)
	Representantes de Uganda (ent.)	(5)
	“Aluas Serralonga” (espetáculo)	(6)

5. VISUAL

6.4A Diapositivos

	“Renga Moi”	(espetáculo)	(1/14)
	“Calígula”	Idem	(15/36)
	“Hein . . . ?”	Idem	(37/46)
	“Pranzo di Famiglia”	Idem	(47/60)
	“La Morte della Geometra	Idem	(61/67)
	“Indian Danças”	Idem	(68/76)

1976

TEATRO ESTRANGEIRO

6. VISUAL

6.4A Diapositivos

“Allias Serralonga”	(espetáculo)	(77/109)
“Inouk”	Idem	(110/120)
“Les Milie et une Nuits de Cyrano de Bergerac”	Idem	(121/123)
“Tête d’Or”	Idem	(124/129)
“La Revolución”	Idem	(130/140)

1977

1. PAPÉIS IMPRESSOS

1.6 Cartazes

“Ponto de Luz”	(1)
“Lua de Neon”	(2)
“Maflor”	(3)
“A Morte do Caixeiro Viajante”	(4)
“Morte e Vida Severina”	(5)
“Os Filhos de Kennedy”	(6)
“Adiós Geralda”	(7)
“Pedreira das Almas”	(8)
“O Poeta da Vila”	(9)
“Delírio Tropical”	(10]
“Pequenas Histórias de Lorca”	(11)
“Belos e Malditos”	(12)
“A Intidelidade ao Alcance de Todos”	(13)
“Cerimônia para um Negro Assassinado”	(14)
“Computa, Computador, Computa”	(15)
“Os Pequenos Burgueses”	(16)
“Folhas Bíblicas”	(17)
“Escuta, Zé”	(18)
“Brecht/Weill”	(19)

Maratona”	(20)
“Chá e Simpatia”	(21)
“Crimes Delicados”	(22)
“O Santo Inquérito”	(23)
“Mortos sem Sepultura”	(24)
“Boy Meets Boy”	(25)
“O Diário de Anne Frank”	(26)
“O último Carro”	(27)
“Esperando Godot”	(28)
“Domingo Zeppelin”	(29)
“A Orgia”	(30)
“Tide Moreyra. e sua Banda de Najas”	(31)
“A Viagem de Pedro, o Afortunado”	(32)
“Onde Canta o Sabiá”	(33)

1.8 Programas

“Cancão de Fogo”	(1)
“A Farsa da Noiva Bombardeada”	(2)
“Ponto de Luz”	(3)
“O Processo”	(4)
“Machado de Assis esta Noite”	(5)
“A História é uma História”	(6)
“Lua de Neon”	(7)
“Maflor”	(8)
“A Morte do Caixeiro Viajante”	(9)
“Morte e Vida Severina”	(10)
“Os Filhos de Kennedy”	(11)
“Socó”	(12)
“O Romance dos Dois Soldados de Herodes”	(13)
“Adiós Geralda”	(14)
“Gota d’Água”	(15)
“Torre de Babel”	(16)
“Os Parceiros”	(17)
“Posto Avançado”	(18)
“Pedreira das Almas”	(19)
“O Poeta da Vila”	(20)

“Cinderela do Petróleo”	(21)
“Delírio Tropical”	(22)
“Pequenas Histórias de Lorca”	(23)
“Constantina”	(24)
“Os Mais Fortes”	(25)
“A Infidelidade ao Alcance de Todos”	(26)
“O Contestado”	(27)
“Computa, Computador, Computa ⁴ ”	(28)
“Desligue o Projetor e Espie pelo Olho Mágico”	(29)
“Os Pequenos Burgueses”	(30)
“Folhas Bíblicas”	(31)
“Escuta, Zê”	(32)
“Triptolemo XVII”	(33)
“As Criadas”	(34)
“Alta Rotatividade”	(35)
“Eu, Ricardo Bandeira”	(36)
“Brecht/Weill”	(37)
“Sonata sem Dó”	(38)
“Maratona”	(39)
“A Arvore dos Mamulengos”	(40)
“Apenas América”	(41)
“A Dama do Camarote” (programa/noticiário)	(42)
“Chá e Simpatia”	(43)
“Crimes Delicados”	(44)
“O Santo Inquérito”	(45)
“Mortos sem Sepultura”	(46)
“Boy Meets Boy”	(47)
“O Diário de Anne Frank”	(48)
“O Último Carro”	(49)
“Grupo Mambembe”	(50)
“Festival Mambembão/Mambembinho”	(51)

1977

PAPÉIS IMPRESSOS

1.8 Programas

“Esperando Godot”	(52)
-------------------	------

“Domingo Zeppelin”	(53)
“A Diva do Barato”	(54)
“Tide Moreyra e sua Banda de Najas”	(55)
“Como Arranjar Marido”	(56)
“A Pata da Gazela”	(57)
“A Viagem de Pedro, o Afortunado”	(58)
“Onde Canta o Sabiá”	(59)
“Auto de Natal Corinthiense”	(60)
Festival de Natal - Teatro Municipal	(61)
Seminário de Dramaturgia Brasileira	(62)
Poesias (Largo de São Francisco)	(63)

2. PAPÉIS DATILOGRAFADOS

2.4 Entrevistas

Luiz Serra (ator “Último Carro”)	(1)
Flenco (“Último Carro”) e João das Neves	(2)
Lygia de Paula (atriz-animadora do Movimento Zero Hora)	(3)

2.10 Conferências

Fernando Arrabal, no Ruth Escobar	(1)
Fernando Arrabal, no Ruth Escobar	(2)

4. PAPÉIS REPRODUÇÕES

4.6 Ampliações fotográficas

Ziembinski, Abílio Pereira de Almeida e Altredo Mesquita (homenagem)	(1/10)
Alfredo Mesquita (inauguração teatro)	(11/20)
Homenagem a Procópio Ferreira (50 anos de teatro)	(21/43)
“Cancão de Fogo” (espetáculo)	(44/102)
“A Epidemia” Idem	(103/129)
“Ponto de Luz” Idem	(130/138)
“Maflor” Idem	(139/148)

“A Morte do Caixeiro Viajante” ¹	(espetáculo)	(149/162)
“Os Filhos de Kennedy”	Idem	(163/175)
“Gota d’Água”	Idem	(176/193)
“Jorre de Babel”	Idem	(194/212)
“Viva Olegário”	Idem	(213/224)
“Pedreira das Almas”	Idem	(225/234)
“Volpone”.	Idem	(235/250)
“Delírio Tropical”	Idem	(251/260)
“Pequenas Histórias”	Idem	(261/270)
“Cerimônia para um Negro Assassinado”	Idem	(271/288)
“Os Pequenos Burgueses	Idem	(289/306)
“Folhas Bíblicas”	Idem	(307/373)
“Escuta, Zé”	Idem	(374/506)
“O Santo inquérito”	Idem	(507/518)
“O último Carro”	Idem	(519/530)

5. **ÁUDIO**

5.1 A **Cassettes**

Luiz Serra (ator, “O último Carro”)	(1)
Elenco (“O último Carro”) e João das Neves	(2)
Lygia de Paula (atriz-animadora do Movimento Zero Hora)	(3)
Grupo Ornitorrinco	(4)
Debates Ciclo Mambembão I	(5)
Debates Ciclo Mambembão II	(6)
Entrevista Maranhão - Sindicato I	(7)
Entrevista Maranhão - Sindicato II	(8)
Entrevista Francisco Colman - Casa do Ator	(9)
Entrevista com Benê Mendes sobre os restaurantes da classe	(10)
Entrevista com Antônio Masobio e Márcio Aurélio sobre os restaurantes da classe	(11)
Entrevista com os proprietá- rios do restaurante Montechiaro	(12)
Entrevista com os proprietários do restaurante Orvietto	(13)

Conferência do Sr. Júlio Amara sobre Circo (trechos)	(14)
Conferência do Sr. Júlio Amaral sobre Circo (trechos)	(15)
Leitura da peça “Calabar”	(16)
Idem “Calabar”	(17)
Idem “Mulheres de Atenas”	(18)
Idem “Trivial Simples”	(19)
Idem “Trivial Simples”	(20)
Idem “A Passagem da Rainha”	(21)
Idem “Barrela”	(22)
Idem “Barrela”	(23)

5.1B **Rolo**

“Ponto de Luz”	(espetáculo)	(1)
“O Processo”	Idem	(2)
“Machado de Assis esta Noite”	Idem	(3)
“A Morte do Caixeiro Viajante”	Idem	(4)
“Morte e Vida Severina”	Idem	(5)
“Os Filhos de Kennedy”	Idem	(6)
“SocC”	Idem	(7)
“Torre de Babel”	Idem	(8)
“Viva Olegário”	Idem	(9)
“Posto Avançado”	Idem	(10)
“Pedreira das Almas”	Idem	(11)
“Volpone”	Idem	(12)
“O Poeta da Vila e seus Amores”	Idem	(13)
“Delírio Tropical”	Idem	(14)
“Pequenas Histórias de Lorca”	Idem	(15)
“Cerimônia para um Negro Assassinado”	Idem	(16)
“Computa, Computador, Computa	Idem	(17)
“Os Pequenos Burgueses”	Idem	(18)
“Dois Homens na Mina”	Idem	(19)
“Dercybíônica”	Idem	(20)
“O Santo Inquérito”	Idem	(21)
“Mortos sem Sepultura”	Idem	(22)
“O Diário de Anne Frank”	Idem	(23)
“O último Carro”	Idem	(24)

“A Farsa de Inês Pereira	(espetáculo)	(25)
Esperando Godot”	Idem	(26)
Domingo Zeppelin”	Idem	(27)
“O Amor do Não”	Idem	(28)
“A Viagem de Pedro, o Afortunado”	Idem	(29)
“Auto de Natal Corinthiense”	Idem	(30)
Conferência do Sr. Júlio Amaral sobre	Circo	(31)
Conferência do Sr. Júlio Amara sobre	Circo	(32)
Conferência do Sr. Júlio Amaral sobre	Circo	(33)
Conferência do Sr. Júlio Amara sobre	Circo	(34)
Conferência Raymundo Magalhães	Júnior sobre	
José de Alencar		(35)

6. VISUAL

6.1A Negativos - 35mm

“Cancão de Fogo”	(espetáculo)	(1/59)
“Pesadelo”	Idem	(60/101)
“Ponto de Luz”	Idem	(102/182)
“Maflor”	Idem	(183/288)
“A Morte do Caixeiro...”	Idem	(289/519)
“Gota d’Água”	Idem	(520/667)
“Torre de Babel”	Idem	(668/768)
“Viva Olegário”	Idem	(769/908)
“Volpone”	Idem	(909/1027)
“Pedreira das Almas” (espetáculo e inauguração)		(1028/1191)
“Delírio Tropical” (espetáculo e inauguração)		(1192/1343)
“Pequenas Histórias” (espetáculo e inauguração)		(1344/1484)
“Cerimônia para um Negro Assassinado” (espetáculo e inauguração)		(1485/1597)
“Os Pequenos Burgueses ‘ (espetáculo e inauguração)		(1598/1780)
“O Santo Inquerito” (espetáculo e inauguração)		(1781/1880)
“O último Carro” (espetáculo e inauguração)		(1881/1933)
Alfredo Mesquita (inauguração teatro)		(1934/2055)
Homenagem a Procópio Ferreira (50 anos de teatro)		(2056/2205)

1977

6. VISUAL

6. 4A Diapositivos - 3Smm col.

“Ponto de Luz”	(espetáculo)	(1/30)
“Maflor”	Idem	(31/49)
“A Morte do Caixeiro Viajante	Idem	(50/69)
“Gota d’Água”	Idem	(70/89)
“Torre de Babel”	Idem	(90/112)
“Viva Olegário”	Idem	(113/143)
“Pedreira das Almas”	Idem	(144/164)
“Volpone”	Idem	(165/181)
“Delírio Tropical”	Idem	(182/202)
“Pequenas Histórias>’	Idem	(203/223)
“Cerimónia para um Negro Assassinado”	Idem	(224/240)
“Os Pequenos Burgueses”	Idem	(241/261)
“Folhas Bíblicas”	Idem	(262/337)
“O Santo Inquérito”	Idem	(338/362)
“O Último Carro”		

1978

1. PAPÉIS IMPRESSOS

1.6 Cartazes

“Se”	(1)
“Depois do Arco-íris”	(2)
“Jogos na Hora da Sesta”	(3)
“Teatro Livre da Bahia”	(4)
“Zoo History”	(5)
“Margarida, Margot do Meio-Fio”	(6)
“Caixa de Sombras”	(7)

1.8 Programas

“Se”	(1)
“Depois do Arco-Íris”	(2)

	“Jogos na Hora da Sesta”	(3)
	“Zoo History”	(4)
	“Margarida, Margot do Meio-Fio”	(5)
	“Caixas de Sombras”	(6)
	“Rua 3 n.º8”	
2.	PAPÉIS DATILOGRAFADOS	
2.4	Entrevistas	
	Plínio Marcos (autor, “O Poeta da Vila”)	(1)
5.	ÁUDIO	
5.1 A	Cassettes	
	Henrique Suster (I, II e III) Empresário	(1)
	Fauzi Arap (autor, “O Amor do Não”)	(2)
	Plínio Marcos (autor, “O Poeta da Vila”)	(3)
5.1B	Rolos	
	“investigação na Classe Dominante” (espetáculo)	(1)
	“Chuva” (espetáculo)	(2)
	“Rezas de Sol para a Missa de um Vaqueiro”	(3)
	“Jogos na Hora da Sesta”	(4)
	“Na Festa de São Lourenço”	(5)
4.	PAPÉIS REPRODUÇÕES	
4.6	Ampliações fotográficas - 18 x 24	
	“Na Festa de São Lourenço”	(5)
	“Margarida, Margot do Meio-Fio”	(74/123)

PESQUISAS EM ANDAMENTO

1 - GRUPOS ATUANDO À MARGEM DO SISTEMA CONVENCIONAL DE PRODUÇÃO

Objetivos: Análise de grupos amadores, semiprofissionais ou profissionais, cuja atuação, sistema de produção ou unha ideológica escapam das utilizadas pelos chamados grupos convencionais.

II - O TEATRO NOS ANOS 70

PROJETOS DE PESQUISAS

(As pesquisas abaixo relacionadas são projetos iniciados a partir do levantamento acima exposto. Os títulos são provisórios. Esses projetos toram escritos levando se em conta a década de 70. Seguindo o título do projeto vem o nome do pesquisador.)

I - O ESPAÇO CFNICO DO TEATRO PAULISTA NAS DESCADAS DE 60 70, Mariângela Alves de Lima

II - O IRRACIONALISMO NO TEATRO PAULISTA, Cláudia de Alancar Bittencourt

III - BUSCAS, TENDÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DO TEATRO PAULISTA NA OSCADA DE 70, VISANDO O ATENDIMENTO DE UM PÚBLICO POPULAR, Maria Lúcia Pereira

IV - A PRODUÇÃO TEATRAL NOS ANOS 70, Berenice Albuquerque Raulino

V - TEATRO E CRIATIVIDADE, Maria Thereza Vargas

VI - A EXPRESSÃO INFANTIL NOS ANOS 70, Lídia Izecson

SUMÁRIO

7 INTRODUÇÃO

16 TEATRO OPERÁRIO EM SÃO PAULO

78 BIBLIOGRAFIA

79 NOTICIÁRIO

146 CRÔNICAS/CRÍTICAS TEATRAIS

171 INVENTÁRIO DA PESQUISA

179 INVENTÁRIOS DE OUTRAS PESQUISAS DA
ÁREA DE ARTES CÊNICAS

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
IDART
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E
DOCUMENTAÇÃO ARTÍSTICAS
CENTRO DE PESQUISA
DE ARTE BRASILEIRA
77 RUA DA FIGUEIRA
CEP 03003 SÃO PAULO
TEL 229 1429 / 229 2496